

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

DIOGO CORRÊA MEYER

**O FUTEBOL EM PARALAXE:
A INVENÇÃO DE REPRESENTAÇÕES NAS NARRATIVAS DOS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO**

**GUARULHOS
2016**

DIOGO CORRÊA MEYER

**O FUTEBOL EM PARALAXE:
A INVENÇÃO DE REPRESENTAÇÕES NAS NARRATIVAS DOS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Corpo, sexualidade, práticas simbólicas.

Orientação: Prof. Dr. Renzo Romano Taddei

**GUARULHOS
2016**

MEYER, Diogo Corrêa.

O Futebol em Paralaxe: a Invenção de Representações nas Narrativas dos Meios de Comunicação / Diogo Corrêa Meyer. – Guarulhos, 2016. 205 f.

Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Renzo Romano Taddei.

Título em inglês: Soccer as a Parallax: the Invention of Representation on Medias Narratives.

1. Futebol. 2. Identidade. 3. Paralaxe. 4. Rio Grande do Sul. 5. São Paulo.

DIOGO CORRÊA MEYER

**O FUTEBOL EM PARALAXE:
A INVENÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES NAS NARRATIVAS DOS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Corpo, sexualidade, práticas simbólicas.

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Renzo Romano Taddei (presidente da banca)
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. José Paulo Florenzano (titular)
Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (titular)
Departamento de Antropologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Aos meus avós.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa apresentada em formato de dissertação contou com a colaboração de diversas instituições e pessoas. A UNIFESP trouxe a mim uma série de conhecimentos e sentimentos que sequer imaginei que seria possível adquirir quando ingressei nesta universidade na graduação, em 2010. Amigos, conhecidos, funcionários e professores influenciaram na minha escolha pela de prosseguir com o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em 2014. Assim como a Capes/CNPq, órgão que financiou tal projeto e possibilitou a minha participação em simpósios, congressos e viagens para fins acadêmicos.

Durante a seleção de materiais referentes aos meios de comunicação impressos no Arquivo Público do Estado de São Paulo, pude contar com a atenção dos funcionários, desde os seguranças, até aqueles responsáveis pela árdua manutenção dos materiais. Da mesma forma como ocorrera durante minha ida à Porto Alegre a fim de consultar no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa as fontes necessárias para embasar este texto. Contando com a ajuda da Renata e do Beto na procura pelas edições, pude recolher dados valiosos.

Na capital do Rio Grande do Sul, tive a oportunidade de entrevistar Luís Fernando Veríssimo e Ruy Carlos Ostermann, dois célebres jornalistas gaúchos que eu nunca imaginaria encontrá-los pessoalmente para conversar sobre futebol e que foram demasiadamente receptivos às indagações, proporcionando rico material. A esta ocasião, devo a Mauro Beting e Paulo Vinícius Coelho, jornalistas paulistas que me passaram o contato de Laura Schneider, repórter da Rádio Gaúcha, que me indicou o contato de Diori Vasconcelos, produtor desta mesma instituição e que me concedeu, enfim, os meios para contatar dona Lúcia, esposa de Luís Fernando, que me tratou extremamente bem.

Minha pesquisa na cidade gaúcha contou ainda com uma visita ao Centro de Treinamento do Grêmio Foot-Ball Portoalegrense a fim de entrevistar o treinador do clube em maio de 2016, Roger Machado. Apesar de não ter conseguido a conversação com este, pude dialogar com o auxiliar técnico e educador físico Roberto Ribas; entrevista esta que se revelou de grande valor às ambições desta pesquisa. Sou muito grato a ele pela disposição e atenção aos questionamentos, assim como ao assessor de imprensa do clube, João Paulo, que proporcionou este encontro e ainda me apresentou ao goleiro Marcelo Grohe. Eu, como

protótipo de goleiro, não pude deixar de pedir um autógrafo e uma foto junto a este profissional que admiro.

Voltando a São Paulo, pude ainda conversar com Camila Mattoso, à época jornalista da seção esportiva da *Folha de São Paulo* e autora recente de um livro sobre Adenor Leonardo Bacchi, o Tite. Apesar dos imprevistos de agenda dela, o que retardou nosso encontro e impossibilitou a inserção e análise da sua fala neste trabalho, ela respondeu atentamente aos pontos que apresentei durante a entrevista gravada na própria sede editorial deste periódico. Sou muito grato a todos estes que nomeei, assim como os agentes que participaram indiretamente para que estas atividades se concretizassem (como taxistas e o estudante da UFRGS que me emprestou sua carteira da biblioteca para pegar um livro do Tim Ingold para fotocopiar um capítulo e que não me lembro de seu nome).

Durante as aulas na pós-graduação, pude ampliar minha perspectiva de pesquisa e encaminhar alternativas ao meu projeto inicial graças às aulas e às conversas com colegas do curso. Agradeço aqui a minha turma de mestrado e ao corpo docente, dentre eles à Jéssica Melo, Angelina Moreno, Diego Ambrosini, Alessandra El Far, José Lindomar Albuquerque e Valéria Macedo. Devo muito ao professor Renzo Romano Taddei, meu orientador que me indicara esta corrente metodológica largamente utilizada no texto a seguir e que me auxiliou a observar novos ângulos de ver o mundo.

Ainda na UNIFESP, agradeço aos amigos e estudantes que me ajudaram no meu processo de “ser” professor de alemão durante 2013 e 2014, desde a preparação das aulas até os encontros nos entreaulas. Não poderia deixar de lembrar aqui destes que me apoiaram neste projeto voluntário: Nayra, Lucas, Nathália, Roberto, Bárbara Fernandes, Lara, Wembley e Cícero, morador do bairro dos Pimentas que frequentava piamente as aulas de alemão até antes da mudança da periferia ao centro da cidade de Guarulhos. Vielen Dank für alles!

O Grupo de Estudos sobre Futebol da UNIFESP também não pode ser esquecido aqui. Desde 2013, eu e Victor de Leonardo Figols tentamos reunir discentes para discutir sobre o tema e que, em 2015, contou com a presença de Daniela Ribeiro e, agora em 2016, com Mateus Gonçalves, amigos que desejam estudar o esporte. A leitura atenciosa de vocês, com críticas e sugestões, contribuíram para uma melhor versão do texto. Ainda nesta linha do futebol e a universidade, vale destacar também a turma do Futbar, uma reunião para refletir na

prática sobre novas corporalidades e estilos de jogo. Lembro ainda do colega Ítalo, um dos poucos que colecionava álbuns de figurinhas lá na academia além de mim.

Lembro também dos amigos que fiz desde a graduação em Ciências Sociais em 2010: Leonardo Pomaro Mendes, Barbara Rebeca, Bruna Gonçalves, Vinícius da Rosa, Marcelo Guglielmi, Raoni “Cabeza” Vega, Rodrigo Nascimento, Vinícius Kassouf, entre tantos outros que compartilharam momentos gratificantes. Fora da universidade, lembro-me em especial de Eduardo Detofol, Victor Marcondes, André Villa, Thomas Diniz, Victor Bozzo e Victor Fabrício. E um agradecimento especial ao professor Edison, que me apresentou com muito afinco a sociologia em suas aulas no ensino médio. Muito obrigado pela companhia destes e de outros que não citei diretamente aqui!

Por fim, devo minha maior gratidão aos meus pais, Cibele e Fernando, que sempre torceram por mim. Ao meu irmão, Dênis, um amigo especial. Ao meu finado avô, Roberto, o homem que me fez um fanático por futebol e que infelizmente não poderá ver esta dissertação. À minha companheira, Ana Claudia, que esteve ao meu lado e contribuiu decisivamente neste projeto com contatos de jornalistas paulistas, mas, sobretudo, com amor, zelo e paciência. Vocês estarão eternamente dentro do meu coração!

Todo novo estilo implica não um “golpe” novo, mas um encadeamento de posturas, isto é, um equivalente de sintaxe, que se faz com base num estilo precedente e em ruptura com ele. As melhorias técnicas só têm seu efeito se tomadas e selecionadas num novo estilo, que elas não bastam para determinar. Donde a importância dos “inventores” no esporte, são os intercessores qualitativos (...) a história do esporte passa por esses inventores, que cada vez constituíam o inesperado, a nova sintaxe, as mutações, e sem os quais os progressos puramente tecnológicos teriam permanecido quantitativos, sem importância nem interesse. (Gilles Deleuze)

RESUMO

O fito desta pesquisa é a compreensão da criação e recriação das identidades nacionais e regionais a partir da problematização dos estilos de jogo no futebol através da perspectiva da antropologia relacional. Para tal, observamos a trajetória de dois treinadores de equipes do Rio Grande do Sul e São Paulo, regiões que consideramos dotadas de significações acerca do impasse sobre o que é o “futebol brasileiro”. A representatividade do esporte e a sua relação com o local e o nacional é um tema de ambiguidades, visto que ora determinado clube pode aparentar propriedades de uma região (o “futebol-arte” “tipicamente” brasileiro, o “*jogo bonito*”; ou o “futebol-força” “tipicamente” gaúcho) e, em outro momento, se distanciar para linhas divergentes da primeira. A partir de depoimentos (entrevistas e análise do discurso jornalístico) de viventes desta *malha* futebolística, notamos o efeito destas falas na invenção improvisada da (s) cultura (s) e a conseqüente ascensão de estilos de jogo e performances corporais *híbridas*, que não correspondam mais ao domínio de uma dicotomia-síntese, como *futebol-arte x futebol-força, Natureza x Cultura, Civilização x Barbárie, Centro x Periferia, Parte x Todo, Brasil x Rio Grande do Sul*, entre outros; mas sim a um fenômeno relacional entre actantes humanos e não humanos no interior de uma *malha dinâmica* de sentidos e saberes, como os números estatísticos, crônicas, *charges*, reportagens, estádios, sons, condições geoclimáticas, entre outros elementos que constituem e sustentam os argumentos de agentes que se encontram em constante re-criação.

Palavras-chave: Futebol; Identidade; Paralaxe; Rio Grande do Sul; São Paulo.

ABSTRACT

This research's goal is the comprehension of creation and recreation of national and regional identities by the problematization of the football games' styles through the perspective of relational anthropology. For this purpose, we observed the career of two coaches that work in Rio Grande do Sul and São Paulo teams, regions that we consider endowed with meanings about the impasse over what is the "Brazilian football". The sports' representability and the relation between the local and the national environment is a subject full of ambiguity, because, in a moment, a specific soccer club seems to have only regional influences (the "football-art" "typically" Brazilian, the "*jogo bonito*"; or the "football-strength" "typically" gaúcho) and, in another moment, it takes a distance from the same. Using interviews and analyzing the journalistic speech from people who *lives* football, we noticed the effects of this discourses in improvised inventions of the culture (or cultures) and, consequently, the rise of the games' styles and *hybrid* body performances, not satisfying anymore to the domain of a dichotomy-synthesis, such as *football-art* x *football-strength*, *Nature* x *Culture*, *Civilization* x *Barbarism*, *Downtown* x *Outskirts*, *Half* x *Full*, *Brazil* x *Rio Grande do Sul*, so on and so forth; but a related phenomenon among actant humans and not humans within a *dynamic meshwork* of knowledge and feelings, like statistical data, columns, cartoons, news, stadiums, sounds, geo-climatic conditions, and other things that constitute and maintain the arguments of elements that are constantly in re-creation.

Keywords: Soccer; Identity; Parallax; Rio Grande do Sul; São Paulo.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	13
2	A PESQUISA	15
2.1	Coordenadas metodológicas.....	15
2.2	“Bola na <i>malha</i> pra fazer o gol”: por uma análise relacional do futebol.....	23
3	INTRODUÇÃO	33
4	HISTÓRIA (S) DO (S) FUTEBOL (ÓIS) NO (S) BRASIL (IS)	41
5	“SIRVAM NOSSAS FAÇANHAS DE MODELO A TODA TERRA” : UM ESTUDO DE CASO DO FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL.....	47
5.1	Re-constituições do gaúcho e a escolha pelo futebol	47
5.2	“Vibra o Brasil inteiro, com o clube do povo do Rio Grande do Sul”: a invenção do “Inter de Falcão” e a realocação do gaúcho no futebol brasileiro	60
5.2.1	1974: Minelli chega ao Inter	62
5.2.2	“A Máquina Vermelha”: 1975 e o “gol iluminado”	68
5.2.3	A apoteose do “estilo holandiano” e o treinador como inventor	76
5.3	“Se somos assim, não é por acaso”: as Copas dos Brasis entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Sport Club Corinthians Paulista em 1995 e 2001.....	83
5.3.1	1995: O ano “gremicista”	86
5.3.2	2001: Tite x Corinthians.....	96
6	“ÉS DO BRASIL O CLUBE MAIS BRASILEIRO”? ESTUDO DE CASO DA PASSAGEM DO TÉCNICO TITE NO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA (2012-2015).....	102
6.1	“O Corinthians é uma torcida que tem um time”: a Invasão Corintiana como elemento caracterizador da ontologia alvinegra	105
6.2	Um gaúcho em São Paulo: Tite a primeira passagem em 2004	112
6.3	Entre Ibagué e Yokohama: os anos internacionais de Tite e o Corinthians	117
6.4	A re-volta do “titês”: a terceira passagem de Tite pelo Corinthians	136
7	EPÍLOGO: “Escrevam: acabará treinando a seleção brasileira”: Tite na Confederação Brasileira de Futebol e a consolidação de <i>um</i> Gaúcho	148
	O FUTEBOL E A <i>MALHAÇÃO</i> – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
	BIBLIOGRAFIA	162
	REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	170
	ENTREVISTAS	171
	ANEXOS	197
	TABELAS	205
	Tabela I – Retrospecto das melhores campanhas do Sport Club Corinthians Paulista na Copa Libertadores da América (2000 e 2012).....	205

1 APRESENTAÇÃO

Este texto compõe-se de quatro divisões, onde tentaremos demonstrar a partir do estudo de caso de dois treinadores em períodos distintos no futebol de clubes do Brasil como tal esporte se sujeita a uma miríade de interpretações relacionadas a uma paralaxe. Na primeira parte há uma descrição das atividades acadêmicas realizadas durante os períodos correspondentes ao segundo semestre de 2014 (momento de ingresso no programa de pós-graduação) e 2015, assim como as disciplinas cursadas neste. Ademais, há a elucidação das metodologias e chaves teóricas adotadas no decorrer do texto. Optamos por utilizar como fonte depoimentos recolhidos de jornalistas e profissionais do esporte através de entrevistas, além da análise dos discursos presentes nos meios de comunicação impressos de grande veiculação principalmente de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Num segundo momento, realizamos um breve panorama histórico-social do futebol no Brasil e as suas diferentes influências regionais, enfatizando aquilo que será um dos eixos transversais da dissertação, a saber, a polissemia de modelos estéticos de jogo e a constante tentativa de homogeneizá-lo em um determinado estilo de jogo por intelectuais, jornalistas, profissionais, torcedores, numa palavra, viventes deste universo futebolístico: o “futebol-arte”.

Tratamos em um terceiro momento daquele que é um dos nossos principais problemas a ser debatido aqui: a representatividade simbólica do gaúcho “inventado” (WAGNER: 2012) por si e pelos Outros. Logo, *coisas* como literatura, música e escola *fluem* regularmente e *vazam* para além das suas próprias fronteiras (INGOLD: 2012b), dialogando consigo e com outras tensões, como políticas – o imbróglio separatista – e inclusive futebolísticas. Neste campo, onde o futebol gaúcho geralmente está associado à imagem de “futebol-força” por agentes desta e de outras localidades, encontramos exemplos de como as ações acerca do futebol daquela região são dinâmicas em diferentes espaços-tempo e na fala (ou papéis) de diferentes agentes. Por isso, selecionamos duas datas distintas que demonstram as movimentações de sentidos sobre o esporte praticado na região, baseando-se na maior rivalidade do Rio Grande do Sul: estudamos o caso de Rubens Minelli, paulista que treinara o Sport Club Internacional entre os anos 1974 e 1976, recepcionado pelos jornais locais como um desconhecido e, dois anos depois, exaltado como o elemento central da conquista do bicampeonato brasileiro (o primeiro de um time fora da Região Sudeste), treinador do melhor clube do Brasil de então; e o caso do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense que na maior parte de

sua história esteve identificado ao chamado “futebol-força”, como quando foi campeão da Copa Libertadores da América em 1995, mas que também se modificou quando conquistou a Copa do Brasil em 2001.

Elemento análogo ao que ocorre em São Paulo, tema tratado no quarto final. Como no estudo sobre Rubens Minelli, um paulista em Porto Alegre, estudamos neste trecho o caso de Adenor Leonardo Bacchi, o Tite, treinador gaúcho, repudiado por agentes da imprensa e torcedores em geral na sua primeira passagem pelo Sport Club Corinthians Paulista em 2004, dez anos depois adquire novos olhares enaltecendo, que culminam com o título de melhor treinador do país em 2016, quando assume o comando técnico da seleção da CBF. Nesse ínterim encontramos uma narrativa que flui entre avaliações ora positivas, ora negativas; ora “racionais”, ora com elementos místicos.

2 A PESQUISA

2.1 Coordenadas metodológicas

Nossa proposta inicial de pesquisa consistia em observar através dos confrontos entre equipes de São Paulo, Porto Alegre e Buenos Aires em competições interclubes sul-americanas uma possível compreensão não somente de múltiplas invenções de estilos de jogo no futebol brasileiro, como também no futebol argentino, possibilitando abrir um diálogo entre regionalizações – e, conseqüentemente, reinvenções – do futebol nestes dois países, pelo menos no que concerne à esfera das “formas representações” associadas ao “futebol-espetáculo” que estudamos (TOLEDO: 2000). A fonte principal de informações seria a análise do discurso jornalístico de cada uma destas três localidades, apostando em confrontos que geraram alta tensão (DUNNING et al: 1992), dentro e (ou) fora de campo. A escolha das cidades brasileiras deu-se por dois fatores: a) o número de títulos e participações nas competições interclubes do continente; e b) a relação centro e periferia entre as localidades. Regionalismo que influenciou também na escolha da capital argentina: baseado na literatura sobre a rivalidade entre os países (GUEDES: 2002; HELAL: 2011; MEYER: 2014), a grande frequência de confrontos entre brasileiros e argentinos nestas competições, além de uma possível interação cultural entre Rio Grande do Sul e Argentina num “pan-platismo”. No entanto, retiramos tal proposta devido ao curto espaço de tempo e à extensa quantidade de fontes que tal pesquisa permitiria, além de não cercearmos os períodos estudados.

Outra proposta que se desenvolveu ao longo da pesquisa e que não se consolidou foi a aplicação de questionários em estilo *survey* a estudantes de cursos como jornalismo, comunicação social e rádio e TV em faculdades de São Paulo (Faculdade Cásper Líbero¹) e do Rio Grande do Sul (UFRGS). Efetuamos alguns esboços correspondentes a questões relacionadas principalmente ao campo do “estilo de jogo” e da representação social dos periódicos esportivos na comunidade. Esta ideia foi fundamentada na hipótese de que ao analisarmos as respostas dos “aspirantes a especialistas”² encontraríamos um ponto de convergência ou divergência com a narrativa apresentada nos meios de comunicação

¹ A primeira faculdade de jornalismo do Brasil, criada nos anos 1960, tida como projeto do advogado e jornalista Cásper Líbero, fundador do jornal *A Gazeta*, um dos principais periódicos da cidade de São Paulo, principalmente no que concerne à maneira inovadora de cobrir as notícias esportivas (fundando em 1928 o jornal *A Gazeta Esportiva* e em 1947 se tornando autônomo) e à estratégia editorial de inventar e divulgar um *paulistanismo*, associando-o a categorias como as narrativas acerca do futebol paulista, por exemplo (TOLEDO: 2012).

² Termo baseado na categoria “especialista” (TOLEDO: 2002), a saber, jornalistas esportivos, cronistas, comentaristas, entre outros.

impressos. Entrementes, ao revisarmos esta ferramenta metodológica, optamos por declinar tal proposta, uma vez que correríamos o risco de representar “dimensões da realidade” (GASTALDO: 2000) distintas que estariam sujeitas ora a se relacionarem numa malha, ora a se diluírem em outras malhas, compondo-se de maneira dinâmica; logo, acreditamos que a probabilidade de tornar nossa dissertação confusa devido ao excesso de informações era alta³.

Esta preocupação nos fez repensar, ainda, nas datas das edições a serem analisadas neste trabalho. Havíamos preestabelecido confrontos entre equipes do Rio Grande do Sul contra equipes de São Paulo a fim de observar as diferentes narrativas promovidas pelos meios de comunicação impressos. Dentre os eventos estavam: as partidas entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e as equipes paulistas do Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras num pequeno período (final da Copa do Brasil e oitavas-de-final da Copa Libertadores da América de 1995), a final da Copa do Brasil de 2001 entre Grêmio e Corinthians, a primeira passagem de Tite no comando do Corinthians entre 2004 e 2005 (analisamos a primeira semana de trabalho, a vitória em um clássico contra o Palmeiras em 2004 e a demissão no ano seguinte), o jogo entre Clube Náutico Capibaribe e Grêmio em 2005 na segunda divisão do Campeonato Brasileiro (denominado como a “Batalha dos Aflitos”), a segunda passagem de Tite pelo Corinthians em 2010 (seleccionamos a derrota contra a equipe do Tolima na Copa Libertadores da América de 2011, o título deste mesmo torneio em 2012 e a queda ante o Boca Juniors na edição de 2013), e a última passagem de Tite no Corinthians em 2015 (analisamos aqui toda a campanha desta equipe na Copa Libertadores da América). Além destas datas, tínhamos programado discutir um trecho do material recolhido na monografia, quando foram estudadas partidas entre equipes argentinas, gaúchas e paulistas na Copa Libertadores da América⁴. Logo, as informações sobre os confrontos Internacional x São Paulo Futebol Clube (final de 2005), Grêmio x Estudantes de La Plata (semifinal de 1983), Grêmio x Santos (semifinal de 2007), Corinthians x Clube Atlético Boca Juniors (final de 2012) seriam recolocadas numa perspectiva diferente proposta naquela ocasião.

Após ouvir sugestões dos pareceristas⁵ no exame de qualificação, escolhemos retirar os seguintes jogos: Náutico e Grêmio em 2005, por esta não estar relacionada diretamente ao

³ Outro motivo do descarte desta ferramenta foi a indisponibilidade de tempo hábil para colocá-la na pesquisa.

⁴ Trabalho intitulado “A Argentina é o nosso eterno outro?: a construção de identidades nacionais e regionais na Copa Libertadores da América segundo os periódicos”.

⁵ Os pareceristas convidados a participarem da banca de qualificação foram o Professor Doutor José Paulo Florenzano (PUC-SP) e Professor Doutor Arlei Sander Damo (UFRGS).

eixo temático da pesquisa; Internacional e São Paulo em 2006; Grêmio e Estudantes de La Plata em 1983; Grêmio e Santos em 2007; as campanhas do Corinthians na Copa Libertadores da América nos anos de 2013 e 2015; estes não serão tratados em profundidade ao longo do texto para evitar, como dito anteriormente, a confusão oriunda da saturação de relatos. Por conseguinte, ideias como a problematização do termo “time de *Champions League*”⁶ concedida ao Corinthians em 2015 durante sua campanha na Copa Libertadores da América não terá tanta atenção devido à saturação de temas que serão tratados aqui.

Por outro lado, ainda influenciado pela avaliação, inserimos um novo período a ser analisado pelas fontes jornalísticas: as campanhas do Sport Club Internacional durante os anos de 1974, 1975 e 1976, anos no qual o clube esteve sob o comando do paulista Rubens Francisco Minelli. Nossa hipótese é realizar uma análise de alguns eventos que circundaram este período, como: a repercussão da chegada do novo treinador ao clube, em janeiro de 1974 e suas primeiras partidas; a conquista do campeonato gaúcho sobre o Grêmio em dezembro deste mesmo ano de maneira invicta, com o melhor ataque, a melhor defesa e o principal artilheiro; a primeira conquista de um clube gaúcho do campeonato brasileiro, em dezembro de 1975; e o bicampeonato brasileiro acompanhado do octacampeonato gaúcho no mês de dezembro de 1976 e a saída de Minelli. A última data é oportuna, pois se encaixa com um dos fenômenos mais intensos da história do Sport Club Corinthians Paulista e que, de alguma forma, aparece no imaginário inventivo acerca da equipe alvinegra como “time do povo”. Trata-se da “Invasão Corintiana” ao Maracanã, realizada nas semifinais do campeonato nacional e que teve forte repercussão, representada na frase proferida por Manuel Battaglia, um dos fundadores da instituição: “O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time”⁷.

Nossa estratégia consistiu em ler edições de até três dias antes da data da partida propriamente dita, além das narrativas encontradas de até três dias depois referentes ao

⁶ Campeonato europeu de clubes, a Liga dos Campeões da UEFA (ou *UEFA Champions League*) reúne alguns dos melhores clubes do continente, a maioria deles com um poder de compra de “pés-de-obra” incomparavelmente maior aos clubes brasileiros, que se tornaram exímios exportadores com o advento do “futebol-espetáculo” (DAMO: 2007). Assim, a imagem que o jornalista Fábio Sormani – endossado por Luís Augusto Símon, o Menon – inventa do Corinthians ao cunhar a expressão é a de que o clube alvinegro é um dos melhores times do mundo naquele momento, em março de 2015, após resultados expressivos na Copa Libertadores daquela edição. Os *links* dos respectivos depoimentos dos atores supracitados encontram-se disponíveis em: <http://www.foxsports.com.br/videos/422015043691-com-esse-futebol-corinthians-poderia-ser-campeao-ingles-e-italiano-diz-sormani> e <http://blogdomenon.blogosfera.uol.com.br/2015/04/01/corinthians-poderia-estar-na-semifinal-da-liga-dos-campeoes/>

⁷ A invenção de uma suposta popularidade imanente ao clube é a todo o momento ressaltado pelos meios oficiais corinthianos, como no *site* oficial do clube: <http://www.corinthians.com.br/clube/historia>

mesmo confronto. Em ocasiões como 1995, realizamos um acompanhamento mais extenso, estudando informações contidas em até 15 edições além dos jogos de ida e volta das competições realizadas nesse ínterim. Ademais, escolhemos a seleção confrontos interclubes – ao invés de confrontos entre seleções nacionais – para nos debruçarmos sobre as possíveis contradições discursivas entre as versões jornalísticas paulistas e gaúchas acerca da identificação mútua e da relação entre o nacional e o local a partir das dinâmicas interpretações estéticas acerca dos estilos de jogo.

Em outras palavras, nosso percurso foi traçado com o intuito de identificar peculiaridades que correspondam às contradições dos discursos tidos como “estereótipos” (MACHILLOT: 2013) principalmente do futebol gaúcho com relação aos estilos estéticos praticados no restante do país. Com efeito, os protagonistas neste escrito serão os treinadores Rubens Minelli e Tite nos períodos em que eles estiveram no Internacional e Corinthians, respectivamente. Cientes das críticas teóricas que pode nos sujeitar, como anacronismo e os desenvolvimentos dinâmicos das *coisas* (INGOLD: 2012b)⁸ do universo futebolístico como inovações nas áreas da educação física, das disposições táticas, dos modos de torcer e de discursar, a escolha de ambos foram conjecturadas no fato de que são indivíduos que influenciaram diretamente no comportamento e desempenho dessas agremiações nos certames visualizados, inserindo modelos técnicos e táticos criativos não somente entre os clubes envolvidos, como também no entendimento – e consequente questionamento – do que seriam as categorias “futebol-arte” e “futebol-força”, colocando em xeque a compreensão destes modelos como imutáveis e transversais ao propor uma perspectiva fluída e viva destas relações. Entre estes dois nomes, veremos também como o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense desponta no cenário nacional a partir dos anos 1990 – mais especificamente no nosso trabalho, no ano de 1995 – aplicando um estilo de jogo que corresponda àquilo que os jornalistas do período identificaram como um futebol tipicamente gaúcho, em uma equipe esteticamente tosca, pouco eficiente no ataque, disciplinada defensivamente e forte fisicamente, elementos que ecoam tanto na história da instituição (fundada por alemães que viam o clube em moldes de *Turn und Sportverein* – “clube de ginástica e esportes”, em alemão – e no lema latino *Mens sana in corpore sano*) quanto na própria geografia da região rio-grandense (com alto índice de pluviosidade, campos pesados e de barro impossibilitam as práticas futebolísticas orientadas à jogadas plasticamente elaboradas, como os dribles, dando espaço aos contatos físicos intensos e constantes, além das jogadas aéreas, uma vez que a bola

⁸ O esclarecimento acerca do termo *coisas* está presente no subtítulo seguinte.

não *flui* no campo). Em tempo, a análise do discurso que estará disposta no texto de maneira reconstitutiva de eventos do passado implica em um uso historiograficamente intuitivo das fontes.

Ainda inspirado pelas indicações oferecidas no processo de qualificação, entendemos necessária a realização de entrevistas a membros que constituem este universo ludopédico como ferramenta capaz de enriquecer o debate ao apontar linhas de convergência e contradições acerca das narrativas encontradas nos meios de comunicação impressos. Por conseguinte, direcionamos nossas atenções a modelos semiestruturados de entrevista com correspondentes de grupos como jornalistas e profissionais do esporte baseado em um “tópico guia” (GASKELL: 2000) que direcionava a questões referentes aos estilos de jogo e suas mutações ao longo de um entendimento espaço-temporal. As entrevistas tiveram duração média de 40 a 50 minutos, e seus locais de realização foram descritos na seção “Entrevistas” deste trabalho (assim como outras peculiaridades e adversidades que enfrentamos). A princípio, tentamos contato com Tite e Rubens Minelli para a realização de uma conversa. No entanto, ambos declinaram a proposta por motivos diversos. Ademais, enviamos propostas de conversações a outros membros de comissão técnica de alguns clubes paulistas com a finalidade de enriquecer o debate acerca do tema, porém não houve retorno dos mesmos. Como um dos clubes a ser tratado aqui é o Grêmio, entrei em contato com os representantes do clube tricolor no intuito de conversar com o atual treinador, Roger Machado, ex-jogador do clube e treinado por Tite em 2001. Após muitas tentativas, realizei uma entrevista com um dos auxiliares técnicos do mesmo, Roberto Ribas. No lado do jornalismo esportivo, pude recolher os depoimentos de Ruy Carlos Ostermann e Luís Fernando Veríssimo, dois expoentes da crônica esportiva rio-grandense⁹. Todas as entrevistas encontram-se transcritas no final deste trabalho juntamente com algumas anotações que mimetizam um caderno de campo etnográfico, onde este autor que vos escreve colocou suas primeiras impressões logo após o encontro. O intuito de trazer estas conversações com viventes deste universo é de agregar opiniões que endossem (ou não) o que fora encontrado nos periódicos e, consequentemente, problematizar tais posicionamentos dentro da chave metodológica estabelecida aqui.

⁹ Optamos por não mencionar diretamente o depoimento da jornalista paulista Camila Mattoso por este ter sido recolhido em fase final da pesquisa; portanto, não foi possível inseri-lo ao longo do texto da mesma forma como os anteriores. Entretanto, o material recolhido da transcrição da sua entrevista será analisado em outro momento no futuro.

Portanto, escolhemos trabalhar com os meios de comunicação impressos como fonte de análise do problema proposto e confrontar o que encontramos nos depoimentos recolhidos por profissionais do esporte e jornalistas nas entrevistas. Assim, podemos verificar a invenção de identidades regionais e o diálogo com a representatividade jornalística como “actante” (LATOURET: 1994) na narrativa de múltiplas ontologias no futebol e como as narrativas presentes nos editoriais impressos estão presentes nos discursos daqueles que fazem parte deste mundo. Ou seja, estudar as relações dinâmicas de rede na tentativa – frustrada – de consolidar e cristalizar um estilo de jogo *tipicamente* gaúcho, paulista e brasileiro. Segundo o historiador Victor Melo:

A imprensa se constitui em excelente fonte para melhor compreendermos a construção de representações ao redor do esporte. Mesmo que privilegiando determinado ponto de vista, o das elites, em função da sua ambiguidade, típica de sua função mediadora, é possível captar diferentes e divergentes perspectivas sobre a prática, cuja conformação ajuda-nos a entender o quadro de uma sociedade em mudança (...). Enfim, a imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa. Nem só causa, nem só consequência: causa e consequência. (MELO: 2012, p. 47-8).

Assim, optamos pelos seguintes periódicos nesta pesquisa: *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Correio do Povo* e *Zero Hora*. O critério de escolha destes foi baseado no levantamento realizado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ)¹⁰ no que concerne aos maiores jornais de circulação paga do Brasil, sendo estes títulos os principais de cada região a ser tratada no texto¹¹, ambos com uma tiragem de mais de 100.000 exemplares por dia desde 2002¹², ano em que se iniciou o levantamento. Ademais, o formato dos periódicos de cada região é distinto. Enquanto os jornais gaúchos possuem uma apresentação em *tabloides*¹³, os jornais paulistas – e a maioria dos brasileiros – seguem uma linha de publicação *standard*¹⁴. Isto significa que os conteúdos apresentados nos primeiros são mais sucintos do que nos

¹⁰ As tabelas contendo os levantamentos dos jornais com maior veiculação no país pode ser consultada no link disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Consultado em: 15/08/2016.

¹¹ Desconsideramos o periódico *Diário Gaúcho* por este participar da mesma editora do *Zero Hora*, a Zero Hora Editora Jornalística S/A. Apesar de possuírem linhas editoriais diferentes, acreditamos que utilizar o jornal de outra editora possa enriquecer nossa pesquisa com outras narrativas, por isso a escolha pelo *Correio do Povo*, alinhado com a editora Record de Comunicação (anteriormente Empresa Jornalística Caldas Júnior).

¹² No caso do Rio Grande do Sul, a escolha pelo *Correio do Povo* no lugar do *Diário Gaúcho* (atual segundo jornal mais veiculado do Estado) deu-se pelo fato de que o segundo título é do conglomerado RBS, assim como o é o *Zero Hora*, além do *Correio* ser um dos periódicos mais tradicionais daquela localidade.

¹³ O *Correio do Povo* foi até 1984 um jornal de formato *standard*, quando deixou de circular na metade deste mesmo ano decorrente de dificuldades financeiras. Em 1986 retornou sob o controle do empresário Renato Bastos Ribeiro, e em 1987 apropriou-se do formato de tabloide.

¹⁴ Durante o período que corresponde à segunda passagem do treinador Tite no Corinthians (outubro de 2010) e a eliminação contra o Tolima na Copa Libertadores da América (final de janeiro e início de fevereiro de 2011), o jornal *Folha de São Paulo* adotou o formato *tabloide* em seu caderno esportivo. Isto indica que as impressões editoriais podem variar de acordo com o tempo estudado.

últimos devido ao seu tamanho reduzido e a inexistência de subdivisões em seções específicas (uma página no formato *tabloide* possui, aproximadamente, 5 colunas e 29 centímetros, enquanto uma página no modelo *standard* apresenta, aproximadamente, 6 colunas e 52 centímetros). Em terceiro lugar, a opção por não trabalhar com meios de comunicação impressos especializados em esporte (por exemplo, *Revista Placar*) se deu pela ausência de uma mídia deste tipo no Rio Grande do Sul; portanto, por mais que revistas consolidadas do eixo Rio de Janeiro e São Paulo tenham farta documentação acerca de outras regiões do país, acreditamos que a parcialidade da localidade interfere na análise decisivamente na análise.

A leitura dos jornais não se restringiu às seções esportivas, expandindo para o corpo do periódico de uma maneira geral, a fim de encontrar em outras partes repercussões sobre os jogos de futebol. Isso significa que, apesar de nos concentrarmos principalmente em reportagens e notícias alocadas em espaços esportivos, encontramos em outros setores características que reforçam alguns argumentos apresentados no nosso texto, como primeiras páginas, seção de “carta ao leitor”, propagandas relacionadas a clubes, atletas e rivalidades, *charges*, entre outros. Não obstante, não é nossa intenção realizar uma ampla apresentação dos acontecimentos dia a dia da edição de cada jornal. Nosso foco está disposto às diferentes representações entendidas aqui nos recursos discursivos que conduzem aqueles coletivos de agentes que convivem numa rede de informações denominada meios de comunicação impressos a criarem e inventarem culturas a partir do choque de paradigmas de dois “mundos” diferentes, a saber, gaúcho e paulista. Assim, é de suma importância não somente aquilo que está registrado nas páginas dos jornais, como também as omissões de episódios de uma região determinada sobre a outra.

Vale salientar que direcionamos a leitura indivíduo-coletivo e coletivo-coletivo a partir da relação ditada pelas narrativas dos jornais entre a importância do treinador (indivíduo que aplica um determinado comportamento em sua equipe) e equipes que consagram formas de jogo – por isso a escolha, na maior parte dos casos, de edições jornalísticas impressas próximas aos momentos de maior carga criativa dos cronistas, jornalistas, desenhistas, numa palavra, autores, ou seja, finais de campeonato – e carregam, com isso, uma identidade regional própria. Por exemplo, ao lermos depoimentos que associam o “jogo bonito” (ou “futebol-arte”, ou “futebol brasileiro”) a eventos como a Seleção Brasileira das Copas do Mundo 1958 e de 1970 e o seu oposto, a saber, o “futebol-força” a momentos como a Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1994 ou até a regiões, como o “futebol-gaúcho” e o “futebol-

uruguaio” (ou “argentino”). Sabemos da grande importância de elementos como a disposição dos atletas a incorporarem uma determinada disciplina de seus corpos (nem todos atacantes se sentem a vontade para “marcarem laterais” ou “voltarem para marcar” e, portanto, não se encaixam no padrão de jogo estabelecido pelo técnico), o *staff* do dirigente técnico que, assim como os jogadores, precisam estar aptos a não somente abraçarem o projeto de desempenho tático sugerido pelo técnico como também aperfeiçoá-lo. Por conseguinte, estamos cientes da lacuna que tal pesquisa deixará ao colocar em segundo plano personagens tão relevantes nesta discussão, podendo este assunto ser retomado em pesquisas posteriores. Mas o nosso ensejo por enquanto é problematizar o determinismo colocado nos textos esportivos no que se refere às identidades nacionais e regionais que se insurgem no mundo do futebol¹⁵. Questionamos a referência estética dos estilos de jogo no futebol tidos como “estáticos”, “inatos”. Onde consta que para jogar como *brasileiro* precisa ser ofensivo, ousado, malandro e individual (termos que retumbam nos editoriais esportivos e que encontram suas origens em Mário Filho, quando escreveu em 1947 o livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, fortemente influenciado pela teoria oferecida por Gilberto Freyre)? Porque não podemos chamar o estilo de jogo empregado por Tite, no Sport Club Corinthians Paulista, especialmente na temporada de 2015, de “futebol-gaúcho”, uma vez que sua equipe possui a melhor defesa do Campeonato Brasileiro por pelo menos três anos consecutivos? Ou porque congelarmos nossas análises nestas regiões nacionais quando em meados dos anos 1970 o Internacional treinado por Minelli fora associado diversas vezes ao “futebol-total” demonstrado ao mundo naquele mesmo momento pela “Laranja Mecânica” da Seleção Nacional Holandesa? Enfim, estes e outros pontos serão debatidos a seguir.

Outra dificuldade encontrada em trabalhar com jornais consiste na interpretação das informações dispostas, um árduo processo que consistiu em: analisar a relação entre imagem e texto (LOIZOS: 2000); identificar os termos mais corriqueiros na referência aos “outros”; atentar às omissões de informações não divulgadas em alguma região e amplamente discutidas em outra; e a mudança dinâmica de caracterização de si e do “outro” através da narrativa local. Por fim, analisamos também as apresentações “técnicas” colocadas pela

¹⁵ Não é somente no campo jornalístico que o técnico é enaltecido como peça chave no *futebol espetáculo*. O escritor uruguaio Eduardo Galeano interpreta tal categoria esportiva de maneira crítica e saudosista, com elementos que denotam um *hibridismo* discursivo ao mesclar categorias como ciência e religião, aproximando-se daquele primeiro parágrafo do livro *Jamais somos modernos*, onde o escritor francês Bruno Latour descreve uma página de um jornal que apresenta múltiplos assuntos num mesmo espaço, como se estivessem conectados em uma *rede*: “Ele [o técnico] acredita que o futebol é uma ciência e o campo um laboratório, mas os dirigentes e a torcida não apenas exigem [dele] a genialidade de Einstein e a sutileza de Freud, mas também a capacidade milagrosa de Nossa Senhora de Lourdes e a paciência de Gandhi.” (GALEANO: 2010, p. 19-20).

comissão editorial esportiva do periódico, tais como: histórico do confronto, estatísticas fornecidas pelos jornais, gráficos, planejamento tático de cada time e as suas características “essenciais”.

2.2 “Bola na *malha* pra fazer o gol”¹⁶: por uma análise relacional do futebol

Quanto aos modelos teóricos que oferecem sustentação metodológica ao nosso texto, optamos por realizar uma abordagem embasada principalmente na análise dos discursos apresentados pelos meios de comunicação impressos das duas regiões principais a serem tratadas, a saber, Rio Grande do Sul e São Paulo. A chave metodológica que fomentará o argumento da nossa pesquisa empírica não estará embasada numa perspectiva estruturalista ou culturalista (como aquelas propostas por Clifford Geertz ou Marshall Sahlins) ou de modo sociologizante ao ponto de ofuscar elementos como a ciência, a técnica, o texto e o conteúdo, como Pierre Bourdieu (LATOURE: 1994), ou aqueles da chamada pós-modernidade, que ora estabelecem as narrativas colocadas como um simulacro incitado da implosão das fronteiras do social (Jean Baudrillard), ora como uma estratégia de poder que doutrina e disciplina corpos e mentes (Michel Foucault), ora como uma crise das metanarrativas (François Lyotard) (TASCHNER: 1999).

Com efeito, procuramos uma alternativa nas teorias relacionais de autores como Roy Wagner, Marilyn Strathern, Bruno Latour e Tim Ingold a fim de compreender o fenômeno da representatividade nas narrativas dos periódicos a partir do “choque de culturas” oriundo das invenções relacionadas aos confrontos de equipes do Rio Grande do Sul e São Paulo em diversos campeonatos e a consequente cognição do outro a partir das narrativas de cada região. Entendemos também que cada autor possui sua peculiaridade e, em determinados casos, até divergências (como o caso dos dois últimos citados). Assim, consideramos quase-humanos (crônicas, entrevistas e reportagens) e quase-objetos (estatísticas, *charges*, tabelas de classificação, entre outros) como “actantes” dentro de um processo histórico de proliferação de *híbridos* dados em relações horizontalizadas como uma rede; em outras palavras, partimos do pressuposto de que “se tudo é negociado, precisamos prestar atenção apenas nas negociações” (STRATHERN: 2014b, p. 325), havendo assim uma simetria entre o governo das coisas e o governo dos homens, e não mais uma “Grande Divisão” dicotômica constituída pelos “modernos” (o pensamento ocidental) entre Natureza (“coisas-em-si”) e Cultura

¹⁶ Paráfrase de uma estrofe da música *Uma partida de futebol*, da banda Skank. A letra completa encontra-se em: <https://letras.mus.br/skank/72339/> Consultado em: 22/12/2015.

(“humanos-entre-eles”), Humano e Não-Humano, Primitivo e Civilizado, Simples e Complexo, Não-Modernos e Modernos, Vencidos e Vencedores, entre outros.

Levando em consideração a falência da “constituição moderna” e a incapacidade pós-moderna, Latour oferece como alternativa uma antropologia simétrica não moderna cuja teoria do ator-rede possibilite a todos os coletivos – actantes – se constituírem naturezas e culturas, como *híbridos*; diferentemente do relativismo cultural, por exemplo, que condiciona à natureza uma presença praticamente imperceptível no reino da cultura.

Rede é um conceito dinâmico e flexível gerado a partir da relação actante entre humanos e não-humanos, que acaba por produzir uma miríade de *híbridos* e que não possuem estabilidade, podendo se dissolver e se reinventar a qualquer momento. Os indivíduos são vistos como coletivos, e as redes compostas de seres capazes de conectar e se desmanchar. Logo, o foco não está na identificação uma infraestrutura que sustenta um plano de concepções e signos, mas sim um espaço relacional consolidado por fluxos de pessoas que ultrapassam uma ação do micro no macro, e vice-versa (LEMOS: 2013). Desta forma, o que Latour propõe com a sua “teoria do ator-rede” (ANT, em inglês, o que traz um duplo sentido à sigla, uma vez que esta palavra significa “formiga” e esta está associada às coletividades) é uma “sociologia das associações”:

Assim para Latour se constrói a imagem de um social em rede – mediante a especificidade de cada associação. As redes, portanto, não são substantivas, de forma que a ANT descarta a concepção de “duras” estruturas preexistentes como as contruídas para o transporte metroviário ou para o saneamento hidráulico, nas metáforas do escritor. (PRATES: 2013, p. 208).

Façamos um exercício reflexivo com base num elemento que não pretendemos discutir com afincos aqui: a relação de amizade e hostilidade entre torcedores. É conhecido entre os adeptos do futebol que alguns membros de torcidas organizadas de um determinado clube simpatizam com aquelas de regiões distintas. Sabemos, por exemplo, que membros de uma torcida organizada do Clube Regatas Vasco da Gama mantém uma ligação com os torcedores da Mancha Alviverde da Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo. Estes vínculos também podem transpor fronteiras nacionais, como a tríplice relação entre Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, Club Nacional de Football e Racing Club de Avellaneda. Com efeito, há uma “lógica” dentro destas redes, onde se compartilham símbolos materiais (bandeiras, instrumentos musicais), imateriais (cânticos, gestos), adversários (Sport Club Corinthians Paulista, no primeiro caso, Sport Club Internacional, Club Atlético Peñarol e Club Atlético

Independente), humanos (atletas que jogaram em ambas as equipes e são queridos pelos torcedores¹⁷) e não humanos (vitórias contra arquirrivais, semelhanças de cores, compartilhamento de histórias). Por outro lado, esta condição amistosa não exclui períodos de tensões relacionadas ao choque direto entre estas agremiações numa partida. Os esportes como eventos lúdicos dotados de regras e significados – e aqui incluímos o torcer como uma prática esportiva – são carregados de elementos competitivos, miméticos, imprevisibilidade e vertigem¹⁸, cada um com uma carga correspondente e dinâmica, podendo variar seu “agôn”, “mimicry”, “alea” e “ilinx” ao sabor das condições do jogo e das formas como ele é praticado e representado (CAILLOIS: 1990), estando sujeito a uma “matriz bricolada” dada pelas condições de espaço e escassez de material, adaptando assim a prática “oficial”; esta que está relacionada a uma “matriz espetacularizada”, associada a um conjunto de leis e instituições que estabelecem uma divisão social do trabalho e o empenho performático dos atletas profissionais; além das “matrizes comunitária” (uma categoria intermediária entre a primeira e a segunda) e “escolar” (DAMO: 2007). O que queremos dizer é que o torcedor palmeirense ficará decepcionado caso sua equipe seja derrotada, hostilizará o adversário caso ele ganhe – ainda mais se houverem lances polêmicos durante a partida (um gol mal anulado, um impedimento não marcado) – e zombará com frenesi deste rival se por acaso seu time vencer – podendo esta condição se “agravar” caso seja uma final de campeonato, uma goleada, uma vitória conquistada nos lances finais do jogo, enfim, qualquer evento que proporcione uma intensificação da excitação “mimética”, ou seja, aqueles sentimentos buscados voluntariamente pelos indivíduos que em determinadas condições seriam repelidas instantaneamente, como o medo, a tristeza, a ansiedade (DUNNING et al: 1992). Assim, entendemos o esporte como por um viés teórico proposto por Pierre Bourdieu ao pensarmos o campo futebolístico como uma *rede* (no sentido latouriano¹⁹) com uma história autônoma

¹⁷ Na relação Vasco-Palmeiras, podemos citar o caso do atacante Edmundo, querido pelas duas torcidas. Na relação Grêmio – Nacional há o zagueiro Hugo de León como principal nome desta empreitada, além da conquista de uma Copa Libertadores (em 1983) contra o maior rival do clube uruguaio, o Peñarol.

¹⁸ Lars Ulrich Gumbrecht propõe o esporte como uma alternativa de reencantamento do mundo, uma vez que estádios, arenas e ginásios são considerados ambientes onde se presenciam “milagres”, “epifanias”, “eventos sobrenaturais”, no qual o espectador pode comungar a mesma tensão, gozo e dor do atleta, perdidos “numa intensidade focada” (GUMBRECHT: 2007). Assim, encontra-se uma linha de continuidade entre o pensamento deste autor e a antropologia simétrica oferecida por Bruno Latour uma vez que ambos afirmam que “devemos esgotar um objeto justamente de sua descrição” como alternativa às leituras hermenêuticas e culturalistas sobre o esporte (MONTANHA et al: 2013).

¹⁹ É de grande importância lembrar que “relacionar” as obras de Bruno Latour e Pierre Bourdieu é algo raríssimo no meio acadêmico, visto que ambos possuem matrizes de pensamento antagônicas e que pouco dialogam entre si. Para maiores informações acerca desta rivalidade construtivista *versus* estruturalista, respectivamente, ver LORENZI et al: 2011.

dotada de competências exclusivas e com lógicas próprias²⁰, além de representar a relação de “dois espaços homólogos, um espaço das práticas possíveis, a oferta, e um espaço das disposições a serem praticadas, a procura” (BOURDIEU: 1990, p. 214), mas que seja ao mesmo tempo influenciável por representações *actantes* de humanos e não-humanos na concepção do coletivo.

Outra chave metodológica aplicada neste trabalho estará embasada nas obras do antropólogo estadunidense Roy Wagner. A reflexão proposta por este autor é inovadora porque questiona um ponto levantado recentemente na antropologia: a posição do etnógrafo na pesquisa e a sua suposta “autoridade etnográfica” (CLIFFORD: 2008). Wagner problematiza a proposta de que toda etnografia é uma ficção; este argumento, segundo ele, continua mantendo uma relação de poder instituída pelo Ocidente com relação ao resto do mundo, estabelecendo categorias como “cultura” num universo analítico que faz sentido somente a este grupo. Assim, o que o antropólogo “inventa” numa relação entre duas culturas é uma “tradução” de um conjunto de significados que sejam pertinentes ao seu mundo de compreensibilidade, apoiando-se numa entidade rígida denominada “cultura” onde ele possa destilar seu conhecimento “criativo” – seja ele oriundo de anos de pesquisa de campo, tornando-se um quase nativo, seja ele adquirido num gabinete – sobre um outro que não detém estas características, quando é justamente o oposto que Roy Wagner proporá:

O estudo da cultura é na verdade *nossa* cultura: opera por meio das nossas formas, cria em nossos termos, toma emprestados nossas palavras e nossos esforços. Todo empreendimento antropológico situa-se portanto numa encruzilhada: pode escolher entre uma experiência aberta e de criatividade mútua, na qual a “cultura” em geral é criada por meio das “culturas” que criamos com o uso desse conceito, e uma imposição de nossas próprias preconcepções a outros povos. O passo crucial consiste em permanecer fiel às implicações de nossa presunção da cultura. Se nossa cultura é criativa, então as “culturas” que estudamos (...) também têm de sê-lo. Pois toda vez que fazemos com que outros se tornem parte de uma “realidade” que inventamos sozinhos, negando-lhes sua criatividade ao usurpar seu direito de criar, *usamos* essas pessoas e seu modo de vida e as tornamos subservientes a nós. (WAGNER: 2012, p. 62).

Com efeito, se não observarmos como as culturas são inventadas por si próprias, ou seja, numa lógica própria, corremos o risco de somente reproduzirmos uma autoimagem da cultura ocidental disfarçada numa roupagem autóctone numa estrutura de pensamento na qual

²⁰ “El deporte, que nació a partir de juegos realmente populares, es decir, *producidos por el pueblo*, a la manera de la *folk music*, en forma de espectáculos *producidos para el pueblo*. El deporte-espectáculo aparecería más claramente como una mercancía de masas, y la organización de los espectáculos deportivos como otra rama más del *show business*, si el valor que colectivamente se le reconoce la práctica deportiva no contribuyera a enmascarar el divorcio entre la práctica y el consumo así como las funciones del simple consumo pasivo.” (BOURDIEU: 2011b, p. 183).

o “culto à cultura” torna-se ponto nevralgico. O filósofo Tzvetan Todorov exemplifica de certa maneira esta questão com uma belíssima frase no livro em que ele narra o esforço inventivo dos ibéricos em classificar os nativos americanos, ocidentalizando-os e associando-os ao passado pagão dos europeus, considerados difamatórios e retrógrados: “Será que é possível realmente amar alguém ignorando sua identidade, vendo, em lugar dessa identidade, uma projeção de si mesmo ou de seu ideal?” (TODOROV: 2003, p. 245)²¹.

A definição de cultura (que se distancia das associações ao “salão de ópera” ou ao “cultivo”) é re-criada a todo momento ao considerarmos a universalização de pressupostos como todos têm cultura, uma vez que todos são criativos e inventivos. A cultura, então, é apontada como uma ordem do efeito, criada a partir das condições relacionais nas quais os agentes sociais estão sujeitos. Todo ser humano é inventor de cultura. “Desse modo, todo empreendimento humano de comunicação, toda comunidade, toda “cultura” encontra-se atada a um arcabouço relacional de contextos convencionais.” (WAGNER: 2012, p. 116). Elementos como a moral, a convenção e a linguagem são “constructos sociais” que funcionam como “controles” que delimitam as expressões no interior de uma cultura. Por conseguinte, ao entendermos as ações humanas como uma construção de contextos se apropriando da semiótica, sempre haverá uma distinção entre elementos simbólicos convencionais, que estão relacionados à ordem e a uma lógica racional, e elementos simbólicos diferenciadores, que representam distinções individuais acerca do mundo convencional. Em suma, ao tratarmos da relação convenções-invenções, o coletivo pode ser individualizante, ao mesmo tempo em que o indivíduo pode ser coletivizante. Tudo o que é *inventado* por uma coletividade como uma cultura, como uma *convenção* encaixa-se na ordem do dado; assim como individualidades são estabelecidas no interior de uma lógica *convencional*, por mais radical que possa ser tal *criação*. Segundo o autor,

“Invenção”, o “signo” da diferenciação, é o obviador [*obviator*] dos contextos e contrastes convencionais; de fato, seu efeito total de fundir o “sujeito” e o “objeto” convencionais, transformando um com base no outro, pode ser rotulado “obviação” [*obviation*]. Conferir ou receber associações de um contexto para o outro é uma consequência desse efeito, a qual proponho chamar de *objetificação*. (WAGNER: 2012, p. 124).

Para toda invenção objetificada haverá, portanto, uma contrainvenção, um *improviso*. Assim, toda cultura é inventada e reinventada através da experiência relacional e o choque

²¹ Desconhecemos uma relação de convergência entre Roy Wagner e Tzvetan Todorov, apesar de ambos os textos serem praticamente contemporâneos (o primeiro foi escrito em 1975 nos Estados Unidos, enquanto o segundo fora publicado em 1982 na França).

entre culturas. Noções como estilo ou interpretação passam a estarem mais próximas do sentido musical – mais precisamente, do *jazz* e seus *improvisos* – do que de tópicos culturalistas ou hermenêuticos. Como um bom músico, o antropólogo deve interpretar (improvisar) mais de um estilo musical dentro dos controles restritos por aqueles gêneros musicais. Portanto, nesta relação dialética entre culturas, o que Wagner propõe está distante do pensamento ocidental que condiciona às dialéticas um esforço de síntese de uma situação, mas demonstrar que “todo fim é a ocasião de um novo começo” (GOLDMAN: 2011, p. 210).

A proposta latouriana de rede surge de forma revolucionária no campo das humanidades no final do século passado. Entrementes, não nos parece suficientemente adequada para uma análise mais completa dos discursos, uma vez que tal perspectiva acaba por relegar a um segundo plano os fluxos e movimentos dos híbridos. Com efeito, entendemos a proposta metodológica estabelecida por Tim Ingold como mais adequada para o nosso trabalho. Na tentativa de inverter a lógica consolidada de ler a criatividade de “trás para frente” (ou seja, analisar o trabalho pronto como resultado e depois traçar uma série de fatores que levaram este material à tona, desde as pretensões do agente até os tipos de matéria prima), Ingold nos oferece uma visão seguindo um pensamento que dialoga a autores como Deleuze, Guattari (a vida decorrida por fios, “linhas de devir”) e Roy Wagner (o improvisado como elemento central das culturas). Para ele, a leitura da criatividade “para frente” implica não numa ênfase à abdução, mas sim à improvisação. Assim:

Improvisar é seguir os modos do mundo à medida que eles se desenrolam, e não conectar, em retrospecto, uma série de pontos já percorridos (...). Assim, na vida, como na música ou na pintura, no movimento do devir – o crescimento da planta a partir da semente, o soar da melodia a partir do encontro do violino com o arco, o movimento do pincel e seu traço – os pontos não são conectados, mas colocados de lado e tornados indiscerníveis pela corrente à medida que ela se arrasta através deles. A vida está sempre em aberto: seu impulso não é alcançar um fim, mas continuar seguindo em frente. A planta, o músico ou o pintor, ao seguirem em frente, “arriscam uma improvisação” (Deleuze; Guattari, 2004, p. 343). A coisa, todavia, não é só um fio, mas um certo *agregar* de fios da vida”. (INGOLD: 2012b, p. 38).

Partindo da frase cunhada pelo pintor expressionista Paul Klee (“Forma é morte; dar forma é vida”), o antropólogo inglês lê o mundo enfatizando os processos de formação em detrimento do processo final, além de apontar para os fluxos e transformações de materiais ao invés do estado final da matéria. Por conseguinte, a palavra-chave repetida incansavelmente pelo autor é *vida* e derivados (*fluir, movimentar, agir, vazar*, enfim, termos que denotem uma leitura “para frente” onde os meios são mais importantes que os fins e que sigam ações não coordenadas numa estrutura fixa). Autores com Latour, na tentativa de “dar vida” às coisas,

acabam por colocá-las numa redoma de inércia na qual só é ativada a partir das ações humanas, numa palavra, continuam passivas. Ao desprezar os diversos elementos que dialogam com as ações, passamos a produzir e reproduzir incessantemente uma série de informações que estejam de acordo com padrões de mundo, ao mesmo tempo em que sufocamos sabedorias sensoriais embasadas em sonhos, imaginações, milagres, “gols iluminados”, “gaúchos”, “brasileiros”, coisas que nós, modernos do mundo ocidental, já consideramos como falso e inválido frente à ciência, havendo espaço somente para a divulgação de ventríloquos *mortos*; portanto, “o mundo cessou de oferecer conselhos ou avisos e tornou-se um repositório de dados que não prestam nenhuma orientação do que deveria ser feito com eles” (INGOLD: 2012a, p. 25), aproximando-se da crítica benjaminiana acerca da “narrativa” (BENJAMIN: 1985), o que embasa o próprio uso deste termo durante nossa dissertação²².

Sucintamente, destacamos cinco pontos que representam a obra deste autor inglês: a) o nosso mundo não é composto por *objetos* (pensarmos o mundo ASO – Ambiente Sem Objetos²³), mas sim por *coisas* (não numa perspectiva durkheimiana de um elemento externo e coercitivo aos indivíduos, mas sim elementos que se relacionam num cenário); b) entende-se *vida* enquanto capacidade relacional aonde formas surgem e são colocadas em lugares; c) o foco nos *processos vitais* concentrado não na materialidade em si, mas nos *fluxos de materiais*; d) *fluxos*, por sua vez, *criativos*, ou seja, uma *criatividade* baseada no imprevisto (como no *jazz* de Roy Wagner) da reunião de processos formativos (ao contrário da “criatividade para trás”, a partir de um objeto acabado, desenhado na mente do agente); e) os caminhos percorridos pela prática improvisatória não são conexões ou relações *entre* uma coisa e outra, eles são *linhas ao longo das quais* as coisas são formadas constantemente, não uma *rede* de conexões, mas uma *malha* de linhas entrelaçadas.

²² Segundo Walter Benjamin, o elemento central da narrativa é *evitar explicações*, ou seja, oferecer ao interlocutor uma interpretação aberta. O que ocorre num mundo pós-imprensa é uma paulatina morte desta forma *viva* que cede espaço a uma forma *fixa, imóvel e morta* de descrever que é a informação: “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.” (BENJAMIN, 1985: p. 203). Raros são os momentos em que a narrativa vem à tona, como em crônicas que especulam algo sem oferecer um fechamento.

²³ Esta proposta converge em algumas linhas de autores contemporâneos da arquitetura, como o finlandês citado no texto Juhani Pallasmaa, autor da frase “As experiências arquitetônicas mais fundamentais são verbais e não nominais”, o que indica que as coisas estão em constante diálogo com os agentes (o habitante da casa se relaciona com a lareira, a porta, os quartos), e o japonês Shigeru Ban, autor de projetos sustentáveis e estabelecimentos móveis, como a Cardboard Cathedral (Catedral de Papelão) e o Nomadic Museum (Museu Nômade).

Malha é um conceito já utilizado pelo filósofo Henri Lefebvre, que aponta para a convergência entre o modo como palavras são inseridas num texto e o modo como atividades humanas e não humanas são registradas no espaço vivido; tal convergência é possível se pensarmos a escrita não como uma composição verbal, mas como uma *malha de linhas*; ao invés de pensar em *texto*, usar a *textura* e *movimentar-se* com esta. Cada elemento, cada coisa, deixa um rastro, uma trilha que uma hora será cruzada com outro elemento, outra coisa, que, por sua vez, deixará outro rastro, e assim por diante. Por conseguinte, visualiza-se um emaranhado de fios, que compõem uma *malha*.

E aí está uma parte central que o distingue do trabalho de Bruno Latour, da “teoria do ator-rede”, oriunda de estudos acerca da ciência e tecnologia. Assim, ela descreve a relação entre as pessoas e as não pessoas de forma que “democratize” a agência entre estes elementos como se eles estivessem mutuamente implicados num campo de ação. Com efeito, o principal atributo das *redes* é a *conectividade*.

Ao contrário das redes de comunicação (*network*), os fios da teia de aranha não conectam pontos. A malha (*meshwork*) desenhada pelo agente é tecida de maneira improvisatória pelo corpo da aranha, seguindo seus movimentos espontâneos. Logo, são extensões do corpo da aranha que influenciam o seu ambiente e dão sentido à percepção e ação no mundo:

É claro, assim como a aranha, as vidas das coisas geralmente se estendem ao longo não de uma, mas de múltiplas linhas, enredadas no centro, mas deixando para trás inúmeras “pontas soltas” nas periferias. Assim, cada coisa pode ser vislumbrada, como Latour (2005, p.177) tem sugerido mais recentemente, no formato de uma estrela “com um centro cercado de muitas linhas que irradiam, com uma multiplicidade de condutores mínimos transmitindo de um lado para o outro”. Não mais um objeto autocontido, a coisa aparece agora como uma teia ramificante de linhas de crescimento. (INGOLD: 2012b, p. 41)

Acreditamos que este arcabouço teórico é “bom para pensar” casos do futebol brasileiro que apresentaram um longo desenvolvimento e “mutação”, como o efeito do treinador gaúcho Tite, que durante muito tempo esteve associado à categoria “futebol-força” (como veremos na descrição de sua primeira passagem pelo clube Corinthians), saindo deste lugar comum para atingir um patamar criativo individual. Ou seja, esta *linha viva* acaba desmontando um emaranhado tido como estruturado do estilo gaúcho de Tite e o futebol brasileiro recria-se (ou reinventa-se) e demonstra uma nova disposição representativa de jogar futebol, que acarreta num modelo tático criativo (e “bem-sucedido”, diga-se) que é exemplificado no time treinado por ele (equipe que terminou o campeonato nacional de 2015

com o melhor ataque, melhor defesa, menor número de faltas cometidas, melhor equipe mandante e melhor equipe visitante²⁴). Elemento este que foi desenvolvido ao longo de sua segunda trajetória no clube, iniciada durante sua segunda passagem no clube, em 2010. Da forma semelhante temos a trajetória desenhada por Minelli no Internacional: desacreditado pelos meios de comunicação que chegara para substituir um ídolo dos torcedores (Dino Sani, até então pentacampeão gaúcho) e que, ao final de três anos no comando do clube colorado de Porto Alegre, fora octacampeão²⁵ do torneio regional, o primeiro gaúcho campeão do campeonato nacional (e primeiro bicampeão brasileiro até então) e “inventor” (nos termos que ele mesmo se descrevia) de um estilo de jogo esteticamente inovador num país que se encontrava num momento de decadência em seu esporte mais popular. Vinha do Rio Grande do Sul, terra caracterizada por chutões, jogadas ríspidas, dura e fria, o melhor time do Brasil, o único time capaz de mimetizar a melhor equipe do mundo naquele período, a Seleção Nacional Holandesa de futebol, a ofensiva e agressiva “Laranja Mecânica” (como no filme homônimo de Stanley Kubrick), o movimentado e praticante do futebol total “Carrossel Holandês”.

Assim, uma equipe que é condicionada ao “futebol-arte” conforme a apresentação dos jornalistas pode se transformar numa equipe que mostrou o “futebol-força” como proposta, segundo as narrativas pós-jogo dos mesmos agentes. Um treinador que é tratado como peça fundamental no esquema tático do seu time pode ser condicionado a uma posição secundária (ou até mesmo esquecido) nas seções esportivas de segunda-feira ou quinta-feira²⁶. Um clube que é tratado pela imprensa local como representante regional no futebol pode, em uma temporada, ressignificar (ou profanar, depende da paralaxe) este mesmo contexto com a demonstração de uma *concepção de jogo* mais próxima de outras regiões, com mais ofensividade, mais criatividade, menos disciplina e menos defesa. Um indivíduo, ou melhor, um coletivo inventado pelos “especialistas” (TOLEDO: 2000) como retranqueiro, por jogar com três zagueiros e enfatizar a bola aérea como arma ofensiva, pode no jogo seguinte ser classificado por estes como o técnico que traria o “futebol brasileiro” de volta se fosse

²⁴ Dados retirados do link: http://www.ogol.com.br/edition_stats.php?id=79735 Consultado em: 15/08/2016.

²⁵ As menções no documento principal referentes aos prefixos matemáticos gregos estarão de acordo com o número de títulos conquistados de maneira *consecutiva*. Por exemplo, quando o Internacional fora octacampeão gaúcho, subentende-se que tal agremiação conquistou oito títulos regionais consecutivos entre os anos de 1969 e 1976.

²⁶ Geralmente os dias seguintes aos jogos de futebol das divisões de elite no Brasil. Na temporada 2016 do campeonato brasileiro, mudanças na tabela culminaram com a realização de partidas às segundas-feiras à noite. Esta alteração foi encontrada no link: http://espn.uol.com.br/noticia/596812_cbf-anuncia-jogos-do-brasileiro-as-20-horas-de-segunda-feira Consultado em: 15/08/2016.

escolhido como treinador da seleção nacional, por jogar com quatro zagueiros, sendo dois laterais com características ofensivas, por treinar o time com o melhor ataque, a melhor defesa e o mais disciplinado (com menos faltas, cartões amarelos e cartões vermelhos) do principal campeonato nacional, elevando “sua” equipe à condição de “equipe de *Champions League*”²⁷.

Vale salientar mais uma vez que a nossa intenção é fugir da constituição moderna estabelecida pelo pensamento euro-americano (STRATHERN: 2014a) de enxergar as situações sociais num prisma dicotômico (Natureza e Cultura, Simples e Complexo, Barbárie e Civilização, Periferia e Centro, Rural e Urbano, Futebol não-brasileiro e Futebol brasileiro, *Futebol-força* e *Futebol-arte*). O que é importante salientar, e que estará presente na discussão proposta aqui, é que há não somente um futebol, mas sim uma miríade de futebóis, ou seja, encontramos diversas “dimensões de realidade” (GASTALDO: 2000) representadas pelas narrativas dos meios de comunicação (sejam eles impressos ou não), por instituições relacionadas ao esporte, pelos atletas e demais profissionais relacionados, pelos torcedores, entre outras categorias que participam e se relacionam neste universo.

²⁷ Alcinha dada por jornalistas paulistanos (um deles de uma emissora televisiva especializada em esportes) após o triunfo da equipe alvinegra por 4 a 0 sobre o Danúbio, do Uruguai, pela Copa Libertadores da América de 2015, no Estádio do Corinthians. A repercussão foi intensa entre os torcedores. Segue abaixo os *links* do vídeo do jornalista e o texto de um *blog*, respectivamente: <https://www.youtube.com/watch?v=GrFXTRfiyRc> e <http://blogdomenon.blogosfera.uol.com.br/2015/04/01/corinthians-poderia-estar-na-semifinal-da-liga-dos-campeoes/> Consultados em: 24/11/2015

3 INTRODUÇÃO

O título desta dissertação é mais uma homenagem a uma banda de *rock*²⁸ do que ao filósofo Slavoj Žižek, que tornou o termo “paralaxe” popular após lançar um livro contendo este substantivo. Consoante o dicionário Aurélio, este verbete está representado como “mudança aparente de lugar de um corpo quando se altera o ponto de observação” (FERREIRA: 2008, p. 608), e partilhamos desta definição etimológica. Um substantivo que nos aponta para um determinado horizonte metodológico – e por que não ontológico? – e que pretendemos com isso oferecer alternativas ao modelo culturalista de análise de um fenômeno que por si só remete a esta categoria: o futebol.

Folheando o *Pequeno Dicionário do Futebol Alemão e Brasileiro*, dos pesquisadores Elcio Cornelsen, Martin Curi e Stephan Hollensteiner, encontramos o verbete “O sistema de jogo” (em alemão, *Spielsystem*), definido pelos autores como:

Os sistemas de jogo, e de forma mais ampla, as táticas de jogo, são tratados de forma diferente na Alemanha e no Brasil. Enquanto os comentaristas de televisão brasileiros discorrem naturalmente sobre as táticas dos jogos e o jornalista Paulo Vinicius Coelho escreve uma coluna de jornal sobre o assunto, na Alemanha as táticas de jogo só vêm sendo debatidas há pouco tempo. Este fato levou o ex-jogador da Seleção Alemã Matthias Sammer a dizer uma vez, de maneira exagerada: “Nós alemães não sabemos nada sobre táticas”. A história dos sistemas táticos de jogo é uma transição do jogo ofensivo à tática defensiva. (CORNELSEN; CURI; HOLLENSTEINER, 2014, p. 90-1).

A revelação dos autores acerca do desinteresse dos alemães num tema que para nós, brasileiros, aparece de forma tão recorrente através dos meios de comunicação esportivos soa incrível, uma vez que, pouco tempo depois da publicação deste livro²⁹, a Seleção Nacional Alemã participou ativamente do maior vexame da história da *Seleção Canarinho* ao goleá-la na semifinal da Copa do Mundo de Futebol da FIFA e demonstrá-la uma maestria tática frente a uma apatia ilimitada do selecionado brasileiro, naquilo que ficou conhecido como *7 a 1* ou *Mineiraço*³⁰ – numa tentativa de replicar o *Maracanazo*, quando o favorito Brasil perdeu a Copa do Mundo de 1950 para a até então irregular seleção uruguaia. O placar dilatado e incomum rapidamente se tornou sinônimo de esmorecimento e polêmicas atreladas ao Brasil a partir de derivações populares, por exemplo, “7 a 1 foi pouco”. Tal referência não se restringe

²⁸ Refiro-me à música *Roll the bones*, da banda canadense *Rush*, que se refere ao termo paralaxe numa parte da canção.

²⁹ O livro fora publicado em maio de 2014.

³⁰ Uma reportagem especial da revista IstoÉ consultou sociólogos e especialistas em futebol para discutir sobre os dois fatídicos episódios envolvendo a instituição seleção brasileira e o impacto desta na sociedade. Ver *link* disponível em: http://istoe.com.br/372361_MARACANAZO+X+MINEIRACO/ Consultado em: 31/05/2016.

ao que ocorreu somente entre as quatro linhas naquele dia 8 de julho de 2014, mas extrapolando e atingindo outros espaços, como a política e outros espaços da vida comum.

Este evento foi tema de discussão em alguns setores acadêmicos relacionados às ciências sociais e à comunicação social. Alguns intelectuais ocuparam-se da análise do discurso de jornais sobre a partida a fim de identificar elementos que tentam justificar o resultado adverso levando em consideração as circunstâncias dispostas. Em tons melodramáticos, as descrições dos acontecimentos buscam associar o fracasso em agentes isolados ou em “bodes expiatórios”, utilizando termos que negociem um sentido sentimental grave e trágico; portanto, palavras como “vexame”, “vergonha” e “tragédia” vêm acompanhadas dos adjetivos pátrios “brasileiro” e “nacional”, a fim de agregar os leitores a esta dor e compartilhá-la. O efeito simbólico alcançado está na lógica dualista estruturante da consagração e estigma,

afinal, trate-se de um jornalista, um torcedor ou jogador, todos esses agentes, de longa data – e dado o processo de construção e preservação da memória coletiva – já estão socializados nesse esquema de percepção dos fatos esportivos. Em suma, toda essa dinâmica da “falação esportiva” que é edificada por meio de um duplo critério estruturante – consagração e estigma, essas duas variações pelas quais o poder simbólico se faz valer socialmente (BOURDIEU, 1998) – se constrói por vias naturalizadas e é esse justamente um dos princípios (...) de sua eficácia social, pois se tal dinâmica fosse apropriada de forma refletida e crítica, ponderando-se então as emoções e sensibilidades esportivas que entrelaçam às variáveis nacionalistas e regionalistas, o noticiamento e a “falação” sobre o universo esportivo com todos os seus sensacionalismos e explosões catárticas não passariam, talvez, de uma farsa. (CAVALCANTI, SOUZA, CAPRARO, MARCHI JÚNIOR: 2016, p. 372-3)

A cristalização da imagem do futebol brasileiro como praticante do “jogo bonito”³¹ (reproduzido à exaustão nas páginas dos jornais) acaba por imobilizar os discursos dos atores sociais, impossibilitando a visualização das constantes mudanças no futebol brasileiro e suas cognições técnicas, táticas, psicológicas, entre outras. Nestes pares de oposição estão as conversações entre as três categorias constitutivas de um *socius* futebolístico (TOLEDO: 2000) no Brasil: “especialistas”, “profissionais” e “torcedores”. Muito do jornalismo esportivo, portanto, está atrelado a uma “folhetinização” das informações, costuradas em *malhas* imagéticas, tendo como principais características o forte apelo emocional, as

³¹ Reproduzidos à exaustão nas páginas dos jornais e meios de comunicação em geral, os termos “jogo bonito” e “futebol-arte” movimentam-se ao longo do tempo-espaço, como na campanha de uma empresa de materiais esportivos às vésperas da Copa do Mundo de Futebol da FIFA de 1982 (ROCHA: 2014), até um *reality show* transmitido por uma emissora televisiva brasileira em parceria com uma multinacional do esporte realizado em 2006. Assim, mesmo polimorfos, tais expressões geralmente remetem a uma “naturalidade” do brasileiro que, consoante seus interlocutores, faz parte de uma relação *viva* onde o atleta deste país se realiza no jogar ofensivamente, criativamente e individualmente, assim como um pássaro se realiza em seu voar (INGOLD: 2012b).

dramatizações presentes nas escritas dos acontecimentos anteriores, durante e após os eventos; tudo isso com o fim de provocar reações que incitem os participantes deste universo a absorverem rápida e passionalmente seus dados.

Muitas reportagens sobre futebol produzidas pela imprensa tem o excesso como marca forte, assim como o suspense, a polêmica e uma visão de mundo maniqueísta, dividida entre o bem e o mal, o certo e o errado, entre heróis e vilões. A ênfase no caráter dramático dos lances de uma partida, em cenas lacrimosas, em depoimentos eivados de emotividade, é constante em muitas reportagens (...). A necessidade de folhetinizar a informação e a preocupação com efeitos sobre o leitor balizam grande parte das reportagens da mídia esportiva no Brasil. (COSTA: 2010, p. 68).

Estamos cientes do desenvolvimento temporal que os editoriais esportivos foram submetidos, desde análises desinteressadas das partidas escritas com termos bretões para designar o esporte no início do século XX; passando pela utilização de materiais visuais, como a exploração de imagens e *charges*, além da presença dos textos de opinião onde cronistas não necessariamente relacionados ao jornalismo oferecem seus conhecimentos acerca de determinados assuntos (ex-jogadores, músicos, escritores, entre outros); chegando ao período hodierno quando o diálogo entre as redes sociais e o papel impresso representa um longo debate acerca da representatividade deste último (DINES: 2009). No entanto, concentramos nossos olhares para os diversos *fluxos* de entendimento e sentido das perspectivas estéticas do jogar futebol no território brasileiro, entendendo que cada representação – inclusive esta que se inicia – sujeita-se a uma *malha* de invenções de uma cultura capaz do polimorfismo e das alterações temporais-espaciais. A identidade está longe de ser uma peça fria e monolítica, mas sim complexa, plural e contraditória. Quando estudamos estereótipos, devemos levar em consideração os sistemas de classificação nos quais estão inseridos e, por outro lado, suas relações intergrupais, uma vez que é aí que se definem sua própria identidade e a do outro, ou seja, o “autoestereótipo” e o “heteroestereótipo”, termos cunhados pelo antropólogo Didier Machillot que correspondem respectivamente às classificações. Assim, os estudos sobre estereótipos devem ir além da imagem ou de uma semiologia da figura estereotipada. Devemos nos interessar em seus efeitos e nas interações entre os grupos e indivíduos. Ou seja, visualizar o funcionamento dos estereótipos em seu “meio”, e não na palavra morta dos “fins”; deve-se analisar o “ao vivo”. Logo,

El estereotipo es un fenómeno *lingüístico* (pertenece a una lengua dada, a un sistema de signos), [...] de identificación y de categorización (el estereotipaje), *social* (funciona en interacción, en el seno de grupos y de medios dados), *cultural* y *simbólico* (pertenece a normas, tabúes, etc., es un signo, un símbolo, la materialización de un imaginario), *psicológico* (depende de un proceso cognitivo

individual, al mismo tiempo que se inscribe en un colectivo), *geográfico e histórico* (está inscrito en un lugar y en un momento dados). (Machillot, 2012: 81 apud MACHILLOT, 2013, p. 27)

Propomos uma análise do discurso de agentes colocados à margem do pensamento brasileiro, ou seja, ao convocarmos os meios de comunicação impressos do Rio Grande do Sul para um diálogo com um dos principais centros de informação do país, São Paulo, notamos que há diferenças perceptíveis de abordagens, o que pode soar como um truísmo, porém algo pouco explorado pelos estudiosos que acabam por optar na maioria das vezes a estudar somente o que é inventado no eixo Rio de Janeiro-São Paulo³². Isso imbrica em uma série de caminhos que foram descartados ao longo da pesquisa, tais como a leitura de diários esportivos – é de se observar o predomínio destas redes comunicacionais concentradas na região Sudeste do Brasil, não havendo nenhum diário ou meio de comunicação impresso de grande destaque de outras regiões do país. Além disso, a polifonia possibilitada a partir desta escolha metodológica implica em uma vasta série de sentidos que dão voz a semiologias flexíveis e vivas. A seleção das personagens que estarão em predomínio em nossa discussão, o paulista Rubens Minelli e o gaúcho Tite, representa uma leitura alternativa aos olhares “tradutores” e “purificadores” que a modernidade (LATOUR: 1994) instala.

Nosso texto parte do pressuposto de que as equipes do Sport Club Internacional das temporadas 1974 a 1976 rompem um paradigma de futebol gaúcho inventado e contado como verdade aos olhares de jornalistas, cronistas, intelectuais e demais membros do universo ludopédico como aquela prática corporal dura, tosca, física, violenta e “platina” para se tornar mais flexível, sofisticada, técnica, ofensiva e “brasileira”, sem perder características que dialogam fortemente com o ambiente natural proposto pela região dos pampas (frio, chuvas, charcos) e por seus elementos culturais (influência da colônia alemã, célebre pela ginástica como principal atividade física que indica a resistência):

Ocorreu durante um tempo uma lenda de que ele, Minelli, tinha como exigência o vestiário, porque o vestiário tinha uma porta com uma altura determinada e quem tivesse que se abaixar para entrar, servia, porque era mais alto que a porta... Isso daí é um pouco de folclore, tem muito disso no futebol, né. Mesmo esse lastro místico, acho que tem importância e a gente tem que considerar e acho que em alguns

³² Salientamos que há uma diferença entre os futebolis destas regiões centrais; enquanto o futebol paulista fora comumente denominado como “futebol-bandeirante” em referência ao pioneirismo desbravador de portugueses na região à procura de metais preciosos e escravização de índios durante o período colonial do Brasil, o futebol carioca carrega uma imagem que intelectuais como Gilberto Freyre e Roberto DaMatta denominam como “brasileira”, ou seja, baseada na miscigenação pacífica das três raças, malandragem e o “jeitinho brasileiro”. No entanto, por escolha metodológica, preferimos não abordar profundamente esta diferença, visto que entendemos estes dois Estados da região Sudeste como “centro” em comparação ao “periférico” Rio Grande do Sul.

aspectos é um fato importante e significativo. (ENTREVISTA A RUY CARLOS OSTERMANN)³³

Naquele tempo-espaço, o Internacional aparecera ao Brasil como a equipe que reconfigurava, a partir de suas invenções, o próprio futebol nacional, que vivia um momento de crise identitária (eliminação da seleção nacional contra a “Laranja Mecânica” holandesa; a aposentadoria do “rei do futebol”, Pelé, que não deixara herdeiros; a ausência de grandes times após o crepúsculo da “Academia de Futebol” do Palmeiras; e a queda do São Paulo Futebol Clube na final da Copa Libertadores da América ante o Club Atlético Independiente de Avellaneda, todos estes eventos em 1974). Em 1976, a consagração deste modelo colorado veio com o bicampeonato brasileiro, o octacampeonato gaúcho e o anticlímax de ver Rubens Minelli trocando a equipe do sul do país pelo São Paulo Futebol Clube, onde venceria seu terceiro título nacional consecutivo e se consagraria como um dos maiores treinadores brasileiros de todos os tempos³⁴.

O adversário da final daquela campanha era o Sport Club Corinthians Paulista, que vinha de uma épica vitória nas semifinais no Estádio do Maracanã contra o Fluminense Futebol Clube, quando dezenas de milhares de torcedores paulistas foram ao Rio de Janeiro para assistir ao jogo do alvinegro paulistano, num evento que ficara consagrado como a *Invasão Corintiana*. Tal acontecimento é determinante para a constituição de uma imagem atrelada a tal clube, conhecido como o “time do povo”, que muitas vezes superava adversidades graças a uma relação mística com seus “fiéis” torcedores, que exigem prioritariamente dos atletas empenho e dedicação (“garra” ou “raça”), deixando por segundo plano alguns elementos “brasileiros”, como dribles e jogadas de efeito. Relação intensificada e inventada pelas ações dos comunicadores, que relacionam este clube a uma série de termos místicos e sobrenaturais que acabam por inculcar imagens sempre renováveis de exemplos de superações de adversidades, dificuldades; “folclore” que simpatizam com uma lógica mais popular e, sobretudo, mais masculinizada, o que permite justificar a grande preferência de classes sociais abastadas e dominantes ao “time do povo” que entoam a “festa na favela” num espaço que excluem populares e favelados; afinal, num universo machista e patriarcal como o

³³ Depoimento de Ruy Carlos Ostermann à entrevista realizada por mim. O texto integral desta conversação – assim como das demais entrevistas – encontra-se em ENTREVISTAS. Optamos por colocar na referência somente o nome do autor do depoimento, mesmo quando a entrevista contou com a presença de mais um membro.

³⁴ Somente outros dois treinadores atingiram o tricampeonato brasileiro consecutivo: Lula, com cinco títulos consecutivos pelo Santos Futebol Clube (1961 a 1965), e Muricy Ramalho pelo São Paulo Futebol Clube (2005, 2006 e 2007).

futebol, o mais resistente³⁵, o mais duro³⁶, o mais fiel é também aquele que é o mais macho (GARRIGA ZUCAL: 2005).

Assim, estes elementos acabam por aproximar o Corinthians de uma relação com as características ditas “gauchescas”, como podemos observar nos confrontos das finais da Copa do Brasil de 1995 e nas constantes narrativas dos periódicos, inclusive quando Tite participa do comando técnico da equipe corintiana em 2004. Treinador campeão da Copa do Brasil de 2001, ele chega a São Paulo com a pecha de “retranqueiro”, termo pejorativo que é endossado por jogos nos quais o Corinthians vencida e, de repente, cedia o empate ou até mesmo a derrota ao adversário, conforme acontecera nas temporadas 2004 e 2005, e em alguns momentos da segunda passagem do treinador pela equipe, de 2010 a 2013. No entanto, após a emblemática derrota contra o inexpressivo clube colombiano Deportes Tolima pela Copa Libertadores da América de 2011 e sua manutenção como técnico, apesar da intensa pressão de setores como torcedores e especialistas, suas estratégias de entrosamento transformaram paradigmas corintianos de jogo ao apresentar uma equipe de sistema defensivo sólido e afinada troca de passes, mesclando fatores de um futebol “gaúcho” e “brasileiro”, e atingindo o seu ápice em 2012, quando se sagrou campeão da Copa Libertadores da América e campeão do Mundial Interclubes. A “anomia” de Tite o consolidará como a alternativa para o futebol brasileiro poder ressignificar a sua identidade manchada após o 7 a 1. Não à toa torna-se o eleito pela alta cúpula da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para comandar sua equipe masculina principal em 2016. Reconhecido ecumenicamente por torcedores, profissionais e especialistas como o melhor técnico do país, Tite apresenta *linhas* que dialogam com a trajetória de Rubens Minelli.

Na maior parte do tempo o estereótipo rio-grandense esteve relacionado ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, simbolizado em temporadas como a de 1995, quando sagrou-se campeão gaúcho e da Copa Libertadores da América com uma estratégia embasada no “gremismo” (DAMO: 1999, 2001), ou seja, um estilo de jogo muito defensivo, duro, pouco criativo, numa palavra, tosco, e que possuía como principal arma ofensiva a jogada aérea para a conclusão de cabeça de um atacante alto e forte, como era o caso de Jardel. Esta “forma-representação” proporcionou paradigmas “bons para pensar” a suposta homogeneidade da

³⁵ O caso do jejum de mais de vinte anos sem nenhum título oficial e a conquista apoteótica do campeonato paulista de 1977, as narrativas que o acompanham e são lembradas por diferentes vozes até os dias atuais, é um exemplo.

³⁶ “Tem que ser homem pra jogar no *coringão*” é uma das canções de protesto mais célebres dos torcedores corintianos direcionadas aos atletas.

imagem do Brasil como o país do “jogo bonito”, oferecendo terreno para a emergência de termos antitéticos como “futebol-arte” (geograficamente presente nos clubes do eixo Rio de Janeiro-São Paulo e apresentados numa análise culturalista embasada na teoria freyreana de miscigenação) e “futebol-força” (praticados por equipes do Rio Grande do Sul e, segundo a maior parte dos depoimentos de jornalistas, da Argentina e Uruguai). Esse vínculo com uma prática arcaica domina o imaginário do universo esportivo brasileiro ao se falar de Grêmio, esquecendo que esta mesma equipe teve até 2001 Ronaldinho Gaúcho, um dos maiores expoentes do *jogo bonito tipicamente brasileiro*. Neste mesmo ano o treinador da equipe tricolor era Tite, recém-contratado após campanha vitoriosa pela Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, onde foi campeão gaúcho no ano anterior. Armado em um esquema tático 3-5-2 de forte aplicação tática e velocidade, Tite levou a equipe tricolor ao seu tetracampeonato da Copa do Brasil, tornando-se o time brasileiro com o maior número de títulos desta competição. O adversário daquela final foi o Corinthians, clube que treinaria três anos depois. Com um time de veteranos e atletas desacreditados, o treinador gaúcho conseguiu inventar um modelo de jogo que possibilitasse a troca de passes e a posse de bola mantendo uma disciplinar dedicação defensiva e, ao mesmo tempo, quebrar uma tradição do “futebol” gaúcho, idealizada justamente por esta agremiação e entendida por alguns como antítese do “futebol-arte”. O reconhecimento desta conquista não se limitou naquele espaço-tempo, prolongando-se na memória de outros agentes no futuro:

Mas o Roger comentou comigo que o Tite sempre foi muito avançado para a época dele. Quando ele jogou com o Tite em 2001, ele fez um 3-5-2 que depois todo mundo copiou. O Tite fez no Inter um 4-2-3-1 que depois todo mundo copiou. Tá fazendo (fez) no Corinthians um 4-1-4-1 que todo mundo copiou. Então, a imagem que eu tenho do Tite é essa: é um cara que tá sempre à frente da tendência. Como as equipes dele ele organiza muito bem, e em um modelo muito coeso assim de forma de jogar, as pessoas acabam copiando ele. Mas ele é, digamos, se não o primeiro, um dos primeiros a identificar algumas coisas e transformar isso em conceitos depois que as pessoas vão copiar porque deram certo. E ele ganhou muita coisa, né? Ganhou no 3-5-2 jogando aqui... Isso que eu te falei, 4-2-3-1, 4-1-4-1, ele foi evoluindo, e tem o mérito de ganhar, né? E quando se ganha, acaba virando tendência. (ENTREVISTA A ROBERTO RIBAS)

Observa-se que os agentes que daremos destaque em nossa discussão apontam para um *emaranhado de linhas vivas* (INGOLD: 2012b) que tecem *malhas* ao sabor dos *eventos* articulados (SAHLINS: 2006) no espaço-tempo, cada um com suas circunstâncias particulares que acabam por assumir uma posição provocante. Por exemplo, a narrativa (BENJAMIN: 1985) acerca do “gol iluminado” do zagueiro colorado Figueroa na final do campeonato brasileiro de 1975 contra o Cruzeiro Esporte Clube, que deu o título ao Internacional. Relatos mnêmicos de ex-atletas e agentes que participaram e participam da construção deste evento

afirmam que o dia estava nublado em Porto Alegre e, de repente, um feixe de luz ilumina a grande área do time azul de Minas Gerais instantes antes da cobrança de falta que deu origem ao gol do primeiro título nacional colorado. Sobrenatural? Ou jogadas ensaiadas exigidas exaustivamente por Rubens Minelli (que comandava ensaios de dois turnos diários, algo inovador no momento)? Até onde há natureza? Quando começa a cultura? Ciência ou misticismo? Ou os dois? Serão elementos como estes que direcionam para uma alternativa à análise antropológica sob a égide da perspectiva relacional.

4 HISTÓRIA (S) DO (S) FUTEBOL (ÓIS) NO (S) BRASIL (IS)

Contar uma história do futebol é contar uma versão dos meios de comunicação (suas origens, seu desenvolvimento, suas ramificações) e a sua relação entre esse e o primeiro. Desde os primeiros tempos deste esporte no país – especialmente a partir da década de 1910 –, aqueles que passaram pelos periódicos dissertam sobre os eventos referentes a tal prática ora informando, ora narrando a seu público, juntamente com outros eventos sociais “consolidados”, como o remo e o turfe (MELO: 2012). Juntos em uma simbiose, futebol e jornal cresceram e alcançaram patamares durante a década de 1930, quando o esporte se profissionalizou e os diários trataram com mais afinco do mesmo, concedendo seções esportivas dedicadas praticamente ao ludopédio. Este período ficara marcado pela tentativa governamental de demarcar classificações nacionalistas que indiquem o comportamento ideal do brasileiro, e o futebol foi um dos fatos sociais totais escolhidos (ALMEIDA et. al: 2013, p. 68). É de um simbolismo forte o fato dos principais comícios do regime do Estado Novo serem realizados em estádios de futebol, principalmente o São Januário, no Rio de Janeiro. Neste mesmo momento, intelectuais como Gilberto Freyre estarão imbricados no projeto de colocar o brasileiro como o resultado de uma miscigenação pacífica e adocicada entre as etnias que compõem o estrato nacional, a saber, europeus, índios e africanos. Este arcabouço epistemológico encontrará respaldo no futebol, terreno onde a floreia o delírio da “democracia racial” com a assunção do negro a partir da profissionalização do esporte e do sucesso de atletas negros e mulatos num espaço proibido a eles nas décadas anteriores.

O jornalismo esportivo contribuiu para a instalação de um *socius* futebolístico (TOLEDO: 2000) no Brasil, especialmente com as invenções de Nelson Rodrigues e Mário Filho neste meio ao promover uma revolução editorial nos cadernos esportivos, aproximando as classes sociais mais baixas daquele esporte até então amador e reservado a uma elite urbana. Estas transformações influenciaram diretamente mudanças estruturais no futebol, tais como a inauguração do profissionalismo esportivo promovida em conjunto com os atletas negros e mulatos que buscavam o reconhecimento no (e através do) futebol na capital do país naquele momento, Rio de Janeiro e, através da luta e do “gingado” oriundo da mestiçagem, angariou a profissionalização. E nesse movimento flexível de posicionamento do futebol como fator elementar na “brasilidade”, os meios de comunicação de massa passam por uma revolução editorial a partir dos anos 1930, quando as seções esportivas – antes tratadas como a menos relevante do corpo editorial – adquirem destaques e até mesmo periódicos autônomos, como a *Gazeta Esportiva* em São Paulo (TOLEDO: 2012) e o *Jornal dos Sports*

no Rio de Janeiro (LOPES: 1994, HOLLANDA: 2012). Com a inserção do negro em um espaço predominantemente branco e os fluxos inovadores da imprensa esportiva, o futebol ia, aos poucos, incorporando a *pelada*:

Mário Filho mudou esse estado das coisas (...) fabricando eventos, entrevistando os jogadores ou contando suas biografias (...). O diagramador do jornal acabou com as tradicionais fotos dos jogadores de gravata e paletó (...), substituindo-as por fotos de suas ações em campo (...), geralmente em *closes* ampliados. As matérias eram ilustradas, acompanhadas com textos de eventos interessantes e grandes manchetes, faziam com que o futebol, mesmo se ainda amador, também vendesse jornal (...). A linguagem da crônica esportiva também mudou com Mário Filho: em vez da apelação por demais respeitosa, corrente na imprensa, do nome dos clubes, ele começa a chamá-los simplesmente Fluminense, Flamengo e Bangu, como os torcedores nos estádios e nas ruas. Ao invés dos inúmeros termos ingleses que alimentam o esnobismo inconsciente dos jornalistas, os termos da linguagem corrente, o ponto de vista de um público mais vasto (LOPES: 1994, p. 68).

As inovações acerca desta nova modalidade esportiva acabara por modificar as formas de torcer no futebol. Uma série de eventos (como os concursos de torcida mais criativa promovido pelo diário coordenado por Mário Filho, a construção do estádio São Januário por membros da colônia portuguesa a fim de que seu clube de coração, o Vasco da Gama, pudesse reintegrar o campeonato carioca de futebol, anteriormente expulso desta competição por admitir jogadores negros em sua equipe) propiciou o advento de adeptos populares e carnavalescos encantados com o prazer futebolístico antes reservado aos sócios de clubes luxuosos da alta sociedade fluminense.

Por conseguinte, a incorporação da *pelada* brasileira no futebol inglês acaba por desencadear uma série de linhas de sentidos sobre este fenômeno. Intelectuais pensam em chaves analíticas para entender, sendo a proposta do antropólogo Luiz Henrique de Toledo sobre as “formas-representações” dos seres futebolísticos uma das principais leituras teóricas do futebol no Brasil. Trata-se de três pilares constitutivos do futebol no Brasil: torcedores, profissionais e especialistas (TOLEDO: 2000), os três campos com uma produção interna intensa, detentores de valores e representações peculiares que se assemelham às estruturas de classe propostas por Pierre Bourdieu e que se cruzam ao sabor dos fluxos nesta espécie de bacia hidrográfica futebolística, se quisermos ler esta *lógica* por um viés mais próximo da antropologia relacional. Afinal, todo jornalista é torcedor-jogador, todo jogador é torcedor-jornalista e todo torcedor é jornalista-jogador. Cada um destes agentes detém entendimentos imaginados e *fluidos* acerca do outro.

Colocado como uma perspectiva “clássica” do processo de consolidação desta prática como um esporte e uma prática popular tomada das classes sociais dominantes (principalmente descendentes de ingleses), Mário Filho encontra respaldo em alguns trabalhos acadêmicos que visam uma genealogia do futebol brasileiro justamente por conciliar uma epistemologia baseada em conceitos freyreanos com tal campo, ora expondo elementos que confirmem a tese de uma democracia social no esporte a partir da era do profissionalismo, atingindo seu ápice com o bicampeonato mundial de 1958 e 1962 e glorificando a figura do futebol ofensivo e criativo romantizado na figura de negros como Pelé e, principalmente, Garrincha (BARTHOLLO et al: 2011), ora ampliando o foco para o racismo³⁷, como na passagem em que descreve a trajetória dos primeiros atletas negros em clubes cariocas, principalmente no Vasco da Gama, “clube da colônia, [que] seguia a boa tradição portuguesa da mistura” (FILHO: 2010, p. 120) e, mais tarde com o profissionalismo, com a frase do jogador Robson, do Fluminense: “Eu já fui preto e sei o que é isso” (IDEM: p. 308)³⁸.

O antropólogo Roberto DaMatta aponta para o futebol como um “drama social” brasileiro, onde conceitos tão caros ao “ser” brasileiro, como o “jeitinho brasileiro”, a malandragem e a ginga se encontram nos braços (ou melhor, nos pés) do futebol *tipicamente* brasileiro, ou seja, o “jogo bonito”. Tal como o carnaval, onde ascendem heróis improváveis e populares que não teriam condições de competirem em outras esferas da sociedade, o futebol proporciona por meio da integração social uma experiência democrática e igualitária numa sociedade imperada de corrupções e negações de direitos através de elementos como a sorte, a fé e o imponderável. “Assim”, argumenta o autor:

se o cotidiano nos apresenta poderosos e impotentes que jamais trocam de lugar, o futebol nos apresenta um espetáculo no qual vencedores e perdedores se alternam sistematicamente. Aprende-se, pois, que a alternância na glória é a glória da alternância – base da igualdade e da justiça modernas (...). Ora, é precisamente por ter essa capacidade de juntar o formal com o informal, as leis com a realidade que, no Brasil, o futebol se transformou num campo imbatível de todo tipo de emoções. (DAMATTA: 1994, p.17).

Logo, a legitimação temporária da malandragem e do “jeitinho” em dadas acepções corporais possibilitadas pelo e através do futebol (ou ao carnaval, quando a ordem social

³⁷ Aspectos tratados pelo antropólogo Darcy Ribeiro, que vê como elemento central do racismo à brasileira o assimilacionismo, uma ferramenta que acaba por iludir o negro na luta social contra o racismo: “Aqui se registra, também, uma branquização puramente social ou cultural. É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos, a casar-se com eles e, afinal, a serem tidos como brancos. A definição brasileira de negro não pode corresponder a um artista ou a um profissional exitoso (...). A forma peculiar do racismo brasileiro decorre de uma situação em que a mestiçagem não é punida mas louvada. Com efeito, as uniões inter-raciais, aqui, nunca foram tidas como crime nem pecado.” (RIBEIRO: 2008, p. 225).

³⁸ Para uma reflexão mais aprofundada e crítica à apropriação da obra de Mário Filho, ver HELAL, GORDON JR: 1999.

inverte-se sem qualquer constrangimento, podendo o homem se travestir de mulher, o subalterno de chefe, e vice-versa) são vistas como determinantes de um modelo de jogo que corresponda aquilo que seja “o” brasileiro, entendendo-o como uma miscigenação focada no eixo Rio de Janeiro-São Paulo e na produção cultural oriunda desta região, podendo agregar, em algumas ocasiões, a região nordeste como imagem distante, porém correspondente daquilo que possa ser entendido como “brasilidade”. Outras regiões, como a zona fronteira Rio Grande do Sul, geralmente são excluídas deste processo de criação do futebol, mesmo quando cede atletas consagrados para a seleção brasileira, principalmente em posições defensivas, o que pode reforçar a imagem constituída pelos periódicos brasileiros (de São Paulo e do Rio Grande do Sul) de ser um local que pratica um estilo de jogo antagônico ao “futebol-arte”³⁹. Ademais, encontramos diversos Brasis sempre que nos confrontamos com tentativas de produção deste fenômeno social, que emergiu e se popularizou juntamente com a urbanização e, nessa esteira, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa (HOLLANDA: 2012). Segundo Darcy Ribeiro,

A urbanização, apesar de criar muitos modos citadinos de ser, contribuiu para ainda mais uniformizar os brasileiros no plano cultural, sem, contudo, borrar suas diferenças. A industrialização, enquanto gênero de vida que cria suas próprias paisagens humanas, plasmou ilhas fabris em suas regiões. As novas formas de comunicação de massa estão funcionando ativamente como difusoras e uniformizadoras de novas formas e estilos culturais (2008, p. 21).

Esses três aspectos tratavam de inventar modos de ser num contexto que continha como pano de fundo a imigração e o conseqüente aumento populacional num mundo de trabalho inédito até então na sociedade brasileira. A necessidade de criar um pertencimento sociocultural neste solo fazia parte da ordem do dia. Por conseguinte, a relação futebol-metrópoles-meios de comunicação oferece estratégias de construção criativa de tradições em locais recém-habitados e condiciona aos novos membros desta comunidade o sentimento de pertencimento. Num movimento inverso, a ascensão da metrópole possibilita a racionalização do futebol (SEVCENKO: 1994) naquilo que podemos considerar “futebol-espetáculo”.

Ao mesmo tempo em que existe um movimento de recriação (recreativa) que compõe “comunidades imaginadas” (ANDERSON: 2008) e delimitam-se fronteiras para tais, a cosmologia do futebol brasileiro inventada dinamicamente pelo seu nome principal, a

³⁹ A maioria dos atletas gaúchos que fizeram parte das convocações para a seleção brasileira de futebol atuavam em posições defensivas, como laterais, zagueiros, volantes e goleiros – apesar da presença de nomes como Paulo César Carpegiani, Renato Gaúcho e Ronaldinho Gaúcho. Para maiores informações acerca destes dados, conferir a reportagem no *link* a seguir: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/copa-2014/noticia/2014/06/curiosidades-sobre-os-gauchos-em-copas-que-tu-ainda-nao-sabias-4522741.html> Consultado em: 21/12/2015.

imprensa, trata de encaixar modelos individuais em categorias que se associem ao “futebol-arte”. Assim, desde os primeiros registros do esporte no país, observamos que o posicionamento das crônicas esportivas dos centros urbanos (São Paulo e a capital Rio de Janeiro) aponta para indivíduos como Charles Miller em São Paulo no final do século XIX⁴⁰ e Oscar Cox no Rio de Janeiro no início do século XX (FILHO: 2010) como os pioneiros do futebol no país, ambos estudantes descendentes de ingleses que vinham da Europa com uma bola e um par de chuteiras na mão, além do manual da prática lúdica.

Entrementes, a presença de versões alternativas àquilo que se entende como “mito fundador” do futebol no centro do Brasil e do futebol brasileiro (“jogo bonito”) é notória e digna de lembrança. Em sua pesquisa sobre as origens do futebol no estado de São Paulo, o historiador José Moraes dos Santos Neto aponta para uma discordância acerca do pioneirismo de Charles Miller como indivíduo que trouxe o jogo ao país. Segundo o autor, tal prática já era realizada em colégios de Rio de Janeiro e São Paulo sob vigência das regras do *football association*.

O pioneirismo de Miller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também. Com isso, teve início um segundo momento do processo de introdução do futebol em nosso país. O esporte saiu dos colégios, assumiu um caráter explicitamente competitivo e ganhou a posição de esporte preferido da elite paulistana (...). Se nos colégios estudavam os filhos da elite brasileira, nos clubes jogavam os membros das colônias de imigrantes mais “nobres” e aqueles mesmos filhos da elite brasileira (...). Não foi Charles Miller o responsável pela introdução do esporte no país e nem por sua popularização; aliás, algo assim jamais ocorre exclusivamente por iniciativas individuais (2002, p. 30).

O próprio estilo de jogo denominado como “tipicamente” brasileiro – “jogo bonito” ou “futebol arte” – por alguns “especialistas” e intelectuais que estudam o esporte passa por um processo de reconstituição dinâmico e fluído ao longo dos anos. Segundo os antropólogos Marco Antonio Santoro Salvador e Antonio Jorge Gonçalves Soares, a narrativa dos periódicos nacionais acerca do triunfo da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 é contraditória ao longo do tempo. Enquanto as folhas do período relativo à conquista destacam o avanço dos elementos científicos e da área da educação física como fundamentais ao título

⁴⁰ Há uma edição especial do jornal *Folha de São Paulo* no dia 13/04/2015 que celebra os 120 anos do “primeiro jogo de futebol no Brasil” (ANEXO I). O jornalista Rafael Valente assinala onde fora disputado o “primeiro jogo no país”, numa tentativa de remeter ao pioneirismo paulistano (também) no esporte e reforçar o “paulistanismo” característico dos meios de comunicação impressos dessa região, inaugurado na primeira metade do século XX (TOLEDO: 2012). Apesar de destacar outros argumentos, ele opta pela versão individualista (que pode se associar a outra imagem heroica paulista, o bandeirante) embasado na hipótese de que Charles Miller fora o primeiro que trouxera o futebol como *esporte* (BOURDIEU: 2011b) ao país, em 1895. Ademais, omite (ou ignora) qualquer outra versão que fuja do eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

⁴¹ – colocando em segundo plano o talento individual e o *dom* dos atletas –, os jornais de 1998 e 2002 narram o tricampeonato mundial como decorrente do “jogo bonito” colocado em prática graças a jogadores como Pelé, Tostão, Rivellino, Gérson, Carlos Alberto Torres, entre outros⁴². Assim,

As narrativas atuais esquecem os fatos ocorridos durante a vitoriosa campanha da Copa de 1970 (...) esquecem a preparação física do Planejamento México. Elas esquecem os êxitos ligados aos avanços científicos e tecnológicos no campo do esporte e rememoram aspectos que reforçam as características do que se acredita ser a essência do brasileiro. Essa figura explicita os argumentos perante as edições que a imprensa esportiva constrói em relação ao “futebol-arte” (...). As memórias reeditadas “enquadram” as memórias em relação às demandas do presente (SALVADOR et al: 2009, p. 50)

O próprio futebol no Rio Grande do Sul passou por momentos semelhantes àqueles narrados anteriormente no resto do país. Enquanto existem versões de que o futebol na província nasceu em 1900, com a fundação do clube na cidade portuária Rio Grande⁴³ (GUAZZELLI: 2000), outros apontam para uma entrada do futebol via fronteira terrestre na região platina, o que endossaria ainda mais a forte influência e diálogo entre Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina (MASCARENHAS: 2000), além daqueles que destacam o crescimento do futebol na região da serra gaúcha, este oriundo duma intensa relação entre o esporte inglês e os colonos que frequentavam a região, especialmente os alemães (que influenciaram futebolisticamente não somente a serra e o Rio Grande do Sul, como também o próprio estado de São Paulo, com clubes como o Germânia⁴⁴); tudo isso em meio a um processo de constante urbanização promovido especialmente pelo setor calçadista da região e do crescimento industrial de cidades como Porto Alegre (PRODANOV et al: 2009).

⁴¹ Os nomes da comissão técnica realizaram um amplo estudo denominado “Planejamento México” orientado para o estudo fisiológico dos efeitos da altitude, temperatura, psicológico, entre outros *actantes* que poderiam incrementar a performance dos jogadores brasileiros em condições adversas. Aprovado pelo treinador João Saldanha, o projeto fora levado adiante por nomes como Admildo Chirol, Lamartine Pereira da Costa, Carlos Alberto Parreira e Cláudio Coutinho, *profissionais* ligados à educação física, eram tão ou até mais lembrados que os jogadores e o treinador do Tri, Zagallo. Não a toa que Claudio Coutinho se tornaria treinador da seleção brasileira nas edições seguintes da Copa do Mundo, prestigiado após este trabalho no México. Tal fórmula não incorreu no sucesso em 1974 e 1978, abrindo espaço, segundo os meios de comunicação, para a retomada do *futebol-arte* com Telê Santana em 1982.

⁴² Uma discussão semelhante encontra-se em SOARES et al: 2004.

⁴³ Considerado o clube mais antigo do Brasil. A Associação Atlética Ponte Preta de Campinas (que ostenta este título) “nasceu” um mês depois do Sport Club Rio Grande.

⁴⁴ Para maiores informações sobre a influência da *Turnen* (exercícios, em alemão) alemã no futebol brasileiro, responsável por introduzir a disciplina física no esporte e criar posições de jogadores a partir de seu porte fisiológico, como o “centroavante rompedor” (forte, “trombador”, especialista em jogada aérea), ver SANTOS NETO: 2002. O próprio futebol alemão deu-se a partir da lógica de clubes especializados de ginástica, com ênfase na resistência e aprimoramento físico.

5 “SIRVAM NOSSAS FAÇANHAS DE MODELO A TODA TERRA”⁴⁵: UM ESTUDO DE CASO DO FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL

5.1 Re-constituições do gaúcho e a escolha pelo futebol

Procuramos neste subtítulo apresentar um panorama geral de outros campos referentes à ontologia gaúcha além do futebol. Logo, não nos deteremos com a devida atenção a temas como educação, música, literatura e instituições culturais em geral uma vez que nosso fito aqui é montar um pano de fundo para compreendermos com maior clareza o esporte como uma representação possível de narrativa.

Segundo nossas pesquisas nos arquivos públicos, os termos “bairrismo” e “gauchismo” aparecem pela primeira vez com maior frequência nos jornais brasileiros no início dos anos 1990⁴⁶. Neste período ocorreram alguns fenômenos atrelados a uma tentativa de “invenção de tradições” no Rio Grande do Sul. Em primeiro lugar, houve um acontecimento social de grande repercussão presente principalmente nos periódicos paulistas: a discussão acerca do separatismo sulista em 1993⁴⁷, após entrevista ao programa *Fantástico* da TV Globo do “fundador” do Movimento pela Independência do Pampa, Irton Marx⁴⁸. O jornal *O Estado de São Paulo* promovera ao longo do mês de maio uma discussão sobre este tema com seus leitores, numa seção análoga ao modelo “Carta do leitor”⁴⁹, denominada “Fórum de debates”. Nesta, o conselho editorial seleciona algumas opiniões de leitores (a maioria deles do Estado de São Paulo) sobre um respectivo tema, no caso, o separatismo.

⁴⁵ Trecho do hino rio-grandense criado em 1838 por um maestro do Império (Joaquim José Medanha) preso por rebeldes durante a Revolução Farroupilha. A letra é de autoria de Francisco Pinto da Fontoura. Uma nota importante: a partir de 1933 todas as escolas do Rio Grande do Sul passaram a ensinar aos alunos o hino rio-grandense. E, a partir de 1966, o hino farroupilha foi elevado a hino oficial do Rio Grande do Sul. Mais informações sobre a história do Hino estão disponíveis no *link* a seguir: <http://www.igt.rs.gov.br/?p=3769> A letra do Hino encontra-se disponível em: <http://www.rs.gov.br/audio/45365/hino> E a Lei nº5213/1966, que oficializa o hino farroupilha como símbolo do Estado do Rio Grande do Sul, está disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%205.213.pdf> Ambos foram consultados em: 29/11/2015.

⁴⁶ Segundo a antropóloga Renata Menasche, uma revista de alcance nacional colocou em sua edição de 2 de junho de 1993 a manchete de capa: “A onda separatista cresce”. (MENASCHE: 1993, p. 23).

⁴⁷ O início dos anos 1990 no Brasil foi marcado por aguda crise econômica e política, com a aplicação do Plano Collor e com o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo, variáveis que podem ser consideradas fundamentais na discussão do separatismo.

⁴⁸ Tal informação foi encontrada na página deste movimento. Não foi possível encontrar o registro em vídeo deste programa referido. No artigo, em tom acusatório e panfletário, encontramos passagens que procuram justificar e inocentar Irton Marx de acusações como racismo, fascismo e xenofobia realizadas por periódicos “solidários à TV Globo do Rio de Janeiro”, essa emissora que promoveu uma “guerra étnica no Sul do Brasil”. O texto integral encontra-se em: <http://www.pampalivre.info/cartilha-1.htm> Consultado em: 29/11/2015

⁴⁹ Seção deveras importante na constituição de um jornal, segundo o jornalista Alberto Dines: “O leitor não é fato isolado e singular, é *fração de universo* (...). É por isso que a seção “Cartas dos Leitores” tem tamanha importância num jornal, pois não atende apenas àqueles que se armaram de paciência e coragem para escrever ao periódico, mas a todos aqueles que não tiveram a mesma disposição mas assim pensam.” (DINES: 2009, p. 74. GRIFOS NOSSOS).

Notamos que a maioria das opiniões escolhidas por representantes do jornal paulista está relacionada a um movimento análogo àquele tratado na introdução da nossa dissertação: uma divergência vetorial para uma coordenada “essencial” como efeito de um *hibridismo cultural* presente na modernidade tardia (LATOURE: 1994; HALL: 2006). Quando falamos “essencial”, referimo-nos a uma unidade no discurso de opiniões opostas; ambas referentes aos elementos nacionalistas. Para exemplificar, selecionamos opiniões divergentes expostas naquele editorial:

Divisão do País. A permanência do Nordeste como parte do Brasil é simplesmente inaceitável, um absurdo, insuportável. A reportagem do *Estadão* (6/5) revela que as verbas repassadas para lá são total e indevidamente utilizadas. E tudo isso com o nosso dinheiro do Sul, dos Estados produtores. Que a região seja vendida aos japoneses ou a quem queira comprá-la. Quando os nordestinos vieram para cá, serão trabalhadores estrangeiros, e, quando nós formos para lá, seremos o que sempre fomos: turistas! O Rio Grande do Sul tem toda a razão em querer se tornar um país único! **Antônio Carlos Gândara Martins**, Capital (*O ESTADO DE SÃO PAULO*: 13/05/1993, p.2). (GRIFOS DO JORNAL).

Projeto de Hitler. Sobre o movimento separatista do Sul, lamento que esses pseudobrasileiros, cujos antepassados abandonaram seus países, queiram separar terras brasileiras (que não são deles) e instituir uma Alemanha aqui dentro. Digo-lhes, como brasileira, que voltem às origens. Até entendo a revolta que sentem assistindo a tantos desmandos administrativos. Mas não é desse tipo de brasileiros que precisamos. Sou paulista com muito orgulho e creio que o maior Estado da Federação não quer um projeto de Hitler como vizinho. *Tomem tenência, chê!* **Maria Serres**, Limeira. (*O ESTADO DE SÃO PAULO*: 13/05/1993, p. 2). (GRIFOS DO JORNAL).

Traidores da Pátria. Fique sabendo o Sr. Irton Marx que o Brasil é indivisível, não só porque a Constituição o determina, mas porque, após 490 anos de muitas lutas e sangue derramados, conquistamos a união e a soberania do Estado brasileiro. Não será nenhum aventureirozinho como esse que chegou ontem aqui que irá dividir esta nação. Se ele não deseja ser brasileiro que saia (...). Sugiro que a todos os indivíduos que promovam atividades consideradas antibrasileiras e de alguma traição lhes seja negado o direito à cidadania. **Benedito Carlos Meier Silveira**, Capital (*O ESTADO DE SÃO PAULO*: 15/05/1993, p. 2). (GRIFOS DO JORNAL).

O primeiro excerto dialoga com uma proposição previamente levantada pelo historiador César Guazzelli acerca do momento gaúcho. Segundo ele, este tipo de discurso pode se encaixar no imaginário rio-grandense por contemplar elementos como a “crise”, a “identidade” e a “nostalgia” que se encaixam numa interdependência. À “crise” atribui-se fenômenos externos ao Rio Grande do Sul, explicitando um antagonismo fundamental com seus interlocutores, representados principalmente na figura da confederação⁵⁰. Para condicionar este “outro”, é necessário um discurso de “identidade” gaúcha, dotada de dispositivos distintivos com relação a outros locais e para que possa, assim, diferenciar uma

⁵⁰ O elemento narrativo “crise” será exposto por Ruben Oliven como força motriz para a exaltação e surgimento de opiniões separatistas ao longo da década de 1980.

“crise” interna de uma externa. Por fim, para que tal “identidade” se consolide dentro de uma região e mobilize uma força motriz resistente às “crises” externas, é preciso promover circunstâncias “nostálgicas” que “ressurgem afirmações passadas da província contra o centro do País, como a Guerra dos Farrapos, a Revolução de 30 – os cavalarianos atando os cavalos no obelisco do Rio de Janeiro – ou a Legalidade.” (GUAZZELLI: 2000 p. 23).

Por sua vez, os dois últimos comentários possuem características que ora se aproximam de pontos como a consolidação de uma “identidade” discursiva com tons de “crise” (“Até entendo a revolta que sentem assistindo a tantos desmandos administrativos”) e compartilham uma “comunhão de destino”⁵¹ por serem “Estados produtores”, ora se distanciam ao inventarem uma representação deste “outro” gaúcho (“instituir uma Alemanha aqui dentro”⁵²) que se confunde entre o regional São Paulo (“Sou paulista com muito orgulho e creio que o maior Estado da Federação não quer um projeto de Hitler como vizinho.”) e o nacional Brasil (“o Brasil é indivisível, não só porque a Constituição o determina, mas porque, após 490 anos de muitas lutas e sangue derramados, conquistamos a união e a soberania do Estado brasileiro. Não será nenhum aventureirozinho como esse que chegou ontem aqui que irá dividir esta nação.”).

Em segundo lugar, num sentido legal, a Assembleia Legislativa daquele Estado promulgou a Lei Ordinária número 9405 em outubro de 1991, que dispõe a oficialização do “dia do gaúcho” na data de 20 de setembro⁵³, coincidindo com a celebração da Revolução Farroupilha que, segundo texto do deputado Valdir Fraga,

É nesta data que o tradicionalismo salienta com maior ênfase o civismo gauchesco, e com culto à maior expressão histórica da nossa terra, a revolução farroupilha. Embora tenham atualmente um dia próprio, reservado no calendário estadual, os gaúchos não o festejam com a mesma emoção e sentimento em que comemoram solenemente o dia 20 de setembro. Toda esta exaltação ao dia da revolução

⁵¹ “O caráter nacional é mutável. Os membros de uma nação ligam-se por uma comunhão do caráter num período definido; de modo algum a nação de nossa época está ligada a seus ancestrais de dois ou três milênios atrás. Quando falamos de um caráter nacional alemão, queremos nos referir aos traços comuns dos alemães de determinado século ou década.” (BAUER: 2008, p. 46).

⁵² Quase 15 anos depois deste comentário, um radialista de Santos afirmou que o Rio Grande do Sul estaria disposto a se tornar Argentina. Jonas Greb teria afirmado que: “**Gaúcho já tem aquela fama de gostar de troca-troca. Não é macho. Eles têm que ficar mostrando que são machos batendo nos outros. Deve ser problema psicológico. Os caras são loucos (...). Eles que se separem do Brasil. Vão virar Argentina, virar o que quiserem. Eles dizem que o Sul é o meu país. Pois vão ser outro país. Vão virar o país das bichonas. Não servem para ser brasileiros, são bandidos, não são gente.**” (*Rádio retira do ar santista agressor, ZERO HORA, 07/06/2007, p. 46. GRIFOS DO JORNAL*). O fato, omitido pelos principais jornais paulistas, teve repercussão intensa nos meios de comunicação impressos do Rio Grande do Sul.

⁵³ Medida amparada pelo político positivista Júlio de Castilhos no final do século XIX, que: “Pouco antes da Proclamação da República ele defendeu em *A Federação*, jornal de seu partido, que o 20 de setembro (data de eclosão da Revolução Farroupilha de 1835-1845) fosse adotado como Dia do Gaúcho.” (OLIVEN: 1991, p. 2).

farroupilha se dá graças à marcante luta pela liberdade, igualdade e humanidade, garantindo uma taxa de valorização para os trabalhadores assalariados, que mostrou para todo o país, a força representativa do povo gaúcho e dos trabalhadores rurais. De acordo com a tradição histórica, que preparou o público e o povo para a exaltação e comemoração deste dia histórico, os CTGs [Centro de Tradições Gaúchas] e MTG [Movimento Tradicionalista Gaúcho] costumam festejar seu próprio dia, o dia do gaúcho.⁵⁴

Outra medida legal colocada pelos deputados e vereadores refere-se à Lei Ordinária 8813, datada de janeiro de 1989, escrita pelo deputado Algir Lorenzon (que fora presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1987 e 1988), a qual “oficializa como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada “pilcha gaúcha””, entendendo este traje regional como aquele que “reproduza com elegância, a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho”⁵⁵.

Um terceiro elemento que vale destaque são as casas tradicionalistas e a institucionalização dos modos e gostos gaúchos entendidos como legítimos por uma classe dominante. As primeiras instituições culturais voltadas ao gauchismo foram fundadas entre as décadas de 1940 e 1960, como os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) e o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), e promovem atividades artísticas como dança, teatro, música, concursos, entre outras que promovam e reinventem os valores morais do gaúcho numa “retomada de consciência” através da preservação do “patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares”, além de “fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio.”⁵⁶. A fundação do 35 Centro de Tradições Gaúchas (menção ao ano que deflagrou a Revolução Farroupilha, 1835) teve em sua origem a presença de intelectuais e folcloristas como Paixão Cortês e Barbosa Lessa, que “procuraram justificar a necessidade de criação do tradicionalismo para mostrar e celebrar o Rio Grande como um lugar ímpar em relação ao restante do Brasil.” (BRUM: 2009, p. 780),

⁵⁴ <http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao/tabid/325/SiglaTipo/PL/NroProposicao/283/AnoProposicao/1991/Default.aspx> Consultado em: 29/11/2015.

⁵⁵ Texto integral disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo/Legisla%C3%A7%C3%A3oEstadual.aspx> Consultado em: 29/11/2015.

⁵⁶ Estes trechos foram retirados de alguns tópicos que selecionamos da “Carta de princípios” do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Este documento em sua versão integral encontra-se disponível em: <http://www.mtg.org.br/historico/219> Consultado em: 29/11/2015.

apoiando-se e assemelhando-se em referências como o primeiro movimento que buscou restaurar a imagem do gaúcho a partir da exaltação do regional no século XIX, o Parternon Literário (criado em 1868) e o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre (fundado em 1898). Assim como eles, a maioria dos participantes e fundadores do Movimento eram “estudantes descendentes de pequenos proprietários rurais de região onde predominava o latifúndio ou de estancieiros em processo de descenso social” (MENASCHE: 1993, p. 25) e que procuravam inventar uma imagem do rio-grandense atrelado ao pampa, ao passado e aos modos *gauchescos*, entendido aqui não como num sentido platino, ou seja, ladrões de gado e vagabundos⁵⁷, mas sim a um indivíduo bravo, resistente às adversidades promovidas pela natureza e pelos homens, leais e ordeiros (este último pressuposto claramente relacionado com a inspiração positivista dos membros pioneiros deste movimento), resultado de um projeto de mudança semântica do termo (OLIVEN: 1989). Ademais, além da tentativa de reinvenção de costumes interioranos na capital rio-grandense que se encontrava em plena urbanização, dois espectros assombravam os corações e mentes destes estudantes: a invasão cultural norte-americana no pós-segunda guerra mundial com o advento da indústria cultural e a centralização econômica e cultural promovida pelo Estado Novo do gaúcho Getúlio Vargas, focado no eixo Rio de Janeiro-São Paulo (OLIVEN: 1991).

Contando atualmente com mais de três mil Centros de Tradições Gaúchas pelo Brasil, estas casas impulsionam os valores tidos como “gauchescos”, além de estabelecer a centralidade da cultura nas suas posições. O primeiro (e único) CTG de São Paulo foi fundado entre os anos de 1996 e 1997. O CTG “União e Tradição” coloca-se de forma análoga àquela apresentada anteriormente:

Desta forma no CTG acontece o encontro de gerações, pois ali convivem netos, pais e avós, ali se ensina e se aprende, se trabalha e se diverte, ali é o local de fandangos (bailes), das churrascadas, de batizados, de aniversário, do sarau de prendas (baile de debutantes), de festas de casamento e até de velórios.⁵⁸

Atrelado a esta tentativa de agregar valores e símbolos compartilhados está a produção de uma indústria cultural tradicionalista que trata de “inventar tradições” para além do sentido dado por Eric Hobsbawm, quando este coloca como característica fundamental das “tradições” – dentre elas as inventadas – a imutabilidade oriunda da repetitividade que fixa

⁵⁷ Para uma análise semântica do termo gaúcho nos países platinos, principalmente na Argentina, ver SEBRELI: 2005.

⁵⁸ Trecho extraído da descrição do nascimento deste Centro de Tradições Gaúchas. O texto integral encontra-se em: <http://www.ctguniaoetradicao.com.br/historia.html> Consultado em: 29/11/2015.

modelos de comportamentos (HOBSBAWM et al: 2008)⁵⁹; logo, encontra-se ressonância em autores como Roy Wagner e Tim Ingold, que afirmam maior ênfase às relações entre os coletivos (sejam estas pessoas, geografia, economia, cultura, categorias horizontalizadas e que se interconectam numa rede). Assim, a cultura como um entrelaçado de costumes, modos e comportamentos é inventado a partir de relações sociais diretas entre os indivíduos humanos e não-humanos (como a linguagem, as vestimentas, os locais de confraternização, os instrumentos musicais, entre tantos outros), sem a existência de uma entidade exterior a eles. E essa força motriz viva vaza para diversos espaços da vida social (INGOLD: 2012b).

Selecionamos um episódio descrito por um jornal rio-grandense que trata da relação de constante transformação das práticas gaúchas no que concerne ao meio musical e que exemplifica a condição flexível e mutável das práticas e comportamentos regionais a partir do “choque de culturas” entre um grupo tradicional que preza pelas convenções de maneira *paranoica* e outro coletivo inovador que busca agregar valores criativos a uma convenção estabelecida de forma *histórica* (WAGNER: 2012):

Barbosa Lessa não foi apenas um dos maiores teóricos do tradicionalismo gaúcho, ao lado de Paixão Cortês – tinha também vocação para adivinho. No ensaio *Nativismo, um Fenômeno Social Gaúcho* (1985), ele escreveu que a cultura gaúcha viveria um novo ciclo de ismo a cada 30 anos (...). Pelo que se vê (e ouve) nos últimos dias, a pouco mais de um mês da sagrada data farroupilha de 20 de setembro, a profecia de Lessa está se cumprindo. Culminando uma série de escaramuças que se estendem desde o final dos anos 90, a Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha decidiu (...) impor uma série de exigências aos padrões de Centro de Tradições Gaúchas (CTG) que na prática impedem a contratação dos chamados grupos de tchê music, conjuntos musicais de grande apelo especialmente ao público jovem, que praticam uma música com letras simples e distantes das temáticas campeiras, com ritmos que partem da vanera mas incorporam levadas próximas da axé music, da lambada e até do funk. (MENDONÇA, Renato. *A tradição de discutir o que é gaúcho*. Zero Hora. 12/08/2006. p. 4).⁶⁰

⁵⁹ “A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição.” (HOBSBAWM et al: 2008, p.10).

⁶⁰ Mais adiante neste mesmo artigo, encontramos um trecho de uma entrevista ao presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho, Manoelito Savaris, quando este se refere à “crise de auto-estima dos gaúchos” como efeito do avanço de movimentos culturais alternativos, como o *tchê music*: **“Um povo sem autoestima facilmente adere aos de outros. Veja São Paulo. Onde está a identidade paulista?** Onde está o sertanejo tradicional? Primeiro mataram a sua música, depois implantaram uma cultura country. Nosso esforço é para evitar isso.” (GRIFO DO AUTOR). Por conseguinte, o principal argumento pela manutenção do tradicionalismo imutável colocado por membros tradicionalistas refere-se às inovações como uma “pasteurização” da cultura regional e a consequente perda de identidade, tal como acontece em São Paulo, consoante Savaris. E tal colocação do presidente do MTG pode dialogar com a estrofe retumbante do hino rio-grandense, a saber: “Povo que não tem virtude, acaba por ser escravo”. Ou seja, para manter uma autonomia cultural é preciso mostrar “valor, constância, nesta ímpia e injusta guerra” da indústria cultural do centro (eixo Rio-São Paulo), estabelecendo “convenções” que visam manter uma determinada ordem (WAGNER: 2012).

A polêmica refere-se ao advento da *tchê music*, que se encontra numa condição peculiar no cenário musical do Rio Grande do Sul. Aparecendo como alternativa à música nativista e incorporando ritmos atípicos desta região, o gênero musical surgiu em meados dos anos 1990, mesmo momento no qual ecoa o fenômeno separatista. O pesquisador Henrique Ramos Reichelt, que estuda a relação entre a indústria fonográfica e a ascensão da *tchê music* para além das fronteiras regionais, o público deste gênero é “um público jovem que busca diversão aliada a identidade regional” e “pertencem em sua maioria a classes populares e integram famílias que ou migraram do campo para a cidade, ou mantém algum contato com o universo rural”⁶¹. Outro ponto que vale apontar é a menção do repórter Renato Mendonça à Barbosa Lessa (um dos principais nomes do tradicionalismo gaúcho) e a posição deste no que consta às transformações dos modelos ontológicos deste “ser” gaúcho (“a cultura gaúcha viveria um ciclo de ismo a cada 30 anos”), que entra em conflito com o argumento das principais instituições tradicionalistas gaúchas, cujos representantes veem neste movimento inventivo uma profanação dos modos musicais gauchescos.

No entanto, nem todos os gêneros musicais que se apropriam de elementos nativos em suas re-invenções são duramente repudiados pelas instituições como o MTG. Dois exemplos serão suficientes para complementarmos nossa discussão acerca da música nativista (que não desenvolveremos aqui por não ser este o assunto a ser tratado no texto): a canção “Amigo Punk”⁶², da banda de *punk rock* *Graforrêia Xilarmônica*, composta em 1995; e a música “Peleia”⁶³, da banda de rock alternativo *Ultramen*, lançada em 2000. Enquanto a primeira trata o episódio dum jovem *punk* em Porto Alegre que peregrina pela cidade e em toda a narrativa há a menção a termos e locais nativos (“chinoca”, “Osvaldo Aranha”, “Parque Farroupilha”, “gaudeirada”, “bolicho”, entre outros), a segunda canção descreve valores e façanhas gauchescas ao agregar temas elementares do *rap* e a sua batida, utilizando vocábulos regionais embalados por instrumentos consagrados da música nativista (como a gaita-ponto), um gênero geralmente caracterizado pelo seu teor *periférico*. E é justamente este outro ponto de convergência em ambas as canções: encontramos elementos *globais* se relacionando com as proposições *locais* não somente com a *hibridização* de instrumentos musicais e

⁶¹ Trecho de entrevista retirado do Laboratório de Pesquisa em Cultura e Tecnologias da Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), na qual o entrevistado faz parte do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. A íntegra desta entrevista encontra-se disponível em: <http://www.labcult.uff.br/um-estudo-sobre-o-tche-music-por-henrique-reichelt/> Consultado em: 29/11/2015.

⁶² A letra da canção encontra-se disponível em: <https://www.lettras.com/graforreia-xilarmonica/65708/> Consultado em 29/11/2015.

⁶³ O texto da canção está disponível no *link* a seguir: <https://letras.mus.br/ultramen/77431/> Consultado em: 29/11/2015.

improvisação de gêneros musicais – *punk rock* e milonga, *rap* e nativismo, respectivamente – como também em algumas passagens das letras, principalmente em “Amigo Punk”, quando a estrofe “o meu destino é Woodstock, mas eu chego” é entoada, mencionando claramente um produto cultural que, apesar de representar uma ala alternativa da indústria cultural fonográfica, acaba por incorporar uma representação do centro. Sobre uma possível repressão de grupos tradicionalistas (no mesmo tom daquela destinada ao gênero *tchê music*), membros do grupo afirmam que “o pessoal do nativismo em geral curte, não se sente ofendido”⁶⁴. Quanto à “Peleia”, a apropriação no refrão de trechos de uma canção nativista celeberramente interpretada por Leopoldo Rassier, “Não podemos se entregar pros home”⁶⁵ parece não repercutir negativamente entre os grupos tradicionalistas. Ademais, tais músicas passam a ser entendidas pela juventude rio-grandense como “hinos” gauchescos.

Outro elemento para a disseminação e reprodução de uma concepção de gaúcho está disposto no sistema educacional daquela região. Tendo função fundamental na impregnação de um *habitus* entendido como “disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados” (WACQUANT: 2007, p. 66), a escola cobre um espaço determinante na consolidação de dispositivos de controle das classes e frações de classe dominantes. Segundo a antropóloga Ceres Karam Brum,

A relação descrita escola/tradicionalismo reflete os meandros e embates da construção de um imaginário catalisador no gauchismo, pela atuação dinâmica dos múltiplos atores de um movimento que interpreta o gaúcho para utilizá-lo como símbolo no presente (2009, p. 792).

Na “Carta de Princípios” do Movimento Tradicionalista Gaúcho, datada de 1961, podemos encontrar no vigésimo segundo tópico o seguinte objetivo e que dialoga diretamente com o que fora apontado anteriormente:

Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e no seio do povo, buscando conquistar para o Movimento Tradicionalista

⁶⁴ Trecho de uma entrevista cedida ao *site* do jornal *Zero Hora* numa série especial denominada “Ao pé da letra”, na qual o periódico dissecava *clássicos* do rock gaúcho, com a presença de uma interpretação da letra de canções de bandas como Engenheiros do Hawaii, Cachorro Grande, Nenhum de Nós, Ultramen, entre outras. A parte destinada à banda Graforrêia Xilarmônica encontra-se disponível em: http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/zh_aopedaleta_amigopunk/index.html Consultado em: 29/11/2015.

⁶⁵ Um dos principais compositores e intérpretes da música nativista do Rio Grande do Sul. A música composta por Francisco Scherer e Francisco Alves se tornou um dos principais símbolos da *gauchabilidade* na voz de Leopoldo Rassier. A letra desta canção encontra-se disponível em: <https://letras.mus.br/leopoldo-rassier/727704/> Consultado em: 29/11/2015.

Gaúcho a boa vontade e a participação dos representantes de todas as classes e profissões dignas.⁶⁶

Este preceito estabelece uma conexão não somente com as instituições diretamente relacionadas à educação, como escolas, creches e colégios, mas também com outras áreas como o setor editorial. Recentemente, uma editora rio-grandense lançou uma coleção de clássicos da literatura infanto-juvenil “adaptados à cultura gaúcha”. Títulos como *Prenda de Neve*, *O Gato de Bombachas* e *Os Três Ginetes* são exemplos desta invenção. Um professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao ser entrevistado por um jornal de São Paulo sobre tal tema, afirmou que “não vê o bairrismo da coleção com maus olhos. “Tem o lado bacana. Se tudo vira McDonald’s, é legal tu não ser McDonald’s”, diz, em referência a produtos culturais pasteurizados.”⁶⁷. Com efeito, encontramos na fala deste educador dispositivos que legitimam um determinado discurso acerca da imagem do rio-grandense: uma representação com intuito de promover uma distinção dos modos e jeitos gaúchos comparados com o Brasil (utilização de dialeto gauchesco, ambientação das histórias em regiões que compartilham estes costumes). Ademais, nota-se que a literatura é uma das principais representações “actantes” que se relacionam com uma comunidade. No caso rio-grandense, autores como Simões Lopes Neto⁶⁸ relacionaram em suas narrativas a condição geográfica dos pampas como pano de fundo primordial para um enredo embasado em características gauchescas, com um narrador “pilchado” tradicionalmente como Blau Nunes⁶⁹, que conta as aventuras geralmente belicosas e violentas, “inventando” elementos que compõem a coletividade gaúcha e que se encontra em constante *movimento* e relação com o espaço inserido que acaba por influenciá-lo em alguns momentos do texto. A produção literária deste autor regionalista coincide com o desenvolvimento urbano-industrial de Porto Alegre no final do século XIX e início do século XX, que se destacava ante um Rio Grande do Sul rural e colonial que era deixado para trás. Assim, Simões Lopes Neto estabelece uma

⁶⁶ Excerto retirado do texto presente no site do Movimento Tradicionalista Gaúcho. O *link* está disponível em: <http://www.mtg.org.br/historico/219> Consultado em: 29/11/2015.

⁶⁷ A matéria na íntegra está disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1689797-em-versao-gaucha-de-cinderela-cuia-de-chimarrao-vira-charrete.shtml?mobile> Um ponto de reflexão nasce ao compararmos junto desta reportagem paulista uma matéria oriunda de um portal de notícias rio-grandense. Como não é nossa intenção tratar da relação entre narrativas regionais e literatura, optamos por disponibilizar somente o *link* de tal notícia: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/09/cinderela-e-gato-de-botas-ressurgem-em-adaptacoes-gauchescas-4850039.html> Ambas foram consultadas em: 29/11/2015.

⁶⁸ Além de jornalista e escritor, foi o fundador da União Gaúcha de Pelotas no ano de 1899, instituição que seguia os padrões do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, considerada a primeira agremiação tradicionalista do Rio Grande do Sul (OLIVEN: 1991).

⁶⁹ “Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável” (NETO: 2013, p. 16).

tentativa de defesa das tradições provincianas ante a ameaça “estrangeira” oriunda da modernidade que:

é também a partir de seu “lugar social” que o autor em questão reage, associando-se a sua personagem “mítica” e, através dela, ao “polo negativamente privilegiado” da sociedade rural tradicional do Rio Grande do Sul, aderindo assim ao “mito do gaúcho” e ao regionalismo. Logo, em seu caso, essa adesão teria, a nível ideológico, um significado de auto-defesa. E o que estaria em questão não seria apenas (ou: na realidade) a perda de identidade cultural (motivo alegado) mas, também (ou: principalmente) a perda de prioridade social. Vale dizer: a “ameaça” em causa pesaria de fato sobre as bases econômicas e sobre o poder sócio-político do setor rural tradicional da classe dominante (...). Explicaria, logo, o esforço por fazer sobreviver aquilo com que se identificava e que era a seus olhos, por isso mesmo, precioso, levando-o, por exemplo, a tentar criar em outros uma consciência histórica semelhante à sua própria (...). Suspeitamos desde o início que essa nova classe ou fração de classe que nos parece depender a reação do autor face ao “gringo” estivesse ligada à urbanização e, provavelmente, à industrialização.” (ARMANDO: 1986, p. 96-7)

Apesar deste apelo e da dominação cultural que detém instituições como MTG, notamos que não necessariamente há uma relação direta entre tal entidade e a escola mesmo havendo uma relação entre elas no cotidiano dos estudantes. As atividades escolares não se distanciam das diretrizes colocadas pelo tradicionalismo gaúcho⁷⁰, no entanto seguem como um campo autônomo de dinâmicas próprias. Por conseguinte,

o campo do tradicionalismo dos CTGs é diverso do tradicionalismo das escolas. Ensinar os alunos a viverem as tradições por meio de várias expressões artísticas, de acordo com as representações preconizadas, passa pela necessidade de formação dos valores e do conhecimento da história e dos costumes do Rio Grande do Sul pelos alunos, na perspectiva de uma valorização do civismo.” (BRUM: 2009, p. 792).

Dentre estes pontos, um deles coloca a condição *híbrida* do Rio Grande do Sul no que se refere à relação local-nacional: “XXVII – Procurar o despertar da consciência para o espírito cívico de unidade e amor à Pátria.”. Este ponto da Carta de Princípios do MTG reflete um elemento narrativo intenso no gauchismo, a saber, a afirmação da “*brasilidade* do Rio Grande do Sul” (OLIVEN: 1989, p. 4). Ao contrário da opinião de alguns periódicos paulistas e seus respectivos leitores, a invenção da imagem do gaúcho “rio-grandense” é colocar não somente um ponto de distinção entre o “ser” gaúcho e o “ser” brasileiro (“Se tudo vira McDonald’s, é legal tu não ser McDonald’s”), mas principalmente entre o gaúcho “brasileiro” e o gaúcho “platino”. Em outras palavras, devido às circunstâncias dadas pelo “esquecimento” desta região por anos durante o período colonial do Brasil, por ser um local de disputa territorial entre a colônia espanhola e a portuguesa, caracterizando-se como uma “fronteira

⁷⁰ “Em 1988, uma lei estadual instituiu, na disciplina de Estudos Sociais, o ensino do folclore em todas as escolas estaduais de primeiro e segundo graus no Rio Grande do Sul.” (OLIVEN: 1991, p. 6).

quente” por pelo menos até o século XIX (LUVIZOTTO: 2009), com guerras e levantes regionais e internacionais que envolveram um intenso derramamento de sangue, com uma estratégia de ocupação territorial de imigrantes que se aproximou das “colônias de povoamento” do hemisfério norte (PRADO JR.: 2011) e a conseqüente tentativa destes “estrangeiros” se “nacionalizarem” principalmente após a segunda guerra mundial; devido a estes e outros fatores, o rio-grandense coloca-se como aquele que escolheu ficar do lado brasileiro, lutou por isso e não detém o devido reconhecimento do Brasil, mesmo com as influências sociais, políticas e culturais desta região ao país⁷¹, que culminará em levantes de diversos portes, desde a revolução farroupilha, passando pelo jogo amistoso entre seleção brasileira contra a seleção gaúcha em 1972 em Porto Alegre, até a questão separatista entre as décadas de 1980 e 1990. Todas elas permeadas por um ponto em comum: o discurso de crise fortalecido por uma identidade que se encontra baseada num sentimento de nostalgia e distanciamento histórico-geográfico, conforme mostramos aqui.

Notamos que os diversos aspectos culturais que dialogam com o tradicionalismo gaúcho em seus modos, gostos e formas corporais, sociais, culturais e relacionais acabam por fluir em constante dinamismo. Porque, consoante o folclorista e um dos fundadores do ‘35 CTG, Paixão Cortês, “estas manifestações não estão estáticas: como bem se diz, muitas delas estão inclusive em MOVIMENTO. Tem dinâmica.” (*Evoluir sem perder a raiz*, ZERO HORA: 12/08/2006, p. 5).

O próprio futebol possui posição ímpar no debate sobre a constante reinvenção e reconstituição do gaúcho ao considerarmos tal esporte como uma representação passível de uma “coisa gaúcha”, ou seja, um elemento que transite num espaço de práticas e ações orientadas a afirmarem determinados comportamentos seja por meio da exaltação, da jocosidade, da negação, entre outros pontos que são encontrados nos discursos jornalísticos. Consoante o escritor uruguaio Eduardo Galeano:

Poucas coisas ocorrem, na América Latina, que não tenham alguma relação, direta ou indireta, com o futebol. Festa compartilhada ou compartilhado naufrágio, o futebol ocupa um lugar importante na realidade latino-americana, às vezes o lugar

⁷¹ Uma das mais célebres canções nativistas, Querência Amada, do músico e compositor Teixeira, retrata bem esta questão em um de seus trechos:

“Berço de Flores da Cunha
E de Borges de Medeiros
Terra de Getúlio Vargas
Presidente brasileiro.”

A letra completa encontra-se disponível em: <https://letras.mus.br/teixeirinha-musicas/77214/> Consultado em: 29/11/2015.

mais importante, ainda que o ignorem os ideólogos que amam a humanidade e desprezam as pessoas. (GALEANO: 2010, p. 212)

A cidade de Porto Alegre almejava já no início do século XX – assim como as grandes cidades do país, como São Paulo e Rio de Janeiro – um projeto civilizador que incorporasse elementos europeístas na região; o incentivo à imigração como medida para esbranquiçar um dos Estados com maior contingente de escravos do final do século XIX a partir da chegada de um dos maiores polos da chegada de europeus no Brasil fez com que novidades culturais, sociais, arquitetônicas, tomassem conta da capital do Rio Grande do Sul. Enquanto negros e mulatos eram deslocados às periferias e regiões inabitáveis, diversas obras de planejamento fizeram questão de segregar ainda mais a diferença étnica que se instalava e convocavam a elite branca da região a deixarem seus hábitos coloniais de reclusão para participarem das vias “públicas”, como teatros, parques e centros de entretenimento, nos mesmos moldes das grandes capitais europeias, como Paris e a *belle époque*. Esportes como turfe, remo e o futebol eram reservados aos clubes de elite da cidade (de grande influência no que concerne às atividades físicas) e às páginas dos periódicos impressos, indiferentes às práticas lúdicas alternativas das classes subalternas.

A partir dos anos 1910, pulularam futebóis em Porto Alegre com a criação de ligas de futebol amadoras, sendo a mais famosa a “Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense”, popularmente conhecida como “Liga das Canelas Pretas”, nome concedido pelos meios de comunicação impressos que denotava elementos pejorativos como “canelada”, ou seja, jogar de maneira incorreta o futebol, e que reforçava a exclusão dos negros deste mundo. As equipes, formadas por negros, eram subdivididas em localidades e ocupações profissionais (MASCARENHAS: 1999). Nos terrenos em Ilhota, região que representava um grande contingente de negros na cidade e cortada por dois arroios que frequentemente alagavam, era aonde ocorriam as principais partidas daqueles que não podiam jogar nem pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (fundado em 1903) e nem pelo Sport Clube Internacional (fundado em 1909). Somente no final da década de 1920 que clubes da capital passaram a contar com atletas negros em seus esportes⁷², sendo o Grêmio o último clube de expressão da cidade a contar, em 1952. Lupicínio Rodrigues, célebre cantor e torcedor do Grêmio (apesar do

⁷² Apesar de pouco documentado, o futebol na região da Ilhota (localizada próxima ao centro da cidade de Porto Alegre, numa região que abarcava aproximadamente desde o Arroio Dilúvio até a Praça Garibaldi) foi de fundamental importância para o desenvolvimento do esporte no Rio Grande do Sul. Para uma análise mais aprofundada da localidade, ver *link* disponível em: <http://www.nonada.com.br/2015/06/ilhota-o-bairro-com-enchentes-de-contos/> Consultado em: 11/07/2016.

histórico de racismo desta instituição), foi um notável habitante da Ilhota⁷³, o que indica também a riqueza cultural produzida nesta periferia urbana da cidade. Muitos atletas negros que fizeram parte de equipes vitoriosas dos campeonatos profissionais gaúchos, dentre elas o “Rolo Compressor” do Internacional liderado por Tesourinha (que mais tarde se tornaria o primeiro atleta negro do Grêmio, na década de 1950) e por outros atletas negros e mulatos que conduziram o time ao hexacampeonato gaúcho e considerado praticante do “futebol-arte” devido à alta incidência de gols e velocidade.

Com o passar do tempo, terrenos como Ilhota e a Colônia Africana deixaram de existir com as reformas urbanísticas incorporadas em Porto Alegre, e estes polos de futebol alternativo passaram a se dissolver. Caso muito distinto daquele frequentemente reproduzido no discurso acadêmico e popular de que o futebol é a instituição símbolo do sucesso da miscigenação dócil e amorosa baseada na revisão histórica do caso do Rio de Janeiro e divulgada como nacional; ou então daquele em que o futebol incorporou a *pelada* de maneira serena a partir dos campos de várzea frequentados por imigrantes em São Paulo. Apesar de existirem pontos de cruzamento entre estas linhas, como a regularização de negros em clubes de futebol realizada somente em 1918 pela Federação Brasileira de Sports (MASCARENHAS: 1999), o futebol rio-grandense apresenta uma *malha* de sentidos peculiar às outras localidades em temporalidades semelhantes. Numa abordagem estritamente culturalista e freyreana, podemos dizer que o futebol da “Liga dos Canelas Pretas” – praticado em condições precárias, sem reconhecimento algum, pelo contrário, marginalizado pela imprensa (ao contrário de São Paulo, por exemplo) – cruzou suas linhas com o esporte praticado por equipes profissionais, com forte direcionamento ao culto do corpo como legado teutônico, juntamente com as narrativas gauchescas contadas em canções, livros, artes, guerras, numa palavra, *eventos*, tudo isso contribuiu para a consolidação de uma representação cristalizada do futebol gaúcho como aquele que pratica o “futebol-força”, esta convenção inventada pelo Grêmio nos anos 1950 com o tetracampeonato gaúcho. Quando indagado sobre o estilo de jogo gaúcho, Luís Fernando Veríssimo afirma que:

Olha, sempre se disse que existiu um estilo gaúcho de jogar futebol. Um futebol mais tosco, mais físico do que propriamente técnico, e isso remetia a uma figura, o

⁷³ O depoimento de Lupicínio justificando sua escolha pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense – compositor do hino tricolor – cruza com questões referentes à segregação racial: seu pai, jogador de futebol, tentou ingressar no Internacional, mas não fora aceito pela diretoria do clube, o que fez com que ele e outros habitantes da Ilhota que tentavam participar do chamado “Clube do Povo” passassem a torcer contra os colorados, adotando seu maior rival (o Grêmio) como equipe do coração. O depoimento de Rodrigues encontra-se no *link* disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/imprensa.Asp?Noticia=228885> Consultado em: 11/07/2016.

Foguinho... (...). Que introduziu aqui métodos de treinamento que, de certa maneira, caracterizaram o futebol gaúcho, pelo menos o gaúcho ficou com essa fama de futebol mais duro, mais truculento, inclusive. Mas o Foguinho foi na década de 1950. Foi treinador do Grêmio, treinou o Internacional, se não me engano. A pré-história de “futebol gaúcho” é com o Foguinho [Oswaldo Rolla] e com os métodos novos dele. (ENTREVISTA A LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO)

No entanto, entendemos que os discursos apresentados até então neste capítulo não podem ser analisados por uma ótica monolítica que considera as condições sociais como informações vazias de sentidos; logo, consideramos os eventos que foram e serão discutidos mais adiante como passíveis de uma miríade de perspectivas semiológicas *vivas* que movimentam as linhas de entendimento das ontologias envolvidas. Com efeito, os agentes sociais envolvidos nesta discussão, a saber, os depoimentos dos jornalistas, as narrativas dos cronistas, os desenhos dos *chargistas*, os depoimentos recolhidos nas entrevistas, as minhas interpretações. Longe de reintegrar o relativismo contemplativo às discussões, esta abordagem relacional visa apontar as contradições e complexidades das polifonias envolvidas no processo de invenção dos saberes fixados como “descobertas” quando não são mais do que conexões de discursos, narrativas, eventos, significados e interpretações (BOOTH: 2011).

5.2 “Vibra o Brasil inteiro, com o clube do povo do Rio Grande do Sul”⁷⁴: a invenção do “Inter de Falcão” e a realocação do gaúcho no futebol brasileiro

A história do Sport Club Internacional se cruza com as revoluções culturais e urbanísticas nas grandes cidades brasileiras do final do século XIX e início do XX. Em um Rio Grande do Sul que buscava mimetizar urbes europeias em cidades que recebiam um grande contingente de imigrantes vindos daquele continente em busca de novas perspectivas de vida, Porto Alegre se destacara como cidade que abraçava um projeto de modernização urbanística nos moldes de Paris (MASCARENHAS: 1999) com a ampliação de vias e alternativas sociais nos espaços públicos, medidas que acarretaram em um *boom* habitacional logo nos primeiros anos do século. Os irmãos Poppe, comerciantes niteroienses que viviam em São Paulo e chegaram à capital gaúcha em meados da década de 1900, inventaram o clube de futebol após perceberem que as agremiações da cidade limitavam suas atividades aos grupos germânicos abastados da região (o Fußball Club Porto Alegre e o Grêmio Foot-Ball

⁷⁴ Trecho do hino “Celeiro de Ases”, composto pelo carioca Nélon Silva, em 1957. A letra completa encontra-se disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=31285> Consultado em: 12/07/2016.

Porto Alegre⁷⁵). Por conseguinte, um dos preceitos do Internacional era a abertura irrestrita a brasileiros e estrangeiros a participarem da celebração da juventude⁷⁶.

Clube detentor de inúmeros títulos regionais, nacionais e internacionais, o Internacional tem como um dos marcos de sua história os anos 1940, quando conquistou o inédito hexacampeonato gaúcho de maneira consecutiva e com resultados expressivos contra o arquirrival Grêmio, firmando-se como principal força rio-grandense do período. A equipe, denominada postumamente de “Rolo Compressor”, atuava de maneira ofensiva e marcava muitos gols, a maioria deles de pés de um “canela preta”, Tesourinha, e do argentino Villalba, o que demonstra desde aquele período o forte intercâmbio de atletas da região platina e a semelhança entre o nome do clube e seus jogadores.

Os anos seguintes foram de oscilação do lado colorado da cidade, que naquele período já estava dividida entre Grêmio e Internacional. Em suas memórias, Luis Fernando Veríssimo demonstra esta relação:

Sempre gostei muito de futebol e do Internacional. Porque tinha naquela época, era 1946, uma divisão aqui no Rio Grande do Sul entre a torcida do Grêmio e do Internacional, porque o Grêmio era considerado um time de grã-fino e o Inter era o time do povão. O Grêmio não aceitava jogador negro; o Internacional no começo também não aceitava, mas eventualmente começou a aceitar. E o Internacional era um time mais simpático do que o Grêmio por essas razões. (ENTREVISTA A LUIS FERNANDO VERÍSSIMO)

Como podemos observar, a dicotomia Gre-Nal está presente em diversas narrativas constituintes de um saber do futebol gaúcho⁷⁷ – que ocasionalmente excluem as equipes do interior do Estado, recordadas como adeptas de um estilo bruto do “futebol-força” praticado em condições climáticas adversas, gramados mal conservados e torcedores tão fanáticos quanto os da capital⁷⁸. A grandeza dos dois clubes e o monopólio na competição local fez

⁷⁵ Consta nas atas da fundação do clube o nome de um paulista, Cândido Dias da Silva, que com um grupo de jovens alemães, fundou o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre no dia 19 de setembro de 1903, 16 dias depois da primeira apresentação futebolística na capital, promovida pelo Sport Club Rio Grande, da cidade homônima do interior. O Fußball Club Porto Alegre, a outra equipe da cidade, fundado exclusivamente por teuto-brasileiros, disputava a hegemonia do futebol da capital contra o Grêmio pelo Wanderpreis (Troféu Móvel, em alemão) até 1910. Maiores informações desta rivalidade estão disponíveis em: <https://medium.com/brasil/da-ilhota-a-arena-de-tesourinha-a-patricia-moreira-739caea6b382#.7o1wjcxqi> Consultado em: 12/07/2016.

⁷⁶ Como o *site* oficial do clube demonstra, esta ação buscava distinção dos consagrados clubes alemães da cidade. No entanto, em momento algum descreve a presença de negros na instituição, algo que será inaugurado somente em 1928 com a chegada de Dirceu Alves no elenco. O *link* está disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=1&secao=1> Consultado em: 12/07/2016.

⁷⁷ A dominância da dupla de Porto Alegre no Campeonato Gaúcho endossa a opinião daqueles que a inventam: das 95 edições da competição, somente 15 foram conquistadas pelas outras equipes.

⁷⁸ Alguns movimentos de torcedores de equipes do interior do Rio Grande do Sul adotam o “anti Grenal” como modo de reivindicação das formas representação entendidas como legítimas do futebol gaúcho. Faixas com estes

crescer o número de adeptos de ambos, acarretando em mudanças que dialogavam com o fervor da capital gaúcha na metade do século XX. A construção do estádio Olímpico em meados dos anos 1950 impulsionou o arquirrival a uma série de títulos gaúchos, incluindo o heptacampeonato consecutivo de 1962 a 1968, superando a marca anterior do Internacional.

A superação do “Clube do Povo” veio com a inauguração do Estádio Beira-Rio como resposta à iniciativa gremista, localizado em um terreno às margens do Rio Guaíba em um aterro cedido pela prefeitura e construído com o auxílio de torcedores colorados que colaboravam com a doação de materiais de construção. Finalizado em 1969, o Sport Club Internacional quebrara o jejum de títulos regionais superando o Grêmio em seu novo estádio e inaugurando uma linha criativa e inovadora no futebol brasileiro, atingindo o seu ápice com a chegada do paulista Rubens Francisco Minelli e o preparador físico Gilberto Tim naquele time que fora reconhecido pelos periódicos impressos do Rio Grande do Sul como o melhor do Brasil.

5.2.1 1974: Minelli chega ao Inter

Com Minelli o Inter disputou as partidas finais do campeonato Nacional de 1973 (foi desclassificado pelo Palmeiras por arbitragem facciosa) e todo o Nacional de 1974 (foi desclassificado das finais pelo Santos e Vasco). Mas a grande expectativa da torcida, era seu trabalho no Regional. Ele se saiu bem, pois o clube terminou campeão, com 18 partidas invictas.⁷⁹

O ano de 1974 representou um marco no futebol brasileiro. O crepúsculo de grandes equipes, como a Academia de Futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras (que dividira as atenções do cenário clubístico brasileiro junto com o Botafogo de Futebol e Regatas e o Santos Futebol Clube nos anos 1960, clubes de Garrincha e Pelé, respectivamente), a aposentadoria no final do ano do “rei do futebol”, a eliminação na Copa do Mundo diante da fantástica seleção holandesa e o vice-campeonato da Copa Libertadores da América do São Paulo Futebol Clube são as principais recordações daquele ano. O Sport Club Internacional não escapou desta corrente que arrastava o imaginário do futebol brasileiro a uma crise de identidade. Mesmo com uma sequência de cinco títulos gaúchos consecutivos, os meios de comunicação impressos do Rio Grande do Sul e os torcedores colorados viam com maus olhos a saída do consagrado técnico Dino Sani para a chegada do paulista Rubens Francisco Minelli, reconhecido abertamente como última opção da diretoria e detentor de somente um

dizeres são exibidas em vídeos e *blogs*, assim como bandeiras dos grandes clubes de Porto Alegre aparecem queimadas.

⁷⁹ Minelli: o homem e seus méritos. *ZERO HORA*, 02/12/1974, s/p. Às epígrafes selecionadas de trechos de periódicos, optamos por oferecer a referência na nota de rodapé.

título de grande expressão: o Troféu Roberto Gomes Pedrosa⁸⁰ pelo Palmeiras, em 1969. O novo treinador, que chegara a Porto Alegre no final de dezembro de 1973, teria que lidar com as mudanças estruturais necessárias na equipe contando com pouca tranquilidade para trabalhar e a falta de apoio dos torcedores e da imprensa.

A seleção brasileira de futebol era outra instituição que passava por reformulações. Jean Marie Faustin Godefroid Havelange, o João Havelange, presidente da CBD desde 1958 (ou seja, seu mandato contemplou as três maiores conquistas do futebol brasileiro e o alçado ao patamar de detentora do “futebol-arte”), candidatou-se à presidência da FIFA, elegendo-se neste mesmo ano e promovendo uma revolução inventiva nesta instituição no que se refere à aproximação com os grandes interesses comerciais naquilo que será denominado de “futebol espetáculo” (DAMO: 2007). “Este idoso monarca mudou a geografia do futebol e transformou-o num dos mais esplêndidos negócios multinacionais”, diz Eduardo Galeano sobre o homem que veio “vender um produto chamado futebol” (GALEANO: 2010, p. 142-3). Iniciou-se a gestão do almirante Heleno Nunes, que perdurou até 1980, célebre pelas modificações no campeonato brasileiro durante aquela década, com a inclusão de inúmeros clubes de todas as regiões do Brasil, sintetizadas no bordão: “onde a ARENA vai mal, um time no nacional. Onde a ARENA vai bem, mais um também”.

Dentro de campo, desde a retirada de Pelé pela seleção nacional em 1971, maus resultados culminaram em alterações na comissão técnica: Zagallo voltara a ser treinador, enquanto que seu antecessor, Cláudio Coutinho, posicionado como preparador físico. Classificado automaticamente para disputar a Copa do Mundo na Alemanha Ocidental pelo fato de ter sido campeã da edição anterior, a seleção da CBD galgava uma boa campanha a fim de superar as desconfianças sobre o momento do esporte nacional. Boa parte dos meios de comunicação impressos pressionavam o selecionado numa condição de tudo ou nada:

Vive-se no Brasil, em termos de torcida, um ciclo de êxtase, mais que delírio, em razão das vitórias internacionais. Elas deram força a um futebol que nem mesmo era o líder da América do Sul. Mas da Copa da Suécia para cá, o salto foi grande, permitindo um avanço técnico e tático, com extensões no campo financeiro. Antes de 58, fase de um futebol romântico e pouco rentável, não se tinha uma bandeira para motivar a platéia (...). De lá para cá, tudo se modificou. Os critérios de avaliação de valores tornaram-se diferentes e a motivada plateia passou a ver em cada cicatrizada perna de nossos atletas, uma perna de ouro, uma perna campeã mundial (...). Mergulhando em 74, a perspectiva global apresenta duas opções: a) se vencermos a Copa, b) se perdermos a Copa. A vitória, na pior das hipóteses, sustentará o status atual ou o melhorará. A derrota, seguramente, vai gerar uma

⁸⁰ Título equivalente ao Campeonato Brasileiro daquele período.

comoção duradoura, desinteresse do público e, em consequência, um prenúncio de uma bancarrota futebolística (...). Em suma: o calendário de 74 tornou-se um jogo sujeito a resultados e reações imprevisíveis, umbilicalmente ligados ao que produzirem nossos jogadores na campanha da Alemanha. A Copa é que dirá tudo sobre o futuro do futebol brasileiro, em 74. (A Copa poderá decidir o futuro do nosso futebol. *ZERO HORA*, 02/01/1974, p. 36).

O quarto lugar na Copa de 1974, após ser eliminada pela Holanda na segunda fase de grupos e derrotada pela Polônia na disputa de terceiro lugar, desencadeou o desencantamento daquele que se colocava como o “futebol-arte” em essência. Mais: viu o zênite daquele futebol praticado pela inventiva “laranja mecânica” (referência ao filme homônimo de Stanley Kubrick, onde a violência e a intensidade marcam as personagens; além de indicar a cor predominante do uniforme holandês e a precisão cirúrgica das movimentações corporais dos jogadores em campo) coordenada por Rinus Michells, Johan Cruyff, Johan Neskens, Ruud Krol, entre tantos outros atletas que trouxeram inovações tanto dentro de campo com seu “carrossel holandês” (em menção aos movimentos livremente organizados durante a partida, como um modelo domesticado onde todos atacavam e todos defendiam, característicos daquele “futebol total”), quanto fora dele, com a flexibilização da concentração dos jogadores, permitindo a presença de cônjuges nos hotéis (GALEANO: 2010).

Neste cenário, as impressões sobre Rubens Minelli e sua chegada à Porto Alegre são baseadas no momento que o futebol brasileiro vivia e o estranhamento do novo treinador. O colunista Ibsen Pinheiro, identificado com o Internacional, escreve em um texto intitulado “Depoimentos” suas impressões sobre o técnico paulista. Nota-se algumas características imbricadas no léxico do autor gaúcho que se associam àquilo que os estereótipos qualificam como “futebol-força”:

Fico sabendo que o novo treinador colorado aprecia muito num time as seguintes virtudes: organização defensiva a partir de um líbero postado à frente dos zagueiros, aplicação de todos os jogadores a um sólido esquema de jogo e espírito de luta no cumprimento desse esquema. Em tese, estou plenamente identificado com o novo técnico do Internacional. Resta ver na prática, mas já é consolador constatar que o homem tem boas ideias (...). E mais ainda quando se sabe que o hexa e o hepta, como os cinco títulos anteriores, serão decididos no interior, onde jamais ganhou o *futebol-frescura*. (Depoimentos. *ZERO HORA*, 04/01/1974, p. 22. GRIFOS NOSSOS).

Considerando estereótipo como códigos e símbolos que levam a uma generalização e simplificação das complexidades individuais que influenciam fortemente na percepção e comportamento dos autores envolvidos (MACHILLOT: 2013), observamos neste trecho elementos estéticos que supostamente se relacionam com determinada identidade, termos que harmonizam com um estilo de jogo defensivo (“organização defensiva”, “aplicação de todos

os jogadores a um sólido esquema de jogo”, “espírito de luta”) considerado adequado para a região onde “jamais ganhou o futebol-frescura”, forma representação *inventada* por este agente que se aproxima, ao que parece, àquele conjunto de disposições estéticas atreladas ao “futebol-arte”, como drible, ofensividade e individualidade, além de dialogar com uma chave masculinizada do esporte, onde a dureza e a brutalidade – elementos constitutivos do “ser” gaúcho – são mais valorizados que a ginga e a malandragem.

Uma das características que Rubens Minelli apresenta, segundo os profissionais de imprensa do Rio Grande do Sul, é a mudança para dois turnos de treinamento para os atletas da equipe colorada, algo inovador no cenário esportivo brasileiro e que fora visto com bons olhos pelos jornais impressos da região. Outro elemento central é a revolução constante do esquema tático do Internacional, buscando alternativas de posicionamento com o intuito de surpreender os adversários. Em seu primeiro mês de trabalho, o paulista evoca inúmeras mudanças no elenco, contrariando alguns cronistas mais tradicionais que fixam seus argumentos em linhas consolidadas no espaço-tempo, como o mesmo Ibsen Pinheiro.

O esquema tático do Internacional é o mesmo e invariável desde 1969, com três homens na meia-cancha, um deles mais recuado, desprezando-se, por efêmera, a ligeira variação dos dois ponteiros abertos, eventualmente tentada por Dino Sani e nunca fixada (...). Mas nada disso constitui novo esquema; no máximo, a revitalização do velho. (O Teste. *ZERO HORA*, 12/01/1974, p. 25)

Numa perspectiva ampla, a desconfiança ao “estrangeiro” (SIMMEL: 2005) é descrita através dos problemas que o time enfrentava nas primeiras partidas do ano: amplo domínio de jogo no meio-campo, baseado na posse de bola e troca de passes, porém ineficaz na finalização das chances de gols criadas, acompanhado de uma defesa um tanto quanto fragilizada que permitia ao adversário chances de perigo e, por fim (literalmente), decisões da peleja nos minutos finais através de um lance que selaria o triunfo ou revés do clube colorado.

Entrementes, a insegurança apresentada no início do trabalho de Minelli é relegada pela admiração e exaltação dos meios de comunicação impressos do Rio Grande do Sul logo após a conquista do Campeonato Gaúcho no final do mesmo ano, quando o Internacional conquista o campeonato gaúcho pela sexta vez consecutiva e de maneira invicta, com índices como melhor ataque e melhor defesa, pontos creditados à chegada revolucionária do treinador paulista, que no final do ano preocupara a todos os torcedores e representantes dos meios de comunicação no que concerne à renovação de seu contrato, fato que se consolida dias após a conquista do campeonato regional. Ademais, a campanha no campeonato nacional de 1974

(colocada como exemplar pelos periodistas) indicara grandes expectativas aos projetos colorados das temporadas seguintes. Jovens atletas como Caçapava, Paulo César Carpegiani e Paulo Roberto Falcão começavam a florescer na equipe, juntamente com o reposicionamento de jogadores experientes como Figueroa, Manga e Claudiomiro, que juntos construíam a espinha dorsal da dinastia internacionalista.

O Internacional hexacampeão gaúcho, difere do time que disputou a campanha de 1969/70, 71, 72 e 1973, numa coisa: se já era considerado um time bom, tornou-se melhor. A estrutura da equipe modificou-se pouco sob o comando de Rubens Minelli (...). A maior constatação que a equipe de 1974 apresentou progressos em relação às dos anos anteriores, foram os resultados conseguidos em seus jogos: das 18 vitórias, oito foram por escorço de 3 gols em diante. E com Manga mantendo sua invencibilidade de não levar gols, por 10 partidas. (Muitos gols. Como a torcida gosta. *ZERO HORA*, 02/12/1974, s/p)

No entanto, as linhas editoriais do mesmo jornal não se restringiram a elementos que fixam a conquista do hexacampeonato consecutivo num patamar de indiscutibilidade no mesmo jornal. O cronista Paulo Santana, reconhecidamente gremista, trata de minimizar a conquista do maior adversário de seu clube ao apontar para questões que denigrem a vitória do outro, como um suposto auxílio da arbitragem no decorrer da partida e a superioridade técnica dos tricolores gaúchos, manchando moralmente a conquista colorada:

O importante é que a chuva estragou o carnaval deles. Que mesmo sem chuva não seria lá estas coisas (...). Pois se depois deste Gre-Nal, em cuja maioria do seu transcorrer o Grêmio era a única equipe presente em campo, dando show de tática e técnica no tão falado favorito da semana, alguém tiver força para dizer que o 1 a 0 não foi uma injustiça, dou-lhe o Prêmio Nobel de Audácia (...). Mas tinham razão, no final, os que previram a vitória colorada. Nem sempre é o melhor que ganha. O favorito tem também que ter sorte. E foi a única coisa que o Internacional teve na partida mais do que o Grêmio. (Venceu o pior. *ZERO HORA*, 02/12/1974, p. 44)

Encontramos nesta relação de rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional elementos fundamentais do futebol do Rio Grande do Sul, caracterizados desde a divisão das pautas tratadas no caderno de esportes daquele período até o depoimento de “especialistas” (TOLEDO: 2000) da atualidade, onde o principal argumento reside na competição interna entre os dois clubes, duelo este que promove um fluxo criativo de novas configurações de jogo a fim de superar seu principal algoz que é, ao mesmo tempo, o maior aliado na constituição de múltiplas configurações de entendimento do que seja um “futebol gaúcho”. Assim, exerce papel fundamental a presença de um outro no fluxo de entendimentos desta malha ludopédica rio-grandense, alteridade que coloque distinções classificatórias que variam no espaço-tempo e dialogam com fatores elementares à consolidação de uma memória coletiva relacionada aos gremistas ou colorados, como vitórias, derrotas, títulos, eliminações,

numa palavra, eventos que estejam a todo momento reescrevendo ao lado de torcedores e não torcedores, atletas e profissionais do esporte e especialistas dos meios de comunicação *linhas vivas* de saberes atrelados às instituições envolvidas; clubes estes que não se encontram de maneira *morta e imóvel*, mas sujeitos ativos do espaço-tempo: o Internacional que atuava no Estádio dos Eucaliptos na década de 1940 não é o mesmo Internacional que passou a jogar no Beira-Rio a partir dos anos 1970 que, por sua vez, não é o mesmo que atua hoje no novo Beira-Rio, reinaugurado em 2014. Títulos (como a Copa do Mundo de Clubes da FIFA de 2006 contra o Futbol Club Barcelona) e frustrações (o segundo lugar no Campeonato Brasileiro de 2005⁸¹) também fazem parte desta bacia de invenções que reconstituem identidades entre clubes, regiões e nacionalidades, assim como uma miríade de variáveis que não recordadas aqui.

Logo, podemos encontrar leituras deste modelo estético que ora remetam a uma antítese do “futebol frescura”, entendido como o “futebol arte” praticado em regiões como Rio de Janeiro e São Paulo, ora como o redentor do futebol brasileiro, como nas leituras de jornais e jornalistas acerca dos anos do bicampeonato brasileiro do Sport Club Internacional, quando a equipe vermelha revolucionou as técnicas corporais de jogar futebol, proporcionando novos saberes que reconfiguraram o entendimento do esporte nacional, métodos estes associados à presença de Rubens Minelli e Gilberto Tim⁸² na coordenação

⁸¹ Edição marcada pela polêmica das partidas anuladas pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) após denúncia de manipulação de resultados que culminou com a expulsão do árbitro Edilson Pereira de Carvalho (no episódio conhecido como “Máfia do Apito”). Algumas partidas tiveram seus resultados invalidados e foram repetidas, culminando num favorecimento de pontos para o Sport Club Corinthians Paulista, que venceu partidas que outrora perdera ou empatara e, assim, sagrou-se campeão. Outro escândalo daquele campeonato foi o confronto pela 40ª rodada entre o Sport Club Corinthians Paulista e o Sport Club Internacional no dia 20/11/2005, primeiro e segundo colocados separados por três pontos, respectivamente. A partida realizada no Estádio Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) terminou em empate por 1 x 1, mas o lance da partida (quicá do campeonato) foi o pênalti não marcado pelo árbitro catarinense Márcio Rezende de Freitas do goleiro Fábio Costa no volante colorado Tinga, aos 28 minutos da segunda etapa, quando o jogo já estava com o placar final. No momento do contato, comentaristas (um deles ex-árbitro, o que lhe dá certa “autoridade etnográfica”) e narrador foram concisos na marcação do pênalti, alegando como absurda a ação de Márcio Rezende de Freitas. Mais: o árbitro acreditou que Tinga havia simulado o contato, e o puniu com o segundo cartão amarelo, expulsando-o da peleja. Um evento (SAHLINS: 2006) como este, numa competição marcada pela repetição de jogos após denúncia de manipulação e o não adiamento desta partida, marcou negativamente os *viventes* do Sport Club Corinthians Paulista, que passaram a ser classificados como “ladrões” e “favorecidos”, deslegitimando qualquer triunfo da equipe alvinegra paulista desde então. A partida completa encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZjQiKq6cEiU> Consultado em: 19/07/2016. Sobre os imbróglis daquela edição do Campeonato Brasileiro, ver *link*: <http://canelada.com.br/corinthians/o-corinthians-e-as-verdades-sobre-o-campeonato-brasileiro-de-2005/> Consultado em: 19/07/2016.

⁸² A década de 1970 abrigou uma revolução na perspectiva acerca da educação física voltada ao melhoramento da performance dos jogadores de futebol. Comissões técnicas de diversos clubes nacionais adotaram modelos inspirados nos métodos de treinamento inovadores coordenados pelo professor Carlos Alberto Parreira na seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1970, fator determinante para a conquista do campeonato naquela ocasião (SALVADOR; SOARES: 2009).

técnica e tática do time embasados em categorias “gaúchas” (treinamentos em dois períodos, treinos físicos e preferência por atletas altos e fortes) que mesclavam algumas linhas “brasileiras” (jogadores técnicos, artilheiros de campeonatos nacionais e posse de bola), constituindo uma invenção fruto da criatividade elementar de atletas e treinadores.

5.2.2 “A Máquina Vermelha”: 1975 e o “gol iluminado”

As grandes vitórias do ano sempre nasceram quando o Internacional conseguiu a síntese de amassar os adversários sem perder a serenidade, a máxima velocidade sem prejuízo do toque de bola como alternativa. Em suma, *o seu futebol total*.⁸³

Reformas no torneio nacional de 1975 levaram a invenção de uma disputa que contemplasse um maior número possível de representantes dos Estados brasileiros (em sua primeira edição, 42 equipes de 20 Estados mais o Distrito Federal participaram; em 1976, 54 clubes de 20 Estados e a Capital Federal disputaram a competição; em 1979, 92 agremiações de todos os Estados mais o Distrito Federal atuaram⁸⁴); consequência de uma política esportiva iniciada em 1971 com a fundação do Campeonato Nacional de Clubes por patrocínio do general Médici e da Loteria Esportiva, que viam na empolgação contagiante do país tricampeão da Copa do Mundo uma alternativa política rica em plena ditadura civil-militar. Assim, a “Copa Brasil” (como era chamado o campeonato brasileiro a partir de 1975) inaugurava uma época de inclusão desenfreada de partidas⁸⁵ entre os meses de agosto e dezembro, obrigando os profissionais a reinventarem treinamentos táticos e, sobretudo, físicos. Seriam estes os fatores que justificam o desempenho extraordinário do Sport Club Internacional nas campanhas coroadas com títulos nacionais e regionais? Ou será que uma sequência de ocorrências “sobrenaturais”, por exemplo, a superstição do treinador em convocar atletas que possuíam um porte físico avantajado ou eventos (palavra carregada de polissemia) como o “gol iluminado” que deu a vitória ao Internacional numa difícil final daquele ano contra o Cruzeiro Esporte Clube?

⁸³ PINHEIRO, Ibsen. Definição. *ZERO HORA*, 12/12/1975, p. 33. GRIFOS NOSSOS.

⁸⁴ A influência dos militares no esporte fez aumentar drasticamente o número de clubes. Em “1979, quando 92 equipes disputaram o Brasileirão”, Miguel Lourenço Pereira dissecou as metamorfoses que deram contornos aos campeonatos nacionais da década de 1970 no *link* disponível em: <http://www.futebolmagazine.com/1979-quando-94-equipas-disputaram-o-brasileirao> Consultado em: 19/07/2016.

⁸⁵ Ao contrário da Taça Brasil – torneio nacional que vigorou de 1959 até 1968 e que tinha um modelo de fases eliminatórias envolvendo os campeões estaduais da maioria dos Estados daquele ano – e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o “Robertão”, que teve quatro edições entre 1967 e 1970 e um modelo de pontos corridos em grupos (na primeira fase, todas as equipes dos dois grupos se enfrentavam em turno único, as quatro melhores avançavam para um quadrangular final de dois turnos, onde a agremiação que somara mais pontos sagrara-se campeã). Em ambos os formatos competiam entre 15 e 17 agremiações.

Após temporada prodígio durante todo o ano, a “máquina vermelha” chegara mais uma vez às fases finais dos principais torneios que disputou naquele ano – campeonato brasileiro e campeonato gaúcho. A alcunha inventada pelos periódicos indicava o momento que a equipe colorada se inseria, principalmente após vitória sobre o Fluminense Football Club no estádio do Maracanã⁸⁶ e que possibilitou a passagem à final contra o time azul de Belo Horizonte:

A vitória foi conseguida principalmente pela aplicação tática dos jogadores gaúchos. Mas eles receberam uma ajuda importante do técnico Rubens Minelli. Ele escalou Caçapava no lugar de Escurinho, tornando sua meia cancha mais defensiva, mas suficientemente forte para enfrentar o toque de bola dos jogadores cariocas (...). É verdade que o Inter, para ganhar ontem, teve a ajuda do adversário. No jogo decisivo, o Fluminense tocou bola como se estivesse num amistoso. Faltou garra em alguns de seus jogadores. Jogar bonito não basta. Às vezes é preciso sangue, suor e lágrimas.” (Minelli começou a ganhar antes de entrar em campo. *ZERO HORA*, 08/12/1975, p. 40)

O excerto acima nos revela a importância dada pelos meios de comunicação impressos gaúchos ao treinador, sobretudo a uma característica que, no texto, soou como “natural” de atletas treinados no Rio Grande do Sul: a “aplicação tática”. Um planejamento estruturado basicamente por Rubens Minelli e sua comissão técnica servem de amparo para outro elemento que retumba constantemente em estereótipos do futebol rio-grandense: a defesa. Por conseguinte, o “outro” (nesse caso, o carioca Fluminense) é o time do “toque de bola”, do “jogar bonito” e da “falta de garra”; características antitéticas às equipes que sacrificam “sangue, suor e lágrimas”.

A volta deste raciocínio dicotômico – tradicionalmente aceito na academia brasileira – na apresentação emerge repleto de contradições: porque (*especialistas*) recordam elementos adversos ao “futebol-frescura”, termo cunhado por Ibsen Pinheiro que descreve o futebol não-praticado por equipes do interior do Rio Grande do Sul, uma região conhecida por uma leitura como o oposto do Brasil, ou seja, uma região fria e um bioma peculiar compartilhado com os países vizinhos – o pampa, com uma filosofia de colônia de povoamento muito mais enraizada do que no restante do país (PRADO JR: 2011) e um histórico de “fronteira quente” (LUVIZOTTO: 2009)? O esquecimento, ou a omissão de informações (POLLAK: 1989), nos indica pelo menos uma alternativa de leitura. As estatísticas referentes à I Copa Brasil nos

⁸⁶ As fases finais da Copa Brasil consistiam em confrontos eliminatórios (“mata-mata”) de jogo único envolvendo as quatro melhores equipes da terceira fase de grupos, quando as duas melhores equipes dos grupos remanescentes se classificavam e os primeiros colocados tinham como vantagem jogar em casa. Logo, em 1975, os confrontos foram: Fluminense Football Club (1º do grupo A) x Sport Club Internacional (2º do grupo B); Santa Cruz Futebol Clube (1º do grupo B) x Cruzeiro Esporte Clube (2º do grupo A). A final ocorreria no Estádio Beira-Rio devido à melhor campanha da equipe colorada comparada à equipe de Belo Horizonte.

revela que o Sport Club Internacional foi a equipe que teve o melhor ataque (51 gols marcados, empatado com o Fluminense Football Club), a melhor defesa (12 gols sofridos em 30 partidas; o Fortaleza Esporte Clube sofrera 11 gols, porém participara de 14 jogos), o maior número de vitórias (19 vitórias em 30 confrontos) e o menor número de derrotas (3 derrotas em 30 duelos; o Esporte Clube Bahia perdera 2 partidas, contudo jogou somente 16 jogos)⁸⁷. Numa expressão, o Internacional era uma “máquina vermelha” e, segundo estes dados, a melhor equipe do Brasil, mesmo com os jornais impressos e seus escritores afirmando qualidades somente defensivas e disciplinares daquele time.

Era a primeira equipe gaúcha a participar de um torneio internacional de grande porte, a Copa Libertadores da América, onde o campeão e o vice-campeão brasileiro seriam os representantes nacionais nesta competição. Ademais, a final do campeonato brasileiro, realizada em jogo único, seria no estádio Beira-Rio; portanto, além de ter um representante no maior campeonato nacional, este seria decidido em território gaúcho, fator não pouco exaltado pelos periódicos, que chega a nomear Porto Alegre, capital do periférico Rio Grande do Sul, como “capital do futebol brasileiro”. Com efeito, algumas crônicas citam diversos fatores fundamentais para a consagração desta façanha no futebol gaúcho:

São vencedores, também, aqueles homens que fizeram do Internacional o clube, talvez, de maior potencial do futebol brasileiro. Os homens que silenciosamente construíram o Beira-Rio (...) homens do trabalho silencioso do tijolo que ajudaram a dar a grandeza que agora leva o Internacional à final em casa. Além dos onze que estiveram dentro do Maracanã, também é vencedor Gilberto Tim que soube enfrentar um ano terrível de quase oitenta partidas, quarenta viagens, horas e horas de espera em aeroporto, e soube trazer este time inteiro para uma semifinal terrível, numa tarde de calor aplastante e tropical, em pleno Maracanã (...). Rubens Minelli, outro vencedor. Atravessou este campeonato esquivando-se dos problemas que a maratona impôs através de lesões numa quantidade incrível. Minelli teve mais de uma solução, mas sempre com uma concepção clara a respeito dos objetivos a alcançar. Seu time sempre foi o que melhor soube se defender e atacar. E nesta síntese, Minelli se afirmou como o grande vencedor deste campeonato. (PINHEIRO, Ibsen. Os vencedores. *ZERO HORA*, 08/12/1975, p. 40).

Percebe-se por este trecho que as grandes coisas “não-humanas” (LATOUR: 1994) aparecem no futebol com o intuito de engrandecer as façanhas de determinada agremiação; ou seja, fatores naturais, arquitetônicos, numa palavra, exteriores às quatro linhas aparecem como intensificadores de uma realização aparentemente transcendental. A menção de Gilberto Tim, coordenador da comissão técnica de Minelli, nos parece oportuna, visto que segue a mesma condição dos tópicos “orgânicos”, ou seja, referências ao seu trabalho no clube e a relação

⁸⁷ Os dados referentes a este certame encontram-se disponíveis em: http://www.ogol.com.br/edition_stats.php?v=et3&o=D&id_edicao=2491&ord=a Consultado em: 19/07/2016.

com a natureza (“tarde de calor aplastante e tropical, em pleno Maracanã”), as adversidades sociais (esperas no aeroporto, calendário esportivo exaustivo) e a superação destes elementos (“soube enfrentar um ano terrível”). Este homem, que revolucionou o treinamento físico no Brasil introduzindo elementos físicos relevantes que potencializaram a performance dos atletas como o alongamento na preparação física dos jogadores, passaria a integrar a comissão técnica da CBF nas Copas de 1982 e 1986⁸⁸. Quando se refere à Minelli, o texto coloca o treinador em diálogo com aspectos naturais e sociais (“a maratona impôs lesões numa quantidade incrível”), destacando o as diversas modificações decorrentes dos desfalques através do rodízio de jogadores sem alterar seu estilo de jogo.

A novidade em sediar a final do torneio de maior visibilidade do Brasil faz os periódicos rio-grandenses concentrarem suas narrativas sobre a partida realizada em Porto Alegre e os eventos que o circundam, como a compra de ingressos, o adversário (o Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte) e as expectativas da região:

O Rio Grande do Sul já lucrou com a finalíssima, qualquer que seja o resultado da partida de domingo. Não será pelo fato de dar o campeão, mas pela circunstância de sediar a decisão que o futebol gaúcho se beneficia como um todo, considerados todos os fatores que a antecederam, que a cercam e que se seguirão. Como antecedente, avulta a campanha excepcional do Internacional, que valorizou o futebol gaúcho durante quatro meses duas vezes por semana em todo o país. Como circunstância atual, a mais importante, possivelmente das consequências que resultara dos 2 x 0 do Maracanã: *o deslocamento do centro do futebol brasileiro para o Rio Grande do Sul* (...). Por tudo isso, a finalíssima de domingo já tem um claro vencedor e esse é o futebol gaúcho como um todo. Só falta o Internacional ganhar a sua parte para a vitória ser completa. (PINHEIRO, Ibsen. Resultados. *ZERO HORA*, 10/12/1975, p. 35. GRIFO NOSSO)

Observa-se a importância dada pelo cronista Ibsen Pinheiro sobre presença da equipe colorada na final do campeonato nacional, ainda mais salientada ao recordar que a partida derradeira será no estádio Beira-Rio, representação simbólica do deslocamento de poder futebolístico (uma das instituições mais relevantes do país) do centro para a periferia. Mais: desconsidera os posicionamentos gremistas acerca desta atividade ao colocar esse evento como um representante ecumênico do Rio Grande do Sul.

A hipótese da relação centro-periferia⁸⁹ é um dos fitos daqueles que escrevem no jornal impresso ao improvisarem narrativas que tornem firmes tais afirmações, como a ênfase

⁸⁸ Conforme mencionado no *site* “Portal oficial do Governo do Rio Grande do Sul para a Copa do Mundo da FIFA 2014”, quando este homenageara personalidades esportivas gaúchas (Gilberto Tim era porto alegreense). Disponível em: <http://www.copa2014.rs.gov.br/conteudo/846/gilberto-tim> Acesso em: 06/06/2016.

⁸⁹ Arlei Damo (2007) escreverá sobre esta tensa relação clubística interregional.

ao adversário da decisão: uma equipe mineira, ou seja, coirmã no que se refere às localidades futebolísticas num país focalizado no eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Em outro artigo:

Para nós o comum era espiar de longe as decisões entre outros. Hoje, não. Hoje é um time daqui, um estádio daqui. Para o que inusitado ainda fique mais inusitado não há um clube do Rio de Janeiro, não existe parceria de São Paulo. Vamos decidir com Minas (...). Talvez, por tudo isto, Minas resolveu que era a terceira força e nós, aqui no sul, podem observar, nem mesmo discutimos, fomos ficando conformados com essa ideia. Esse ano veio a reviravolta. Nem quartos, nem terceiros, nem segundos. Líderes – os gaúchos – de todo um certame, com a melhor contagem de pontos, o artilheiro, o guardião, a defesa menos vencida e com as rendas perdendo apenas para o Maracanã, chegou, tudo indica, a hora da afirmação. E, ontem, em roda ilustre, se fazia a piada. – Afinal, quem está acostumado a presidir sempre esse Brasil tem que se acostumar, também, em ser campeão brasileiro. O cenário está armado. E quem já viveu – um sem momento de vezes a decisão de outros, em outros lugares, acompanha com curiosidade a repetição das situações, aqui (...). Não lembro, mesmo quando sediamos o jogo gaúchos contra seleção brasileira, que tantos e tantos locutores, comentaristas, repórteres, emissoras e jornais tenham estado por aqui. A verdade é que estão. A verdade é que estamos sediando uma decisão. E que estamos sediando como favoritos. (RIBEIRO, Mendes. Uma rivalidade antiga com novo enfoque. Antes queríamos ser terceiros. Agora, campeões. *ZERO HORA*, 13/12/1975, p. 51)

Minas Gerais, coirmã (“antes queríamos ser terceiros. Agora, campeões”) e ao mesmo tempo rival do Rio Grande do Sul ao se proclamar a “terceira força” do Brasil, profanam a centralidade do futebol concentrado no eixo Rio-São Paulo ao promoverem uma final do campeonato brasileiro no extremo sul do país. A importância do Internacional ganha contornos representativos gigantescos ao deixar de representar uma mera região e passar a ser o próprio Rio Grande do Sul como estádio que sediará o último jogo da temporada 1975; numa palavra, chegara a chance de desforra àqueles que detém o poder central do futebol, acostumados às decisões. Essa mistura de sentimentos se fortalece com as relações que o autor faz a outras esferas, como a política, onde diversos presidentes – e ditadores – são gaúchos (Geisel, Médici, Costa e Silva, Goulart, Vargas, Hermes da Fonseca); portanto, Mendes Ribeiro acaba por fortalecer seu argumento de que o Brasil precisa reconhecer a superioridade do Rio Grande do Sul no futebol, questionada já em 1972, na partida lembrada entre Seleção Gaúcha e Seleção realizada no mesmo Beira-Rio, onde torcedores gaúchos queimavam bandeiras brasileiras e vaiavam atletas da seleção tricampeã mundial⁹⁰. Finalmente, parte constituinte do processo de reconhecimento regional vem com os torcedores que propiciaram capacidade máxima ao estádio na maioria dos jogos, “com as rendas perdendo apenas para o Maracanã”. O time com o povo (torcedores, jornalistas e profissionais esportivos).

⁹⁰ Para maiores informações deste evento, ver GUAZZELLI: 2000.

O reconhecimento a uma equipe que apresentava ao final da competição “o artilheiro, o guardião, a defesa menos vencida”, numa palavra, o *futebol total colorado*, veio de gente que antes concentrara suas impressões futebolísticas na disciplina, na defesa e na rigidez tipicamente apresentada por agremiações daquela região contrária ao “futebol-frescura”:

As grandes vitórias do ano sempre nasceram quando o Internacional conseguiu a síntese de amassar os adversários sem perder a serenidade, a máxima velocidade sem prejuízo do toque de bola como alternativa. Em suma, *o seu futebol total*. (PINHEIRO, Ibsen. Definição. *ZERO HORA*, 12/12/1975, p. 33. GRIFO NOSSO).

A definição de *futebol total* remete diretamente ao estilo de jogo praticado pela seleção holandesa da Copa do Mundo de 1974, conforme esclarecemos em tópicos anteriores. Mas *o seu futebol total*, conforme apontado por Ibsen Pinheiro, é tutelado pelas variações técnicas e táticas oferecidas por Rubens Minelli em uma *improvisação* da “laranja mecânica”, chocando duas categorias consideradas por alguns intelectuais e jornalistas como categorias antitéticas e monolíticas, por exemplo, *futebol-arte* e *futebol-força* (HELAL: 2011, DAMO: 2001, FILHO: 2010), e estabelecendo uma lógica criativa capaz de ora ser descrita como “sangue, suor e lágrimas” quando convém ao respectivo autor, ora como “máxima velocidade sem prejuízo do toque de bola”. O destaque dado ao elenco do Internacional remete a termos que delineiam uma equipe com grandes talentos técnicos que, juntos, superavam as individualidades em detrimento da coletividade; característica contrária à maioria das descrições relacionadas à Holanda, onde o nome de Johan Cruyff aparecia como peça motriz daquele carrossel. E esta divergência de leituras dominantes que possibilita a ideia de que um clube gaúcho demonstrara ao Brasil uma alternativa a um tempo em que o futebol nacional aparecia esteticamente irreconhecível, com o abandono de um estilo de jogo que o consagrou, como foi o *futebol-arte*. Assim, textos e imagens dos jornais gaúchos (como o Anexo I) caracterizam o Sport Club Internacional como o “salvador do futebol brasileiro”. É a vitória do futebol que incorporou a *laranja*, parafraseando um antropólogo (LOPES: 1994).

Essa ambiguidade polissêmica aparece de forma imanente (DELEUZE: 2010) nas descrições do Sport Club Internacional representa uma malha de fluxos de saberes constituídos e reconstituídos a todo o momento, utilizando classificações ao sabor do evento (SAHLINS: 2006). No ápice daquela equipe condicionada às inovações físicas e táticas desenvolvidas por Rubens Minelli e Gilberto Tim existiu um momento permeado de imponderabilidade que, com o passar dos anos, se consolidou como uma entidade mística no

universo colorado: o “gol iluminado” do zagueiro e líder daquela equipe Figueroa sobre o Cruzeiro Esporte Clube.

Na festa de reinauguração do novo estádio Beira-Rio⁹¹, no dia 05/04/2014, o encontro contou, na polifonia de sentidos que este termo carrega (MARTÍN-BARBERO: 2014), uma história do Sport Club Internacional, desde seus anos de fundação até os tempos hodiernos, com intervenções de artistas e músicos gaúchos dos anos 1960, 1970, 1980 e 1990 (o que indica a intensa confluência registrada na parte anterior), além de atores que simularam algumas partidas e um amplo esquema audiovisual composto por narrador do estádio, orquestra e efeitos sonoros e visuais. O *show* ainda teve a presença de alguns atletas e de depoimentos gravados por outros personagens que participaram das conquistas do clube colorado. No momento reservado à descrição do primeiro título nacional do clube, uma série de imagens tradicionalmente relacionadas ao imponderável (galáxias e figuras mitológicas como anjos), juntamente com uma imponente descrição que anunciara a chegada do ano de 1975, alguns jogadores (e o treinador Rubens Minelli) que participaram daquela final cederam depoimentos sobre a partida, mais precisamente sobre o lance do gol:

(Valdomiro) E quando saiu a falta, a gente já... o Figueroa já olhou pra mim e já sabia que ia botar a bola ali.

(Minelli) Mas naquela hora, ele ficou... era iluminado mesmo [ênfase no último termo]. Porque ele falou pro Hermínio assim...

(Figueroa) ‘Hermínio, vou fazer o gol!’

(Falcão) E se reparar no gol, o Figueroa não tá ali.

(Figueroa) Eu fiz assim [gesto da mão alisando o cabelo, em sinal de uma jogada ensaiada], e peguei a diagonal.

(Valdomiro) E apareceu aquele raio de luz que até hoje ninguém sabe de onde ele surgiu.

(Falcão) Aquela luz poderia ter aparecido em qualquer lugar, em qualquer situação. Não, não. Ela apareceu no gol.

(Figueroa) Realmente inacreditável.

(Falcão) É estranho porque o dia não... era, era... nublado (...). Teve alguma coisa assim mágica nessa história. (REINAUGURAÇÃO DO BEIRA-RIO...)

A narrativa intercalada envolvendo o depoimento de três jogadores envolvidos naquela situação (o cobrador da falta – Valdomiro –, o autor do gol – Figueroa –, e o maior símbolo da equipe daquele período – Falcão) é acompanhada de uma série de palavras recitadas por uma voz de fundo que evocara entidades sobrenaturais para descrever o evento, tudo isso acompanhado de imagens no telão de anjos, constelações e galáxias ao som que remetia à apreensão tocado por uma orquestra presente no espetáculo. A câmera, juntamente com recursos visuais de luzes, mimetiza o raio de sol que iluminara o gol do estádio onde ocorreu

⁹¹ O vídeo da reinauguração desta praça de esportes encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bsI5zKVYsHM> Consultado em: 19/07/2016.

o tento. Para lá se dirige Figueroa, vestido com traje social e carregando uma bola, uma réplica daquela que cabeceara há 39 anos, ao mesmo tempo em que o telão provisório no centro do gramado transmite o lance televisionado e narrado do tento, que se mescla a uma trilha sonora de fundo que denota a realização e sensação de dever cumprido. E lá está Figueroa, que se mistura com o zagueiro Figueroa de quase quatro décadas atrás, com os olhares das lentes digitais voltados para ele. Visivelmente emocionado, reproduz o movimento corporal que o consagrou como herói daquele evento, amparado rapidamente por companheiros daquele time que o abraçam e celebram.

A descrição realizada por atores deste ato no passado nos aponta para uma alternativa de leitura para elementos tidos como justificáveis numa perspectiva científica (a melhor equipe do campeonato, melhor ataque, melhor defesa, maior número de pontos, treinamentos duplos, entre outros fatores apresentados anteriormente) e postos em questionamento a partir de uma visão imponderável (vê-se no ANEXO II que o periódico não trabalhara com esta hipótese inicialmente, mas releituras inventivas de outros agentes desta mesma instituição estabelecem narrativas mágicas, como notamos na *charge* do ANEXO III). Jogadores associam o tento não como algo exaustivamente ensaiado em treinamentos, mas como pertencentes a um mundo mágico, a um reencantamento secular. Ex-atletas, torcedores, todos os presentes naquele estádio revitalizado revivem essa epifania contagiante que possibilita ao profissional desencadear o *milagre* ao se “perder numa intensidade focada” (GUMBRECHT: 2007).

O discurso dos atores presentes é uma tentativa de trazer à baila a reunião das sensações com a informação, do ser com o saber. Segundo Tim Ingold, “o mundo cessou de oferecer conselhos ou avisos e tornou-se um repositório de dados que, por si só, não prestam nenhuma orientação do que deveria ser feito com eles.” (2012a: p. 25). Em uma tentativa de encaixar as coisas em categorias, purificando-as e traduzindo-as (LATOUR: 1994), as informações dum mundo desencantado tendem a racionalizar suas ações, ignorando a vazão de explicações do mundo das sensações e colocando-as como “não-verdades”.

As falas acerca do “gol iluminado” indicam esta contradição: num estádio ocorre a última partida da competição. Dia nublado, jogo acirrado, um adversário forte e que obrigara o goleiro a operar *milagres*. De repente, numa infração no ataque, sai o gol: uma jogada ensaiada (“Eu fiz assim (...) e peguei a diagonal”) ou uma *ação* sobrenatural (“E apareceu aquele raio de luz que até hoje ninguém sabe de onde ele surgiu”) ou *os dois*? O Internacional

daquele período era *futebol-arte* ou *futebol-força* ou *futebol holandiano*⁹²? Cada elemento, cada coisa deixa um rastro, uma trilha que será cruzada com outro elemento, outra coisa, que, por sua vez, deixará outro rastro, e assim por diante. É nesse emaranhado de fios que se compõem uma *malha*, num sentido em que convergem entre a inserção de palavras no texto e o modo como as atividades humanas e não-humanas são registradas no espaço vivido (INGOLD: 2012b).

5.2.3 A apoteose do “estilo holandiano” e o treinador como inventor

[Depoimento de Barbatana, treinador do Clube Atlético Mineiro] – O Internacional não é como o Grêmio que, domingo, jogou na defensiva. O time de Rubens Minelli é ofensivo e jogando em Porto Alegre, deve atacar sempre, impulsionado por sua torcida.⁹³

As finais da II Copa Brasil reservaram eventos de análise exuberantes. De um lado, o Sport Club Internacional, dono da melhor campanha nas fases anteriores da competição, eliminava o Clube Atlético Mineiro em Porto Alegre pelo placar de 2 a 1, com um gol anotado por Falcão nos últimos instantes da partida, relatada pelos jornais do Rio Grande do Sul e São Paulo como “tensa” e “emocionante”, onde o Internacional apresentara suas “virtudes guerreiras” e “garra” para superar seu adversário. Assim como o Sport Club Corinthians Paulista, que venceu o favorito Fluminense Football Club na disputa de pênaltis em pleno Maracanã, após um empate por 1 a 1 nos noventa minutos regulamentares e que persistiu na prorrogação. Jogo marcado pelo “esforço e a garra na luta pela bola” e pela adversidade natural da forte chuva durante a partida, que acarretou num campo “sem condições de jogo, mas mesmo assim a partida foi reiniciada” (Nos pênaltis, o Corinthians vence. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 06/12/1976, p. 17). Mas um acontecimento extracampo direcionou os enfoques discursivos dos periódicos nesta semifinal. A peleja fora descrita massivamente pelo fluxo de torcedores corintianos paulistas que viajaram de São Paulo até o Rio de Janeiro para apoiarem sua equipe no estádio do Maracanã, jogarem com os atletas e celebrarem, juntos, a passagem à final do torneio superando a *Máquina Tricolor*. Era a *Invasão Corintiana*, nome dado às dezenas de milhares de alvinegros que ocuparam a cidade carioca e o Maracanã numa das maiores locomoções humanas do Brasil. Descrições da chegada de torcedores paulistas corintianos à cidade do Rio de Janeiro fazem parte de um dos temas centrais tratados no periódico, com imagens e textos direcionados. Informações sobre a chegada dos adeptos do clube alvinegro na cidade, os confrontos contra cariocas (envolvendo

⁹² Termo cunhado pelo atacante Claudiomiro para definir o Sport Club Internacional entre 1974 e 1976.

⁹³ Atlético Pensa em decidir nos pênaltis. *ZERO HORA*, 03/12/1976, p. 32.

inclusive “lutas de areia” nas praias) e as informações sobre o tráfego de veículos pela via Dutra foram amplamente discutidos, ocupando espaço maior do que ocorreu dentro das quatro linhas.

Do lado dos meios de comunicação impressos paulistas, o Internacional é tratado como a equipe brasileira do momento, “cansou de ser o melhor em tudo no futebol do Rio Grande do Sul e decidiu se transformar na maior potência do futebol brasileiro, aproveitando-se da brecha deixada pelo fim da geração de Pelé e do Santos F.C.” (Internacional vence Atlético no Beira-Rio. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 06/12/1976, p. 15). Time detentor dos melhores índices defensivos e ofensivos, “sofreu apenas três derrotas”, “nenhum time conseguiu fazer mais de 2 gols em sua defesa” e “seu ataque só não marcou contra o Coritiba” durante o campeonato nacional de 1976. No entanto, o mesmo jornal destaca a queda do rendimento, enfatizando a partida das semifinais contra o Atlético-MG, quando se classificou graças a um gol nos instantes finais da partida.

O argumento da queda de rendimento na reta final da competição também aparece nas páginas de Porto Alegre com maior ou menor relevância, a depender dos interesses do jornalista. Por exemplo, o colunista (e gremista) Paulo Sant’ana:

Quase me matei secando (...). Viu-se que o Internacional é meio-time quando não pode usar o chuveirinho (...). E o Atlético estava sufocando o Internacional. Eu juro que o Internacional *tem parte com o Diabo*. Não pode! Ganhar aos 91 [minutos]! Não permitir que o jogo fosse para uma prorrogação em que aquele que ia se dar pior com o cansaço era o Internacional, que já estava batendo biela. *Só o sobrenatural explica*. Avisem-me qual é este terreiro. (Que terreiro! *ZERO HORA*, 06/12/1976, p. 36. GRIFO NOSSO).

Ao mencionar a jogada denominada no futebol de “chuveirinho”, ou seja, alçar a bola na área com o mínimo de ensaio prévio (uma jogada, *grosso modo*, muito mais irracional do que treinada), Paulo Sant’ana lê a equipe colorada superestimada com relação aquilo que todos comentam e exaltam a mesma, rebaixando-a a fatores pouco ou nada legítimos, como a sorte e o “sobrenatural”. O gol que saiu nos últimos momentos do tempo regulamentar associado à pressão do adversário e ao cansaço físico dos atletas do time gaúcho, coisas “reais”, endossam os termos “irreais” apropriados pelo autor (como se o terreiro de umbanda fosse algo associado ao diabo, ao mau e ao pouco legítimo). Assim como a narrativa sobre o “gol iluminado”, elementos do ser e do saber se aproximam nas palavras, as quais se harmonizam com os sentidos, passíveis de uma miríade de significados.

Por outro lado, o periódico gaúcho concentra sua cobertura naquela que eles consideram a principal arma corintiana: seus torcedores. Então, constrói sua base informativa sobre o adversário colorado por meio de *charges* e reportagens com populares (ao invés de relatos de profissionais e atletas). De maneira geral, o jornal refere-se ao Sport Club Corinthians Paulista mais como uma torcida do que como um conjunto de atletas, diferenciando-se das análises que faz de outros rivais do Internacional. Por si só, o time paulista é considerado “um Internacional sem técnica”, ou seja, “um time forte, um time lutador e é um time que procura usar a velocidade” (PINHEIRO, Ibsen. Campo e adjacências. *ZERO HORA*, 11/12/1976, p. 25). As referências a jornais de São Paulo enaltecem essa fixação nos adeptos alvinegros paulistanos, que pararam e pararão a capital paulista em caso de título do “Clube do Povo” de lá. Com efeito, notícias sobre a chegada de torcedores até Porto Alegre é motivo de maior cobertura do que do próprio elenco rival, fato “bom para pensar” na simbiose proporcionada entre uma massa de adeptos e atletas que se estabelece como a maior força dentro de campo, mesmo sabendo que, racionalmente, não são os corpos destes milhões que empurrarão a bola para o fundo da rede.

Não à toa o maior assunto que antecede à partida final foi a negociação dos jogos e a venda de ingressos para os visitantes paulistas, coisa que os gaúchos se negaram a ceder tão facilmente, tendo em vista o apoio *imane*nte dos alvinegros à sua equipe e os efeitos desta no Maracanã contra o Fluminense. Por conseguinte, os discursos deste periódico concentram-se no imbróglgio promovido entre as diretorias de ambos os clubes no que diz respeito à distribuição de ingressos e ao local da partida. Enquanto o Corinthians exigia mudança no regulamento com a realização de até três partidas (uma no Rio Grande do Sul, outra em São Paulo e, caso houvesse a necessidade de um jogo de desempate, em território neutro, preferencialmente o Rio de Janeiro) e a maior distribuição das cotas de ingressos no estádio Beira-Rio, o Internacional defendia seu direito de disputar uma única partida em seu estádio, visto que fora a melhor equipe da primeira fase do campeonato e, sendo assim, tinha este privilégio angariado. Com a distância entre Porto Alegre e São Paulo como um dos trunfos vermelho e branco, o principal jogador corintiano tornava-se limitado.

No que se refere às informações do Internacional, os jornais gaúchos exaltam mais uma vez o trabalho do treinador Rubens Minelli, que fora assediado por alguns clubes do Brasil, principalmente o São Paulo, onde a sua ida está praticamente acertada segundo

diretores do clube tricolor paulista (e que realmente seria efetivada, assim como a ida de seu auxiliar técnico e preparador físico, Gilberto Tim). Sobre essa polêmica, o paulista desabafou:

– Se eu for embora, talvez o Internacional consiga um técnico de verdade. *Segundo a imprensa daqui eu não passo de um inventor*. Para a maioria das pessoas, técnico é o sujeito que senta na mesa de bar com os amigos e mostra planos e táticas com tampinhas de cerveja. Aquele que trabalha sério, com os jogadores dentro de campo, não passa de um *inventor* (...). Na verdade, jamais um técnico de futebol teve tanto prestígio. Se a conquista do título nacional do ano passado deixou alguma dúvida no centro do país, a campanha do Inter este ano está provando a sua superioridade sobre outras equipes. Mas talvez por estarem distantes do Inter, ou por mero bairrismo, os cronistas e “entendidos de futebol” do centro do país relutam em reconhecer na equipe treinada por Minelli um time de astros. *Explicam o sucesso do Inter no futebol-força, futebol-conjunto, enfim, no técnico Minelli*. Ele acha que a imprensa gaúcha nunca o apoiou o suficiente (...). – O que acontece – diz Minelli – é que só agora eu tenho uma equipe pronta, com dez ou quinze jogadas ensaiadas. Conheço bem todos os jogadores e sei das diferentes funções que cada um pode exercer. Tudo o que o Inter tem e fez este ano, foi preparado e estudado em anos anteriores. Tanto é que nem faremos treinos coletivos esta semana. (MINELLI – Se eu for embora, talvez o Inter consiga um técnico de verdade. *ZERO HORA*, 08/12/1976, p. 37. GRIFO NOSSO).

Durante toda a reportagem, as palavras de Minelli sinalizam para o desgaste com o ambiente rio-grandense, como quando o mesmo criticara a imprensa gaúcha ao acusá-lo de *inventor*, definição claramente inferiorizante na concepção minelliana e associada à palavra *técnico*. Outro ponto de pressão sobre o *treinador* emerge quando a imprensa gaúcha evoca o tratamento que os meios de comunicação do “centro do país” (entende-se como o eixo Rio de Janeiro/São Paulo) dão à periferia do futebol (presume-se Rio Grande do Sul) ao relacionarem a equipe colorada a termos como “futebol-força” e “futebol-conjunto”. Com efeito, percebe-se Rubens Minelli mais como *treinador* do que *técnico*. Termos até então homólogos possibilitam sentidos opostos, uma vez que o primeiro pode ser visto como um *inventor* não no sentido negativo dado pelo paulista, mas numa chave wagneriana, como um instrumentista do *jazz* que improvisa *criativamente* e *vivamente* táticas corporais inovadoras (WAGNER: 2012), em outras palavras, é aquele que “trabalha sério, com os jogadores dentro de campo”, que conhece todos os jogadores, que “foi preparado e estudado em anos anteriores”. O *técnico*, por sua vez, “é o sujeito que senta na mesa do bar com os amigos e mostra planos e táticas com tampinhas de cerveja”, o agente que não sabe das “diferentes funções que cada atleta pode exercer”.

Entrementes, os paulistas não pensam bem assim, pelo menos no que concerne ao trecho a seguir de um jornal impresso quatro dias depois (véspera da partida em Porto Alegre) desta declaração de Minelli:

Definir o conceito de melhor time é questão subjetiva. Melhor é o que é mais aplaudido? Agrada mais? O que mais vence? O que tem melhores jogadores? O bom jogador, ou o melhor, qual é? Objetivamente, só pode ser aquele que, dentro de um time, se encaixa melhor ao esquema do técnico. Nesse caso, o time do Internacional (...) nada mais é do que o time mais ordenado em campo, mais entrosado e o que mais vence. Porque craques, a rigor, tem apenas dois: Figueroa e Falcão (...). Bom técnico é aquele que, usando apenas os jogadores disponíveis, junta-os numa sólida escritura. A estrutura passa a ser consequência dos jogadores existentes, é descoberta durante a sua montagem. Muito diferente de ter-se um esquema na cabeça e pedir a contratação dos recheios. Neste caso, o técnico muda de time, mas não muda de esquema. Zagalo, José Poy, e outros, são exemplos de treinadores, não de técnicos. Rubens Minelli, suficientemente criativo, sempre foi um técnico capaz de compor uma estrutura com os jogadores disponíveis. (O melhor time do Brasil? Octacampeão gaúcho, campeão brasileiro de 75. E só tem 2 craques. FOLHA DE SÃO PAULO, 12/12/1976, p. 65. GRIFO NOSSO).

É evidente que, nas duas passagens, há uma polifonia que não implica necessariamente em uma polissemia. Em outras palavras, são dois idiomas distintos dentro do universo dos *especialistas* que apontam para um tipo ideal de gerenciamento de atletas no que concerne ao posicionamento e suas ações no gramado. Assim como a acusação dos periódicos gaúchos às informações vindas do centro procedem ao observarmos o título da reportagem (“O melhor time do Brasil? Octacampeão gaúcho, campeão brasileiro de 75. E só tem 2 craques”) – clara referência ao “sucesso” do “futebol-conjunto”, o que indica que se fosse um time brasileiro “de verdade” –, o Internacional seria um “celeiro de ases”, como foi o Santos Futebol Clube dos anos 1960, como foi a Sociedade Esportiva Palmeiras dos anos 1960 e 1970, como foi a seleção brasileira de 1970 “treinada” por Zagallo.

Enquanto os jornais gaúchos celebravam em sua maior parte o bicampeonato brasileiro consecutivo e a consolidação do Internacional como time do momento, periódicos paulistas destacaram o favoritismo confirmado da equipe colorada e o empenho do Corinthians e, sobretudo, de seus torcedores, que recepcionaram os atletas alvinegros no aeroporto como se eles fossem os reais campeões.

Com todo o respeito ao Santos de Pelé, ninguém chegou tão longe quanto o Internacional em termos de futebol brasileiro: dez títulos importantes em oito temporadas. O Internacional construiu, nestes dez anos de competição nacional, um império nunca visto. O bi, ontem conquistado, era inevitável, porque o Internacional se preparou para ele como ninguém (...). Foi sob Rubens Minelli que esse time sempre guerreiro e lutador encontrou a mais alta consciência de si mesmo. Passou a falar uma linguagem que nenhum time conhece do lado de cá do Atlântico. *Futebol total*, é a única definição. (PINHEIRO, Ibsen. Glória total. ZERO HORA, 13/12/1976, p. 34).

A comparação entre Internacional e Santos dos anos 1960 indica o intuito do autor: a melhor equipe brasileira de todos os tempos é periférica, e não do eixo Rio de Janeiro/São Paulo. A menção a Rubens Minelli aponta o que este representa para o clube colorado, ou

seja, o homem que colocou o Sport Club Internacional (e o Rio Grande do Sul?) no centro do mapa futebolístico nacional. O zênite está ao ser identificado como o único treinador brasileiro capaz de inventar um estilo fluente ao futebol total holandês, propondo um “estilo holandiano”. Por conseguinte, o estilo vanguardista aplicado pelo Internacional oferece resultados que são endossados por imprensa, profissionais e torcedores, e isso passa pressão à seleção brasileira, que vivia um momento de crise de representação profunda nas vésperas de uma Copa do Mundo de 1978. A inovação de esquemas táticos e estratégias de estilo de jogo reinventadas por Minelli e sua comissão técnica são incorporadas de modelos europeus, mais precisamente da seleção holandesa de 1974 – com o futebol total – e o Barcelona (ambas as equipes de Johan Cruyff e Rinus Michells).

Não obstante, não são todos os gaúchos que concordam com as exaltações concernidas ao Internacional. Perguntado sobre o porquê não replica o esquema adotado por Rubens Minelli na seleção brasileira, Oswaldo Brandão afirma em entrevista a um jornal:

– Em primeiro lugar, eu não acho que o Inter pratique o futebol mais moderno do país. O Inter tem um futebol rápido e competitivo, só isso. O único detalhe a destacar no time do Inter é a tática do impedimento, que eles fazem com perfeição. O Figueroa já sabia fazer isso no Peñarol, e o Marinho aprendeu na Espanha. Não tem nenhuma novidade nesse sistema. A vantagem do Minelli é que ele reuniu quatro jogadores que se acertam bem e sabem coordenar o avanço da linha de zagueiros. (Brandão, um gaúcho que não acredita no Inter. *ZERO HORA*, 16/12/1976, p. 46).

Apesar de a reportagem ocupar uma página inteira, tratando dos mais diversos assuntos com o entrevistado, somente os dois últimos parágrafos formam a base do título do texto, apontando a intenção editorial do periódico. O tom de perplexidade com que a narrativa impõe ao depoimento de Oswaldo Brandão (como é possível um gaúcho não reconhecer a peculiaridade do futebol colorado?) revela outra perspectiva desta paralaxe, arejando e fluindo a discussão acerca do futebol gaúcho e o Internacional de Rubens Minelli. Brandão, com carreira vitoriosa extensa por clubes de São Paulo e técnico da seleção brasileira naquele momento, conta com a “autoridade etnográfica” para dar seu veredicto; logo, sua opinião tarimbada direciona apontamentos contrários àquilo tido como uma peça monolítica entre os gaúchos – segundo o jornal – de que o Internacional era diferente, quando, na verdade, o improvisado de Minelli não passa de uma cópia apropriada de outros clubes do mundo e não reconhecida como correta no Brasil de Oswaldo Brandão.

Por fim, uma tensão se instaura no Internacional no que se refere às renovações e negociações de contratos de atletas como Figueroa e Dario e de uma das principais estrelas do

clube neste período, o treinador Rubens Minelli, disposto a abandonar o clube para tentar uma nova empreitada no São Paulo Futebol Clube, negociação que se concretiza. Pelo lado gremista, Telê Santana, após um ano de permanência no Grêmio, começa a aplicar em sua equipe um treinamento focado em termos como “empenho” e “dedicação”. No ano seguinte, o Grêmio consegue vencer o campeonato gaúcho e romper a sequência de títulos do seu arquirrival. Dezoito anos depois, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, Telê Santana revelará como conseguiu superar a hegemonia colorada no Rio Grande do Sul enquanto escrevia sobre a final do campeonato paulista de 1995 entre Corinthians e Palmeiras, evento este marcado pela incidência de confrontos violentos entre atletas de ambas as equipes na primeira partida:

A história tem mostrado que numa final vence sempre o time que se preocupa em jogar futebol, que quer jogar. Quem quiser dar pontapés é sempre derrotado (...). *Em 1977, quando fui trabalhar no Grêmio, encontrei o futebol gaúcho numa situação triste. Quando se enfrentavam os jogadores de Grêmio e Internacional não se preocupavam em jogar, mas apenas em dar pontapés e em reclamar com do arbitro. Consegui convencer meus jogadores a mudarem de atitude, mas os do Internacional continuaram com a mesma mentalidade. Por isso, naquele ano fomos campeões estaduais, interrompendo uma série de oito títulos do nosso rival. (Violência ameaça estragar também o 2º jogo da final. FOLHA DE SÃO PAULO, 06/08/1995, p. 4-4).*

A “autoridade etnográfica” do Telê é relevante, uma vez que trata-se de um dos técnicos brasileiros mais vitoriosos da história, representando um exemplo profissional. Ou seja, a influência com que ele atinge os leitores e os próprios “especialistas” é gigantesca. Vale recordarmos que ele levou o São Paulo a três finais consecutivas de Copa Libertadores, vencendo-a em duas ocasiões, além de conquistar dois Campeonatos Mundiais Interclubes. Assim, a fim de exemplificar sua tese de estilo de jogo (“vence sempre o time que sempre se preocupa em jogar futebol, que quer jogar. Quem quiser dar pontapés é sempre derrotado.”), Telê relembra a sua passagem no futebol gaúcho como treinador no Grêmio, quando o esporte praticado naquela região estava numa “situação triste”, onde jogadores de Internacional e Grêmio “não se preocupavam em jogar, mas apenas em dar pontapés”, o que não deixa de ser uma *invenção* (WAGNER: 2012). A figura individual do treinador como se fosse um regente de uma orquestra aparece quando Telê afirma que o Grêmio somente obteve sucesso ante o seu rival após adotarem *seu* estilo de jogo e abandonarem a violência a partir da regulação dos corpos.

A constatação da ocorrência de violência nos partidas do Rio Grande do Sul soa estranha, uma vez que os periódicos rio-grandenses não utilizavam este termo para imaginar o futebol naquele espaço-tempo. A paralaxe vem quase duas décadas depois, quando um

“estrangeiro” (SIMMEL: 2005) recorda eventos de seu passado em outro espaço, os meios de comunicação impressos paulista. Os fluxos de sentimentos se encontram com as palavras, gerando malhas de saberes que transcendem a lógica dicotômica do *futebol-arte* x *futebol-força*; estereótipos ora são esquecidos – com a presença de Minelli e sua influência no universo do futebol –, ora recordados – com a presença de Telê e sua influência no universo do futebol. Mas não somente eles são responsáveis por isso: uma cadeia de eventos colabora nessa formulação. Um destes eventos envolve a campanha do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense de 1995, quando chegara à três finais quase simultâneas: o campeonato gaúcho, a Copa do Brasil e a Copa Libertadores da América.

5.3 “Se somos assim, não é por acaso”⁹⁴: as Copas dos Brasis entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Corinthians Paulista em 1995 e 2001

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense teve alguns episódios em sua história apropriados por diversos agentes que caracterizaram sua imponência hodierna, tais como sua fundação às vésperas do aniversário da Revolução Farroupilha⁹⁵ (15 de setembro de 1903), a conquista do campeonato gaúcho de 1935 (título que “imortalizou” o Grêmio como “o” clube gaúcho devido ao aniversário do centenário da Revolução Farroupilha, além de marcar a última partida do goleiro e ídolo Eurico Lara, diagnosticado com tuberculose dias antes da final contra o Internacional⁹⁶ e que faleceu logo após a partida, inventado na composição de Lupicínio Rodrigues como o “craque imortal”⁹⁷) e a inauguração do estádio Olímpico Monumental (19 de setembro de 1954)⁹⁸. Acontecimentos que o alinharam a um estereótipo de representante gaúcho do futebol.

⁹⁴ Referência a uma homenagem de torcedores do Grêmio a um dos principais atletas da torcida do Grêmio: o goleiro Eurico Lara, o “ídolo imortal” (alcunha que dará origem ao apelido do Grêmio, o “imortal tricolor”). Tal frase fica estampada em “trapos” que os torcedores gremistas levam ao estádio.

⁹⁵ A Guerra dos Farrapos teve início no dia 20 de setembro.

⁹⁶ Na partida que ficou conhecida como “Grenal Farroupilha”.

⁹⁷ Nenhum dos outros clubes ditos “grandes” do futebol brasileiro homenageia um jogador em seu hino além do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. “Lara, o craque imortal. Soube o seu nome elevar. Hoje, com o mesmo ideal. Nós saberemos te honrar”, canta o trecho correspondente da letra composta por Lupicínio Rodrigues. A história de Eurico Lara encontra-se disponível no *link*: http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=eurico_lara Consultado em: 25/07/2016.

⁹⁸ Construído após desapropriação da modesta Vila Caiu do Céu e da drenagem de um arroio na região da Azenha, em Porto Alegre, o Estádio Olímpico Monumental foi inaugurado pouco mais de um ano após o início da sua construção. Inauguração possível graças ao auxílio do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, que disponibilizou o financiamento de parte das obras, uma vez que os fundos recolhidos por sócios não fora suficientes. Mais detalhes podem ser encontrados no *link*: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2012/04/ha-59-anos-gremio-dava-inicio-ao-olimpico-que-se-despede-em-2012.html> Consultado em: 20/09/2016.

Muitas vezes entendidos como antagonistas, Grêmio e Internacional contribuem, na visão dos mesmos jornalistas e profissionais do esporte que conduzem essa ideia de rivalidade⁹⁹, como representantes que fortalecem e ressignificam o futebol gaúcho, na maior parte do tempo revezando-se em períodos decenais como o clube da vanguarda¹⁰⁰, sendo raro os momentos em que ambas figuram entre as melhores equipes do centro do Brasil, seu maior parâmetro¹⁰¹. Se foi o Internacional que abriu as portas do Rio Grande do Sul para o cenário nacional com os títulos da década de 1970, o Grêmio foi o responsável por colocar a região no mapa do futebol internacional a partir dos anos 1980. Primeiro clube de fora da região Sudeste do Brasil a conquistar a Copa Libertadores da América e o Mundial Interclubes, o tricolor gaúcho ainda contou com uma série de adversidades que, apropriadas e lidas por “profissionais”, “especialistas” e “torcedores”, fez o clube fortalecer a sua imagem com o Rio Grande do Sul no que se refere ao estereótipo do gaúcho. Num momento de grande efervescência e reconhecimento da cultura local nos anos 1980 (OLIVEN: 1985), os jogos daquela competição sul-americana de 1983 contra o Club Estudiantes de La Plata e a consagração do título levantado pela imagem do uruguaio Hugo de León com o rosto sangrando auxiliaram na invenção daquilo que mais tarde se encaixaria no conceito de “gremismo” (DAMO: 1999), que remete a uma perspectiva oriunda de episódios passados, como as inspirações teutônicas. Portanto, meios de comunicação gaúchos concentram suas narrativas futebolísticas nas duas equipes, buscando na maior parte das vezes aproximá-las de elementos regionais tidos como “naturais”. Em sua passagem pelo Grêmio, Telê Santana afirmava:

– Não vou me interessar por jogadores de técnica, mas que não corram durante os 90 minutos. Prefiro os mais limitados que corram o campo todo. Quero um time de luta (...). Quero um time que perca de 10 a 0 lutando para não tomar o décimo-primeiro

⁹⁹ Ver ENTREVISTAS e ANEXOS VI e VII.

¹⁰⁰ Durante a década de 1930, com a ascensão da profissionalização no Rio Grande do Sul, o Grêmio mantinha vantagem frente ao Internacional no campeonato gaúcho. Condição revertida na década seguinte com a explosão da profissionalização e com a equipe colorada contando com jogadores negros, argentinos, mulatos, brancos e brasileiros naquele time que ficou conhecido como “Rolo Compressor”, superado nos anos 1950 pelo Grêmio que inaugurara o maior estádio do Rio Grande do Sul até então, o Olímpico. Uma década depois, o Internacional deixara de atuar no acanhado estádio dos Eucaliptos para estreiar o Beira-Rio, casa que abriu a região para o futebol brasileiro e hospedou a maior série consecutiva de títulos regionais mantida até os dias de hoje: o octacampeonato.

¹⁰¹ Caso da temporada 2007, quando Internacional e Grêmio disputavam simultaneamente as finais da Recopa Sul-americana e da Copa Libertadores da América, respectivamente. O bom momento das equipes gaúchas em competições internacionais fez Carlos André Moreira, repórter, escrever: “O futebol é um dos aspectos pelos quais os gaúchos manifestam uma certa rabugice em se assumir brasileiros (...) o gaúcho faz questão de marcar diferença entre ele e os demais reforçando a ideia do “jeito gaúcho” de jogar. A saber: força, marcação, chute pra frente se necessário e vitória pragmática nem que seja por meio a zero – uma certa identidade que o gaúcho vai buscar nos seus vizinhos argentinos.” (FUTEBOL É COISA NOSSA, *ZERO HORA*, 10/06/2007, Reportagem especial p. 4).

gol. (Telê vai continuar. E quer um time valente que corra o campo todo. *ZERO HORA*, 04/12/1976, p. 31)

O aspecto de mais “garra” e menos técnica é intensificada ao longo da reportagem e na mesma página quando em outro texto o periódico atesta o “treino puxado, como se fossem jogar amanhã” dos atletas gremistas, onde “o treinador pediu para que todos se empenhassem bastante”. Apesar da “fonética” coincidir a um ponto comum, é possível identificar que são sentidos diferentes dados pelos agentes envolvidos. Enquanto o periódico diz que Telê quer “um time valente que corra o campo todo” – o que dialoga com o discurso do anti “futebol-frescura” adotada por membros do editorial gaúcho do período –, o mesmo Telê afirmará vinte anos depois dessa entrevista que o Grêmio só conseguiu ganhar o campeonato gaúcho de 1977 e quebrar a série do Internacional porque ele convenceu seus jogadores a pararem de “dar pontapés e de reclamar com o árbitro”; logo, esse “choque de culturas” (WAGNER: 2012) permitiu uma multiplicidade de invenções acerca de um punhado de palavras.

São nestas contradições discursivas que visualizamos invenções de lógicas do futebol que variam em tempos-espacos variados. O que é lido numa região pode ser omitido na outra; violência para uns, macheza para outros; tudo isso acompanhado de recortes de depoimentos de atletas, membros da comissão técnica, dirigentes e torcedores que sugerem uma direção final imóvel: o futebol gaúcho é o futebol-força (futebol-violência para alguns), ou, o futebol brasileiro é o futebol-arte (futebol-frescura para outros). Essa constante reinterpretação de percepções sensoriais a partir da observação de corporalidades dentro e fora de campo envoltas numa complexa bacia de fluxos de produção de sentimentos *vivos* (INGOLD: 2012a).

A intenção deste capítulo é apresentar a pluralidade de sentidos informativos numa determinada forma de jogar futebol adotado por uma equipe como o Grêmio num espaço-tempo específico. Por conseguinte, o clube mais “gaúcho”, aquele que replica os costumes uruguayos e argentinos com maior afinco, segundo os depoimentos dos agentes da comunicação do Rio Grande do Sul e São Paulo, sujeita-se a mudanças de significados ao longo do tempo, desde 1995, quando fora finalista da Copa do Brasil e campeão da Copa Libertadores da América e do Campeonato Gaúcho, até 2001, quando superou – sob o comando de Tite – o Corinthians na Copa do Brasil, último torneio nacional conquistado pelos tricolores.

5.3.1 1995: O ano “gremicista”¹⁰²

Esse Grêmio, neste instante de reencontro do nosso futebol com suas mais caras tradições, é um retrocesso. O Grêmio joga como seus vizinhos uruguaios o faziam, nos bons tempos (...) marca duro, às vezes com certa dose de violência, e só investe em contragolpes (...). Trata-se de uma equipe compacta, consciente e eficaz. Mas e as individualidades, a inventividade, o floreio, as nuances, que são traços característicos da escola brasileira?¹⁰³

O futebol do Grêmio hoje é respeitado em toda a América do Sul por seu sentido coletivo, a força na marcação, a velocidade nos contra-ataques e o poder de seu ataque, onde se destaca o centroavante Jardel (...). “Nosso time não tem estrelas, tem jogadores dedicados”, diz o técnico Luiz Felipe, responsável pela armação deste time (...). A tática do Grêmio não é nenhum segredo porque todo o Brasil conhece: foi o time que mais apareceu na televisão nos últimos meses. O Grêmio vai explorar a força dos laterais Arce e Roger no apoio, buscando alternar jogadas para os meias Carlos Miguel e Arilson, além de Paulo Nunes. Todos devem se dirigir a um ponto: a cabeça de Jardel.”¹⁰⁴

Fundada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 1989 na gestão de Ricardo Teixeira (genro de João Havelange), a Copa do Brasil surgira como torneio nacional paralelo ao Campeonato Brasileiro de Futebol. Os campeões estaduais (e, em algumas regiões, os vice-campeões) se enfrentavam em fases eliminatórias via sorteio. Ao campeão concedia-se a participação na Copa Libertadores da América do ano seguinte¹⁰⁵. Tido como “democrática” a diversos membros do universo ludopédico desde sua origem até os dias atuais¹⁰⁶, a Copa do Brasil fora dominada por equipes do Sul do país durante a primeira década de existência, participando em sete das dez finais.

Os periódicos rio-grandenses concentram a cobertura da Copa do Brasil aos tratamentos pejorativos da imprensa impressa paulista. Uma das principais reclamações é quanto à caracterização do futebol gaúcho como violento, sobretudo a equipe gremista. Problemática que atinge os dirigentes tricolores, como o presidente Fábio Koff, que afirmara que o futebol daquela região “sempre foi muito competitivo, mas nunca foram verificados fatos que pudessem denegrir a imagem dos clubes gaúchos, mais especificamente o Grêmio”

¹⁰² Optamos pela aplicação do sufixo nominal “-ista” a fim de indicar uma agência, ao invés de “gremismo”, um sufixo que indica qualidade.

¹⁰³ HELENA JR, Alberto. *Grêmio joga como os uruguaios jogavam*. FOLHA DE SÃO PAULO, 21/06/1995, p. 4-2.

¹⁰⁴ Grêmio revive a magia de outra decisão. ZERO HORA, 23/08/1995, p. 70.

¹⁰⁵ O torneio sofrera grandes alterações ao longo dos anos, como o aumento de equipes participantes. Tais informações podem ser consultadas em: <http://copadobrasil.com.br/historia/> e <http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-brasil> Consultado em: 01/08/2016.

¹⁰⁶ Inclusive para o presidente interino da CBF em 2016, Coronel Nunes, que classificara a competição como aquela que “a democracia da Copa do Brasil pode ser verificada em números (...) é a única competição que envolve os 27 Estados do Brasil”, mesmo com o favorecimento de equipes que participaram outrora da Copa Libertadores da América, ingressando no torneio em fase tardia. O depoimento encontra-se disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato-copa-brasil-masculino/copa-do-brasil-permite-a-todos-sonhar#.V59SGdIrdU> Consultado em: 01/08/2016.

(Grêmio vai tratar bem os corinthianos. *ZERO HORA*, 16/06/1995, p. 44). As reportagens encontradas nos meios de comunicação impressos do Rio Grande do Sul sobre a final da Copa do Brasil colocam Grêmio e Corinthians em patamares semelhantes tecnicamente e taticamente. O Corinthians, nessa linguagem, aparece como praticante da “força física e forte marcação”, apesar de ter “técnica” também.

Do lado paulista, a final da Copa do Brasil entre Corinthians e Grêmio gozava de grande repercussão. Denominada pelo jornalista e diretor-executivo Matinas Suzuki Jr como “Copa Gaúcha” (*FOLHA DE SÃO PAULO*, p. 4-2, 15/06/1995) devido à presença de pelo menos uma equipe da região Sul em seis das sete finais até então, com dois títulos do Grêmio, um do Internacional e outro do Criciúma Esporte Clube (treinado em 1991 por Luiz Felipe Scolari), o Corinthians chegara onde nenhum de seus rivais regionais estivera e, caso conquistasse a Copa, seria o primeiro clube paulista. A invenção desta alcunha é deveras significativa nesta obviação (WAGNER: 2012), visto que o torneio que traz em seu nome o país do “futebol-arte” passa a ser renomeado com o adjetivo pátrio daquela região que para uns assemelha-se ao Uruguai, para outros à Argentina.

Com efeito, a Copa do Brasil era um torneio em que, consoante os membros dos meios de comunicação impressos paulistas, o vencedor tinha características voltadas ao futebol coletivo e menos “artístico”, o que justificava o ótimo desempenho de equipes gaúchas. Elementos que dialogavam com o momento do futebol brasileiro: após campanha irreconhecível na Copa do Mundo da FIFA em 1990 e tetracampeões na edição seguinte, em 1994, a seleção brasileira recebera diversas interpretações direcionadas à sua perda da essência, sentimentos semelhantes àqueles despertados pós-1970. Encontramos na maior parte dos relatos paulistas depoimentos de *profissionais* como Zagallo, treinador da seleção brasileira que, num amistoso contra a seleção inglesa, afirmara:

Zagallo disse que, mais importante do que o título, é o esforço que ele vem fazendo para “resgatar o verdadeiro futebol brasileiro”. “Quero que o Brasil seja espelho para o mundo.” Jogando ofensivamente, a seleção foi aplaudida de pé em suas duas primeiras partidas. (MAGALHÃES, Mário. Zagallo pede beleza na batalha de Wembley. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 11/06/1995, p. 4-5).

Ademais, observamos também depoimentos de *torcedores* que clamam por mudanças no modelo estético adotado no futebol nacional neste mesmo espaço. Músicos da banda Titãs opinam sobre o “zagallismo”, um estilo de jogo que, segundo eles, busca o resgate da “natureza” do futebol brasileiro sem abrir mão dos espectros de saberes instaurados por

treinadores como Milton Buzzeto¹⁰⁷ (lembrado no texto) que ditam as coordenadas do futebol brasileiro, representado na figura do auxiliar técnico de Zagallo, Carlos Alberto Parreira.

E só nós mesmos produzimos craques, assim como a Suíça chocolate e a Alemanha, salsichas. Mas por que não Leonardo no lugar de Dunga ou Doriva, por exemplo? Falta pouco, mas este pouco, sendo o nosso técnico um conservador renovado pelas circunstâncias, e não pela convicção, podemos dar com os burros n'água. (FRONER, Marcelo; REIS, Nando. Depois da greve, uma estranha febre. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 12/06/1995, p. 4-4).

A associação do Grêmio a um estereótipo antitético de *futebol-arte* é quase automático. Cronistas como Alberto Helena Júnior produzirão larga invenção de categorias que liguem o futebol gaúcho a um estilo “violento”, “compacto” e sem individualidades, “traço característico da escola brasileira”. Essa analogia ao “futebol uruguaio” não é uma construção restrita àquele período. O jornalista Mário Filho, ao se referir aos dois destaques brasileiros da primeira década da profissionalização do esporte no país (1930), o atacante Leônidas da Silva e o zagueiro Domingos da Guia, que atuavam no Peñarol e Nacional de Montevideú devido às melhores condições salariais oferecidas naqueles clubes, afirma que os uruguaios estavam mais próximos do disciplinado, zagueiro e “apolíneo” Domingos do que do criativo, atacante e “dionisíaco” Leônidas (FILHO: 2010, p. 204).

Exaltando o talento técnico de atletas como Marcelinho Carioca – jogador “malandro”, “provocador” e “habilidoso” – e, ao mesmo tempo, omitindo a presença de jogadores “gaúchos” no elenco, como o volante Zé Elias, a imagem do time alvinegro paulista forma-se como o “representante brasileiro” na Copa do Brasil nos jornais daquela região. Por outro lado, as narrativas paulistas sobre o Grêmio tendem a demonstrar como o “mal para o futebol”:

Sem nenhum regionalismo, que isso é burrice, e reverenciando o espírito guerreiro do Grêmio, um dos atributos básicos do campeão (...), seria um mal para o futebol a conquista gremista. Não que o Corinthians seja o paradigma do futebol-arte, longe disso. Mas o Grêmio é a própria síntese daquele pragmatismo quase borgiano: o veneno que assegura o poder. Marca muito bem, bate muito mais, e, de vez em quando, arrisca-se a um contragolpe rápido com Paulo Nunes, ou a um cruzamento alto na área para o gigante Jardel. É pouco no instante mágico que vaza o futebol brasileiro. (HELENA JR, Alberto. Conquista gremista seria um mal para o futebol. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 15/06/1995, p. 4-1. GRIFOS NOSSOS).

Por sua vez, as narrativas dos periódicos rio-grandenses entram em conflito com o que é proposto nos trechos acima. A presença de informações acerca da mudança estranha ao

¹⁰⁷ Célebre treinador de futebol conhecido pela alcunha de “Rei da Retranca”.

estilo do futebol brasileiro, representado nas figuras da seleção nacional de futebol masculino e do Grêmio, não são apresentadas da mesma forma.

O time gaúcho talvez se sinta inferiorizado porque desconhece o respeito que conquistou em todo o Brasil e, *principalmente*, em São Paulo. *Todos temem a garra “argentina” do time e da torcida tricolor*. Esse é um detalhe relevante a ser considerado. No entanto, um pequeno exercício de memória serve para esclarecer que a garra gaúcha está forjada em um estilo tradicional – talvez um pouco argentino ou uruguaio pela proximidade geográfica –, incorporado ao grupo por quem o comanda. *O time argentino do Grêmio* teve, no último jogo, quatro gaúchos (Danrlei, Luciano, Carlos Miguel e Alexandre), dois paraguaios (Arce e Rivarola), dois goianos (Paulo Nunes e Luis Carlos Goiano), um sergipano (Dinho) e um cearense (Jardel). Assim, se Luiz Felipe conseguiu dar um perfil competitivo a um grupo “étnico” tão diferente, seu desafio agora será o de torná-lo também criativo. Raça e empenho são qualidades essenciais, mas sem um pouco de talento, o título estará ameaçado.” (SÓRTICA, Júlio. O respeito pela garra argentina. *ZERO HORA*, 16/06/1995, p. 54. GRIFOS NOSSOS).

Primeiramente, encontramos entre os colunistas exemplificações que enaltecem a estética demonstrada pela equipe tricolor dirigida por Luiz Felipe Scolari, fazendo clara oposição àquilo que é produzido em outros centros. O argumento de que a inspiração do Grêmio é a proximidade com os vizinhos platinos, especialmente a Argentina, *malha* semelhante àquela de outros universos gauchescos, como música e literatura; ao contrário do que Alberto Helena Jr. afirmara, Sórtica imagina o “futebol gaúcho” como “argentino”, e não “uruguaio”, o que indica dois interlocutores falando acerca do mesmo tema (“futebol gaúcho”) de maneira polissêmica. Multiplicidade de sentidos essa que reforça-se no argumento cosmopolitista presente na formação da equipe que, mesmo com “um grupo “étnico” tão diferente”, consegue manter-se fiel a um “estilo tradicional” que reverbera em outros espaços-tempos onde o “futebol-frescura” não é aceito e as palavras de ordem “raça” e “empenho” (como no Grêmio treinado por Telê Santana na década de 1970, ou aquele campeão da Copa Libertadores da América em 1983) são repetidas a fim de “imortalizar” um modelo.

Em segundo lugar, a divergência das narrativas fica ainda perceptível quando cronistas gaúchos escrevem sobre a relação entre o Rio Grande do Sul e São Paulo e a questão bairrista deste último, que não se reconhece parcial em suas observações, uma discussão cara ao jornalismo.

A imprensa, formada por homens comuns, não está imune ao vírus da perda de objetividade. O tratamento dado ao Grêmio nos noticiários de veículos do Rio e de São Paulo tem sido absolutamente parcial e, portanto, antijornalístico (...). Os gaúchos, habitualmente classificados de bairristas e ocasionalmente de separatistas – graças à ação de malucos levados a sério pela mídia nacional –, sempre souberam comportar-se com dignidade na derrota, da mesma forma que sempre souberam

festejar sem rancores os (...) títulos (...). Que os torcedores embarquem nessa conversa fiada é até compreensível. Mas a discussão envereda por terrenos movediços quando o SBT faz uma narração inflamada do jogo. Ou quando o Jornal da Globo apresenta os gols do Grêmio citando antes o número de faltas cometidas (praticamente igual ao do adversário). Ou, ainda, quando a Folha de S. Paulo estampa como manchete a preocupação corintiana com o que foi chamado de “Farroupilha 2”, numa despropositada alusão à Revolução Farroupilha. A própria Folha revela, em matéria secundária, que Grêmio e Corinthians cometeram o mesmo número de faltas. (ROCHA, Elizário Goulart. Excessos da paixão. *ZERO HORA*, 17/06/1995, p. 44).

O autor, assim como outros, crê que o “único compromisso de jornais e jornalistas é com a informação” (DINES: 2009, p. 153); então, o *fim* do mesmo é a racionalização e esterilização de qualquer devaneio sentimental *vivo* de “homens comuns” sujeitos à parcialidade e ao ato “antijornalístico”. Esta super categoria de agentes do eixo Rio de Janeiro-São Paulo se contradiz, consoante Elizário Goulart Rocha, ao sublinhar alguns termos em detrimento da omissão de outros (“número de faltas cometidas” antes de apresentar os gols), distorcendo a imagem do estilo de jogo praticado pelas equipes gaúchas.

Ou a referência à reportagem da *Folha de São Paulo*. Dois dias depois da partida de ida em São Paulo, quando o Corinthians venceu o Grêmio pelo placar de 2 a 1, a capa da seção esportiva deste jornal trazia como título: “Corinthians teme ‘Farroupilha 2’: time quer juiz ‘enérgico’ na final com o Grêmio, comparada à revolução gaúcha de 1835”. Wilson Bardini Jr, repórter responsável pela invenção deste texto, tece a sua narrativa a partir da coleta de entrevista onde somente jogadores corintianos participaram.

Os jogadores do Corinthians temem que possam se tornar os protagonistas da “segunda edição” da Revolução Farroupilha, na decisão da Copa do Brasil contra o Grêmio (...). A revolução separatista, deflagrada pelos gaúchos insatisfeitos com a política do Império e que levou dez anos (1835-1845) para ser sufocada, foi utilizada, pelo jogador, para ilustrar a hostilidade que pode ser usada em Porto Alegre contra o time paulista. “Com certeza, eles tentarão ganhar o título no grito”, disse [Bernardo, volante]. O atacante Fabinho concorda. “Com um juiz sem autoridade, será praticamente impossível vencer. Será melhor deixar os 22 jogadores resolverem a partida sozinhos”, afirmou. Fabinho, que jogou no Grêmio por dois anos, disse que “nunca” sentiu um clima tão hostil. (*FOLHA DE SÃO PAULO*, 16/06/1995, p. 4-1)

Em nenhum momento da reportagem aparece o depoimento do jogador que, segundo Wilson Bardini Jr, referiu-se à segunda edição da Revolução Farroupilha, dando a entender que tal texto foi uma invenção do *especialista* numa tentativa de – mais uma vez – caracterizar o outro como “bárbaro”, “violento”, “hostil”, “bélico”, numa palavra, “gaúcho”. Ademais, a imagem que ilustra a primeira página e a notícia é a de um bebê com uma camisa do Corinthians no hospital; logo, a intenção que o jornal parece transmitir é a de que enquanto

os “gaúchos” são agressivos e violentos, os “paulistas” são pacíficos e esperançosos, porque ser corintiano, segundo Francisco Weffort, “é ter esperança” (Vai ser uma vitória dura. *Folha de São Paulo*, 21/06/1995, p. 4-1). Por fim, a seleção de depoimentos dos *profissionais* corintianos é precisa, visando endossar e insistir na invenção de um Outro. Os principais jogadores aqui são Bernardo e Fabinho: o primeiro por ser o mais exaltado no discurso da violência, sugerindo até a arbitragem estrangeira para este jogo; o último um “ex-gremista” “convertido” que afirma que “nunca” havia presenciado um clima tão hostil quando estava no Grêmio. Talvez até tivesse presenciado, mas como inserido num outro universo, não considerou tal ambiente “hostil”, mas sim “normal”. Noutra reportagem mais adiante, o periódico divulga os números de faltas cometidas pelas equipes no jogo de ida, afirmando que houve um empate entre ambas.

No que consta às narrativas descritivas dos estilos de jogo imaginados de Corinthians e Grêmio, jornalistas lançam novas categorias que dialogam com elementos que transcendem o universo esportivo e abarcam espaços econômicos, culturais, políticos e sociais, intensificando a distinção entre centro (o eixo Rio de Janeiro-São Paulo) e periferia no universo do futebol:

Em uma palavra: o time do Grêmio é bem melhor em casa do que fora dela. Grêmio é um nome apropriado para esse time. Grêmio também significa sociedade: é o espírito de agremiação, de senso de sociedade, de vida coletiva que é a característica em campo desse time. Já o Corinthians, um time de craques, vem adquirindo a sua personalidade, a sua identidade (...). Time por time, o escrete *black & white* paulitano é mais próximo de um ideal estético, de uma beleza idealizada. Também em consonância com o seu contexto cultural, o futebol do Corinthians é mais privatizante, mais flexível nas iniciativas individuais, mais permissível na livre concorrência dos jogadores. De uma certa maneira, amanhã teremos um jogo histórico que é também história: o sentido de justiça social da agremiação gaúcha x o neo-liberalismo do grande talento individual corintiano. Até agora, na copa Gaúcha, tem prevalecido a força coletiva que brota dos mares do sul. Na época do ajuste das individualidade no mercado, talvez tenha chegado a hora empreendedora paulista... (SUZUKI JR, Matinas. O social gaúcho contra o liberal paulista. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 20/06/1995, p. 4-2).

Matinas Suzuki Jr começa sua narrativa com uma descrição densa do Grêmio, classificando-a como uma equipe capaz de mudar de estilos de jogo dependendo do contexto geográfico, ou seja, enquanto incorpora uma estratégia defensiva, conservadora e disciplinada nas partidas como visitante, em Porto Alegre atua como um “cavalo crioulo indomável”, em ambos os casos com muita disposição física, virilidade, bravura e tosco, uma vez que craques – os únicos responsáveis por oferecerem um “ideal estético, de uma beleza idealizada” – dão

lugar à coletividade do “sentido de justiça social”. Percebe-se que esta variação possibilita a identificação de diversos “futebóis-força”.

Logo, se há vários “futebóis-força”, existem também diversos “futebóis-arte”, como aquele praticado pelo Corinthians. O alvinegro paulistano, time que até então não recebera a alcunha de “time de craques” na imprensa local, dá à equipe um tom de representante do futebol paulista e, mais que isso, do futebol brasileiro, visto que “é mais próximo de um ideal estético, de uma beleza idealizada”, o que dá a entender que representa um estilo de jogo semelhante ao “futebol-arte” inventado por *profissionais* e nomeado assim por *especialistas* a partir de eventos históricos.

Por outro lado, os meios de comunicação impressos rio-grandenses classificam o futebol regional a partir da imagem do Grêmio, representante de uma estética da “pegada”:

A “pegada” do Grêmio assusta de verdade. Como assustava, apavorava, a “pegada” do Inter dos anos 70, só que com mais qualidade, muito mais. A marcação implacável é uma arma letal do futebol gaúcho. A história nos dá razão. Dentro deste sistema, 10 jogadores movem-se e rosnam como leões famintos. Os leões mordem. Tiram pedaços. O Grêmio não é um time violento. Em determinados momentos, alguns jogadores se tornam violentos. É o preço da extrema combatividade e da absoluta dedicação. A torcida canoniza os jogadores que colocam o coração bem no bico da chuteira lustrosa e de grife (...). Alguns jogadores, típicos guerreiros como Zé Elias, para ficar num exemplo apenas, não acham os gaúchos violentos. “São pegadores”, disse. Correto. É um sistema de jogo do qual os times do sul da América usam, abusam e com o qual vencem (...). A garra, muitas vezes, mascara *um futebol sem o brilho dos craques*. Foi “pegando” que o Grêmio bateu em equipes tecnicamente mais fortes. Não há outra alternativa para tentar superar o Corinthians. Só na “pegada”. (PIRES, Luiz Zini. A “pegada” do sul da América. *ZERO HORA*, 20/06/1995, p. 64. GRIFOS NOSSOS).

Pegada: termo polissêmico sujeito ao sabor de determinado tempo-espaco inserido. Ou seja, pode significar desde a “pegada à Marcos de Mendonça”, célebre atleta do Fluminense Football Club no cenário carioca dos anos 1910 (FILHO: 2010) e o primeiro goleiro da seleção brasileira masculina de futebol, além de “figura “emblemática” do período áureo do amadorismo elitista” (WISNIK: 2008); até elemento central atrelado ao futebol gaúcho ao aparecer em 1995 como “tradição inventada” (HOBSBAWM, RANGER: 2008), ao associar um evento passado (o Internacional treinado por Rubens Minelli que em momento algum da nossa pesquisa em jornais e nas entrevistas esteve relacionado ao termo “pegada”) que dê

fundamento ao presente como “mito fundador”, para descrever o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e mantém-se até os dias atuais¹⁰⁸.

O autor envolve também os torcedores, que “canonizam os jogadores que colocam o coração [elemento “pegada”] bem no bico da chuteira lustrosa e de grife [elemento questionador da masculinidade]”; ao mesmo tempo, este argumento exposto pelo jornalista encontra respaldo também no depoimento colhido pelo auxiliar técnico do Grêmio, que afirma que a única coisa que a torcida pede é “raça e empenho” aos seus jogadores.

Neste caso, “garra” e “pegada” indicam características que estão associadas a um “espírito guerreiro”, que são reconhecidas por atletas do “exterior”, como o volante corintiano Zé Elias (“guerreiro” para uns, “violento” para outros¹⁰⁹), que ressalta como qualidade o “A “pegada” do sul da América”. Referência esta rica de sentido: o título da reportagem vem para associar o futebol gaúcho mais aos países platinos, em especial à Argentina. Não significa que os clubes e atletas de outros rincões do Brasil não possam replicar o modelo, mas é algo místico que impregna o imaginário até de agentes de classes futebolísticas tidas como “racionais” por outras classes e frações de classes, os membros de comissão técnica:

E eu vejo uma diferença daqui do Rio Grande do Sul para os outros Estados a mesma diferença que eu vejo com relação aos uruguaios e argentinos em relação ao Brasil. A gente sente que tem uma coisa diferente quando a gente vai jogar lá. Não sei o que é, se eles passaram dificuldade na vida, tem mais vontade de vencer, não se entregam nunca, se eles levam isso para dentro do campo, além da técnica e da tática, se eles levam essa questão de não se entregar nunca. Não sei. Mas tem. É diferente. A cobrança é diferente. Então, para comissão técnica, para jogadores, para tudo (...). Algo intrínseco aparece ali que eles sentem que a gente não sente. E essa diferença do Brasil pra lá [Argentina] eu sinto do Rio Grande do Sul dos outros lugares. Faço essa comparação. (ENTREVISTA À ROBERTO RIBAS)

Um dia após a conquista inédita da Copa do Brasil pelo Corinthians, a exaltação da *Folha de São Paulo* ao título paulista adquirido com vitória em São Paulo e em Porto Alegre

¹⁰⁸ Onze anos depois, às vésperas da final da Copa Libertadores da América entre São Paulo Futebol Clube e Sport Club Internacional, o atacante colorado Fernandão, em reportagem, exemplifica o termo “pegada”: “O diferencial vai ser a *pegada*, a alma. Este tem sido o *craque* do nosso time. E o que significa *pegada*? Não é dar porrada. É concentração máxima em cada segundo. Tem que ter *pegada* na hora de encurtar o espaço e na hora de dar balão.” (OLIVER, Diogo. Muralha Vermelha. *ZERO HORA*, 09/08/2006, p. 45. GRIFOS NOSSOS).

¹⁰⁹ Um mês após o título corintiano da Copa do Brasil, a *FOLHA DE SÃO PAULO* escreve uma reportagem na primeira página do caderno de esportes intitulada “Corinthians tenta conter a violência”. No texto de Arnaldo Ribeiro, a descrição de uma equipe que pouco se assemelha àquilo que Matinas Suzuki Jr chamara de praticante do “futebol-arte”. Um dos “craques” que Arnaldo Ribeiro menciona é Zé Elias, “um dos mais faltosos do time” (29/07/1995, p. 4-1). Nesse mesmo período ocorria a final do campeonato paulista entre Corinthians e Palmeiras, e no término da primeira partida, o mesmo volante esteve envolvido em um confronto com policiais militares (DAMATO, Marcelo. Polícia briga com jogadores corintianos e fere Zé Elias. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 31/07/1995, p. 4-3).

contrasta com a reportagem apresentada nas últimas páginas do caderno de esportes, que demonstra, em números, qual fora a equipe mais faltosa da final:

Contrariando a expectativa do jogo violento por parte do Grêmio, os corintianos cometeram mais faltas na decisão de ontem. Segundo o Datafolha, a equipe paulista cometeu 37 faltas, contra apenas 28 do time gaúcho. As faltas corintianas, no entanto, foram leves, já que o juiz (...) mostrou mais cartões amarelos aos jogadores gremistas (...). Cada equipe teve um jogador expulso (...) por agressão mútua (...). Para os campeões, porém, a violência no Sul foi menor do que a esperada. “O jogo foi menos violento do que se anunciava. Os dois times procuraram mais a bola”, disse o zagueiro Célio Silva. (Paulistas batem mais na ‘Guerra do Sul’. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 22/06/1995, p. 4-6).

O título escolhido desta reportagem investe numa imagem recorrente entre os periódicos paulistas durante o confronto: a violência de equipes do Rio Grande do Sul em seus estilos de jogo. Não somente pelo uso do termo belicoso “Guerra do Sul” (o que já indica um território onde tal prática é corriqueira, e reverbera à anterior “Farroupilha 2”), como também a tentativa de amenizar os números corintianos com elementos que indiquem maior reincidência de violência, como o fato do árbitro ter advertido mais vezes com cartões amarelos os jogadores gremistas.

A aplicação dos meios de comunicação impressos em distinguir uma equipe paulista daquilo que é entendido como “futebol-gaúcho” (antítese do “futebol-brasileiro” nesta chave inventiva proposta pelos agentes referidos) é notada em diversas ocasiões. Mesmo nas descrições das equipes podemos ver descrições muito próximas para coisas simetricamente antitéticas. Enquanto estratégias corintianas como “jogadas originadas de cobranças de faltas e escanteios” e “a robustez do meio-de-campo da equipe” são colocadas como réplicas do chamado “futebol-arte”; os elementos gremistas como “marcação forte, [que] não dá espaço para os adversários” e “aproveitamento das bolas levantas na área” (Superconfronto. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 14/06/1995, p. 4-1) são traduzidos (LATOURET: 1994) como “futebol-força”.

Com efeito, o caminho inverso também é notável na análise dos discursos jornalísticos. Mesmo com a omissão de ambas as partes no que se refere às torcidas adversárias, encontramos em jornais de São Paulo menções aos adeptos corintianos que se aproximam das caracterizações referentes aos torcedores gremistas presentes nas páginas dos diários. Elementos extracampo, as torcidas são exaltadas em suas respectivas regiões como

fundamentais no processo de identificação e assimilação a um determinado estilo de jogo. Não à toa a definição de time e torcida carrega o mesmo adjetivo: “a garra argentina”¹¹⁰.

A constante produção de sentidos às coisas não se reservam aos meios de comunicação impressos de São Paulo. Em confrontos contra o Palmeiras pela Copa Libertadores da América¹¹¹, os periódicos rio-grandenses narram a partida “vergonhosa” da equipe gaúcha, acompanhado dos dados técnicos do jogo (12 conclusões a gol do Palmeiras contra 2 do Grêmio; 21 faltas cometidas pelo Palmeiras contra 31 do Grêmio):

O jogo (...) foi violento. Dentro de campo, os jogadores, principalmente os palmeirenses, dividiram com vigor, cometendo faltas fortes e sob a complacência de um árbitro medroso (...). Nem assim o time gaúcho teve a calma e a garra esperadas. (DOMINGUES, Juan. Nem o Grêmio tira a vaga do Grêmio. *ZERO HORA*, 03/08/1995, p. 82).

Em movimento análogo aos periodistas paulistas, os jornalistas gaúchos trataram de exaltar a “calma e a garra” da equipe rio-grandense frente à violência dos atletas palmeirenses, que cometeram “faltas fortes”, omitindo durante o texto o maior número de faltas cometidas pelo Grêmio. Aqui, as divididas “com vigor” são entendidas numa corrente oposta àquela exaltada como qualidade do “futebol-argentino” pelos gaúchos.

E será nesta invenção de alteridade que a equipe de 1995 do Grêmio será constituída por todos os agentes envolvidos daquele período e reconfigurada em diferentes perspectivas no tempo-espaço. O “Estilo Luiz Felipe” (*ZERO HORA*, 14/08/1995, p. 6) consagrara-se como o representante gaúcho naquela época, principalmente após vencer seu arquirrival Internacional na disputa do Campeonato Gaúcho. Assim, o jornal faz questão de elevá-lo ao zênite dos treinadores futebolísticos:

O homem que chegou ao Olímpico na metade de 1993 começa a fazer parte de um seletor clube brasileiro de poucos sócios. Aquele dos treinadores que recebem apoio da diretoria, têm tempo e tranquilidade para trabalhar e, a partir daí, podem impor sua filosofia. O título de honra desta comunidade pertence a Telê Santana, imbatível nos seus quatro anos (encaminhando-se para cinco) de São Paulo, passa por nomes como o de Rubens Minelli, bicampeão brasileiro com o Inter em 1975-6, e chega a Luiz Felipe. (DOMINGUES, Juan. Luiz Felipe mostra a força de um projeto. *ZERO HORA*, 15/08/1995, p. 62).

¹¹⁰ Uma das principais torcidas organizadas do Grêmio, a Geral, já fora chamada anteriormente de “Alma castelhana”. Em 2012, o clube lançou uma série de uniformes especiais denominadas “Alma castelhana”. O vínculo com um “espírito pan-platino” gremista alinha-se com os termos como “garra” e “raça”.

¹¹¹ Jogo válido pelas oitavas-de-final do mesmo torneio, o Grêmio visitara o Palmeiras no segundo jogo deste duelo após golpear o clube paulista em Porto Alegre por 5 a 0. No confronto de volta, a equipe alviverde fora eliminada apesar de vencer pelo placar de 5 a 1 numa partida marcada pela violência generalizada entre atletas de ambos os times.

As origens de Luiz Felipe, “do antigo zagueiro revelado pelo duro futebol do Interior”, despertam características na equipe do Grêmio, como disciplina, vigor e defesa; caracterização comum não somente na imprensa quando esta vai se referir ao treinador, como também à própria descrição destes profissionais sobre si (TITE: 2014). Esta série de reconhecimentos corresponde a uma *malha* de sentidos que corporificam um modelo de jogar futebol. Ademais, a comparação de Luiz Felipe a figura de Rubens Minelli e a recordação do Internacional bicampeão brasileiro na década de 1970 proporciona uma relação diretamente proporcional entre os clubes do Rio Grande do Sul como representantes do “futebol brasileiro”, relegando àquele “futebol-arte” que o eixo Rio de Janeiro-São Paulo entende como estilo nacional. Portanto, como é possível observar no Anexo IV, a relação dos meios de comunicação esportivos gaúchos com o futebol brasileiro é ambígua, ora reclamando raízes portenhas, ora posicionando as equipes e profissionais¹¹² da região como representantes nacionais. Esta obviação se dá com maior presença na iminência de um evento histórico, como finais de campeonato ou títulos.

5.3.2 2001: Tite x Corinthians

*‘Graças ao trabalho de vestiário do Tite, não somos mais um time de futebol, mas sim um grupo de amigos que joga bola. É por isso que temos um time tão bom’, acrescentou Danlei. ‘O Tite é diferente de todos os outros treinadores que eu já tive na carreira. Ainda é cedo para dizer, mas o futuro do Tite será treinar a Seleção Brasileira’, prevê Mauro Galvão.*¹¹³

Seis anos depois da derrota ante o Corinthians na final da Copa do Brasil, o Grêmio encontrara a chance da desforra num cruzamento incomum, que o colocou frente à frente com seu algoz. Luiz Felipe Scolari, técnico do time tricolor de 1995 e inventor de um estilo corporal que levava seu nome, tornara-se o “Felipão”, recém-nomeado técnico da seleção brasileira de futebol, que vivia um momento delicado nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2002. A escolha fez com que alguns periódicos rio-grandenses celebrassem a preferência da Confederação Brasileira de Futebol por um técnico gaúcho, o que apoiaria na divulgação de uma identidade futebolística do Rio Grande do Sul associada à camisa verde-amarela.

¹¹² Quando o Sport Club Corinthians Paulista foi campeão da Copa do Mundo de Clubes da FIFA em 2012, *Correio do Povo* e *Zero Hora* destacaram a presença de atletas gaúchos no elenco – como o goleiro Cássio – e a influência de Tite no comando técnico do clube paulista, relegando ao segundo plano a narrativa acerca da campanha do time.

¹¹³ Os mosqueteiros querem muito mais. *CORREIO DO POVO*, 19/06/2001, s/p. Esta citação, assim como as demais referências ao jornal *Correio do Povo* neste subtítulo, foi retirada do arquivo digital do periódico. Disponibilizaremos em notas de rodapé o endereço digital em que encontramos tais excertos. O *link* deste excerto está disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N262/HTML/default.htm> Consultado em: 02/08/2016.

Sai a Seleção sapatilha. Entra a Seleção de chuteiras. Felipão é isto: definitivamente, a síntese do futebol! (...). Felipão comandando o selecionado brasileiro, Tite na final da Copa do Brasil e Celso Roth aí, aí para colocar o Palmeiras na final do mundial interclubes. Hoje vou levar chinelada dos navegadores paulistas e cariocas. Tudo bem! (MOMBACH, Hiltor. Chuteira & nuança. *CORREIO DO POVO*. 13/06/2001, s/p).¹¹⁴

Ao denominar as seleções anteriores de “Seleção sapatilha”, Hiltor Mombach improvisa uma categoria que dialoga com ideias apresentadas nos anos 1970 por Ibsen Pinheiro quando este se referira ao futebol brasileiro como “futebol-frescura”. Ao mencionar sapatilha como referência à ausência de masculinidade, elemento tido como central dentro deste esporte e estereotipado à algo bruto, tosco e resistente (MACHILLOT: 2013), o colunista aproxima valores “gauchescos” em torno do termo “Seleção de chuteiras”, reivindicada como a “síntese” (com muitas aspas) do futebol. A citação de dois técnicos gaúchos de clubes de futebol em bons momentos reforçam seu argumento: Celso Roth, pela Sociedade Esportiva Palmeiras; e Tite, pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Adenor Leonardo Bacchi (o Tite), atleta que teve carreira abreviada pelas lesões, graduou-se em educação física durante os anos 1980 e iniciara sua carreira de treinador passando por diversos clubes do interior gaúcho. Adquirira alguns triunfos frente aos grandes clubes de Porto Alegre em algumas ocasiões, como no Campeonato Gaúcho de 1995 quando treinava o Veranópolis Esporte Clube Recreativo e Cultural. Vencera a partida por 2 a 1, e os jornais narraram o episódio mais pelo prisma colorado do que pela perspectiva pentacolor¹¹⁵ (Reservas do Inter perdem mais uma. *ZERO HORA*, 16/06/1995, p. 55).

O primeiro título de magnitude de Tite viera cinco anos depois desta vitória pouco reconhecida pelos meios de comunicação impressos da capital. Comandando a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul – clube que o lançara ao futebol profissional como atleta –, conquistou o Campeonato Gaúcho de 2000, superando nas finais o Grêmio após vencer em Caxias do Sul por 3 a 0 e empatar sem gols no Estádio Olímpico. Era o segundo título da cidade de Caxias do Sul em dois anos¹¹⁶, questionando uma hegemonia da dupla Grêmio e Internacional que durava mais de 60 anos¹¹⁷, justamente num período em que a linha editorial

¹¹⁴ *Link* consultado em 01/08/2016, disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N256/HTML/default.htm>

¹¹⁵ Alcinha dada à equipe da cidade de Veranópolis.

¹¹⁶ Em 1998, o Esporte Clube Juventude fora o campeão gaúcho, superando na final o Internacional, após vencer em casa por 3 a 1 e empatar sem gols no Estádio Beira-Rio.

¹¹⁷ O último clube do interior que se sagrou campeão gaúcho foi o Foot Ball Club Riograndense, da cidade de Rio Grande, em 1939. Depois disso, somente o extinto Grêmio Esportivo Renner, de Porto Alegre, conquistara um título além da dupla Gre-Nal, em 1954. A tabela de campeões encontra-se disponível em: http://www.ogol.com.br/edition_winners.php?id=92852 Consultado em: 01/08/2016.

esportiva cobria com menor frequência os acontecimentos de equipes de outras regiões do Brasil. Assim, o destaque à conquista do Campeonato Gaúcho pelo Caxias é maior do que a derrota do Palmeiras na Copa Libertadores da América, partidas que ocorreram quase que simultaneamente.

Conseqüentemente, a diretoria do Grêmio opta por contratar Tite no ano seguinte, acreditando que este mesmo agente replique o sucesso atingido por uma equipe de menor expressão nacional. Dentre as propostas trazidas pelo caxiense estavam as alternativas táticas com ênfase na marcação e posse de bola e a mudança de posicionamento em campo de seus atletas, estabelecendo-os em um desenho de 3-5-2 (ver Anexo V).

Estratégia que esbarra em dificuldades ao enfrentar o Sport Club Corinthians Paulista nas finais da Copa do Brasil de 2001. O torneio ampliara o número de jogos e participantes, havendo um número maior de viagens. A equipe alvinegra era uma das principais do Brasil naquele momento, e contava com o renomado treinador Wanderley Luxemburgo e atletas como Marcelinho Carioca e Ricardinho. O elenco gremista contava com a mescla de veteranos (como Zinho e Mauro Galvão) e jovens talentos (como Anderson Polga e Tinga) e buscava reformulação após a saída de seu principal jogador no início do ano, Ronaldinho Gaúcho. Na primeira partida da decisão, o Grêmio “conquistara” um empate por 2 a 2 no Estádio Olímpico:

Ali, no primeiro gol de Luis Mário, no gol que rompeu com o silêncio quase sepulcral que envolvia o estádio Olímpico lotadíssimo e funéreo, eu pensei no *imortal tricolor*. O Corinthians não sabia do segredo da imortalidade. Se sabia, desdenhou e ninguém escarnece a história impunemente. Pois ali, no primeiro gol, eu tive a convicção mais íntima de que estávamos novamente diante do *fenômeno da ressurreição gremista*. Disse gremista e explico: *só o Grêmio é imortal!* Vejam: o time estava mortinho depois dos 2 a 0 e assim, mortinho, reviveu gloriosamente, estancando o sepultamento. No segundo gol de Luis Mário, *50 mil vozes explodiram de contentamento não pelo empate, não: estava ali o sinal divino da imortalidade!* Assim, feito Highlander, o Grêmio vai para o segundo jogo. *O Corinthians brincou com assombração*. (MOMBACH, Hiltor. Imortal. *CORREIO DO POVO*, 11/06/2001, s/p. GRIFOS NOSSOS).¹¹⁸

A narrativa permeada de termos sobrenaturais que justificam o trunfo tricolor nas circunstâncias adversas (uma derrota em casa por dois gols de diferença até meados do segundo tempo com torcedores desanimados) aponta para uma compreensão alternativa àquela da racionalidade ocidental que prega neutralidade axiológica, exatidão e purificação de elementos fantásticos, no entanto, *simetricamente* (LATOURET: 1994) verossímil. Ademais, a

¹¹⁸ Link consultado em 01/08/2016, disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N254/HTML/default.htm>

adoção do argumento embasado na imortalidade está atrelada a diversos eventos externos, que vão desde o estilo de escrita de Hiltor Mombach e o seu entendimento do universo futebolístico, passando pela convenção inventada (WAGNER: 2012) do Grêmio como o clube “imortal”, até chegar ao empate, resultado que em “circunstâncias normais” parece inimaginável. Magia endossada pelas “50 mil vozes que explodiram de contentamento não pelo empate, não: estava ali o sinal *divino* da *imortalidade*”. Evento esse que se assemelha à descrição dos ex-atletas do Internacional sobre o primeiro título do Campeonato Brasileiro, em 1975, sobre o “gol iluminado”.

Explicações essas que, numa lógica relacional de análise, podem andar juntas. No início do livro *Jamais Fomos Modernos*, Bruno Latour expõe uma página de jornal que relata temas diversos sobre uma mesma notícia: assuntos que misturam “reações químicas e reações políticas” (LATOURE: 1994, p. 7). Os meios de comunicação impressos são somente um dos espaços que permitem a percepção de uma miríade de significados, todos *híbridos*. Mesmo numa constante tentativa *moderna* de “tradução” e “purificação” destas coisas em categorias, os *híbridos vazam*, para uns, em *redes* (IDEM), para outros, em *malhas* (INGOLD: 2012b). Assim, no mesmo jornal encontramos também informações repletas de termos estranhos à linguagem mágica acerca dos acontecimentos que rondam a final da Copa do Brasil, como a descrição de considerações técnicas embasadas em trechos da fala de Tite, enfatizando elementos correspondentes à equipe tricolor, como posse de bola e disciplina defensiva. Dois discursos diferentes que conversam sobre um mesmo tema: o Grêmio na Copa do Brasil.

O Corinthians, na condição do Outro, é apresentado em pequenas referências ao longo dos textos, geralmente relacionado ao clube gaúcho. Como no dia da partida de volta em São Paulo, quando o jornal fez uma comparação entre os jogos táticos dos treinadores das equipes:

Para buscar a vitória, Tite exigiu uma forte *pegada* da equipe. A marcação ao adversário vai acontecer desde a saída de bola corintiana. 'Precisaremos ser o mesmo time *organizado* e *pegador* se quisermos voltar de São Paulo com o título', afirmou o técnico gremista. (...). Depois da sua demissão da Seleção Brasileira, em virtude da má campanha nos Jogos Olímpicos de Sydney, e envolvido em diversos escândalos, Wanderley Luxemburgo voltou a ser notícia no país, pela boa campanha do Corinthians no Paulistão e na Copa do Brasil. No estadual, o treinador tirou o Corinthians das últimas posições e conquistou o título. 'A equipe está jogando bem, mas vencer a Copa do Brasil será importante para consolidar o trabalho', salientou ele. (Luxemburgo x Tite, o sensacional jogo tático. *CORREIO DO POVO*, 17/06/2001, s/p. GRIFOS NOSSOS)¹¹⁹

¹¹⁹ Link disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N260/HTML/24LUXEMB.htm> Consultado em: 02/08/2016.

Assim como em 1995, quando outro periódico do Rio Grande do Sul o citou para descrever o Grêmio, o termo *pegada* reaparece com o mesmo sentido. Mais: aparece na fala de Tite, indicando que a palavra faz parte de um imaginário comunitário dos agentes gaúchos, sejam eles “especialistas”, “profissionais” ou “torcedores”. Acompanhado deste verbete estão outros que costumam fazer parte da descrição do universo futebolístico sul-rio-grandense, tais como “marcação” e “organizado”. No que consta à descrição do técnico corintiano, o texto inicialmente denigre a representação deste para depois enaltecer os feitos adquiridos nos últimos anos pela equipe paulista. Uma estratégia que, ao elogiar o Outro, engrandece proporcionalmente o Grêmio ao superá-lo.

Mais uma vez, o clube tricolor de Porto Alegre era o representante gaúcho diante do futebol brasileiro; clube que “honrou as mais caras tradições gaúchas, como a bravura e a capacidade de indignação diante de situações adversas”¹²⁰, conforme escreve o editorial gaúcho do dia seguinte à conquista da quarta Copa do Brasil de sua história, sagrando-se o maior vencedor e o “grande clube do Brasil”, para alguns.

Nenhum país vive sem seu grande clube. Eu poderia dizer sem seus grandes clubes, assim, algo mais genérico, mas não: todo país tem seu grande e imponente clube. O desinformado que aqui desembarcasse perguntando qual o papa-títulos brasileiro, o campeão dos campeões, o maioral, *the best*, ouviria um categórico GRÊMIO. É quase inacreditável: o Rio Grande do Sul está quase despencando do Brasil e aqui, desta pontinha, comanda o rei dos reis, o grande clube do país, com a fantástica, prodigiosa e sobrenatural média de três títulos nacionais por década. Dizer que o GRÊMIO reduziu o Timão em timinho não é nada. Abusado, bebeu do seu sangue, incorporando seu hino, que poderia ser ‘salve o GRÊMIO, campeão dos campeões...’. GRÊMIO, GRÊMIO, GRÊMIO, GRÊMIO, GRÊMIO & GRÊMIO, seis vezes campeão dos campeões. (...). Tite conquistou dois títulos em menos de seis meses. Devem se envergonhar os gurus de plantão, os profetas do absurdo, os teóricos de pouca prática (...). O Grêmio foi conjunto. Ficou visível o trabalho de Tite. **Escrevam: acabará treinando a Seleção Brasileira.** (...). O Grêmio conquistou dois títulos em um semestre e ninguém, no Olímpico, fala em equipe multidisciplinar (...). A vingança de 95 veio com juro e correção. (O grande clube. *CORREIO DO POVO*, 18/06/2001, s/p, GRIFOS EM NEGRITO NOSSOS).¹²¹

O título gremista e a exaltação do time como o maior do país coincidem com o reconhecimento a Tite como o melhor treinador daquele momento, através da profecia de que ele “acabará treinando a Seleção Brasileira”. Fato riquíssimo de significado, uma vez que um gaúcho comandando uma das principais simbologias nacionais demonstra a apropriação periférica daquilo que pertencia até então ao centro do futebol no país; o Outro imaginado pelos meios de comunicação esportivos do Rio Grande do Sul e, de certa forma, pelos agentes gaúchos envolvidos desta região, será o Brasil, mais precisamente o eixo central de produção

¹²⁰ O campeão dos campeões. *CORREIO DO POVO*, 18/06/2001, s/p. Link disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N261/HTML/default.htm> Consultado em: 02/08/2016.

¹²¹ Link disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N261/HTML/default.htm> Consultado em: 02/08/2016.

cultural do país na megalópole Rio de Janeiro-São Paulo. É a vitória do futebol que incorporou o *gaúcho*, parafraseando o título de um artigo de José Sérgio Leite Lopes.

Para além do habitual, as descrições das ações técnicas de Tite vão para outras áreas, como aplicações psicológicas junto ao elenco que resultam numa performance ampliada. A menção ao “*doping moral*” consistia numa série de mensagens escritas por familiares de atletas e membros da comissão técnica entregues momentos antes da partida derradeira contra o Corinthians, no Morumbi, a fim de motivar os atletas¹²². Assim, a figura de Tite é estabelecida como avançada ao seu tempo, seja no relato de atletas, jornalistas e adeptos em 2001 ou no depoimento de um profissional em 2016:

Então, a imagem que eu tenho do Tite é essa: é um cara que tá sempre à frente da tendência. Como as equipes dele ele organiza muito bem, e em um modelo muito coeso assim de forma de jogar, as pessoas acabam copiando ele. Então, a imagem que eu tenho do Tite é essa: é um cara que tá sempre à frente da tendência. Como as equipes dele ele organiza muito bem, e em um modelo muito coeso assim de forma de jogar, as pessoas acabam copiando ele. Mas ele é, digamos, se não o primeiro, um dos primeiros a identificar algumas coisas e transformar isso em conceitos depois que as pessoas vão copiar porque deram certo. (ENTREVISTA À ROBERTO RIBAS).

Ao mesmo tempo em que os agentes futebolísticos sul-rio-grandenses exaltam o trabalho do técnico gaúcho no clube “mais gaúcho”, há o caso de espionagem promovido pelo auxiliar técnico de Tite, Cléber Xavier, aos treinamentos do Corinthians antes da partida de volta da final da Copa do Brasil¹²³. A pouca importância dada a este episódio no jornal gaúcho nos diz muito sobre a invenção de uma personagem íntegra e monolítica que reforçasse uma convenção gauchesca. Contrastante a um jornal paulista, que expõe no início de uma página o título referente ao episódio (ARRUDA, Eduardo; PERRONE, Ricardo. Espionagem agita treino do Corinthians. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 16/06/2001, p. D5). As contradições do caxiense o marcam a ponto de ora como autor de espionagem em treinamento do adversário, ora ser identificado como propulsor da “democracia gremista”, modelo onde “os jogadores têm liberdade para interferir na maneira de jogar e dar conselhos ao técnico” (GERCHMANN, Léo. Gremistas confiam em democracia. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 17/06/2001, p. D3) que se assemelha a algumas ideias da “democracia corintiana” (SÓCRATES et al: 2012). Linhas de treinador e clube paulista que se interseccionam outras vezes na história do futebol, como em 2004 e em 2010, e que revolucionam outras linhas de

¹²² Cartas de incentivo foram decisivas. *CORREIO DO POVO*, 18/06/2001, s/p. Link disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N261/HTML/22CARTAS.htm> Consultado em: 02/08/2016.

¹²³ “Espião” gaúcho é retirado à força, aumentando a tensão. *CORREIO DO POVO*. 16/06/2001, s/p. Link disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N259/HTML/default.htm> Consultado em: 02/08/2016.

sentimentos, como a percepção dos meios de comunicação esportivos de São Paulo sobre este Outro gaúcho.

6 “ÉS DO BRASIL O CLUBE MAIS BRASILEIRO”? ESTUDO DE CASO DA PASSAGEM DO TÉCNICO TITE NO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA (2012-2015)

“O Corinthians não é só um time e uma torcida. É um estado de espírito.” (Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira)

O desenvolvimento da cidade de São Paulo no final do século XIX muito graças aos rendimentos vindos do café possibilitou a assunção de novas configurações culturais na urbe, como uma prática esportiva que atingirá seu apogeu nos anos 1920 e 1930: o futebol (SEVCENKO: 1994). A relação tensa entre o futebol “oficial”, praticado por clubes da elite paulistana e descendentes de europeus desde o início do século XX, e o futebol de várzea, relacionado a uma invenção popular onde equipes de funcionários fabris, proletários em geral e outros membros da sociedade paulistana não pertencente à elite do período participavam de campeonatos alheios à Liga Paulista de Futebol, sempre dialogou correntemente com os periódicos impressos do período até meados dos anos 1910, quando exaltavam o primeiro como esporte e omitia de suas páginas o segundo, considerado uma leitura vulgar do esporte bretão. Na medida em que novos espaços de sociabilidade nasciam entre os bairros populares e o futebol, que “não custou muito para conquistar a população, de alto a baixo, nas várzeas, nos terrenos baldios próximos às fábricas, nos pátios dos colégios, nos clubes” (ALMEIDA et al: 2013, p. 60-1), o esporte passou por uma reconfiguração de sentidos, passando a ser entendido como fator de “brasilidade” que exaltava o vigor físico junto à antropofagia duma prática estrangeira. Clubes foram criados, espaços públicos readaptados para o futebol e a consequente profissionalização na década de 1930 possibilitou a fundação de um torneio profissional sob a tutela da Federação Paulista de Futebol, fundada em 1941.

A história do Sport Club Corinthians Paulista perpassa por este cenário: clube fundado por imigrantes (seu primeiro presidente, o alfaiate Miguel Battaglia, era italiano) no bairro central do Bom Retiro, com o nome inspirado num clube inglês que visitara o país naquele momento (Corinthian Casuals Football Club) e grande vencedor dos campeonatos de várzea que pululavam pela cidade, já no quarto ano de vida passara a frequentar a Liga de Football Paulista ao lado de clubes elitistas e que detinham o poder dominante sobre a Federação, como o Club Athletico Paulistano, já contando com a admiração de muitos imigrantes que viviam em São Paulo. Transitando entre a várzea e o “oficial” como um *híbrido* nas primeiras

décadas de existência, o Corinthians nutre uma grande simpatia pelos fãs de futebol que não detinham capital social para frequentarem clubes de elite de São Paulo e logo se consagra como o “time do povo”, transcendendo vínculos bairristas que sujeitam algumas instituições do mundo futebolístico desde os primórdios. Em tempo, título de origem incerta que dialogará com alguns eventos deste clube ao longo de sua história, por exemplo, o jejum de conquistas que perdurou por 22 anos, posicionando o rótulo de “sofredor” – estereótipo “popularmente” atrelado ao oprimido, ao “povo” – como sinônimo de Corinthians¹²⁴. Povo este que, por sua vez, sofrerá diversas transfigurações no decorrer do espaço-tempo, desde lotações em estádios como o Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) e o Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), até a mudança de perfil social imposto pelas barreiras monetárias da Arena Itaquera, sonho de uns, pesadelo de tantos.

Entre a década de 1950 e 1970, alguns títulos extraoficiais, tais como a I Copa São Paulo, as duas primeiras edições da Taça São Paulo de Futebol Júnior¹²⁵ e o “Torneio do Povo”¹²⁶, realizado em 1971. No que se refere às conquistas oficiais, o alvinegro quase encerrou esse jejum no ano de 1974, quando fora a melhor equipe do primeiro turno do Campeonato Paulista, garantindo sua vaga à final da competição de forma antecipada. Na final, acabou superado pelo seu arquirrival, a Sociedade Esportiva Palmeiras, desencadeando uma crise no clube do Parque São Jorge: consoante os periódicos paulistas, o meio-campista Rivellino, ídolo daquela equipe, se desentendera com os dirigentes alvinegros e se afastou do Corinthians, passando a atuar pelo Fluminense Football Club a partir do ano de 1975. Pequenos títulos, como a quebra da “freguesia” contra o Santos Futebol Clube de Pelé, em 1968, logo eram aplacados por tragédias, como o acidente automobilístico que vitimou dois atletas corinthianos em 1969, levando cerca de 30 mil pessoas ao velório na Capela do Parque São Jorge, sede social do clube, mostrando que “na morte, a torcida foi ainda mais fiel” (*FOLHA DE SÃO PAULO*, 29/04/1969, p. 26).

¹²⁴ Os termos “maloqueiro” e “sofredor” são enaltecidos em uma das canções inventadas pela maior torcida organizada do Corinthians, os Gaviões da Fiel, fundados em 1969 para combater a repressão do diretor Wadih Helu que dirigia o clube com mãos de ferro e quando nem mesmo os adeptos não mais acreditavam no Corinthians, segundo depoimento de Flávio La Selva, primeiro sócio dos Gaviões da Fiel, no *link* disponível em: http://www.gavioes.com.br/?page_id=154 Consultado em: 16/08/2016.

¹²⁵ Na época intitulada Taça São Paulo de Futebol Juvenil, promovida pela Secretaria Municipal de Esportes da cidade de São Paulo, hoje conhecida como Copa São Paulo de Futebol Junior, a Copinha. As partidas entre selecionados sub-20 (atletas com a idade igual ou inferior a 20 anos) de clubes do Brasil inteiro (medida iniciada a partir de 1971) se enfrentam em diversas cidades de São Paulo em jogos de portões abertos.

¹²⁶ Disputado por três anos entre os campeonatos regionais e nacional (MORAIS FILHO: 1976, p. 115), o “Torneio do Povo” – intitulado oficialmente com o nome de um ditador brasileiro – reunia os clubes mais “populares” de seis Estados brasileiros: Esporte Clube Bahia, Clube Atlético Mineiro, Coritiba Foot Ball Club, Clube de Regatas do Flamengo, Sport Club Internacional e Sport Club Corinthians Paulista.

Como destacara o historiador Plínio Labriola Negreiros (2010), um evento anterior à “Democracia Corinthiana” de 1982 (maior movimento político de relação entre clube e torcida do mundo) que representa bem a simbiose que envolve adeptos e instituição é a Invasão Corinthiana.

Um evento tramado ao futebol e aos seus torcedores, amarrado a um contexto histórico especial: uma multidão de torcedores, principalmente de São Paulo, fez do Rio de Janeiro uma cidade “ocupada”: foi a invasão corintiana. Milhares de torcedores sem uma conquista de título importante há 22 anos, injetados numa cidade cada vez mais desumanizada, inserida em um contexto de regime autoritário (...). Desse caldo, São Paulo, senão o Brasil, torce pelo seu próprio sucesso através das cores do SCCP. (IBIDEM: p. 231-2)

Em todos estes momentos, o que existiu foi uma *relação* entre times do Corinthians e a sua torcida “fiel”, como eles mesmos e os meios de comunicação impressos mostravam, o que culmina num *estilo de jogo híbrido*, uma vez que um dos elementos centrais desta dialética sem síntese não atua dentro das quatro linhas. Muitos atletas tidos como “talentosos”, “criativos” e “individuais” não obtiveram sucesso e foram questionados pelos adeptos da agremiação no decorrer dos anos¹²⁷, enquanto grande parte dos jogadores “raçudos”, “grossos” e “coletivos” foram idolatrados pelos torcedores¹²⁸, como Biro Biro, Wladimir, Basílio e Zé Maria.

Mas este movimento, que parece um núcleo duro na cosmologia corintiana, é questionado e se reinventa através de novas perspectivas a partir de campanhas com agentes inovadores nesta ontologia, como durante as campanhas entre os anos de 2010 e 2015 com o técnico Adenor Leonardo Bacchi, o Tite, que de treinador mediano e com um estilo de jogo pragmático e defensivo em 2004 – em sua primeira passagem pela instituição –, tornou-se um dos principais personagens da história da agremiação graças à revolução tática colocada pelo mesmo a partir de 2012, garantindo reconhecimento e prestígio não somente entre os adeptos, como também entre profissionais de outros clubes e entre as páginas dos jornais.

¹²⁷ O caso mais recente foi o do atacante Alexandre Pato, com uma passagem discreta pela equipe do Parque São Jorge.

¹²⁸ Um dos cânticos entoados pelos torcedores nas partidas corintianas quando a equipe está perdendo ou jogando mal é: “Vamos jogar com *raça* e com o *coração*! É o *time do povo*! É o coringão!” (GRIFOS NOSSOS). Assim, termos que remetem à determinação e aplicação física em detrimento muitas vezes da criatividade e jogadas talentosas, como dribles e fintas, aparecem com grande frequência no pensamento do corintiano.

6.1 “O Corinthians é uma torcida que tem um time”: a Invasão Corintiana como elemento caracterizador da ontologia alvinegra

Ai Corinthians, cachaça do torcedor, colorido em preto e branco, sem preconceito de cor. Ai, Corinthians, quando és o vencedor, pobre fica milionário, rindo da própria dor. (Ai Corinthians – Paulinho Nogueira)¹²⁹.

A viagem dos torcedores para ver a equipe chegar às semifinais de 1976, narrada pela imprensa como epopeia, teve como uma das decorrências a enorme presença de corintianos no Rio de Janeiro. Talvez as personagens desse processo não tivessem uma ideia exata da forte presença de torcedores de São Paulo em apoio ao time alvinegro, nem que essa caravana tomasse o sentido de unir os paulistas em uma guerra menos contra os cariocas e o Fluminense e mais a favor do Corinthians. É como se, depois de algumas décadas, São Paulo voltasse a se unir. Havia sido assim em 1932, na luta contra Vargas (...). [E] a imprensa voltou a ter um papel preponderante (NEGREIROS: 2010 p. 235).

O ano de 1976 fora marcado por eventos no universo futebolístico brasileiro que consagraram determinadas equipes e suas respectivas estéticas apresentadas nas partidas. O Sport Club Internacional, como indicamos, posicionou-se como o time do momento na visão de alguns viventes desta ontologia, a maioria deles oriundos do Rio Grande do Sul. A consideração de adotar o modelo apresentado pelo conjunto colorado na Seleção Brasileira de futebol era comum nas páginas gaúchas, como vemos neste depoimento de Paulo Roberto Falcão, meio-campista do Internacional e da Seleção:

Se Brandão [Oswaldo Brandão, treinador da Seleção Brasileira em 1976] quisesse realmente aplicar um futebol moderno na seleção, teria tido um critério para a convocação dos jogadores. O Inter provou, através da campanha deste ano, que pratica o futebol mais moderno do país. É o único time que marca por pressão, que faz o bloqueio no meio de campo, que ataca e recua em bloco. E a famosa tática do impedimento, criada pelo Inter este ano, surgiu a partir da vinda de Marinho. O próprio treinador Rubens Minelli reconhecia que um dos principais motivos da vinda de Marinho era por ele estar acostumado com as táticas europeias de esquemas defensivos e marcação. (*ZERO HORA*, 15/12/1976, p. 39).

Nem todos concordavam com tal apontamento, como o gaúcho Oswaldo Brandão; reação mal recebida nos meios de comunicação impressos daquela região¹³⁰. Ao mesmo

¹²⁹ Composição musical datada de 1974, ano em que o Corinthians quase quebrara o jejum de títulos que já perdurava por 20 anos. A letra integral encontra-se em: <https://www.vagalume.com.br/paulinho-nogueira/meus-20-anos-ai-corinthians.html> Consultado em: 24/08/2016.

¹³⁰ Em tom de réplica, o mesmo jornal publicou uma entrevista com o treinador da seleção brasileira onde assuntos diversos foram perguntados, inclusive sobre a possibilidade de mimetizar elementos daquele Internacional bicampeão brasileiro. Sua resposta foi: “– Em primeiro lugar, eu não acho que o Inter pratique o futebol mais moderno do país. O Inter tem um futebol rápido e competitivo, só isso. O único detalhe a destacar no time do Inter é a tática do impedimento, que eles fazem com perfeição. O Figueroa já sabia fazer isso no Peñarol, e o Marinho aprendeu na Espanha. Não tem nenhuma novidade nesse sistema. A vantagem do Minelli é que ele reuniu quatro jogadores que se acertam bem e sabem coordenar o avanço da linha de zagueiros.” (**Brandão, Um gaúcho que não acredita no Inter.** *ZERO HORA*, 16/12/1976, p. 46. GRIFOS NOSSOS). A insatisfação apontada no título da reportagem indica como a parallaxe areja e flui a narrativa acerca do futebol

tempo, grandes equipes pululavam naquele momento no futebol brasileiro: o Cruzeiro Esporte Clube, primeiro clube brasileiro pós-Santos de Pelé a conquistar uma Copa Libertadores da América¹³¹, e o Fluminense Football Club eram exemplos. Entrementes, um time pouco destacado tecnicamente galgara às fases finais daquele campeonato nacional; uma agremiação associada à força de seus torcedores que compareciam em peso nas partidas como um diferencial que intimidava os adversários. Esse clube era o Corinthians.

Às vésperas da partida contra o Fluminense pela semifinal do campeonato brasileiro¹³², periódicos paulistas expunham como informação relacionada ao Sport Club Corinthians Paulista reportagens direcionadas ao apoio dos “fiéis” torcedores alvinegros, que prestigiavam sua equipe até nos treinos no Parque São Jorge. Nota-se que o principal trunfo da equipe alvinegra paulista, consoante estes meios de comunicação, são seus adeptos, que se comportavam de maneira distinta aos outros torcedores – de forma análoga ao que ocorrera em 1974, quando o “povo” dividia as atenções junto a eventos como a final da Copa Libertadores em que o São Paulo Futebol Clube participara e a aposentadoria de Pelé.

Mesmo a narrativa dos atletas do clube paulista, nas expressões do atacante Vaguinho, consideravam o Fluminense como equipe superior tecnicamente, apesar da confiança na vitória (Até em treino torcida prestigia o Coríntians¹³³, *FOLHA DE SÃO PAULO*, p. 26). Ademais, os jornais paulistas reforçam essa confiança na superação de um adversário que se encontrava até então imbatível jogando no Maracanã e, em seguida, sagrar-se campeão brasileiro sobre o Clube Atlético Mineiro ou o Sport Club Internacional. Seções que não tratam de esporte, como a *Folha Ilustrada*, realizam reportagens em que narram a viagem de volta de torcedores corinthianos da “Gaviões da Fiel” de Recife para São Paulo de ônibus após vitória sobre o Santa Cruz Futebol Clube, fato que denota o diferencial deste clube que possui

gaúcho e do futebol brasileiro. O recorte da fala de Brandão também colide com a exaltação do trabalho hercúleo de Minelli pelos periódicos.

¹³¹ Vice-campeã do Campeonato Brasileiro de 1975, vitimada pelo “gol iluminado” do Internacional, fez contra este adversário aquele que ficou conhecido como o “maior jogo da história do Mineirão”: vitória por 5 a 4 e eliminação dos colorados na Copa Libertadores da América. Palavras que remetem a elementos mágicos e sobrenaturais pululam as narrativas dos atletas em documentário: “Um resultado que não diz o que foi o jogo. Porque se aquele jogo fosse 15 a 14 também seria justo, porque as duas equipes tinham um grande poder ofensivo” (Cláudio, ex-jogador do Internacional) ou “Nesse dia, meu amigo, o Joãozinho [ex-atleta cruzeirense] tava iluminado. Quer dizer, a partida toda, a movimentação do placar, a atuação dos jogadores; todos estiveram muito bem. Mas nesse dia, o Joãozinho ultrapassou os limites do que é ter uma atuação maravilhosa, de destaque.” (Nelinho, ex-jogador do Cruzeiro).

¹³² As fases finais da competição eram definidas em jogo único, sendo o local da partida escolhido a partir das campanhas nas fases anteriores dos clubes envolvidos. Ou seja, os dois melhores colocados tinham a vantagem de realizar os jogos como mandante.

¹³³ Optamos por manter a grafia original adotada pelos meios de comunicação impressos consultados.

uma torcida que peregrinava Brasil afora (Corinthians. A longa viagem de volta. *FOLHA DE SÃO PAULO*. 02/12/1976, p. 39). Propagandas com a temática do clube alvinegro estão espalhadas por todos os editoriais desde o dia 04/12 (sábado, um dia antes da semifinal) e envolve diversas instituições, por exemplo, emissoras televisivas e bancos (como podemos ver no Anexo VI).

A descrição do jogo por parte do periódico é repleta de termos que exaltam esta simbiose entre um suposto heroísmo corintiano (atrelado às condições adversas representadas pela chuva e pelas péssimas condições de conservação do gramado, o empate durante os cento e vinte minutos e a disputa de pênaltis, o argumento *ab ovo* sobre as qualidades técnicas superiores dos adversários, e os apontamentos para um jogo violento e “amarrado”) vinculado a uma coletividade que envolvia tanto os jogadores em campo quanto os milhares de torcedores que presenciaram no estádio do Maracanã a classificação alvinegra. Assim, durante o primeiro tempo o “Corinthians era o time mais organizado e atacava mais vezes”, ao contrário do que se desencadeara no decorrer da partida:

No intervalo as chuvas aumentaram e o campo ficou sem condições de jogo. Mas assim mesmo a partida foi reiniciada. O árbitro consultou os jogadores e todos concordaram. A boa disputa da primeira etapa perdeu seu brilho pela falta de bom futebol no campo completamente alagado (...). Sem poder dominar a bola, os jogadores procuravam os chutes que se perdiam nas poças d'água (...). O jogo persistiu sem nenhuma jogada técnica. Fluminense e Corinthians tentavam os chutes longos, mas nada conseguiam. Se, de um lado, o ataque do Corinthians desperdiçava as boas oportunidades que surgiam, de outro o Fluminense também não aproveitava bem seus contra-ataques (...). Com o empate, as duas equipes foram para a prorrogação de trinta minutos, depois de um intervalo de 10 minutos. (Nos pênaltis, o Corinthians vence. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 06/12/1976, p. 14).

Ao que indica o excerto acima, a equipe paulista surpreendera a todos após o final dos primeiros quarenta e cinco minutos da semifinal ao jogar de “igual para igual” contra um time superior tecnicamente, sendo a equipe que tomava as iniciativas ofensivas na partida, enquanto o Fluminense buscava um contra-ataque efetivo contra a pressão alvinegra. Com influência direta da chuva, o campo não proporcionara aos atletas condições para jogadas mais sofisticadas, o que pode ter influenciado negativamente a atuação do tricolor carioca. Ao longo desta reportagem, a presença massiva de torcedores corintianos no estádio não fora evocada, apesar de a encontrarmos em outras partes desta mesma cobertura – que exaltavam as dezenas de milhares de adeptos dentro do estádio e as muitas caravanas de veículos que pintaram a Rodovia Presidente Dutra de preto e branco – e da sua influência direta naquele resultado (NEGREIROS: 2010).

Para além do fator torcida, essa miríade de peregrinos e heróis anônimos que correspondem a uma das facetas mais recordadas ao se tratar de Corinthians, vale destacar a aparição nos jornais de outros elementos considerados fundamentais para o sucesso da equipe que chegara às finais do campeonato brasileiro – e, conseqüentemente, classificada para a Copa Libertadores da América de 1977 – pela primeira vez. David Ferreira, o Duque, treinador corintiano na ocasião, era caracterizado por termos fantásticos – como o “místico” – ; ex-jogador e graduado em “Educação Física no Rio de Janeiro”, é “bom malandro” e “supersticioso”, segundo um texto narrado em cunho fortemente emocional e contendo depoimentos de membros de uma das torcidas organizadas corintianas, o que acaba por demonstrar o quão reforçado era a relação entre clube e torcedores:

“Ele se assemelha ao povo, à formação da própria equipe e torcida. Ele é um bom técnico, mas seu maior mérito não é estratégia e sim a criação de saídas, desculpas, quase mitos, põe a culpa da derrota sobre as credices tirando a responsabilidade dos jogadores (...). Com auto confiança a equipe tem chegado às vitórias. Quando o técnico é amigo, os jogadores passam a acreditar nas superstições. Enfim, aliam boa vontade, convivência e credice” – Cláudio Romero, um dos diretores da Camisa 12, uma das maiores torcidas uniformizadas do Corinthians. (Duque, o místico que desmistificou o Corinthians. FOLHA DE SÃO PAULO, 06/12/1976, p. 19. GRIFOS NOSSOS).

Tal como um *inventor*, categoria “inventada” por Rubens Minelli e reproduzida quase que simultaneamente a este depoimento¹³⁴, Duque é um *treinador* no sentido incorporado por este termo. Como um improvisador (WAGNER: 2012), David Ferreira é “narrado” pelo diretor de uma das torcidas organizadas – agente altamente simbólico, segundo a ontologia corintiana – por elementos que fogem a uma racionalização das ações geralmente presentes nos discursos jornalísticos; “criação de quase mitos”, “credices” e “amizade” sobrepõem lógicas embasadas em “estratégia”. “O místico que desmitificou o Corinthians” é descrito por dois universos diferentes: torcedores e especialistas. Nesta condição paradoxal entre título e texto da reportagem, encontramos a “informação” (BENJAMIN: 1985) que apresenta o desencantamento de *um* mundo através de um líder carismático, avaliado por outro líder carismático, o diretor da Camisa 12. Neste sentido, encontra-se no excerto acima uma miríade de sentidos, ora “mágicos”, ora “realistas” que, juntos, constituem uma narrativa *viva e fluída* (INGOLD: 2012b) não somente àquele que escreve, como também ao que lê – como bem elucidou Alberto Dines, “o jornalista e o leitor, assim, fazem parte de um mesmo bolo social; são, em última análise, a mesma coisa” (2009, p. 73).

¹³⁴ Referência à reportagem “MINELLI: - Se eu for embora, talvez o Inter consiga um técnico de verdade”, publicada dois dias depois pelo jornal *ZERO HORA*.

Como o caso da aparição do demônio na fábrica, onde diversas perspectivas sociais possibilitam leituras criativas sobre uma novidade nos meios de produção que afetou diretamente o cotidiano dos operários (MARTINS: 1994), a Invasão Corintiana pode ser vista por diversos ângulos correspondentes à posição de seus agentes. Seus desdobramentos imediatos implicaram em atitudes flexíveis, que vão desde a admiração geral pelo deslocamento de torcedores (NEGREIROS: 2010), até o “temor de uma nova invasão corintiana”, consoante a fala do presidente do Sport Club Internacional, Frederico Balvé:

Não podemos permitir que os paulistas façam o que fizeram no domingo, quando tomaram contato Rio e calaram a torcida do Fluminense, em pleno Maracanã. O Inter não pode passar por isso e a única saída é impedir que os corintianos comprem ingresso. Se eles chegarem a Porto Alegre, terão que ficar fora do estádio (Internacional e o temor de uma nova invasão corintiana. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 07/12/1976, p. 35).

A divulgação deste depoimento num meio de comunicação impresso paulista indica a preocupação dos gaúchos com relação àquela que é considerada a maior força do time alvinegro. O maior jogador corintiano não participa no campo verde, mas sim na arquibancada acinzentada na figura da coletividade dos torcedores. Divulgar esta imagem do “temor” adversário é reconhecer uma faceta da ontologia corintiana. A tentativa de alterar o regulamento da partida única por Vicente Matheus (presidente do Corinthians) falha, e o jogo derradeiro será no distante Beira-Rio. O que não intimida os corintianos, “aquela torcida suada, descamisada, desorganizada, [que] entalou-se nos ônibus e seguiu para Porto Alegre” (HOLLANDA, Chico Buarque de. Chico Buarque vê o Coríntians. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 07/12/1976, p. 37).

Estes mesmos torcedores que serão retratados rotineiramente nas seções esportivas dos jornais paulistas, tendo espaço igual ou maior do que a cobertura do time em si. Notícias ao longo da semana anterior ao jogo final do campeonato descrevem os treinamentos no Parque São Jorge assistidos de perto por centenas de adeptos alvinegros. A cobertura da *Folha de São Paulo* ao evento foi ampla; múltiplos assuntos como o deslocamento de torcedores paulistas ao Rio Grande do Sul em caravanas rodoviárias ou por via aérea, a previsão climática no horário do jogo indicando altas temperaturas, e o cardápio do almoço de atletas do Internacional e Corinthians antes do jogo (Coríntians ameaçou retornar ontem pela manhã. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 13/12/1976, p. 10).

Na edição do dia derradeiro, o jornal paulista segue suas descrições para um Internacional superestimado, com poucos talentos individuais, que medirá forças contra um

Corinthians que “nada tem a perder” com o apoio de dezenas de milhares de torcedores presentes no Estádio Beira-Rio e em Porto Alegre. Nos apontamentos do dia após a partida, o foco da narrativa concentrou-se em termos que designam a derrota do clube do Parque São Jorge a elementos como “vontade”, “determinação”, “donos das emoções” e ao “corintianismo”, ou seja, “esse singular e forte sentimento que tomou conta da *nação*, é a forma mais eficiente de solidariedade, hoje no Brasil.” (CARTA, Mino. Se fosse marciano, não estaria entendendo nada. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 13/12/1976, p. 12. GRIFOS NOSSOS). Ao contrário dos periódicos sul-rio-grandenses, os meios de comunicação impressos paulistas aparentam “homogeneidade” com relação ao time que “escolheram” torcer, posicionando o “time do povo” como o “clube mais brasileiro”¹³⁵. Com efeito, enquanto notamos em jornais gaúchos a presença de uma voz antagônica ao Internacional principalmente através da imagem do cronista gremista Paulo Sant’ana (estrutura editorial que reforça a dicotomia Gre-Nal já mencionada anteriormente), em São Paulo não há nenhuma oposição clara ao Corinthians.

A suposta frustração da manutenção do jejum sem títulos do Corinthians após mais um vice-campeonato logo é revertida por sentidos opostos no imaginário do torcedor alvinegro. O “povo” invade a Avenida Paulista, um dos principais cartões postais da cidade, para celebrar o segundo lugar no torneio nacional e saudar seus atletas. A recepção fora acompanhada de ofensas aos gaúchos, representados pelo campeão Internacional (Em São Paulo, o Coríntians festejado como campeão. *ZERO HORA*, 13/12/1976, p. 3).

Informação esta ausente nos meios de comunicação impressos paulistas, que tratavam de criar uma imagem dos torcedores colorados: “O Beira-Rio é diferente do Maracanã. O estádio *pulsa* com os gritos de homens que são “machos” – e pronuncie a palavra com um sotaque do pampa.” (CARTA, Mino. Se fosse marciano, não estaria entendendo nada. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 13/12/1976, p. 12. GRIFOS NOSSOS). Na tentativa de intensificar a alteridade com o Rio Grande do Sul, este jornalista italiano radicado em São Paulo traz elementos que fortalecem um “estereótipo” (MACHILLOT: 2013) gaúcho que ora dialoga com autóctones sul-rio-grandenses – vide a discussão acerca do “futebol-frescura” proposta

¹³⁵ O termo “brasileiro” aqui não corresponde a um determinado comportamento estético dos atletas em campo – como muitas vezes é associado –, mas refere-se a uma invenção que ganha sentido a partir das colocações dos viventes do universo futebolístico, mais especificamente da ontologia corintiana, conforme exemplo cantado por Toquinho em música de 1983: “Ser corintiano é ir além de ser ou não ser o primeiro. Ser corintiano é ser também um pouco mais brasileiro.”. A versão completa da canção encontra-se em: <https://www.letras.mus.br/toquinho/87203/> Consultado em: 22/08/2016.

por Ibsen Pinheiro na chegada de Rubens Minelli ao Internacional –, ora o distancia daquilo que pode ser entendido como *um* Brasil, incorporado na imagem do Maracanã e em seus frequentadores, pessoas mais sofisticadas do que àqueles “machos” pampianos que fazem o estádio “pulsar”.

As descrições das torcidas variam através dos espaços e seus conjuntos semióticos correspondentes. O reconhecimento entre dois “clubes do povo”¹³⁶ de características que os aproximam são narradas de diferentes maneiras. Enquanto os colorados são “fanáticos” e fazem seu estádio “pulsar”, os corintianos são “fiéis” capazes de promoverem “invasões” a espaços alheios aos seus domínios. Evidentemente, os sentidos dados à “essência” do clube estão sujeitas às variações do espaço-tempo. Um exemplo disso reflete-se na elitização dos estádios e consequente aumento do preço dos ingressos, substituindo o “povo” de sua festa por outros “povos”. Questionado sobre as alterações arquitetônicas dos estádios brasileiros, excluindo setores populares (como a Coreia, no caso do Beira-Rio), Ruy Carlos Ostermann argumenta:

A popularidade do futebol exigiu durante algum tempo e, arquitetonicamente, houve um aproveitamento dessa situação, de pessoas com pouco dinheiro (quase nenhum dinheiro) pudessem assistir aos jogos de uma posição popular, mais simples, mas dentro dos estádios. Isso nós perdemos agora com a mudança, dessa mudança dos estádios modernos, das arenas, que inegavelmente é um avanço tecnológico maravilhoso. Mas ateste que o grande público que é formado por pessoas de pouco recurso – e esse é o Brasil – ele tá sendo impedido de ingressar. (ENTREVISTA A RUY CARLOS OSTERMANN)

Com efeito, uma malha fluída e viva de ações criativas é apresentada em diversos eventos e facetas. Juntamente com o comportamento dos torcedores e sua influência no campo, a forma como os agentes da ontologia corintiana “inventam uma cultura” (WAGNER: 2012) de estilo de jogo compartilha peças dum cotidiano gaúcho, tais como “time forte” e “time lutador”, o que remete, ironicamente, à maneira como a imprensa paulista refere-se às “distantes” equipes sul-rio-grandenses; logo, vitórias “sofridas” reforçam paulatinamente um “corintianismo” muito mais “gaúcho” do que “brasileiro”, o que nos faz indagar: és do Brasil o clube mais brasileiro?

¹³⁶ Tanto Sport Club Corinthians Paulista quanto Sport Club Internacional participaram do torneio amistoso que perdurou até 1973 denominado de “Torneio do Povo”, onde disputavam somente os clubes mais populares dos Estados relacionados na competição. Até hoje perduram as alcunhas a ambos.

6.2 Um gaúcho em São Paulo: Tite a primeira passagem em 2004

A temporada 2004 do Corinthians ficou marcada pela ruptura da excelente fase que o clube vivia no que se refere à conquista de títulos¹³⁷. A equipe coordenada por Osvaldo de Oliveira quase fora relegada para a série A-2¹³⁸ do campeonato paulista, fato evitado graças ao triunfo do São Paulo sobre o Clube Atlético Juventus, concorrente direto na luta contra o rebaixamento, o que não evitou as jocosidades dos adversários, elemento tão característico deste universo futebolístico (GASTALDO: 2010). Zombarias que continuaram no torneio nacional, principalmente após derrotas consecutivas por goleada de Grêmio (4 a 0 em Porto Alegre), Palmeiras (4 a 0 no Estádio do Morumbi, onde o Corinthians atuava como mandante nos clássicos) e Clube Atlético Paranaense (5 a 0 no Estádio do Pacaembu), que deixaram o clube na décima sexta colocação em sete rodadas¹³⁹. Tais resultados culminaram com a saída de Osvaldo de Oliveira, técnico outrora campeão neste mesmo clube. Sem comando, a crise estava instalada no Parque São Jorge.

Após tentativas frustradas de contar com o ex-jogador Mário Sérgio, a diretoria alvinegra apelou para um nome de pouco prestígio entre eles e os próprios torcedores: Tite. Ex-treinador do Grêmio, o gaúcho já tivera empecilhos com o mesmo Corinthians em 2001, durante a decisão da Copa do Brasil, quando fora apontado como mandante de enviar espões para treinamentos do time do Parque São Jorge.

Um ano após ser alvo de troça no clube, Tite foi apresentado ontem (...). Em maio de 2003, o vice de futebol, Antonio Roque Citadini, chegou a dizer a amigos que torcia para o treinador fechar um acordo com o São Paulo, pois o achava um técnico fraco. Ele não assinou com o time do Morumbi. Tite era a segunda opção dos corinthianos (...) “Fiquei três anos no Grêmio, se ficar dois e meio aqui já está bom”, planejou o técnico, demitido pelo São Caetano esse ano (...). Os dois [Tite e Citadini] se envolveram num atrito em 2001, quando o Grêmio, então comandado por Tite, bateu o Corinthians na final da Copa do Brasil. Na época, Citadini saiu em defesa de seu treinador naquela decisão, Vanderlei Luxemburgo. “Houve uma polêmica porque falaram que o Tite deu um nó tático no Luxemburgo, e eu fiquei do lado do nosso técnico. Já conversamos e ficamos numa ótima”, declarou Citadini (...). O substituto de Oliveira chegou acompanhado de Cleber Xavier e Joel Cornelli, seus auxiliares. Assim como Tite, Xavier já teve atrito com os corinthianos. Em 2001, foi descoberto como espião do Grêmio num treino e retirado por seguranças.” (PERRONE, Ricardo. Alvo de troça, Tite chega ao Corinthians. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 28/05/2004; p. D3).

¹³⁷ De 2000 a 2003, o clube alvinegro paulistano participara de pelo menos uma final, conquistando dois campeonatos paulistas (2001 e 2003), uma Copa do Brasil (2002), uma Copa do Mundo de Clubes da FIFA (2000) e um Torneio Rio-São Paulo (2002).

¹³⁸ Correspondente à segunda divisão do campeonato regional.

¹³⁹ Estes números foram extraídos do site *futpédia*. O link da temporada 2004 do Campeonato Brasileiro encontra-se disponível em: <http://futpedia.globo.com/campeonato/campeonato-brasileiro/2004#/fase=fase-unica-brasileiro-2004/rodada=1> Consultado em: 23/08/2016.

O objetivo principal colocado ao treinador caxiense era recuperar os atletas e dar ao time uma consistência tática não encontrada até então em um ambiente onde sabia que não era o principal alvo dos dirigentes. Os meios de comunicação impressos, por sua vez, trataram de dissecar os títulos relevantes conquistados e as equipes pelas quais passou o recém-chegado, a grande maioria delas do Rio Grande do Sul.

Mudanças estas, consoantes os veículos de informação, que destacaram a troca do “esquema 4-4-2 pelo 3-5-2, que costuma usar em seus clubes”. Ademais, “segundo Tite, a prioridade da equipe por enquanto será a marcação” (Técnico muda equipe e almeja a Libertadores. IBIDEM). Consequentemente, Tite e os jornais passam a obviar (GOLDMAN: 2011, p. 198) acerca de *uma* imagem capaz de múltiplas interpretações, seja através de depoimentos recortados do personagem tratado, seja a partir de leituras acerca destas seleções (“a prioridade da equipe por enquanto será a marcação” que “almeja a Libertadores”).

Sua primeira partida como treinador corintiano seria um clássico contra o São Paulo Futebol Clube, dois dias depois da sua chegada. A “comunhão de valores” (BAUER: 2008) entre Cuca (treinador do São Paulo) e Tite baseada nas origens gauchescas de cada um permitia aos jornais a invenção do rótulo de “felipinhos” a ambos, referência a Luiz Felipe Scolari, responsável por disciplinar seus atletas a um estilo de jogo peculiar que obteve grande êxito no Grêmio durante os anos 1990 e o levou, anos depois, à seleção brasileira, onde fora campeão da Copa do Mundo de maneira invicta.

O clássico entre São Paulo e Corinthians reúne dois *seguidores* de Luiz Felipe Scolari que rejeitam esse rótulo. O são-paulino Cuca e o corintiano Tite são do Sul, como o atual treinador de Portugal, e adotam em seus times recursos que consagraram Scolari. Dentro de campo, a obsessão pela marcação lembra o pentacampeão mundial. No caso de Tite, há ainda a predileção pelo esquema tático 3-5-2, o utilizado por Scolari na Copa-2002. Tite evita comparações com o técnico que lhe colocou o apelido na época em que Scolari era seu professor de educação física, no Sul. A amigos, o corintiano diz que seus times são mais ofensivos que os de Scolari. Porém, desde quinta, quando assumiu a vaga do demitido Oswaldo de Oliveira, fala que *a prioridade do Corinthians é se defender*. Num de seus primeiros treinamentos, gritou como o ex-treinador da seleção brasileira (...). Fora dos gramados, Tite vê semelhanças com Scolari. “Como o Felipão, falo gesticulando muito. Também temos alguns trejeitos parecidos.”. Em relação a Cuca, não faz comparações. Diz conhecer pouco o trabalho do são-paulino (...). O são-paulino também diz não saber muito sobre Tite. Mas, como o colega corintiano, tem muitas semelhanças com Scolari. A começar pelo livro de cabeceira de ambos: “A Arte da Guerra”, do filósofo chinês Sun Tzu. Cuca, assim como Scolari, preza a disciplina (...). Na esteira do ex-técnico da seleção, Cuca incita os torcedores para os jogos e evoca “batalhas” no Morumbi. Mesmo assim, torce o nariz quando é comparado a Scolari. “É um grande treinador, mas não tem nada a ver comigo.”. (ARRUDA, Eduardo; PERRONE, Ricardo. Técnicos torcem o nariz para rótulo de “Felipinho”. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 30/05/2004; p. D2. GRIFOS NOSSOS).

Observam-se ao longo desta narrativa tentativas por parte dos jornalistas de criarem semelhanças entre os personagens envolvidos a fim de “traduzi-los” (LATOUR: 1994) em uma categoria que pode ser intitulada de “futebol-gaúcho”. Os elementos deste grupo se assemelham numa lógica que mescla natureza (nascidos no Rio Grande do Sul) e cultura (esquemas táticos, gestos e até livros em comum). O pequeno recorte dado às expressões de Tite e Cuca acerca deste enquadramento acusa a indiferença em relação à voz do Outro. Nesse sentido, Luiz Felipe Scolari aparece como “ídolo” gaúcho pelos jornais paulistas, palavra que, segundo Tite, está imbricada tanto ao desempenho dentro de campo como às ações fora dele, denominadas como “caráter”.

Mais do que desempenho esportivo, um ídolo se forma pela maneira com que conduz também sua vida pessoal. O ídolo vira referência para outras pessoas, que seguirão suas atitudes, seu modo de agir, de se vestir, de se comportar em uma sociedade (...). Chegar ao *status* de ídolo traz no pacote a perda de grande parte da individualidade. Tudo se mistura. (2013, p. 111).

Tudo se *mistura* ou, como dirá outro autor, as coisas *vazam* (INGOLD: 2012b). Por isso as funções de enquadramento não são capazes de deter as ações dos viventes das mais diversas ontologias, e a proliferação de *híbridos* persiste (LATOUR: 1994) para todos os sentidos. Vejamos a análise de dois jornalistas no dia seguinte ao clássico, que terminou com o placar de 1 a 1:

Na estreia do técnico Tite, o Corinthians esteve longe de ser brilhante. Mais se defendeu do que atacou (...). Com apenas três dias para treinar o elenco, ele disse que sua principal virtude foi motivar os jogadores. Em todos os ensaios, Tite pediu vibração aos comandados (...). A maioria dos corintianos deixou o estádio elogiando a maneira como o treinador animou o time, que na rodada anterior do Nacional perdera de 5 a 0 do Atlético-PR. (ARRUDA, Eduardo; PERRONE, Ricardo. Estreante se surpreende e solta palavrão. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 31/05/2004, p. D3).

O conceito de “brilhante” colocado no excerto acima parece remontar a uma ideia na qual uma equipe joga ofensivamente, classificação que remete a um tipo definido como “futebol-arte” e que não esteve presente durante a estreia do treinador Tite, já identificado anteriormente como defensivo. Sua principal influência antes do primeiro jogo foi a motivação dos jogadores, elemento justificado pela pouco tempo que tinha para programar linhas que ele considera como propícias aos times que treina.

Um segundo elemento que a ser destacado neste trecho é a semelhança na análise do torcedor sobre um treinador. Tal como com Duque a 28 anos atrás, a “maioria dos corintianos deixou o estádio elogiando a maneira como o treinador *animou* o time”; logo, parece um

critério de grande empatia dentro da ontologia do “time do povo” a presença de um líder, acima de tudo, carismático, que enfatize seu controle sobre o grupo por meio de apelos emocionais, exigência tão ou até mais recordada pelos torcedores do que coordenadas técnicas.

Passado três meses, o Corinthians começa a adquirir um estilo de jogo próprio e que é destacado pela imprensa. Uma das principais características traçadas pelos jornalistas está na forma como a equipe “amansa” após adquirir a vantagem mínima na partida; acomodação esta que culmina muitas vezes em resultados negativos, como empates ou até mesmo derrotas, endossando a mesma narrativa acerca de Tite como um treinador que preza pela disciplina defensiva de suas equipes (tratado pejorativamente como “retranqueiro”) em detrimento das jogadas ofensivas:

A estratégia de atacar até fazer um gol e recuar em seguida para segurar o resultado não deu certo no último jogo, mas será repetida hoje pelo Corinthians. O rival é o Grêmio, às 16h, no Pacaembu. Apenas em uma de suas oito vitórias no Brasileiro sob o comando de Tite o time não parou de atacar após abrir o placar (...). Quem acompanhou essas partidas e ouviu as explicações de Tite pensa em se tratar de outro time. “Sempre temos ímpeto para atacar. Não vou mudar, mesmo sob risco de tomar a virada no final.” (PERRONE, Ricardo. Após gol, Corinthians amansa. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 21/08/2004, p. D1).

Com efeito, *uma* imagem de Tite é inventada paulatinamente pelo ponto de vista da imprensa. As críticas ao treinador gaúcho são embasadas em leituras de números e recortes de falas do mesmo para a comprovação de uma hipótese. Ademais, a partida acima culminou com o empate da equipe corintiana pelo placar de 1 a 1, onde o Grêmio (com um jogador a menos durante a maior parte do segundo tempo) marcou o gol após queda de rendimento do time paulista.

Mesmo com um número considerável de partidas frustrantes como as duas citadas anteriormente, o Corinthians concluiu sua campanha no campeonato brasileiro ocupando a quinta colocação; façanha creditada ao trabalho de Tite, o que lhe possibilitou a permanência na temporada 2005 à frente do clube. Ano marcado pela participação do fundo de investimentos Media Sports Investment (MSI) no Corinthians, após aliança no segundo semestre do ano de 2004, em uma tentativa de instaurar um modelo de “futebol-empresa”¹⁴⁰ que acarretou com a chegada de grandes atletas, como Javier Mascherano, Carlos Tevez e Nilmar.

¹⁴⁰ Sobre este conceito, ver Proni (1998).

Com um elenco repleto de “estrelas”, a manifesta rejeição de Kia Joorabchian (diretor da MSI à época) ao comando técnico e a repetição de resultados pouco expressivos, a pressão sobre a permanência de Tite no clube foi constante nas páginas dos periódicos paulistas, que apontavam para ele a responsabilidade do Corinthians jogar de forma “monótona”:

O Corinthians (...) é *um time chato*. Seus jogos se transformam em sinônimo de poucos gols (...). No [Campeonato] Paulista, nenhuma outra equipe protagoniza espetáculos tão monótonos como os corinthianos. Nas oito partidas disputadas até agora pelo time de Tite, a média de gols feitos e sofridos ficou em 1,87, a quinta pior da história do clube desde que começou a disputar o Estadual, em 1913. Esse índice é pior até em relação ao Brasileiro-2004, quando o Corinthians se notabilizou pelas vitórias por 1 a 0. O desempenho do ataque corinthiano o deixa em situação nada honrosa. A atual média de um gol por partida só é melhor do que a do Paulista de 1990, de 0,94. Naquele ano, porém, a defesa levava apenas 0,37 gol por jogo. Em 2005, o time sofre 0,87 gol por partida – foram sete nas oito rodadas até agora (...). “É claro que o Tevez é um jogador que faz muita falta, mas *eu aposto no conjunto*”, declara o técnico Tite, que, com a ausência do argentino, promoverá a volta de Gil ao ataque. (ARRUDA, Eduardo. Sem Tevez, Corinthians leva sua monotonia em campo. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 23/02/2005; p. D3. GRIFOS NOSSOS)

A insatisfação descrita pelos meios de comunicação impressos ao “técnico” (termo assiduamente utilizado para se referir a Tite) novamente baseia-se na estratégia de leitura de números como fonte segura para a demonstração de uma invenção. Nesta obviação, encontramos ainda o recorte da fala de Tite sobre a ausência de seu principal jogador, Tévez, onde a ênfase ao conjunto superando as individualidades reforça um imaginário acerca do “futebol-gaúcho”, um futebol mais “chato”, com poucos gols sofridos. E quando nem esta última característica estereotipada funciona (“o time sofre 0,87 gol por partida – foram sete nas oito rodadas até agora”), o desgaste parece evidente.

Na capa da seção esportiva da *Folha de São Paulo* do dia primeiro de março vem a manchete junto a uma imagem de Tite reflexivo: “Novo Corinthians repete velha regra e demite Tite”. Após ser criticado abertamente na companhia dos jogadores no vestiário do estádio do Morumbi por Kia Joorabchian no dia anterior, o treinador gaúcho foi demitido. A derrota por 1 a 0 contra o mesmo adversário de seu jogo de estreia, o São Paulo, foi a última partida de Tite no comando do Corinthians, rejeitado na maior parte do tempo em que treinou o time.

A forma como foi consumada tal decisão foi tratada criticamente pelos jornalistas responsáveis pela cobertura deste acontecimento, que acreditavam nas mudanças que poderiam proporcionar a elementos tão caros ao universo futebolístico brasileiro, como a

mudança desenfreada do comando técnico dos clubes a cada série de resultados negativos. Sendo assim, os repórteres contam uma história do Tite no Corinthians:

Na bagagem, nenhum título, mas o agradecimento por ter livrado o clube da segunda divisão do Brasileiro em 2004. Quando desembarcou no Corinthians, Tite encontrou uma equipe desmotivada, em franca decadência e na zona de rebaixamento do torneio. Aos poucos, de maneira simples, o técnico foi ajustando o time, que começou a sair do buraco (...). O time encerrou a competição em quinto lugar (...). No ano passado, o time se notabilizou pelas vitórias magras, por 1 a 0, no esquema 3-5-2. Tite ganhou fama de *retranqueiro*. Nos últimos jogos, vinha escalando a equipe no 4-4-2, após ter sido *chamado de “burro” pelos torcedores*. Mas a apatia ofensiva jamais foi superada. (ARRUDA, Eduardo; PERRONE, Ricardo. Técnico esperava ficar dois anos e meio no clube. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 01/03/2005, p. D1. GRIFOS NOSSOS).

Tite mostrou-se flexível a mudanças de leituras sobre o futebol sem abandonar “suas”, segundo os discursos jornalísticos, orientações; flexibilidade que, ainda consoante os periodistas, direcionada pelos torcedores corinthianos, actantes (LATOURET: 1994) decisivos na forma como o time joga, como fora em 1976. Nesta miríade de possibilidades, notamos que as três categorias principais novamente agiram conforme suas lentes, inventando e sendo inventada pelo seu campo e pelos demais, no intuito *paranoico* de estabelecer uma *convenção* (WAGNER: 2012). Portanto, o treinador que só monta suas equipes em um determinado esquema tático (3-5-2) *improvisa* para outros modelos (4-4-2); os torcedores que apoiam Tite no início de seu trabalho são os mesmos que o chamam de “burro” no final; os jornalistas que criticam o estilo de jogo adotado pelo gaúcho recorda após sua demissão que ele fora o responsável por recuperar a equipe que vivia em péssima fase. São por estas *malhas* (INGOLD: 2012b) que Tite voltará cinco anos depois, mais uma vez num momento de crise vivido pelo “time do povo”.

6.3 Entre Ibagué e Yokohama¹⁴¹: os anos internacionais de Tite e o Corinthians

Tite pode ser tão importante para o Corinthians quanto o Corinthians é neste momento da vida de Tite.¹⁴²

O [Campeonato] Brasileiro, a [Copa] Libertadores e agora o Mundial [Interclubes] deram ao corinthianismo um pouco de lógica e racionalidade, fundamentais para qualquer reflexão. “Aqui é Corinthians”, agora, tem outro significado.¹⁴³

¹⁴¹ Referência a duas cidades que fizeram parte da trajetória de Tite no Corinthians; a primeira refere-se ao principal vexame da equipe corinthiana nesta década: a eliminação pelo inexpressivo Tolima, da cidade colombiana de Ibagué, na primeira fase da Copa Libertadores da América. A cidade de Yokohama, no Japão, sediou o Mundial de Clubes de 2012, quando o campeão sul-americano (Corinthians) derrotou o campeão europeu (Chelsea).

¹⁴² COELHO, Paulo Vinícius. A gangorra de Tite. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 24/10/2010; p. D7.

A volta de Tite ao Sport Club Corinthians Paulista deu-se em um momento peculiar na trajetória de ambos. Alvinegros celebravam seu centenário numa temporada de “ilusões perdidas” no que concerne a títulos (eliminação dramática nas oitavas de final da Copa Libertadores da América, “obsessão” dos viventes da ontologia corintiana, após campanha empolgante na fase de grupos do torneio); ademais, a saída de Mano Menezes – treinador que recolocou o time na série A em 2009 e conquistou neste mesmo ano a Copa do Brasil sobre o Sport Club Internacional, agremiação dona do melhor ataque daquela temporada e treinada por Tite¹⁴⁴ – do comando do time para assumir a seleção da Confederação Brasileira de Futebol masculino após a Copa do Mundo da FIFA com o fito de fazer o “futebol brasileiro voltar a propor o jogo, a tomar a iniciativa, a ditar as regras e o ritmo” (VILARON, Wagner. A cativante utopia de Mano Menezes, *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 03/02/2011, p. E4) e a irregular campanha de Adilson Batista ao longo do Campeonato Brasileiro que culminou com sua demissão em outubro de 2010 acarretou numa frustração geral em um ano que deveria ser especial. Para Tite, era a chance de retornar ao futebol brasileiro sob o comando de um grande clube do país. Novamente tratado como segunda opção pelos diretores corintianos (que ambicionavam o nome de Carlos Alberto Parreira), o treinador gaúcho não hesitou ao receber a proposta; assim, mais uma vez as linhas se cruzaram.

Tal como em 2004, a primeira partida do retorno de Tite fora contra um arquirrival da cidade: desta vez, a Sociedade Esportiva Palmeiras, treinada por Luiz Felipe Scolari. Tal como em 2004, precisaria reerguer a equipe que atravessava um jejum de sete jogos sem vitórias – pior sequência do clube desde a temporada em que fora relegado à segunda divisão do campeonato brasileiro, em 2007 –, deixando a primeira colocação do campeonato e se distanciando cada vez mais do título num ano tão importante simbolicamente. Do lado palmeirense, o retrospecto de Luiz Felipe Scolari comandando o Palmeiras em clássicos contra o Corinthians era favorável: nunca perdeu para o rival no Campeonato Brasileiro. A vitória sobre o Corinthians representava, portanto, uma arrancada que poderia levar o Palmeiras ao caminho dos títulos.

As narrativas tanto nos periódicos paulistas quanto nos sul-rio-grandenses se assemelham no que se refere à classificação da concepção de futebol segundo Tite. Optando

¹⁴³ CALÇADE, Paulo. 50 anos em 5. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 17/12/2012, p. E7.

¹⁴⁴ “Em 2009, o Inter, de Tite, foi o melhor ataque do país (156 gols). A volta ao Corinthians corrige a injustiça da demissão, por Kia Joorabchian, em 2005.” (COELHO, Paulo Vinícius. *Defender não basta*. FOLHA DE SÃO PAULO, 18/10/2010, p. D3).

por um futebol “equilibrado, sem deixar de ser ofensivo” (SCHINCARIOL, Miguel. *Tite é apresentado no Corinthians*. CORREIO DO POVO, 20/10/2010, s/p)¹⁴⁵, “Tite só deseja o ‘Corinthians de volta’”:

Administrar bem a posse de bola e não ter vergonha de recuá-la para o goleiro nos momentos mais difíceis. O primeiro dia de trabalho de Tite no Corinthians, ontem, mostrou um pouco como será sua equipe. Em 50 minutos de um treino conhecido por “dois toques”, com espaço e campo reduzidos, o treinador pediu aos times, com 10 jogadores cada, que corressem bastante e mostrassem agilidade na hora de encontrar um companheiro mais bem posicionado. “Meu time terá consistência defensiva sem abrir mão de ser ofensivo”, garantiu (...). A velocidade, com toques rápidos e força atrás, foi característica observada pelo treinador antes de embarcar para os Emirados Árabes, há pouco mais de dois meses (...). “O time joga no 4-3-3 já há algum tempo, podemos utilizar três zagueiros ou o losango no meio. São várias as possibilidades, e minha busca é simplificar as situações.” (HECICO, Fábio. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 21/10/2010, p. E2).

A descrição realizada pelo repórter dos métodos idealizados pelo novo treinador corintiano aponta para elementos pouco correspondentes àquela “forma-representação” (TOLEDO: 2000) intitulada de “futebol-gaúcho”, ou seja, aplicação defensiva, coletividade, jogadas aéreas como arma ofensiva. Elemento já presente no Internacional treinado por Tite em 2009, com “velocidade, com toques rápidos e força atrás”, mesclando traços “gauchescos” com “brasileiros” e notabilizando-se como uma possível leitura *híbrida*. Com efeito, a caricatura inventada de treinador “retranqueiro” e “chato” não condizem com as ações aplicadas por este novo personagem, que também mudou no tempo e espaço. Por exemplo, o abandono do esquema tático 3-5-2 para o 4-3-3 e a mudança dos termos predominantes em suas falas recortadas – de “marcação” em 2004 e 2005 para “intensidade” em 2010.

Não obstante, percebe-se uma intensa movimentação por parte dos diários paulistas em inventar categorias de forma *paranoica* (WAGNER: 2012) que aproximem treinadores gaúchos de um determinado estereótipo (MACHILLOT: 2013). Na concupiscência de “encaixar” o Outro em uma categoria de estrangeiro (SIMMEL: 2005), jornalistas como Bruno Deiro e Fábio Hecico afirmam a crença em uma “**Escola gaúcha**”¹⁴⁶ ao cruzar as trajetórias futebolísticas de Tite e Luiz Felipe Scolari, ou Felipão:

Tite admite que usou o conhecimento do mestre no início da carreira de técnico. (...). No comando de dois dos principais times de São Paulo, os rivais de hoje evitam comparações entre técnicos gaúchos e de outras partes do País. “Não acredito em escola gaúcha, acredito em escola brasileira”, disse Tite. Para Felipão, o estilo gaúcho recebeu contribuições de grandes treinadores que passaram pelo Rio Grande

¹⁴⁵ *Link* consultado em 08/04/2016. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=116&Numero=21&Caderno=0&Noticia=211699>

¹⁴⁶ Foi respeitado o grifo adotado na edição do periódico.

do Sul. “Não é escola (*gaúcha*). Técnicos como Telê Santana trabalharam lá e acrescentaram ao que já tínhamos.” Ao melhor estilo gaúcho, porém, ele disse que não acredita em surpresas no clássico. (DEIRO, Bruno; HECICO, Fábio. Velhos amigos Tite e Felipão se reencontram. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 24/10/2010, p. E1).

O recorte editado das falas de ambos os treinadores podem nos indicar uma refutação àquilo comumente chamado de “estilo de jogo gaúcho”. Entrementes, isso não necessariamente significa que tal narrativa não é válida. Tal como uma criança que afirma a existência de um dragão em casa (INGOLD: 2012a), ou um conjunto de operárias que juram terem visto um demônio na fábrica (MARTINS: 1994), dada narrativa não pode ser desconsiderada. Mesmo com agentes gaúchos que ora exaltam uma escola nacional (Tite), ora negam uma escola, apesar de reconhecer um saber anterior (“técnicos como Telê Santana trabalharam lá e *acrescentaram ao que já tínhamos*”) relacionado à região (Scolari), os repórteres trabalham com outros sentidos tangentes à ontologia local que corresponda a partir de estereótipos, como o pragmatismo “ao melhor estilo gaúcho”.

Ademais, a conjuntura na qual o agente está inserido muitas vezes é deixada em segundo plano no que consta às análises e leituras representativas realizadas pelos periodistas. As descrições sobre a influência de Tite na vitória do Corinthians no clássico contra o Palmeiras estiveram direcionadas para um olhar macroscópico da condição alvinegra ao nos debruçarmos nos recortes selecionados das falas do treinador:

“O Corinthians era o time que mais faz gols no campeonato [53 antes desta rodada, a 31ª], e era o 11º que mais sofria gols [38¹⁴⁷]”, citou Tite. “Eu sabia que o time iria fazer gols, porque tem talento para isso, mas pedi para todos participarem um pouco mais da defesa. Aos 30min do segundo o Ronaldo estava roubando bola no nosso campo”, disse. (REIS, Lucas; FERNANDEZ, Martín. Decisivo, Júlio César atribui vitória ao recém-chegado Tite. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 25/10/2010; p. D3).

A “assinatura” de Tite parecia já estar grafada no time por ele treinado. Colunistas viam no novo personagem corintiano a organização tática adotada por Mano Menezes mesclada à intensidade de Adilson Batista (KFOURI, Juca. Ave, Césares! *FOLHA DE SÃO PAULO*, 25/10/2010, p. D3). Mesmo características outrora negativas e lidas desta maneira, como “retranca” e “time chato”, adquirem novos valores pelos jornalistas:

Em 17 partidas com o ex-treinador, só três vezes a defesa não foi vazada. Dos três jogos seguintes, em dois o time não sofreu gol (...). O Corinthians quer ter a defesa que ninguém passa. Isso não significa ser retranqueiro, mas cuidar para que o

¹⁴⁷ Os dados presentes nos colchetes foram retirados do *link* a seguir: <http://futpedia.globo.com/campeonato/campeonato-brasileiro/2010#/fase=fase-unica-brasileiro-2010/rodada=31/time=corinthians/coluna=coluna-gp> Consultado em: 01/09/2016.

posicionamento defensivo seja eficiente. Na história de Tite, o trabalho mais impressionante foi o do Grêmio de 2001, que ganhou a Copa do Brasil marcando por pressão. Depois, o Inter do melhor ataque de 2009. Ambos tinham bom posicionamento defensivo e sofriam poucos gols. A reorganização do Corinthians exige isso para disputar o título. (COELHO, Paulo Vinícius. Defesa que ninguém passa. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 25/10/2010, p. D7).

Nesta outra face deste caleidoscópio Tite há mais do que a leitura sobre um treinador que objetiva uma solidez defensiva e uma disciplina tática; a presença destes perfis inventados não só nas narrativas dos jornais como também nas ações no estádio de futebol pelos atletas, torcedores, comissão técnica, jornalistas de campo e treinador – sem contar as condições climáticas, os regulamentos, entre tantas outras *coisas* – coadunam com demais características do universo futebolístico, como marcação por pressão e “melhor ataque”, sentidos que são, para algumas leituras, diametralmente opostos.

No *dinamismo* das relações existentes, a exaltação à “eficiência” do trabalho de Tite logo se reencontraria com cenários negativos do passado. Mesmo reposicionando o time na briga pelo título campeonato nacional até a última rodada, algumas partidas ficaram marcadas por um “relaxamento” da equipe alvinegra após marcar o primeiro gol, permitindo ao adversário a reação através do empate ou até mesmo vitória, situação que se assemelhava à inconstância dos anos de 2004 e 2005. Comportamento que acarretou num melancólico terceiro lugar após empate contra o já rebaixado Goiás Esporte Clube, confirmando a lacuna de títulos da equipe principal no ano do centenário e forçando o time a disputar a fase classificatória da Copa Libertadores da América de 2011 para conseguir uma vaga na fase de grupos.

A chamada “pré-Libertadores” fora tratada pelos jornalistas dos meios de comunicação impressos de São Paulo como uma etapa onde o favoritismo pleno pertencia aos clubes brasileiros, nunca antes eliminados nesta fase. O adversário corintiano era o Deportes Tolima, clube de pouca tradição no futebol colombiano da cidade de Ibagué e que vinha de uma temporada surpreendente no futebol local após consagrar-se vice-campeão do Torneo Finalización de 2010¹⁴⁸, posição que o permitiu gozar a chance de disputar a Copa Libertadores da América de 2011.

Apesar dos olhares otimistas referentes ao desafio do alvinegro paulistano, a campanha do clube no campeonato paulista até então não justificava em *ações* esse sentimento. Na

¹⁴⁸ O campeonato colombiano tem dois campeões por ano. No primeiro semestre é disputado o Torneo Apertura, enquanto que no segundo semestre ocorre o Torneo Finalización.

última partida oficial disputada antes do primeiro confronto contra o Tolima, o Corinthians empatou contra o Esporte Clube Noroeste¹⁴⁹ pelo Campeonato Paulista em pleno Estádio do Pacaembu; jogo onde a equipe mandante abriu o placar e sofrera o empate no segundo tempo – cenário negativo que outrora acarretou em demissão de Tite e avaliação do seu trabalho como “chato” e “retranqueiro”. Mesmo *improvisando* novas escalações e esquemas táticos, “o 4-3-3 souo para furar o bloqueio defensivo do Noroeste” (BUENO, Rodrigo. Erros e egoísmo. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 24/01/2011, p. D2), o que leva as páginas das seções esportivas dos principais periódicos paulistanos ilustrarem através de títulos e imagens uma situação delicada onde a equipe foi “reprovada”, “desse jeito vai ser difícil”¹⁵⁰.

Com efeito, as narrativas que antecedem o dia do jogo passam a indicar *um* Corinthians apático ofensivamente e sem alternativas para sair da letargia que o próprio Tite colocou o time. A leitura dos números tende a endossar esta hipótese: sem vencer uma partida até então (e também sem perder¹⁵¹), a perspectiva da maior parte dos jornalistas sobre o treinador gaúcho novamente se pôs em movimento, colocando-o como o maior responsável por este problema:

Sob o comando de Tite, o Corinthians virou um time imbatível. Em 12 partidas desde que o treinador voltou ao clube, não houve uma derrota. O problema é o outro lado dessa moeda. Nessas doze partidas, o time contabilizou seis vitórias e seis empates. E foi justamente por causa dessas igualdades que o Corinthians de Tite se meteu em apuros (...). Para se classificar para a fase de grupos da competição continental, o Corinthians precisa de uma vitória, ou de uma igualdade com gols (...). Um novo 0 a 0 levará a decisão para os pênaltis. “Ainda podemos nos classificar com um empate lá, um empate com gols. É uma vantagem importante”, disse Tite, ao tentar amenizar a situação do time alvinegro no torneio (...). A favor de Tite está o fato de que seu time nunca empatou sem gols fora de casa. (FERNANDEZ, Martín. Sem fome. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 28/01/2011, p. D2).

Nesta *relação* entre os agentes supracitados, nota-se que Tite ainda possui “crédito” entre os jornalistas, novamente através de exemplos de números brutos para salientar a defesa

¹⁴⁹ Agremiação da cidade de Bauru.

¹⁵⁰ Referências aos títulos das capas dos cadernos de esportes da *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* dos dias 24/01/2011 e 25/01/2011, respectivamente. Na primeira imagem, o veterano lateral-esquerdo Roberto Carlos caminha cabisbaixo rumo ao vestiário, enquanto a segunda está o também veterano atacante Ronaldo instruindo seus colegas com gestos.

¹⁵¹ Acerca deste tema, Roberto Ribas me narrou um olhar dos *profissionais* acerca desta ação dos *especialistas*: “A gente costuma brincar, um grande exemplo aqui. Ano passado, ano retrasado tinha uma equipe aqui no Rio Grande do Sul que ficou seis jogos sem ganhar, ficou uma derrota e cinco empates. E aí tavam falando que “cinco jogos, seis jogos sem ganhar”, e o próximo jogo ganhou. Aí os caras falaram: “bom, agora faz seis jogos que não perde, né, porque empatou cinco e ganhou uma, então tá invicto!”. Então os números servem para isso, para direcionar a crítica para onde tu quer. E eu acho que imprensa é muito isso. A imprensa, hoje, tem o papel de vender, eles querem vender (...). Estatística mesmo ninguém faz, né? Usar um programa estatístico e ver se tem diferença significativa ninguém faz isso. E eles usam números brutos pra tentar comprovar teoria de que tá certo ou de que tá errado, isso eu não concordo muito.” (ENTREVISTA A ROBERTO RIBAS).

ao treinador (“seu time nunca empatou sem gols fora de casa”). Ademais, apesar dos periódicos apontarem também para a imagem de líderes do elenco como Roberto Carlos e Ronaldo, a responsabilidade paira sobre o agente individual do treinador numa tradição cara aos editoriais esportivos.

Após empate “para esquecer” contra o Tolima por 0 a 0 jogando em São Paulo, “Corinthians tropeça e se complica”¹⁵² num jogo marcado pelas poucas iniciativas do clube paulista no ataque, “assinatura” de Tite consoante às narrativas do evento. No jogo do final de semana, válido pelo campeonato paulista, mais um empate, agora contra o São Bernardo Futebol Clube por 2 a 2. Mesmo com alterações táticas e de jogadores (FERNANDEZ, Martín. Tite escala reservas e provoca titulares. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 30/01/2011, p. D2), a equipe reagiu minutos antes do término da partida, evitando aquela que seria a primeira derrota de Tite no comando do Corinthians. Em tempo: a informação dada reportada por Martín Fernandez indica insatisfação de alguns jogadores com relação ao treinador, aumentando a pressão sobre este. A eliminação da Copa Libertadores da América torna-se cada vez mais factível, circunstância que deixaria Tite em situação crítica no clube.

Assim, no dia 02/02/2011, mesmo com a promoção de alternativas táticas e de novos atletas efetuadas pelo treinador, o time do Corinthians não evitou o vexame e foi eliminado da Copa Libertadores da América pelo Tolima após mais um mau jogo que derrocou na derrota em Ibagué por 2 a 0. Os discursos dos jornais de São Paulo dos dias seguintes mesclavam as jocosidades realizadas pelos torcedores adversários com a delicada relação entre torcedores e “profissionais” corinthianos, que receberam a equipe em São Paulo com críticas principalmente a Ronaldo e Tite. A tensão continua no dia seguinte, com torcedores cobrando saídas de atletas e treinador e pressionando a equipe no Centro de Treinamento Joaquim Grava com cânticos e faixas. Respaldados pelo presidente do clube, Andrés Sanchez, a se manterem no elenco, os dois profissionais mais repudiados pelos torcedores permaneceram no clube. Mesmo assim, repórteres afirmavam que a:

Cabeça de Tite já estava sendo pedida na Colômbia (...) diretores, conselheiros e convidados do presidente falavam abertamente sobre a necessidade de trocar de treinador, independentemente de o clube avançar na Libertadores, o que não ocorreu. (FERNANDÉZ, Martín. Ronaldo fica na berlinda e Tite, na corda bamba. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 04/02/2011, p. D2).

¹⁵² Referências aos títulos das capas das seções esportivas dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* do dia 27/01/2011 (quinta-feira, dia seguinte da partida), respectivamente. As respectivas imagens são a de Ronaldo levando as mãos ao rosto e a de um jogador corinthiano pisando na bola.

Mais uma vez, um clássico determinaria a permanência ou não de Tite como treinador do Corinthians. Somente quatro dias depois de presenciar um dos maiores vexames da história centenária do clube, o gaúcho enfrentaria o outro gaúcho: Luiz Felipe Scolari, na época treinador do Palmeiras. Um dos primeiros treinadores dos anos de aprendizado de Adenor Leonardo Bacchi no futebol, Felipão afirmara antes da partida que preferiria perder o clássico a ver Tite demitido (BRAGA, Thiago. Scolari diz preferir perder o clássico para salvar Tite. *FOLHA DE SÃO PAULO*. 05/02/2011, p. D3). Mais: o Palmeiras era uma das melhores equipes do campeonato paulista e Scolari atingiria a marca de trezentos jogos sob o comando técnico do clube alviverde justamente neste jogo. Eram as pré-condições perfeitas para os torcedores palestrinos. A cobertura do lado alvinegro se limitava aos discursos acerca da crise pós-Tolima e aos desfalques das estrelas Roberto Carlos e Ronaldo.

Jogando como mandante no Pacaembu, torcedores palmeirenses logo trataram de intimidar os corinthianos com um mosaico ironizando a queda do Corinthians na “pré-Libertadores”. Bandeiras do Tolima e cânticos homenageando tal clube foram percebidas nas arquibancadas onde palmeirenses estavam¹⁵³. Em um jogo tenso e com muitas chances de gol por parte do Palmeiras, a vitória corintiana soa como um pequeno milagre. O gol do lateral direito Alessandro aos 37 minutos do segundo tempo, acompanhado da comemoração de desabafo em frente ao local onde a torcida organizada palmeirense fizera os mosaicos, reforça essa narrativa de evento histórico (SAHLINS: 2008), tal como o “gol iluminado” de Figueroa na final do campeonato brasileiro de 1975 pelo Internacional. Como naquela ocasião, onde Manga assegurou a vitória colorada sobre o Cruzeiro com defesas difíceis, Júlio César (único jogador do elenco formado nas categorias de base do clube) foi o grande destaque alvinegro no clássico, responsável direto na vitória.

No momento de crise – entendido de maneira análoga ao caso sul-rio-grandense (GUAZZELLI: 2000) – observa-se uma exaltação à narrativa ontológica por parte dos periodistas, em especial dos cronistas, de um “ser” corintiano:

A percepção de amor à camisa do torcedor corintiano é o jogador que se esparrama na linha de fundo entre fios e placas de publicidade, na busca por uma bola já perdida. É uma forma de expressar o comprometimento com a equipe e com seus seguidores, de assumir em campo o mesmo espírito guerreiro de arquibaldos e

¹⁵³ Nas arquibancadas verde e amarela do estádio, palmeirenses montaram uma réplica de papéis da taça da Copa Libertadores da América e um ‘Ha Ha Ha’, referente à onomatopeia do riso. Cânticos jocosos também fizeram parte do espetáculo. O mosaico e o relato dos acontecimentos da partida podem ser encontrados em: <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2011/02/06/palmeirense-resgata-humor-no-estadio-mas-corintiano-ri-por-ultimo/> Consultado em: 05/09/2016.

geraldinos. É o que Felipão define como *time com fome* (...). Foi um grande resultado, apenas isso, alcançado com futebol ruim. E bota ruim nisso (...). A partida não eliminou a letargia da equipe, mas contribuiu para criar um herói, o goleiro Júlio César, responsável pelo zero palmeirense no placar (...). É fato: a equipe jogou mal e venceu, apenas isso. É óbvio que o placar servirá para mudar a análise da verdade do campo. Na coletiva de Tite, o time foi muito melhor que na partida (...). Demitir Tite é pura crueldade, é criar um culpado e justificar a atitude desses bandidos, do crime organizado e agora também uniformizado. (CALÇADE, Paulo. Vitória do goleiro. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 07/02/2011, p. E5).

Enquanto este agente dos meios de comunicação impressos descreve o “jogador que se esparrama na linha de fundo entre fios e placas de publicidade, na busca por uma bola já perdida” como exemplo a ser seguido segundo um “corintianismo”, a percepção de Luiz Felipe Scolari acerca desta descrição se distancia desta caracterização clubística, assumindo uma “forma-representação” passível de replicação em qualquer time que tenha “fome”. Ademais, Calçade traz à tona a figura do herói a um goleiro, posição mística no futebol que, para uns, será para sempre o “desmancha-prazeres” que “sempre tem culpa” (GALEANO: 2010, p. 12). Muitas vezes esquecido pelo próprio torcedor corintiano, Julio César foi o jogador que acompanhou o clube desde a primeira saída de Tite, em 2005, até a consolidação de uma faceta vitoriosa do Corinthians, que culminou com a saída do mesmo treinador em 2013. Esteve no rebaixamento à Série B do Campeonato Brasileiro e na Copa do Mundo de Clubes da FIFA. Fez partidas memoráveis como esta, e também participou ativamente de momentos que o figuraram no imaginário do torcedor corintiano como um coadjuvante: foi ele o goleiro que recebeu o centésimo gol de Rogério Ceni, um dos maiores alvos individuais das zombarias dos corintianos, pouco mais de um mês depois de se consagrar como herói do confronto contra o Palmeiras. Logo, a ação de Júlio César – juntamente com as narrativas de torcedores, jornalistas e demais viventes e não-viventes do esporte – ilustra a *fluides* dos viventes inseridos nesta *malha* (INGOLD: 2012b) futebolística.

Assim, enquanto para uns Tite estivera na corda bamba, para outros “demitir Tite é pura crueldade”. As narrativas escritas pelos “especialistas” (TOLEDO: 2000) também se encontram em *movimento*, não somente no tempo, como também no espaço. Com efeito, a vitória sobre o principal rival corintiano logo após uma das maiores decepções indica um ponto de virada essencial principalmente na percepção dos viventes da ontologia corintiana com relação à ação titeana no time. Este “evento” (SAHLINS: 2008) que contou com a ação de sujeitos históricos como Alessandro, Júlio César e Tite, se visualizado de maneira

retrospectiva, pode ser apontado como fundamental na temporada que terminou com o título do Campeonato Brasileiro sobre o Palmeiras (treinado por Luiz Felipe Scolari)¹⁵⁴.

A escala do “Corinthians de Tite” até o Japão passa pela Copa Libertadores da América de 2012. Participando pela terceira vez consecutiva desta competição, “formas-representação” (TOLEDO: 2000) como solidez defensiva e disciplina tática apareciam nos textos dos jornais a cada partida realizada pelo time em campo que chegara a uma inédita disputa do título ¹⁵⁵. O adversário da final, o argentino Club Atlético Boca Juniors, era simbolizado pelos jornais como um grande desafio no qual o clube paulista tinha plenas condições de superá-lo após intensa “batalha”, numa clara demonstração regionalista (CAVALCANTI et al: 2013).

Desta maneira, periódicos paulistas darão amplo destaque para a ida do Corinthians à final da competição, na maioria das vezes oferecendo imagens na primeira página de ações de jogadores ou torcedores durante o período correspondente aos jogos e posteriores ao título, ou seja, dos dias 21/06 a 05/07/2012. É também presença frequente a imagem de corintianos (torcedores, atletas e demais profissionais do time) na primeira página do caderno de esportes, acompanhados de títulos que indicam equilíbrio na decisão, mesmo ciente da grandeza do adversário; assim, frases como “Corinthians não teme força do Boca”, “Corinthians não teme La Bombonera”, “Sonhando em preto e branco” aparecem ora das primeiras páginas, ora das capas das seções esportivas antes do primeiro jogo, na Argentina¹⁵⁶. A invenção dos meios de

¹⁵⁴ Em partida válida pela última rodada do campeonato, no dia 04/12/2011, o empate por 0 a 0 foi um confronto tenso, com quatro expulsões (duas para cada equipe) e uma confusão entre os atletas nos instantes finais após o atacante corintiano Jorge Henrique fazer uma jogada de efeito. Dispersada a briga, onde a figura de Tite aparece frequentemente na tentativa de acalmar os jogadores, o goleiro Júlio César gesticula com os braços pedindo mais apoio aos torcedores. Capitão do time, Alessandro é o primeiro jogador a levantar a taça.

¹⁵⁵ A leitura de números corresponde a uma das principais ferramentas compartilhadas entre membros de comissões técnicas dos clubes (ver ENTREVISTA ROBERTO RIBAS) e agentes da imprensa esportiva – cada um deles, claro, dentro de suas possibilidades semânticas e interesses. Em uma análise comparativa envolvendo apenas treinadores, podemos visualizar na TABELA I que a melhor campanha anterior a de 2012 foi quando o clube chegou à semifinal do torneio em 2000, período em que fora treinado por Osvaldo de Oliveira, e eliminado pelo Palmeiras. Com dois jogos a mais (14 a 12), o time de Tite teve apenas uma vitória a mais (8 contra 7), seis empates contra apenas dois em 2000 e nenhuma derrota – ao contrário de 2000, quando o time fora derrotado três vezes. Duas variáveis que também podem nos indicar mudanças no “estilo de jogo” das duas equipes são os números de gols marcados e o número de gols sofridos: com Osvaldo de Oliveira, o Corinthians marcou 31 gols em doze jogos (média de aproximadamente 2,59 gols por jogo) contra 22 tentos em quatorze partidas em 2014 (média aproximada de 1,57 gols por jogo). Por outro lado, em 2000 sofreu 22 gols (média de 1,83 gols sofridos por jogo), enquanto em 2014 quatro vezes a bola adentrou a meta corintiana (média de 0,29 gols sofridos por jogo). Sendo assim, nota-se neste recorte que o time treinado por Tite não apresentou *performance* ofensiva semelhante àquele treinado em 2000 por Osvaldo de Oliveira. Entrementes, o desempenho defensivo aumenta consideravelmente com a chegada do gaúcho.

¹⁵⁶ Estes títulos são relacionados, respectivamente, à capa da seção esportiva do dia 23/06/2012, à capa da seção esportiva da edição de 26/06/2012 (quando o Corinthians chegara à Argentina, um dia antes da partida de ida), e à primeira página do jornal do dia 27/06/2012 (data do primeiro jogo).

comunicação impressos paulistas sobre o Corinthians é a de um “sonho” que está sendo realizado, o início do fim de uma “obsessão”, repleto de “heróis” da Fiel¹⁵⁷, além da miríade de “heróis anônimos” (*O ESTADO DE SÃO PAULO*, 05/07/2012, p. H10); ontologia mais uma vez destacada¹⁵⁸ nas folhas em termos que remetem à “forma-representação” dos folhetins presentes nos relatos editoriais esportivos (COSTA: 2010).

O Corinthians “pragmático” daquele momento, o “time frio, com a cara de Tite”, era “muito forte na marcação e uma vontade impressionante de roubar a bola do adversário”, “sem vergonha de dar chutão para a arquibancada ou fazer uma falta no meio de campo” e “pressionando a saída de bola e apostando nas triangulações em velocidade” (BALDINI JR, Wilson. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 05/07/2012, p. H3); características que ora dialogam com um estereótipo de futebol gauchesco (“frio”, “muito forte na marcação”), ora brasileiro (“triangulações em velocidade”), e ora corintiano (“sem vergonha de dar chutão para a arquibancada ou fazer uma falta no meio de campo”).

Enquanto as impressões paulistas acerca do time e do título do Corinthians apontavam para leituras otimistas e que reverenciavam o trabalho de Tite, jornalistas de outras localidades divergiam nos olhares sobre o mesmo evento, constituindo uma paralaxe. Logo após a classificação do clube alvinegro às finais do torneio internacional, um periodista argentino inventava o adversário do bonaerense Boca Juniors:

Corinthians se destaca por su entramado defensivo impenetrable y llega a la Bombonera con las credenciales de un *catenaccio* a la brasileña. Corinthians es el segundo equipo con más hinchas de Brasil, detrás del Flamengo. Se calcula que su parcialidad se extiende a aproximadamente 25 millones de *torcedores* (...) El camino del Corinthians es el de la imbatibilidad. No perdió ningún partido en el certamen. Además, solamente recibió tres tantos en los doce partidos que disputó. Ganó siete y empató cinco. Su formación no tiene grandes estrellas. Su dupla central, formada por Leandro Castán y Chicão, es uno de los puntos altos (...). En el medio se destacan Paulinho y Danilo. Todos marcan, todos juegan (...). Historia rara la del Timão. Su identidad está fundada en su gente y en sus ideales. (...). Su capítulo más

¹⁵⁷ Referência ao título da imagem principal da capa da edição do dia 28/06/2012 do *O Estado de São Paulo*, onde Romarinho – autor do gol de empate por 1 a 1 no Estádio Alberto J. Armando, conhecido como La Bombonera, em Buenos Aires – aparece celebrando. Ao longo desta edição, reportagens enaltecem o “iluminado” deste atleta, recém-contratado pelo Corinthians após passagem pelo Clube Atlético Bragantino (de Bragança Paulista, cidade do interior de São Paulo), que logo em seu primeiro jogo marcou os dois gols da vitória corintiana contra o arquirrival Palmeiras por 2 a 1. Contra o Boca Juniors entrou em campo nos minutos finais da partida, quando o Corinthians já perdia e tinha um atleta expulso, e fez o tento de empate.

¹⁵⁸ Uma propaganda de uma fabricante de automóveis italiana (ANEXO VII) utiliza sua imagem atrelada à do clube para indicar a distinção entre o “ser” Corinthians e os “outros”. A frase “O Corinthians é o Corinthians na final da Libertadores” (21/06/2012, um dia após a passagem deste clube à final) contraria o jargão original, onde uma parte (“O determinado time”) é engolida por um todo nacional (“é o Brasil na competição internacional”); portanto, o “corintianismo” aparece como medida única no discurso representativo do “ser” corintiano, ao contrário dos outros pertencimentos clubísticos que colocam uma sentimento regional ainda acima.

recordado es la denominada *Democracia Corintiana* (...). Con Brasil y la región e el medio de dictaduras, la *Democracia Corintiana* demostró que era posible otra idea. (DEL RIO, Sebastián Varela. La primera vez de Corinthians. *CLARÍN*. 27/06/2012. p. 53).¹⁵⁹

A invenção do termo “*catenaccio* à brasileira”, além de configurar referência a características como a coletividade e a disciplina tática já mencionada por Outro jornalista (“todos marcan, todos juegan”), enfatiza uma forma defensiva e vista como conservadora através de uma escrita que indica a apropriação antropofágica do *catenaccio*¹⁶⁰ abrazeirado que contraria uma linha analítica comum às análises dos jornalistas argentinos sobre o futebol brasileiro, associado à ofensividade, criatividade e individualidade, numa palavra, *jogo bonito*; ademais, nestas avaliações os clubes gaúchos frequentemente aparecem como equipes de “pouco brasileiras” (MEYER: 2014). Uma segunda linha a ser observada está na referência à ausência de grandes jogadores individuais no elenco (“su formación no tiene grandes estrellas”): assim como jornalistas paulistas de 1976 consideravam o Internacional uma equipe sem “craques”, imaginando o time treinado por Rubens Minelli como “tosco”, este repórter argentino percebe a equipe brasileira como distante daquele colocado por tantos autores, a saber, do chamado “futebol-arte” (DAMATTA: 1994; FILHO: 2010; GUMBRECHT, 2014; LOPES: 1994); logo, percebe os corintianos. Não podemos ignorar a atenção dada pelo jornalista à base do Corinthians: sua *gente* e seus respectivos *ideais*. Intercalando com a descrição técnica do time brasileiro, Sebastián Varela del Rio narra a influência dos *torcedores* como se estes fossem parte atuante do desempenho da equipe dentro das quatro linhas¹⁶¹.

¹⁵⁹ Tradução livre: “Corinthians se destaca pelo seu estilo defensivo impenetrável e chega à Bombonera com as credenciais de um *catenaccio* à brasileira. Corinthians é a segunda equipe com mais hinchas (torcedores), atrás do Flamengo. Calcula-se que existem aproximadamente 25 milhões de *torcedores* (...). O caminho do Corinthians é o da invencibilidade. Não perdeu nenhuma partida no campeonato. Ademais, somente recebeu três gols nas doze partidas que disputou. Ganhou sete e empatou cinco. Sua formação não tem grandes estrelas. Sua dupla de zagueiros centrais, formada por Leandro Castán e Chicão, é um dos seus pontos altos (...). No meio-campo destacam-se Paulinho e Danilo. Todos marcam, todos jogam (...). História rara do Timão. Sua identidade baseia-se na sua gente e em seus ideais. Seu capítulo mais lembrado é a chamada *Democracia Corintiana* (...). Com Brasil e a região em meio a ditaduras, a *Democracia Corintiana* demonstrou que era possível outra ideia”.

¹⁶⁰ *Catenaccio* que, em italiano, significa “cadeado”, é um estilo de jogo que teve suas origens na década de 1930 na Suíça, mas que atingira seu ápice na década de 1960 com as equipes italianas em competições europeias, especialmente a Football Club Internazionale Milan treinada por Helenio Herrera (CLAUSSEN: 2014). Em poucas palavras, tal estilo propõe um modelo extremamente defensivo, concentrando suas forças ofensivas em rápidos contra-ataques. Esta forma exige um grande esforço disciplinar, tático e coletivo. E até hoje faz parte da caricatura dos estilos de jogo de equipes (clubes ou seleções nacionais) da Itália e da Suíça.

¹⁶¹ Influência também recordada em jornais paulistas. O escritor argentino Martín Caparrós fora convidado a escrever uma crônica acerca do *seu* Boca Juniors dias antes da última partida da final da Copa Libertadores. Em “Un montón de locos” – título que retumba no “bando de loucos” daqui, os corintianos –, ele narra um “dever torcedor” (TADDEI: 2014): “O tempo da partida, é óbvio, começa muito antes. Dias antes, ao menos. Mas no domingo vem aquele nervosismo, a excitação, o formigamento no estômago à medida que a hora se aproxima: a sensação de que algo que te importa está prestes a suceder e você o espera como se esperam poucas coisas (...). Grita o estádio, que deseja que o tempo não mude de sinal. Na vida, as coisas não se definem como no futebol,

Um terceiro ponto de observação da final vem do Rio Grande do Sul. A cobertura, com muito menos páginas se dedicando à *coisa* do que nos periódicos paulistas, destaca na maior parte das vezes a presença de atletas gaúchos no elenco paulista, sobretudo do goleiro Cássio, o “gaúcho de Veranópolis” (GIRARDI, Vanessa. “Estamos em um momento histórico”. *ZERO HORA*, 04/07/2012, s/p) e “o gaúcho Tite”, um dos motivos para o sul-riograndense assistir à partida (BECKER, Guilherme. 6 motivos para ver Corinthians x Boca. *ZERO HORA*, 04/07/2012, p. 42). No dia do jogo decisivo, um colunista ofereceu seu ponto de vista acerca da final:

O Corinthians campeão da Libertadores pode significar o começo de um período de hegemonia preocupante para clubes que habitam zonas de mercado não tão ricas como São Paulo. Antes, tratava-se de um gigante adormecido encravado no maior centro econômico do continente, com uma torcida de milhões no país inteiro (...). Agora o Corinthians se organizou e vai para o terceiro ano como a maior receita entre os clubes brasileiros (...). O título e a presença no mundial representariam mudança de patamar e de mercado. Uma derrota diante do Boca pode ao menos retardar este processo (...). O Corinthians campeão é bom pelo triunfo de Tite, discípulo da escola gaúcha de técnicos e profissional correto. Mas é ruim para Inter e Grêmio. (OLIVER, Diogo. O Boca é gaúcho. *ZERO HORA*, 04/07/2014, p. 41).

Consoante Diogo Oliver, a conquista corintiana poderia acarretar numa dominação ainda maior dos eixos centrais do futebol brasileiro em detrimento das emergentes periferias, representadas pelos clubes do Rio Grande do Sul no caso. Com efeito, escolher o lado argentino (“O Boca é gaúcho”) é compactuar com os times da “nossa” localidade, mais precisamente Grêmio e Internacional. Tal invenção retumba junto ao ANEXO VII, quando uma propaganda num periódico paulista afirmara que “o Corinthians é o Corinthians na Libertadores”; o que indica, por um lado, a tentativa publicitária de distinguir os “seres” corintianos dos Outros, por outro lado a confirmação desta diferença vinda de uma localidade brasileira (o Rio Grande do Sul) que, ao mesmo tempo (pelo menos neste relato), não compactua com esse ideal nacional (“O Boca é gaúcho”, ao invés de “O Boca é brasileiro”). A movimentação das narrativas permite notar a relação ambígua de territorialidade inventada pelos periodistas, que ora alimentam uma perspectiva de futebol gaúcho como estranho ao futebol brasileiro – especialmente tratando-se daquele praticado no eixo Rio de Janeiro e São Paulo – e “naturalmente” próximo do futebol argentino devido à vizinhança geográfica¹⁶², ora

em um instante extraordinário. Elas vão passando aos poucos, estendendo-se no tempo, não são como aquele gol no último minuto ou o pênalti defendido que acaba de torná-lo campeão.”. O texto na íntegra encontra-se disponível no link: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral/un-monton-de-locos-imp-.894157>

¹⁶² Em 2007, Grêmio e Internacional despontaram o cenário futebolístico nacional como as principais equipes do país. Enquanto a equipe tricolor chegara às finais da Copa Libertadores da América daquele ano, o clube colorado disputara simultaneamente a decisão da Recopa Sul-americana, campeonato onde o campeão da Copa Libertadores da América (Internacional) e o campeão da Copa Sul-americana (Pachuca Club de Fútbol, clube mexicano) do ano anterior (no caso, 2006) se enfrentam em jogos de ida e volta. Carlos André Moreira fora o

enxergam elementos regionais como agentes diretos numa transformação do esporte nacional – muitas vezes utilizando um argumento “natural”, referindo-se à cidade de nascimento do atleta, treinador, entre outros “profissionais”. Ou seja, um representante da “escola gaúcha de técnicos” (lembramos: o mesmo Tite refuta a ideia de uma “escola gaúcha”, segundo recorte de alguns anos antes num jornal de São Paulo) pode se consagrar campeão da Copa Libertadores da América, o que indica a plena ascensão técnica da região¹⁶³.

Este comportamento dos repórteres esportivos sul-rio-grandenses se assemelha na narrativa da campanha corintiana na Copa do Mundo de Clubes da FIFA, ocorrida em dezembro de 2012 no Japão. Os relatos concentram-se nos profissionais que atuaram em clubes gaúchos ou nascidos no Rio Grande do Sul, ou seja, o lateral esquerdo Fábio Santos, o goleiro Cássio e o treinador Tite, este último portador de uma “virtude inglesa no futebol e na vida público-privada” baseada na “paciência e o método”, segundo alguns (OSTERMANN, Ruy Carlos. *Ganha quem sabe. ZERO HORA*, 16/12/2012, p. 44)¹⁶⁴. A demonstração de confiança e otimismo nas páginas dos jornais gaúchos se assemelha às dos paulistas, com a diferença de que o primeiro enaltecerá muito mais o trabalho de Tite – “O filho da Dona Ivone”¹⁶⁵ – no time alvinegro sem a menção de outros agentes, como os demais atletas (colocados como “time taticamente bem treinado, ajustado nas suas ideias e com um centro de atração do jogo posto estrategicamente do meio de campo para trás”¹⁶⁶, que possibilita contra-ataques velozes como principal arma ofensiva) e membros da comissão técnica, torcedores, condições climáticas, entre outros actantes. No dia seguinte à vitória do clube brasileiro na final contra o Chelsea Football Club, o cronista Wianey Carlet analisara:

autor de um editorial especial sobre tal situação: “O futebol é um dos aspectos pelos quais os gaúchos manifestam uma certa rabugice em se assumir brasileiros (...) o gaúcho faz questão de marcar diferença entre ele e os demais reforçando a ideia do “*jeito gaúcho*” de jogar. A saber: *força, marcação, chute para frente se necessário e vitória pragmática nem que seja por meio a zero – uma certa identidade que o gaúcho vai buscar nos seus vizinhos argentinos.*” (Futebol é coisa nossa. *ZERO HORA*, 10/06/2007, Reportagem especial p. 4. GRIFOS NOSSOS).

¹⁶³ Vale lembrar que, naquele momento, o treinador da seleção brasileira era Mano Menezes, gaúcho com passagem marcante em Grêmio e Corinthians; na Copa do Mundo de 2010 o cargo pertencia a Dunga, outro gaúcho. No âmbito clubístico, Internacional havia conquistado duas Copas Libertadores da América (2006 e 2010), uma Recopa Sulamericana (2007) e uma Copa do Mundo de Clubes da FIFA (2006) sobre o Futbol Club Barcelona.

¹⁶⁴ Elementos ascéticos estes que dialogam com o próprio ideal de “ídolo” inventado pelo treinador, ou seja, um agente que se torna referência a outras pessoas não somente através dos resultados positivos em campo, como também pelo seu “caráter”, “pela maneira com que conduz sua vida pessoal” e, sobretudo, ao “vencer com competência, com qualidade, com merecimento, e não a qualquer custo” (TITE: 2014).

¹⁶⁵ Menção ao título da primeira página do jornal *Zero Hora* do dia 17/12/2012, um dia depois do título do Corinthians. Há ainda a imagem da mãe de Tite emocionada olhando para a televisão que mostrava a imagem de seu filho. Ao lado da foto – que ocupa meia página da capa do tabloide –, há a imagem do goleiro Cássio com o troféu em mãos.

¹⁶⁶ Referência ao artigo escrito no jornal *Zero Hora* por Ruy Carlos Ostermann intitulado “Ganha quem sabe”, no dia do jogo contra o Chelsea Football Club, 16/12/2012, na página 44 daquela edição.

O vencedor é um time, e o perdedor, um punhado de bons jogadores. É assim que vejo a vitória do Corinthians sobre o Chelsea (...). Tite é o *treinador* que mais ergueu taças no futebol brasileiro (...). Desde que organizou o time do Grêmio no melhor 3-5-2 já visto por estas bandas, Tite vem demonstrando suas virtudes de estudioso do futebol, excelente tático, grande estrategista e uma liderança de vestiário respeitada. Em Porto Alegre, julgavam-no pelo tom moderado das suas manifestações, que achavam sem graça. (CARLET, Wianey. Grande campeão. ZERO HORA, 17/12/2012, p. 45. GRIFOS NOSSOS).

A escrita do autor focada na distinção entre *time* e *punhado de bons jogadores* remete a uma série de características aparentemente cristalizadas no discurso jornalístico acerca do futebol gaúcho, como coletividade e disciplina tática, elementos estéticos encontrados no Corinthians do Tite, *treinador* gaúcho responsável por grandes revoluções no futebol regional (“melhor 3-5-2 já visto por estas bandas”, referência ao Grêmio campeão da Copa do Brasil de 2001) e, depois, nacional. A exaltação do *treinador* como o único responsável pela movimentação das “formas-representação” é uma cristalização presente nos editoriais esportivos dos jornais brasileiros, com maior ou menor intensidade dependendo do tempo e espaço. Quando convém, Tite pode ser desde a personagem “sem graça” treinando o Internacional em 2009 e 2010, até o gaúcho que obteve sucesso no “estrangeiro” como um “grande estrategista” e com “liderança de vestiário”.

Nota-se que os discursos gauchescos sobre o Corinthians nesses campeonatos internacionais inventam uma cultura flexível do Outro, do paulista, que estará em constante movimento. Nesta proliferação de *híbridos*, a percepção encontrada nos discursos (nas *charges*, nas propagandas, nas reportagens, dentre outras *não-coisas*) também está em paralaxe, assim como as outras *coisas relacionadas* (“profissionais”, “especialistas”, “torcedores”, condições climáticas, estádio, entre outros agentes desta cosmologia futebolística). Ademais, o “ser” gaúcho se vê e se inventa num viés do próprio gaúcho e do paulista, assim como uma ontologia bandeirante¹⁶⁷ se enxerga e se inventa nos olhares e criações do próprio paulista e do gaúcho, podendo haver diversas perspectivas que ora se aproximam, ora se distanciam.

Foi um período de grandes acontecimentos para os três grandes clubes paulistanos retratados nos periódicos desta região. O São Paulo Futebol Clube enfrentaria o Clube Atlético Tigre¹⁶⁸ na final da Copa Sul-americana; a Sociedade Esportiva Palmeiras faria um jogo de despedida ao seu maior ídolo contemporâneo, o goleiro Marcos; e o Corinthians

¹⁶⁷ Imagem atrelada ao “espírito” paulista do bandeirante.

¹⁶⁸ Agremiação da cidade de Victoria, cidade próxima de Buenos Aires.

participava da Copa do Mundo de Clubes da FIFA, organizada no Japão. O caderno de esportes dos jornais estudados concentrou-se basicamente nestes três clubes durante o mês de dezembro, com ênfase maior ao Corinthians. A cobertura do Mundial estava basicamente dividida entre o time e o cotidiano dos torcedores alvinegros no país, gente de grande relevância nesta ontologia. Logo na primeira partida, contra o clube egípcio Al-Ahly Sporting Club, as narrativas jornalísticas enalteciam o comportamento dos torcedores corintianos, que eram maioria nos mais de 30 mil espectadores presentes no estádio (especula-se que 20 mil corintianos estiveram no Japão)¹⁶⁹, façanha exaltada também na fala recortada de atletas do Corinthians, que acarreta na invenção de alguns repórteres em chamar esta presença como “a terceira invasão corintiana (a primeira foi no Rio de Janeiro, em 1976, na semifinal do Brasileiro, e a segunda, em 2000, na final do Mundial, em 2000, no Rio)” (REIS, Lucas; MACEDO, Sandro. Ufa! *FOLHA DE SÃO PAULO*, 13/12/2012, p. D1). Portanto, a presença do elemento “peregrinação” persiste nas referências não somente dos torcedores sobre si mesmos, como também dos membros dos meios de comunicação impressos sobre eles.

Outros dois elementos que impactaram decisivamente na queda de rendimento do time paulista em sua primeira partida, segundo os relatos jornalísticos, foram as condições climáticas e o estado psicológico dos atletas. Junto com o fuso horário, o frio e a neve se concretizaram como uma adversidade incomum (RAMOS, Raphael; MARQUES, Victor. Frio se torna o 1º rival do Corinthians. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 11/12/2012, p. E2), visto que as *coisas* climáticas ocasionalmente aparecem (quando aparecem) em segundo plano nas narrativas. Ao contrário do nervosismo, aspecto geralmente relacionado às estreias em campeonato, sobretudo em mata-mata¹⁷⁰, e que também influenciou na forma como a equipe se portou no primeiro jogo. Assim, enquanto o frio e a neve apresentavam alterações nos gramados, o favoritismo ante os egípcios agregava novidades aos corpos dos atletas, disciplinados a jogarem num determinado fuso horário, em um clima tropical e ambientados com os gramados brasileiros. E os discursos dos repórteres abordavam esta situação, seja

¹⁶⁹ Os dois jornais de São Paulo enviaram repórteres responsáveis por cobrirem “somente” o cotidiano dos torcedores corintianos no Japão (Raphael Ramos e Vitor Marques foram os repórteres que escreveram no espaço *Expresso Oriente*, do *O Estado de São Paulo*; Antonio Prata foi o escolhido para registrar em *Um louco no bando*, da *Folha de São Paulo*, as façanhas dos torcedores corintianos naquele país).

¹⁷⁰ O regulamento da Copa do Mundo de Clubes da FIFA constitui-se em formato eliminatório, onde de um lado da chave se encontra o campeão europeu (da Liga dos Campeões da UEFA) e do outro lado o clube vencedor da Copa Libertadores da América. Os outros participantes são os vencedores das outras competições continentais, a saber: Liga dos Campeões da CAF (campeonato africano), Liga dos Campeões da CONCACAF (campeonato da América do Norte e América Central), Liga dos Campeões da AFC (campeonato asiático) e Liga dos Campeões da OFC (campeonato da Oceania). Além deles, o campeão nacional do país sede é convidado a participar. Os campeões europeus e sul-americanos se classificam automaticamente para as semifinais do torneio.

recortando depoimentos de Tite, seja demonstrando através de textos, números e imagens do campo, da face dos atletas e do próprio treinador.

Enquanto São Paulo e Palmeiras celebravam conquistas distintas, o Corinthians era retratado nas páginas dos periódicos paulistas como a “equipe mais europeia” e “organizada taticamente” do Brasil (TOSTÃO. De São Paulo ao Japão. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 12/12/2012, p. D4)¹⁷¹, fruto do planejamento e manutenção de profissionais por mais de dois anos de entrosamento (REIS, Lucas; MACEDO, Sandro. Tite aposta em sistema de 2 anos na decisão. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 13/12/2012, p. D3). O otimismo com relação à conquista do título emerge através dos recortes das falas de um Tite que confia no trabalho realizado no time, que valoriza a coletividade dos atletas. Logo, as principais caracterizações individuais feitas nos periódicos se relacionam a termos como “raçudo”, “luta pelo time” e “esforço”, termos que dialogam com aquilo que o atacante Paolo Guerrero expressou junto aos torcedores após marcar o gol da vitória contra o Al-Ahly: “Aqui é Corinthians” (RAMOS, Raphael; MARQUES, Vitor. Guerrero prefere os ingleses na final. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 13/12/2012, p. E4).

Mesmo em uma competição de curto prazo, repórteres destacam as alterações táticas promovidas por Tite entre o primeiro jogo e a final ao orientar sua equipe com jogadores mais velozes a fim de surpreender o Chelsea. A centralização da imagem do treinador chama a atenção dos repórteres, que o narram como personagem: “atende a todos, fãs e jornalistas, com a mesma paciência do primeiro ao último”, “evita sempre individualizar seus jogadores” e, com seu jeito “performático”, “balança os braços, aponta o dedo, faz pausas de 15 segundos e adora lançar frases de efeito”. Dentre estas frases, uma foi recortada: “*Campo. O campo fala*” (REIS, Lucas; MACEDO, Sandro. Professor. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 16/12/2012, p. D4. Grifos nossos)¹⁷². Ao inserir o depoimento de Tite num espaço da excentricidade, repórteres estabelecem uma linha que delimita o que é um discurso passível de legitimidade e o que é uma loucura, uma “frase de efeito”, “performático” e que “chama a atenção”, tal como um objeto raro de uma longínqua tribo autóctone que garanta a distinção num campo (BOURDIEU: 2011b); portanto, estabelece-se uma típica “cultura de salão” neste movimento

¹⁷¹ O mesmo colunista escreverá após a vitória corintiana sobre o Chelsea que o Corinthians “se parece mais com os times italianos” ao mesclar o “hábito brasileiro de trocar poucos passes e de fazer muitos lançamentos longos” com o “sistema tático” mais europeu do Brasil (TOSTÃO. O campeão é... *FOLHA DE SÃO PAULO*, 16/12/2012, p. D6). Assim, demonstra o intercâmbio de sentidos com aquele colunista argentino que comentara seis meses antes sobre o *catenaccio* à brasileira, indicando que não somente os “especialistas” estão em movimento como também os textos.

¹⁷² As citações neste parágrafo correspondem a esta mesma reportagem.

paranoico de inventar *convenções* que delimitem a criativa *histeria* de alguns agentes que improvisam novos *comandos* (WAGNER: 2012). Como a mãe que refuta a criança que crê na existência de um pequeno dragão em casa e que, a cada vez que refuta esta *coisa*, ele cresce cada vez mais a ponto de ocupar todo o espaço da casa e somente voltando a um tamanho “administrável” a partir do momento em que a matriarca acredita em sua existência (INGOLD: 2012a), relação semelhante ocorre no que consta às narrativas dos meios de comunicação impressos sobre os posicionamentos de Tite: as vitórias e conquistas sob o comando do Corinthians fez suas percepções crescerem a ponto de romperem com um inicial ceticismo por parte dos “especialistas”, que não viram outra saída a não ser reconhecer este arcabouço, mesmo tratando-o como exótico. Se o treinador não fosse tão vitorioso, se não vencesse o Palmeiras logo após o vexame contra o Deportes Tolima em 2011, talvez ele não participasse mais do Corinthians e seria classificado pelos jornalistas como responsável por um time “chato” e “estranho” em suas definições.

Assim, o discurso dos periódicos é passível de mudanças conforme tais *convenções*. Apesar da intensa marcação dos trechos de falas dos atletas e do treinador salientando a coletividade da equipe e mesmo as reportagens e análises de cronistas direcionando para esta característica, os jornais exaltam jogadores que foram elementares para a conquista alvinegra, como o goleiro Cássio e os atacantes Paolo Guerrero e Emerson Sheik, além do próprio Tite, organizador maior deste grupo; jogadores colocados numa narrativa condizente com elementos duma ontologia corintiana, dotada de referências à malandragem de Emerson¹⁷³, ao sofrimento, à reviravolta e ao reencontro do *seu* melhor futebol na equipe paulista, ou seja, características estereotipadas do “povo” para o “time do povo”. O contexto do jogo proporcionou oportunidade para uma leitura individualizada: um adversário com um elenco de grandes jogadores de todo o mundo, uma partida tensa onde o clube inglês teve mais chances de gols do que o Corinthians, a vitória no segundo tempo vinda de um gol “chorado”¹⁷⁴ são alguns dos elementos que influenciaram o escrever dos jornalistas paulistas.

¹⁷³ Como na segunda partida da final da Copa Libertadores da América contra o Boca Juniors, o atacante provocou os zagueiros ingleses e foi responsável direto na expulsão de um adversário. Segundo ele, “futebol é exatamente isso, é malandragem” (RAMOS, Raphael; MARQUES, Vitor. Mais uma lição de **malandragem** de Emerson Sheik, *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 17/12/2012, p. E3). Não trataremos aqui da possível relação entre as origens de Sheik e sua incorporação de um “ser” *carioca*.

¹⁷⁴ O gol de Guerrero ocorreu já na segunda metade do segundo tempo: após rebote da finalização do meio-campista Danilo e defesa de Petr Cech, a bola subiu na pequena área, quando Guerrero ganhou a disputa contra o zagueiro adversário ao cabecear a bola para o gol. Outro defensor da equipe inglesa tentou afastar a bola com a cabeça, mas não a alcançou. O termo “gol chorado” remete a situações análogas à essa.

Ao lado das descrições do jogo final, os torcedores corinthianos ocuparam grande espaço de destaque nos jornais, seja por aqueles presentes no estádio japonês, seja pelos milhões em São Paulo e em todo o Brasil através de imagens do antes, durante e depois da conquista. A ocupação de importantes vias da capital paulista registrava o sucesso de mais uma “Invasão Corinthiana”.

Num passe de mágica, o Corinthians avançara “50 anos em 5”: a manutenção de um treinador pela diretoria após eliminação na “pré-Libertadores” em 2011 atrelada às diversas conquistas colocavam o “time do povo” num patamar estranho. Repleto de ações que “naturalizavam” o corintiano como “maloqueiro e sofredor”, da campanha na segunda divisão do campeonato nacional em 2008 até 2012, o Corinthians conquistara pelo menos um título por ano¹⁷⁵. Tal fenômeno contraria momentos históricos da instituição, como jejuns de mais de vinte anos sem títulos, momentos em que era muito mais “difícil” torcer pelo Corinthians, uma prova de como ser (com e sem aspas) “Fiel”. O irracional transfigurou-se lógico, o “povo” já não é mais o mesmo (não só por estar “mal acostumado” pela sequência de troféus, como também pelo processo de elitização do espaço em uma arena que mais segrega do que une), o time do “místico” Duque cede lugar ao “compacto”, porém “intenso”, ao “frio”, porém “malandro” time do Tite. Permanecem algumas convenções pétreas entre os viventes do universo corintiano, como raça sobrepondo-se ao talento individual. Entrementes, como narrara o jornalista Paulo Calçade, “Aqui é Corinthians”, agora, tem outro significado.” (50 anos em 5. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 17/12/2012, p. E7). O jogar, o torcer, o narrar, o viver, o ser corintiano é e não é o mesmo. É possível “não viver só de títulos, mas viver de Corinthians”, segundo uma campanha publicitária no ano sem títulos de 2010¹⁷⁶. Um Corinthians Paulista ora Gaúcho, ora Italiano, ora Inglês, poucas vezes nesse período entre 2010 e 2012 lembrado como “do Brasil o clube mais brasileiro”, na opinião de agentes da cosmologia futebolística:

O melhor treinador não é o que sabe mais a teoria. É o que percebe os detalhes subjetivos, nebulosos e faz com que os jogadores executem com eficiência o que foi planejado (...). Em resumo, há hoje três maneiras de se jogar futebol. Uma, única, a do Barcelona, que ocupa o campo adversário, fica com a bola e espera o momento certo para tentar a jogada decisiva. Outra, a do Corinthians e de equipes da Europa, de times compactos, que alternam a marcação por pressão com a mais recuada e que conseguem sair da defesa para o ataque com troca de passes. E a terceira, a da maioria dos times brasileiros e sul-americanos, com muitos chutes, jogadas aéreas,

¹⁷⁵ Exceto no ano de 2010, quando não conquistou títulos no futebol profissional masculino.

¹⁷⁶ Referência a esta campanha publicitária encontra-se no *link*: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2010/12/ronaldo-veste-camisa-do-vice.html>
Consultado em: 09/09/2016.

excesso de faltas e correria. É uma maneira arcaica de se jogar. (TOSTÃO. Aprendam com o Coringão¹⁷⁷. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 19/12/2012, p. D4).

6.4 A re-volta do “titês”: a terceira passagem de Tite pelo Corinthians

O poeta da Fiel, com muita “treinabilidade”¹⁷⁸, ganhou a confiança dos corinthianos.¹⁷⁹

O Corinthians pratica o futebol mais moderno do Brasil. Marca por pressão, tem as linhas compactas, zagueiros rápidos, meias que se deslocam para se juntarem ao ataque. Os laterais participam do ataque, mas também fazem a saída de bola e normalmente são os melhores passadores do time.¹⁸⁰

A temporada seguinte ao inédito título da Copa Libertadores da América e ao segundo troféu de Copa do Mundo de Clubes da FIFA trouxe a Tite a responsabilidade de manter o time do Corinthians num nível competitivo histórico. Para isso, a diretoria investira pesado em reforços de renome global, dentre eles o atacante Alexandre Pato¹⁸¹. O ano de 2013, que começou promissor com boas vitórias no campeonato continental e o troféu do Campeonato Paulista, terminou de forma melancólica após eliminação pela Copa do Brasil contra o Grêmio. Apesar do título da Recopa Sul-americana sobre o arquirrival São Paulo alguns meses antes, a decisão de pênaltis na Arena do Grêmio marcou o desgaste de uma era. Após resultados frustrantes ao longo do Campeonato Brasileiro (empates e derrotas que se assemelhavam àqueles de 2004 e 2005), a penalidade máxima batida displicentemente por Alexandre Pato que eliminou o Corinthians da Copa do Brasil no dia 23/10/2013¹⁸² demarcou a queda não somente do atleta, como também de Tite, que saíra após não ter seu contrato renovado. Em seu lugar, o gaúcho Mano Menezes retornaria à equipe que treinou em outro momento delicado de história do clube¹⁸³.

¹⁷⁷ Alcinha dada ao Sport Club Corinthians Paulista.

¹⁷⁸ Neologismo relacionado aos modos do falar peculiar de Tite: rebuscado em suas palavras, o treinador se comunica deixando lacunas de silêncio entre uma frase e outra, carregadas de sotaque gaúcho. Ademais, ocasionalmente emprega o sufixo “dade”, que indica estado ou qualidade, ao se referir ao desempenho do time. Com efeito, termos como “treinabilidade” indicam a característica desta “titebilidade”.

¹⁷⁹ MARQUES, Vitor. O melhor e o pior dos finalistas, *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 15/12/2012, p. E2.

¹⁸⁰ COELHO, Paulo Vinícius. O tabu de Robinho. *FOLHA DE SÃO PAULO*. 06/04/2015, p. C4.

¹⁸¹ A segunda contratação mais cara da história do clube (atrás somente de Carlos Tévez), Pato era atleta da Associazione Calcio Milan quando fora adquirido pelo valor de 15 milhões de Euros. O reforço veio com *status* de grande estrela para o “bando de loucos”. No entanto, não vingou no clube e entre os torcedores, que não enxergavam no atacante a figura de um corinthiano.

¹⁸² Após Pato errar sua cobrança, o narrador televisivo Luciano do Valle afirmou acintosamente: “Vai bater mal assim lá longe! Entregou a bola para o Dida [goleiro do Grêmio]!”. Já o comentarista Neto pregava: “Talvez este seja o último jogo do Pato com a camisa do Corinthians”. Pato, questionado sobre sua decisão, respondera: “Eu treinei assim, então eu bati e errei”. O vídeo das penalidades está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vp9h5WGslM0> Consultado em: 09/09/2016.

¹⁸³ Mano Menezes treinara o Corinthians em 2008, levando a equipe de volta à primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Ademais, conquistou em 2009 a Copa do Brasil e o Campeonato Paulista. Sobre a demissão de Tite e a contratação de Mano Menezes, ver *link* disponível em:

Alguns especulavam a saída de Tite do clube como uma possibilidade deste substituir Luiz Felipe Scolari como treinador da Seleção da Confederação Brasileira de Futebol masculino, já às vésperas da Copa do Mundo a ser realizada no Brasil, situação não concretizada. Desta maneira, Tite passara o ano de 2014 estudando e estagiando com outros treinadores de renome internacional, como o italiano Carlo Ancelotti e o argentino Carlos Bianchi¹⁸⁴. Dentre seus estudos, observou a Seleção Francesa e a Seleção Alemã de Futebol durante a Copa do Mundo de 2014, encantando-se com as propostas de jogo de ambas, inclusive seus desenhos táticos (duas seleções que adotaram o 4-1-4-1). Ao retornar ao Corinthians, em meados de dezembro de 2014, já imaginava os possíveis improvisos na equipe corintiana, que vinha de uma campanha pouco significativa no que diz respeito a títulos. Pela primeira vez, Tite é visto como a principal opção para o cargo de treinador do clube após desligamento de Mano Menezes no final do ano.

Consoante a leitura dominante de repórteres e colunistas esportivos, o futebol brasileiro passara por uma aguda crise de representatividade. O “estilo perdido”¹⁸⁵ era resultado de uma série de partidas ao longo dos últimos anos e que acarretou com a fatídica derrota por 7 a 1 contra a Alemanha nas semifinais da Copa do Mundo. Jogos não somente da Seleção Nacional, mas também de campeonatos brasileiros de clubes que, segundo os dados apresentados, atingiam os menores índices de gols marcados, com muitos chutes e excesso de correria, elementos que denotam irracionalidade àqueles que julgam o futebol como esporte racional, como Tostão¹⁸⁶. Ademais, a má “formação de jogadores e técnicos, influência de empresários nas divisões de base e falta de cursos” acadêmicos voltados à formação de profissionais na área coloca o futebol brasileiro numa condição em que “imperava o improvisado” (COELHO, Paulo Vinícius. *Estilo perdido*. FOLHA DE SÃO PAULO,

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/11/tite-nao-tera-contrato-renovado-e-mano-volta-ao-corinthians-em-2014.html> Consultado em: 09/09/2016.

¹⁸⁴ Como o próprio Tite mencionou ao retornar ao Corinthians no final do ano de 2014, no vídeo a seguir: <http://esporte.band.uol.com.br/jogoaberto/videos/corinthians/15312988/tite-conta-o-que-aprendeu-em-seu-60ano-sabatico%C2%B4.html> Consultado em: 12/09/2016.

¹⁸⁵ Termo referente ao título do texto de Paulo Vinícius Coelho do dia 10/12/2014, na página D4, para uma série semanal do caderno de esporte da *Folha de São Paulo* intitulada “A crise do futebol brasileiro”.

¹⁸⁶ Estamos na segunda divisão. É a realidade. Quem está na primeira arrecada mais, investe mais na parte técnica e científica, na organização, na qualidade do espetáculo, enfrenta adversários do mesmo nível e, por tudo isso, evolui mais (...). Em outras décadas, bastavam a habilidade e a fantasia para ganhar dos cinturas-duras, como eram chamados, pelos brasileiros, os europeus. Eles não são mais cinturas-duras, desenvolveram a habilidade e a técnica, individual e, principalmente, coletiva, e nós pioramos no conjunto e na qualidade individual. O típico jogador brasileiro é o meia veloz, habilidoso, que joga pelos lados, marca e ataca, dribla muito, cai e simula faltas e pênaltis. Correm muito, mas possuem pouca técnica e pouca lucidez. Faltam grandes armadores. (TOSTÃO. Paixões, ilusões e enganosa. FOLHA DE SÃO PAULO, 14/12/2012, p. D5).

10/12/2014, p. D4). Os discursos *históricos* dos jornalistas apresentam palavras que remetem a um Brasil “arcaico”, do enganador que simula dores e faltas a fim de ludibriar o árbitro, numa palavra, do “jeitinho brasileiro” como “improvisado”, termo de sentido oposto àquele adotado por Roy Wagner, mas que, segundo este mesmo autor, distorção de sentido semântico que corresponde a uma ação típica dos meios de comunicação que desejam manter o *controle* sobre determinada *convenção*, a saber, o domínio sobre a definição de futebol brasileiro. Quando citam Barcelona e outros times europeus, a comparação com esportes passados nacionais – principalmente remetendo ao Santos de Pelé – é inevitável.

É neste cenário que Tite se reapresenta como o “novo” treinador corintiano. Capas de seções esportivas postulam a imagem do gaúcho atrelada ao verbete “atacar” e seus derivados¹⁸⁷, característica até então pouco reconhecida à personagem *craftada*¹⁸⁸ de Tite.

O treinador que se despediu em 2013 após um ano com 31 empates, assinou por três anos disse que vai montar um esquema mais ofensivo. Em sua terceira passagem pelo clube, ele vai privilegiar a busca pelo gol. Entusiasmado com o 4-1-4-1 que o encantou ao observar a seleção alemã em ação, o treinador aos poucos espera implantar o sistema que chamou a atenção do mundo em 2014 durante a Copa. Mas não fará isso de imediato, porque primeiro ele vai conhecer o elenco. Mas a busca ao gol será a característica da equipe. (HECICO, Fábio. Tite promete um time mais ofensivo. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 16/12/2014, p. A22. GRIFOS DO JORNAL).

A re-volta de Tite estava a caminho, e a expectativa criada pelos meios de comunicação impressos paulistas demonstrava um grande desafio na carreira desenhada no escrever dos “especialistas”. Reportagens comparando a temporada 2013 e a temporada 2014 eram frequentes, destacando a disparidade entre os modelos adotados pelos treinadores gaúchos; números indicavam que Mano Menezes tinha feito um trabalho melhor do que seu antecessor. A recordação ao trocadilho “empatite”¹⁸⁹ adotado por torcedores e jornalistas em 2013 revela a desconfiança de alguns periodistas acerca da terceira passagem de Tite pelo

¹⁸⁷ A capa da edição esportiva do dia 16/12/2014 do *O Estado de São Paulo* traz o título “Tite promete um time mais *ofensivo*” (GRIFOS NOSSOS) a imagem de Tite respondendo às entrevistas durante uma coletiva de imprensa com uma imagem ao fundo dele mesmo no Japão em 2012 hasteando a faixa emblemática: “The Favela is here” [A Favela é aqui] – infelizmente não trataremos aqui com profundidade sobre que tipo de “favela” do “time do povo” era aquela. A *Folha de São Paulo*, por sua vez, colocava na capa da seção esportiva do dia 17/12/2012 as imagens de Tite e Oswaldo de Oliveira (treinador contratado recentemente pelo Palmeiras) junto ao título: “Ao *ataque*” (GRIFOS NOSSOS), indicando qual o interesse de ambos.

¹⁸⁸ Neologismo relacionado ao verbo inglês *to craft* que, segundo o *Dicionário Oxford Escolar Português- Inglês Inglês-Português*, significa “produzir artesanalmente”. Acreditamos que este termo confira uma melhor direção semântica ao que tratamos no texto, a saber, a construção criativa por parte dos viventes da cosmologia futebolística de personagens.

¹⁸⁹ Termo que junta as palavras “empate” e “Tite” e se assemelha sonoramente à doença hepatite. Algumas partidas do Corinthians sobre o comando deste treinador se caracterizaram pela queda de rendimento após abrir o placar, possibilitando ao adversário buscar o gol de empate ou até da vitória.

Corinthians (LIMA, Diego Iwata; VALENTE, Rafael. Ao ataque. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 17/12/2014, p. D1). Para os “especialistas”, qual Corinthians do Tite seria o de 2015: aquele time “chato” da primeira passagem, ou aquele time “inglês” da segunda passagem?

Como em 2011, o clube alvinegro participaria da chamada “pré-Libertadores” de 2015. Também agora, o adversário era um time colombiano e os jogos de ida e volta seriam em São Paulo e Manizales¹⁹⁰, respectivamente, de maneira análoga à primeira situação. Dessa forma, o regulamento da competição internacional guarneceu corações e mentes de jornalistas paulistas, que logo associaram o cenário à expressão “fantasma do Tolima”. Com argumentos embasados em números, a apresentação da Corporación Deportiva Once Caldas aponta para um clube que já fora campeão da Copa Libertadores da América¹⁹¹ e com retrospecto favorável em jogos realizados em casa (COELHO, Paulo Vinícius. O erro Lodeiro. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 02/02/2015, p. D4). Ademais, atletas corintianos que estiveram no jogo contra o Tolima em 2011 se lembram do “trauma”, como o lateral esquerdo Fábio Santos. Nesta mesma reportagem que aborda recortes da fala do jogador, nota-se que em nenhum momento o mesmo utiliza palavras que apontem para uma “fantasmagoria” que assombra o elenco alvinegro, pelo contrário: é o jornalista Alex Sabino (repórter que assina a autoria da matéria) que escreve termos como “exorcizar os ‘fantasmas’”, inclusive no título que abre seu texto (Fábio Santos busca exorcizar dois ‘fantasmas’ na Libertadores. *IDEM*, 03/02/2015, p. D3). Logo, o jornalista – que também é leitor (DINES: 2009), torcedor, jogador, treinador, dentre outros agentes da cosmologia futebolística – mostra-se capaz de inventar em seu escrever figuras que não necessariamente correspondam ao que os “profissionais” dizem. Esta tautologia pode acarretar em aspectos distorcidos do elenco, como Roberto Ribas nos dissera em entrevista ao ser perguntado se na relação entre imprensa e profissionais do esporte havia idiomas diferentes para tratar de um mesmo assunto (o jogo de futebol):

Eu acredito que sim. Na opinião pessoal minha, eu acredito que sim. Porque eu acho que o jornalista tem que simplesmente dar a notícia, e não emitir opinião. E muitas vezes a gente vê pessoas emitindo opinião sem a mínima qualificação para isso. Tá ali para fazer uma coisa e faz outra. E acaba gerando isso, uma opinião completamente errada. Por exemplo, a gente estuda tanto de futebol por tantos anos – parece que não, mas se estuda, e muito, futebol – e aí uma pessoa que estudou jornalismo, que é para fazer jornalismo, tá dando opinião daquilo ali. Não, tem que

¹⁹⁰ Cidade localizada a 300 quilômetros da capital colombiana, Bogotá, onde o Once Caldas – adversário do Corinthians na ocasião – joga.

¹⁹¹ Em 2004, vencendo o Boca Juniors na final. Naquela temporada, eliminou o São Paulo Futebol Clube nas semifinais do mesmo torneio, clube onde o lateral esquerdo corintiano Fábio Santos atuava. Em uma das partidas, o jogador falhou em uma jogada que resultou no gol da equipe colombiana que eliminou o tricolor paulista, marcando negativamente sua carreira. Assim, este atleta em particular tinha dois “traumas” de clubes colombianos, já que também atuou contra o Tolima em 2011.

dar notícia daquilo ali. Essa é a minha opinião, né. (ENTREVISTA A ROBERTO RIBAS)¹⁹²

Apesar da apresentação tensa de um confronto na primeira fase da Copa Libertadores da América (em tempo: entre 2011 e 2015, a equipe ganhara o título mais obsessivo da sua história, mesmo assim manteve-se a pressão), o Corinthians superou seu adversário com dois placares surpreendentes: 4 a 0 no Estádio de Itaquera em demonstração muito elogiada por parte dos meios de comunicação que destacaram a intensidade da partida, e 1 a 1 em Manizales, garantindo assim a passagem para a fase de grupos da competição. Seu primeiro adversário nesta etapa: o São Paulo Futebol Clube. Mais uma vez, o regulamento oferecia recursos para os meios de comunicação impressos se manifestarem¹⁹³. Era a primeira vez que estes clubes paulistas se enfrentavam na Copa Libertadores da América, e o ineditismo transfigurou o estádio do Corinthians em “fortaleza” levantada com o auxílio de números como “**80%** de aproveitamento do Corinthians em seu estádio”, “**2006**, última derrota corintiana em casa na Libertadores”, “**0** ponto o São Paulo somou como visitante em sua última Libertadores” e “**35 mil** ingressos já foram vendidos (REIS, Rafael. O fator **itaquerão**. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 17/02/2015, p. B8)¹⁹⁴.

Matérias posteriores indicavam uma relação próxima entre atletas e o treinador alvinegro. Perguntado em entrevista sobre o bom início de temporada da equipe, o meio-campista corintiano Jadson afirmara que Tite chegara ao clube “exigindo muito de todos os jogadores. A cobrança dele é muito forte. Ele havia pedido que todo mundo voltasse bem das férias para que o time iniciasse a temporada bem.” (SABINO, Alex; VALENTE, Rafael. Homens de confiança. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 18/02/2015, p. B11). Como na chegada de Minelli ao Internacional em 1974, a “cobrança” de Tite em 2015 classifica o Corinthians e indica diferença com relação ao seu antecessor (vale lembrar que Jadson já fizera parte do elenco corintiano em 2014, só que poucas vezes fora titular quando Mano Menezes treinava o clube); entretanto, ao contrário dos relatos da década de 1970, os discursos jornalísticos

¹⁹² A percepção deste profissional acerca da “função” dos meios de comunicação na sociedade dialoga com a proposta de Walter Benjamin ao “narrador”: com o advento da imprensa na Idade Moderna, o ato de “narrar” deu lugar ao “informar” (BENJAMIN: 1985), causando uma revolução editorial nos jornais. Portanto, “dar opinião” não está mais ao alcance do universo jornalístico, segundo Roberto Ribas, desconsiderando agentes como desenhistas, fotógrafos e cronistas.

¹⁹³ Na capa do caderno de esportes da *Folha de São Paulo* do dia 12/02/2015 (um dia após o empate entre Once Caldas e Corinthians por 1 a 1), a imagem de jogadores corintianos celebrando dividia espaço com a manchete: “Quando o Carnaval chegar”, trecho de uma música de Chico Buarque e que, neste caso, alude ao primeiro confronto do Corinthians na fase de grupos da Copa Libertadores da América, a ser realizado na quarta-feira de cinzas.

¹⁹⁴ Todos os grifos em negrito, inclusive o título do texto assinado por Rafael Reis, são originais da edição do jornal.

omitem a presença de outros membros da comissão técnica, como preparadores físicos ou auxiliares, deixando a responsabilidade se concentrar na imagem de um agente, o que indica uma mudança nos dispositivos editoriais.

A vitória do Corinthians por 2 a 0 vem para reforçar a “força do caldeirão”¹⁹⁵ e salientar um das principais características da ontologia corintiana: o torcedor-jogador. O estádio de concreto, cantando junto ao som promovido pelas dezenas de milhares de anônimos, dançando através das imagens coletadas pelos fotojornalistas, aquecendo-se junto com as performances corporais dos jogadores, sentido no texto do dia seguinte nos jornais a ser lido por torcedores-profissionais, torcedores-especialistas, especialistas-torcedores, especialistas-profissionais, profissionais-torcedores, profissionais-especialistas, tudo, num *fluxo vivo* de ações lúdicas. *Coisas* que reforçam que “2 a 0 foi pouco”, como diz Juca Kfourri em sua coluna do dia seguinte (Corinthians categórico! *FOLHA DE SÃO PAULO*, 18/02/2015, p. D4); um evento que reacende uma sensação que parece *sui generis* à ontologia corintiana: “ser vencedor é detalhe”¹⁹⁶.

A re-volta de Tite mostrava suas armas logo nos três primeiros confrontos de uma competição internacional onde o clube acumulava frustrações, excetuando 2012. A revolução titesca indicada nas capas dos cadernos de esporte proporcionou em “novo esquema tático e em atletas desacreditados para levar o **Corinthians** a bom início de ano” (SABINO, Alex. Na cabeça de Tite. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 20/02/2015, p. D1. GRIFOS DO JORNAL).

Tite começou a construir o Corinthians de 2015 no ano passado, quando estava desempregado. O técnico de 53 anos tirou período sabático decidido a estudar o esquema tático 4-1-4-1, o mesmo que emprega agora na equipe paulista. Viajou à Argentina e almoçou com Carlos Bianchi (...). Depois embarcou para a Espanha e conversou com Carlo Ancelotti, técnico do Real Madrid. Um dos assuntos com ambos foi o 4-1-4-1. Quando voltou ao Corinthians, no final de 2014, a ideia que tinha na cabeça foi posta em prática. *O time está invicto, com cinco vitórias e um empate. São 13 gols marcados e dois sofridos.* Como na vitória da quarta sobre o São Paulo por 2 a 0, sua equipe mostra um toque de bola que tem envolvido os rivais na Libertadores e no Paulista (...). *É um novo esquema tático para o velho Tite (...). [Os jogadores realizam] Exatamente como pede o esquema estudado e implantado pelo técnico* (IDEM, IBIDEM. GRIFOS NOSSOS).

A exaltação ao clube paulista logo assumiu outros contornos discursivos. Após vitória na Argentina contra o Club Atlético San Lorenzo de Almagro¹⁹⁷ por 1 a 0, em jogo onde o time da casa criou mais chances de gol, periódicos apontavam para o placar como uma

¹⁹⁵ Título da imagem que ilustra a primeira página da edição do dia 19/02/2015 da *Folha de São Paulo*.

¹⁹⁶ Paráfrase ao documentário brasileiro “Ser campeão é detalhe – Democracia Corintiana”, de 2011.

¹⁹⁷ Clube da cidade de Buenos Aires.

façanha “para poucos”¹⁹⁸. O improviso de Tite parecia perder seu fator inovador frente aos adversários, principalmente ao ser posto à prova no terceiro jogo da fase de grupos, em partida no Uruguai contra o modesto Danubio Fútbol Club¹⁹⁹ e que terminou pelo placar de 2 a 1 a favor da equipe paulista. Alguns cronistas buscavam em seus textos demonstrar o desapontamento com relação à queda de rendimento do Corinthians nas últimas apresentações “sofridas”, reacendendo o discurso de crise (GUAZZELLI: 2000) de uma identidade “natural” brasileira – quando “ser vencedor *era* detalhe” –, onde “somos obrigados a conviver com o pragmatismo do futebol de resultados” (KFOURI, Juca. Beleza não se põe à mesa. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 19/03/2015, p. D3)²⁰⁰.

O dinamismo da cosmologia futebolística propicia que frases como “o futebol é uma caixinha de surpresas”²⁰¹ possa ser entendida como uma “lógica” ludopédica. Voltando ao seu “caldeirão” após duas rodadas como visitante, o Corinthians aplicou uma goleada de 4 a 0 sobre o Danubio, último colocado do grupo naquela ocasião. Uma grande apresentação que rendeu ao time avaliações efusivas por boa parte dos meios de comunicação paulistas. Logo após o término da partida, um célebre *blogueiro* futebolístico escrevera:

O Corinthians é um time espetacular. Tem intensidade. Tem vontade de jogar. Não dá espaços. Os jogadores jogam coletivamente. ***O futebol apresentado é muito maior do que a soma das individualidades.*** Poucos times no mundo são assim (...). Tite transformou o Corinthians em um dos melhores times do mundo. Poderia estar na semifinal da Liga dos Campeões [da UEFA]. (GRIFOS DO AUTOR)²⁰².

A repetição de características que precedem à re-volta de Tite marcam o discurso de Menon justamente naquilo que ele acha mais importante: “***O futebol apresentado é muito maior do que a soma das individualidades.***”. Isso já aparece na final da Copa do Mundo de Clubes da FIFA em 2012; logo, não há diferença aparente, pelo menos neste excerto. Sinalizar que o Corinthians poderia estar numa semifinal (ou seja, entre os quatro melhores) da maior

¹⁹⁸ Título que abre o caderno de esportes da *Folha de São Paulo* do dia 05/03/2015. A referência tem duplo sentido, uma vez que o jogo realizado no Estádio Nuevo Gasometro foi sem a presença dos torcedores devido a uma punição ao clube argentino.

¹⁹⁹ Clube da cidade de Montevideú.

²⁰⁰ Neste mesmo texto, Juca Kfourri fará uma ligação entre a Seleção da Confederação Brasileira de Futebol da Copa do Mundo de 1982, “quando Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico, além de Leandro, Júnior e Éder, sob o comando de Telê Santana, perderam para a Itália, em Sarriá” e “Pep Guardiola e seus Barcelona e Bayern de Munique já tenham desmoralizado os adeptos do futebol de resultado.”. O mesmo Guardiola que afirmara que “o Barça faz o que o Brasil fazia no passado” (COELHO, Paulo Vinícius. Estilo perdido. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 10/12/2014, p. D4). Logo, existe entre os cronistas um discurso mais intenso de crise embebido em nostalgia (GUAZZELLI: 2000) sobre a “busca do tempo perdido” do futebol brasileiro, principalmente após o 7 a 1.

²⁰¹ Frase inventada pelo comentarista Benjamin Wright.

²⁰² MENON. Corinthians poderia estar na semifinal da Liga dos Campeões. 01/04/2015, s/p. *Link* disponível em: <http://blogdomenon.blogosfera.uol.com.br/2015/04/01/corinthians-poderia-estar-na-semifinal-da-liga-dos-campeoes/> Consultado em: 13/09/2016.

competição interclubes do futebol europeu é acionar um patamar de distinção que já dialoga também com vertentes que em 2012 afirmavam o Corinthians de Tite como expoente do futebol inglês. Portanto, na leitura de Menon, parece haver mais continuidade do que mudanças nesta terceira passagem do treinador.

Em um programa de debates de um canal esportivo, o jornalista Fábio Sormani analisou a goleada corintiana sobre o pior time do grupo e o retrospecto da equipe paulista naquela competição de maneira semelhante. Observemos as palavras proferidas por ele:

O Corinthians é hoje um dos melhores times do mundo. Hoje. Não sei como vai ser depois de amanhã, não sei, porque bola de cristal a gente não tem. O Corinthians joga hoje o campeonato italiano para ser campeão. O Corinthians é melhor que a Juve [Juventus Football Club]²⁰³ (...). O Corinthians entra pra disputar a Champions League para chegar entre os quatro. O Corinthians é melhor que o Arsenal [Football Club], o Corinthians é melhor que o Liverpool [Football Club], o Corinthians é melhor que o Manchester United [Football Club] (...). O Corinthians vai duelar [pelo campeonato inglês] com o Chelsea e com o [Manchester] City [Football Club]. Então o Corinthians pode chegar entre os três (...). E veja bem: tudo isso com orçamento, com *budget*, muuuito (sic) inferior ao dos times europeus. Muuuito (sic) inferior. O Corinthians entra no campeonato francês pra disputar com o PSG [Paris Saint-Germain] quem vai ser campeão. Pra disputar com o PSG quem vai ser campeão (sic). Entra no campeonato alemão pra disputar com o Bayern²⁰⁴... Aí eu acho que o Bayern já é mais complicado, acho que entraria pra perder. Mas pra ficar em segundo lugar (...). O Corinthians entra no campeonato espanhol, ganha do [Club] Atlético de Madrid, é mais time que o Atlético de Madrid, mas com o Barcelona e o Real Madrid [Club de Fútbol] ele realmente teria dificuldade; entraria no campeonato espanhol para ficar no terceiro lugar. Então daria para o Corinthians ser campeão na França, daria para o Corinthians ser campeão na Itália, daria para ser campeão na Inglaterra. Não dá para ser campeão na Espanha, não dá para ser campeão na França porque o PSG realmente é uma seleção. E mais nada. O resto é resto.²⁰⁵

A re-volta de Tite mostrava-se esbelta aos olhos dos viventes do futebol. A comparação às competições europeias e qual seria o desempenho corintiano nestes torneios indicam uma preocupação *histórica* destes agentes em inventar uma peculiaridade, uma proposta de *convenção* renovada à valores tradicionais (WAGNER: 2012). Assim, com um “orçamento muuuito inferior ao dos times europeus”, o Corinthians de Tite improvisa corporalidades que ascende como alternativa àquele “estilo perdido” do futebol brasileiro, em outras palavras, como “salvador da pátria de chuteiras”. Sormani, encantado com a “forma” de atuar do time alvinegro no campo – ao mesmo tempo ciente do dinamismo do futebol –, nos revela nada mais do que uma “representação” de um dos melhores clubes – ou não (“porque bola de cristal a gente não tem”), a saber:

²⁰³ Clube da cidade de Turim, norte da Itália.

²⁰⁴ Fußball Club Bayern München, clube da cidade de Munique, sul da Alemanha.

²⁰⁵ *Link* da fala disponível em: <http://www.foxsports.com.br/videos/422015043691-com-esse-futebol-corinthians-poderia-ser-campeao-ingles-e-italiano-diz-sormani> Consultado em: 13/09/2016.

Ajustamentos num plano simbólico de tais *formas* ou *padrões* codificados, empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva dos conjuntos de torcedores (TOLEDO: 2000, p. 164. GRIFOS DO AUTOR).

Não obstante, o “time de *Champions League*” volta a apresentar partidas longe da expectativa apresentada e sentida pelos agentes anteriores. Um dos “melhores times do mundo” se mantém invicto nas competições que participara, mas também não vencia mais. No último jogo do grupo da Copa Libertadores da América, o Corinthians – já classificado para a fase seguinte – tinha a chance de eliminar seu rival local da competição em caso de vitória no Estádio do Morumbi e superar o jejum incômodo de “quatro empates nos últimos cinco jogos” (COELHO, Paulo Vinícius. A receita do vencedor. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 20/04/2015, p. D3). Não conseguiu. Desfalques no elenco (o principal atacante, Guerrero, estava com dengue) e substitutos pouco eficientes (Vágner Love era hostilizado pelos torcedores pelas suas ações pouco efetivas em campo), além de resultados ruins (eliminação em casa nos pênaltis contra o Palmeiras pelo Campeonato Paulista dias antes da derrota ante o São Paulo) direcionavam os textos dos jornalistas à conclusão de um Corinthians em decadência, que se tornou inoperante diante das alternativas adversárias àquele elenco revoltante de Tite.

De acordo com o regulamento da competição internacional, o Corinthians enfrentaria pelas oitavas de final o Club Guaraní, do Paraguai. Time de pouca expressão internacional e mesmo nacional, a equipe paulista fora “presenteada por Deus com essas oitavas num jogo que não tão complicado, não é nenhum time brasileiro, não é nenhum grande expoente da Argentina”²⁰⁶, segundo torcedores, jornalistas e até mesmo profissionais. Mais uma vez, o regulamento intervira nas manifestações dos jornalistas, que optaram por concentrar as atenções a outro jogo desta fase: o confronto nacional entre Cruzeiro e São Paulo. No entanto, o que parecia uma passagem automática do clube alvinegro para a fase seguinte logo se demonstrou o contrário.

Mesmo com a volta do atacante Guerrero ao ataque do time, o Corinthians perdeu seu primeiro jogo por 2 a 0. As imagens que ilustram a capa da seção esportiva do dia seguinte (07/05) são do goleiro Cássio, que falhou em um dos gols, e de Tite, que leva a mão ao rosto em sinal de lamentação. Os dois gaúchos, tão exaltados em outro tempo e em outro espaço,

²⁰⁶ Frase de autoria do então diretor de futebol do Corinthians, Sergio Janikian que, momentos antes do jogo de ida, em Assunção, dera uma entrevista a um canal esportivo. Após eliminação do clube paulista, Janikian pediu demissão. O *link* da fala do ex-diretor está disponível em: <http://www.foxsports.com.br/videos/449615427527-diretor-do-corinthians-pede-demissao-apos-polemica-entrevista-sobre-o-guarani> Consultado em: 12/09/2016.

alvos dos meios de comunicação paulistas. A empolgação logo deu espaço à preocupação: o clube alvinegro jamais reverteu uma desvantagem de dois gols ou mais nesta competição e teria que superar as limitações encontradas na queda de seu rendimento. Um autor anônimo aponta para algumas causas deste declínio, que variam desde a ausência do atacante Guerrero por um tempo considerável, passando pela intensa sequência de jogos até então (“o time de Tite fez quase um jogo a cada três dias desde que estreou oficialmente na temporada”), até o motivo de o time tornar-se:

vitrine e ficou manjado. Considerada a melhor do país no início do ano, equipe ficou na mira dos rivais, que estudavam o jeito de jogar e dificultaram as infiltrações, principal arma do time. (4 Causas da queda do Corinthians. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 07/05/2015, p. B11).

Na semana seguinte, o jogo de volta para definir o clube classificado à próxima etapa da competição esteve carregado de tensão nos relatos dos periódicos. O triunfo corintiano sobre o Cruzeiro (bicampeão nacional) na estreia do Campeonato Brasileiro quebrou um jejum negativo de jogos sem vitória e representou uma “injeção de ânimo para quem precisa reverter uma desvantagem de dois gols do Guarani” (Aquecimento. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 11/05/2015, p. B6).

No dia 14/05, a primeira página da *Folha de São Paulo* traz o título à imagem de um torcedor corintiano chorando: “Acabou: torcedor lamenta a eliminação do Corinthians na Libertadores após derrota no Itaquerão”. As manchetes e fotos podem dizer muito sobre determinado assunto e, ao abrir o caderno de esportes desta mesma edição do dia após a eliminação, nos deparamos com atletas corintianos agachados e cabisbaixos após o término da partida, acompanhados do título “Corinthians vai de sensação à decepção em apenas um mês” (REIS, Rafael. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 14/05/2015, p. B10). A insistência de Tite em um modelo ofensivo embasado em conversas com treinadores renomados tornou o time previsível. Ademais, o clube encontrava-se em crise financeira, devendo salários a alguns atletas; a saída de jogadores como Guerrero, Emerson Sheik, Ralf, Danilo, Gil e Fábio Santos era especulada nos meios de comunicação. Enquanto alguns colunistas apontavam para a soberba de Tite e seus comandados sobre o “fraco” Guarani (TOSTÃO. Sabe, mas não sabe que sabe. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 18/05/2015, p. B14), outros direcionavam suas críticas num sentido mais amplo, incluindo todos os viventes da cosmologia futebolística, que

posicionam o futebol brasileiro em patamar de superioridade²⁰⁷. O “time de *Champions League*” perecera diante da Copa Libertadores da América. Maldição dos trópicos a estes anseios eurocêntricos? Não sabemos. Eliminado da competição, parece que a alcunha também ruiu. Mas a re-volta se manteve, e as obviedades (WAGNER: 2012) não cessam. A emergência do termo “titês” passa a ilustrar com maior frequência as narrativas que se referem ao treinador corintiano ao longo do ano de 2015, temporada que terminou com o Corinthians como campeão brasileiro e com índices como melhor ataque (71 gols), melhor defesa (31 gols sofridos), mais vitórias (24), menos derrotas (5), menos cartões amarelos (68)²⁰⁸. Jogadores pouco utilizados anteriormente e questionados pelos “fiéis” torcedores (Felipe, Jadson e Vágner Love) ou com histórico agudo de lesões (Renato Augusto) foram reaproveitados e logo se posicionaram como principais nomes do time²⁰⁹. Os atletas, por sua vez, “compraram a ideia” do que Tite estava organizando, ou seja, uma formação mais compacta, disciplinada, mas de maneira alguma imutável. Variando de acordo com a escalação, com o momento do jogo (por exemplo, ataque do adversário que vence a partida por 1 a 0 jogando em casa), com as condições climáticas, com os regulamentos, entre tantas outras disposições, a configuração mudava, assim como às mais diversas condições. Assim, expressões como “compactação”, “coletividade”, “posse de bola”, “marcação por pressão”, “triangulação”, “infiltração”, “flutuação”, “recomposição”²¹⁰ e uma miríade de outros termos aparecem na fala de “especialistas”, “profissionais” e “torcedores” que, por ora, comungam sentimentos comuns. Elementos semânticos estes que compartilham ora de passagens estereotipadas de um “futebol brasileiro”, ora de um “futebol gaúcho”, com influências de um “futebol alemão”, um “futebol francês” e um “futebol argentino”; práticas estas capazes de alterar os sentidos do “ser” corintiano. Como já dissera Paulo Calçade em dezembro de 2012, o “corintianismo” sofreu mudanças, ora proporcionadas por Tite, o indivíduo à frente das novas “tendências”, ora pelos rumos do clube, que inaugurara uma Arena suntuosa na região

²⁰⁷ Passar dias julgando que o Corinthians perdeu para sua arrogância e não para um rival estruturado demonstra como a soberba não é exclusividade dos jogadores e dirigentes do Corinthians. É de todos nós. De todo o futebol brasileiro (COELHO, Paulo Vinicius. O avesso do avesso. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 18/05/2015, p. B15)

²⁰⁸ Dados encontrados no *link* a seguir: http://www.ogol.com.br/edition_stats.php?id=79735 Consultado em: 13/09/2016.

²⁰⁹ O caminho inverso também ocorreu: o volante Cristian, ídolo dos torcedores quando jogou pelo clube alvinegro entre 2008 e 2009 principalmente ao ofender os adversários do São Paulo Futebol Clube, fora recontratado no final de 2014 como um dos principais reforços de 2015. Mesmo assim, passou a maior parte como reserva no time treinado por Tite.

²¹⁰ No vídeo, datado de dezembro de 2015, atletas e treinador corintianos descrevem a temporada 2015 do time utilizando a maioria destas expressões citadas, revelando um intenso *fluxo* de sentidos compartilhados entre os viventes do futebol. Ademais, Tite revela que é possível improvisar novas características, desenhando diversos modelos táticos numa lousa eletrônica. “Começa a ter dentro da própria equipe variações”, diz ele. O vídeo desta entrevista encontra-se disponível em: http://espn.uol.com.br/video/564980_como-tite-colocou-em-pratica-tudo-que-aprendeu-no-ano-sabatico-tecnico-usa-tecnologia-para-explicar Consultado em: 12/09/2016.

“mais corintiana” da cidade (a Zona Leste); “corintianismo” marcado pelo “povo” que agora é impedido de entrar numa Arena de caros ingressos e “sofredor” que agora não sofre mais com longos jejuns de títulos. E Tite, o *neurótico* por improvisos a fim de registrar sua individualidade (WAGNER: 2012), provava não ser o treinador dos “times chatos” e “retranqueiros”, como era classificado pelos paulistas em 2005, muito devido ao Corinthians. Como previa Paulo Vinícius Coelho em 2010, o Corinthians precisava do Tite, e Tite precisava do Corinthians.

7 EPÍLOGO: “Escrevam: acabará treinando a seleção brasileira”: Tite na Confederação Brasileira de Futebol e a consolidação de *um Gaúcho*

‘O Tite é diferente de todos os outros treinadores que eu já tive na carreira. Ainda é cedo para dizer, mas o futuro do Tite será treinar a Seleção Brasileira’, prevê Mauro Galvão.²¹¹

Simultaneamente ao final de temporada bem sucedida do Tite do Corinthians, a seleção nacional de futebol repetia apresentações pouco empolgantes aos olhos de todos. O técnico gaúcho Carlos Caetano Bledom Verri (Dunga)²¹², escolhido por membros da Confederação Brasileira de Futebol para substituir o gaúcho Luiz Felipe Scolari após a Copa do Mundo de 2014, retornava prometendo “muito trabalho” e “não vender um sonho” aos torcedores, uma vez que “nós já fomos os melhores”²¹³. Apesar do aproveitamento positivo do escrete nacional (até dezembro de 2015, vencera catorze dos dezesseis jogos²¹⁴), o descontentamento da maioria daqueles que o acompanhava era grande. Resultados e títulos passados (como técnico, Dunga fora campeão da Copa América de 2007 e da Copa das Confederações de 2009) não inspiravam confiança a um profissional muitas vezes criticado pelos “especialistas” e “torcedores” por apresentar um jogo “chato”, “tosco” e “pragmático”, características distantes daquele estereótipo de “futebol brasileiro” marcado pela “criatividade”, “sofisticação” e “moleque”. Situação que se agravou após placares negativos na Copa América de 2015 e 2016 e nas Eliminatórias Sul-americanas para a Copa do Mundo de 2018, acarretando em sua demissão meses antes dos Jogos Olímpicos de 2016. No entanto, tal condição não ocorrera somente entre 2014 até 2016: nomes como Mano Menezes e Luiz Felipe Scolari foram técnicos que compartilhavam classificações semelhantes. Vale salientar que de 2001 a 2016, somente um treinador não era gaúcho, apesar de compartilhar alguns saberes de uma “escola gaúcha”: Carlos Alberto Parreira²¹⁵. Neste redemoinho envolvendo três gaúchos, uma alternativa emergia de Outro²¹⁶ gaúcho: Adenor Leonardo Bacchi, o Tite.

²¹¹ Os mosqueteiros querem muito mais. *CORREIO DO POVO*, 19/06/2001, s/p. *Link* disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/A106/N262/HTML/default.htm> Consultado em: 12/09/2016.

²¹² Ex-jogador, capitão do título da seleção nacional na Copa do Mundo de 1994 e técnico da Seleção Brasileira entre 2007 e 2010 (quando deu lugar ao gaúcho Mano Menezes).

²¹³ Referências à fala de Dunga em sua primeira coletiva de imprensa como técnico da seleção da Confederação Brasileira de Futebol. O vídeo disponibilizado pela CBF encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jB4E3OyVu0k> Consultado em: 13/09/2016.

²¹⁴ Das dezesseis partidas, doze foram amistosas. A única competição oficial no período, a Copa América, o Brasil venceu duas partidas, empatou uma e perdeu uma.

²¹⁵ Escolhido para substituir Luiz Felipe Scolari – que fora treinador da Seleção Portuguesa de Futebol em 2003 –, o carioca Carlos Alberto Parreira consagrou-se no futebol brasileiro como preparador físico da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1970 e ser o treinador campeão do mundo em 1994. Conhecido por exaltar o “futebol-arte” (como vemos na matéria do *link* anexado no final desta nota), em sua segunda passagem pela seleção conquistou uma Copa América (2004) e uma Copa das Confederações (2005). Esteve na Copa do

A venda de atletas entre os anos de 2015 e 2016 não arrefeceu as expectativas criadas pelos meios de comunicação e os demais viventes da cosmologia futebolística sobre o Corinthians. Tite atingira um patamar de excelência que passara a inspirar os demais profissionais do futebol brasileiro ou, consoante o auxiliar técnico do Grêmio, Roberto Ribas, “virou tendência”:

Mas o Roger²¹⁷ comentou comigo que o Tite sempre foi muito avançado para a época dele. Quando ele jogou com o Tite em 2001, ele fez um 3-5-2 que depois todo mundo copiou. O Tite fez no Inter um 4-2-3-1 que depois todo mundo copiou. Tá fazendo (fez) no Corinthians um 4-1-4-1 que todo mundo copiou. Então, a imagem que eu tenho do Tite é essa: é um cara que tá sempre à frente da tendência. Como as equipes dele ele organiza muito bem, e em um modelo muito coeso assim de forma de jogar, as pessoas acabam copiando ele. Mas ele é, digamos, se não o primeiro, um dos primeiros a identificar algumas coisas e transformar isso em conceitos depois que as pessoas vão copiar porque deram certo. E ele ganhou muita coisa, né? Ganhou no 3-5-2 jogando aqui... Isso que eu te falei, 4-2-3-1, 4-1-4-1, ele foi evoluindo, e tem o mérito de ganhar, né? E quando se ganha, acaba virando tendência. (ENTREVISTA A ROBERTO RIBAS).

Entende-se por “tendência”:

Em termos amplos a sugestão é que *as coletividades estão para as tendências assim como os indivíduos estão para os eventos*; em outras palavras, que a escolha de sujeitos históricos depende do modo de mudança histórica. (SAHLINS, 2006: p.123. GRIFOS NOSSOS).

Assim, o vanguardismo de Tite esteve atrelado nas ocasiões tratadas ao longo do texto a uma linha coerente de treinar onde aplicava aos seus atletas e membros da comissão técnica os improvisos inventados *neuroticamente* (WAGNER: 2012) por este agente. Re-volta proposta não somente por um impulso natural do indivíduo, mas a partir de críticas dos “especialistas” e “torcedores” de duas diferentes regiões do país²¹⁸ e invenções táticas adotadas a partir dos “jogadores dentro de campo”²¹⁹, além da miríade de influências oriundas de regulamentos de competições, adversidades geoclimáticas; em uma palavra, uma *malha viva e fluida* de sentidos e semânticas diversas que estão em constante movimentação, onde “actantes” (LATOUR: 1994) influenciam e são influenciados através das mudanças.

Mundo de 2006, quando montou o “quadrado mágico”, esquema ofensivo composto por atletas habilidosos e que “jogavam bonito” (Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Kaká e Adriano). Entrementes, a apresentação da Seleção Brasileira – estipulada como abaixo do esperado – naquele campeonato culminou com a eliminação nas quartas de final contra a França. Sobre a interpretação de Parreira acerca do futebol brasileiro e o futebol europeu na atualidade, ver *link* disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/629528_parreira-exalta-futebol-arte-do-brasil-e-critica-europeus-tem-tecnica-mas-nao-habilidade Consultado em: 15/09/2016.

²¹⁶ O termo aparece com letra maiúscula devido à relação semântica com a alteridade.

²¹⁷ Roger Machado, treinador do Grêmio naquela ocasião (a entrevista foi realizada em maio de 2016).

²¹⁸ Tirando a breve passagem pelo Clube Atlético Mineiro logo após sair do Corinthians pela primeira vez, em 2005, Tite treinou somente clubes de dois estados do país: Rio Grande do Sul e São Paulo.

²¹⁹ Referência à fala de Rubens Minelli em 1976 (ver página 79).

Tite, como personagem inventado pelos meios de comunicação impressos, mudou drasticamente as perspectivas geralmente fixas acerca de “estilo de jogo”. Para os “especialistas” paulistas, deixou de ser o “retranqueiro” em 2005 para ser o melhor treinador do Brasil dez anos depois; visão diferente daqueles do Rio Grande do Sul, que desde 2001 (ou até um ano antes, quando foi campeão gaúcho pelo modesto Caxias) o relacionara a um promissor futuro na Seleção Brasileira de Futebol masculino, uma das instituições máximas do “ser” brasileiro. Evidentemente que sem as ações de Tite em seus times e os desempenhos ótimos desta coletividade de atletas e demais “profissionais” diretamente envolvidos com ele essa repercussão talvez não fosse tão intensa. Mas é para isso que chamamos a atenção: os discursos (ora narrativo, ora informativo) dos jornais *inventam* “personas” (MAUSS: 2003) através de *charges*, colunas de opinião, recortes de falas, números, reportagens, fotografias, entre outros dispositivos. Tite *age*, e os “especialistas” o *atuam*; enquanto o primeiro se realiza no seu treinar, os segundos se confirmam em seu escrever, em seu fotografar, entre outros saberes atrelados ao universo editorial. Mas não somente em seu escrever ou treinar que estes agentes se realizam, uma vez que “por trás desse personagem que é criado, existe uma pessoa que passa pelas mesmas situações emocionais que qualquer outra vivencia” (TITE: 2013, p. 110). Portanto, não há um “verdadeiro” Tite; parafraseando Paulo Vinícius Coelho, o Tite precisa do Tite “dos jornais”, e vice-versa, assim como os “especialistas” precisam do Tite, e vice-versa, e assim por diante com outros viventes deste universo.

Sendo assim, mesmo com um primeiro semestre de 2016 regular, com eliminações nas fases finais dos torneios que disputava (semifinal do Campeonato Paulista e oitavas de final da Copa Libertadores da América, eliminado pelo Grêmio Osasco Audax e Club Nacional de Football²²⁰, respectivamente), os Tites e o titês se manteve intacto tanto nas páginas dos jornais quanto na cobrança dos torcedores, que direcionaram suas críticas a atletas pouco eficientes, como o atacante André. Por conseguinte, o nome do treinador corintiano permanecera no patamar geral de o melhor do país naquele momento, o que lhe respaldava para angariar posições superiores, como assumir uma seleção nacional, onde o gaúcho Dunga acumulara mais uma frustração após eliminação precoce na fase de grupos da Copa América 2016²²¹. Com a situação insustentável deste último e sua consequente demissão logo após o

²²⁰ Clube da cidade de Montevidéu.

²²¹ Com dezesseis participantes, a Copa América Centenário fora realizada nos Estados Unidos no mês de junho de 2016. Sua divisão consistia em quatro grupos com quatro seleções em cada um, onde somente os dois melhores de cada um passavam para as quartas de final. No grupo do Brasil estavam Equador, Haiti e Peru, equipes historicamente com menos tradição do que o time verde e amarelo. Após empatar, vencer e perder para

término oficial desta competição continental, a lacuna deixada na Seleção da CBF apontava para Tite como candidato favorito a preenchê-la. Após uma semana de negociações envolvendo o treinador do Corinthians e a cúpula dirigente da Confederação Brasileira de Futebol, Tite foi anunciado como o novo treinador da seleção no dia 20/06/2016.

Cinco dias antes, Tostão escrevia em sua coluna sobre a ida do treinador gaúcho ao comando técnico do escrete nacional, lamentando a atual fase do futebol brasileiro, culpa ora dos dirigentes (em especial da CBF) por corrupção e desinteresse no desenvolvimento do esporte tal como na Europa, ora de Dunga, incapaz de treinar um selecionado nacional tão consagrado historicamente quanto o do Brasil. Sugere que a seleção jogue como “os grandes times do mundo”, ou seja, “possuem um volante centralizado, que marca, protege a defesa e inicia as jogadas ofensivas com um ótimo passe”; cita como exemplos o Barcelona, o Bayern de Munique, as seleções da Argentina e Alemanha e o Real Madrid, que atua com o brasileiro Casemiro nesta função. Assim, o problema é colocado pelo autor muito mais como estrutural (“é preciso mudar a estrutura [da CBF] para dar condições a pessoas independentes e competentes assumirem o comando da entidade em eleições democráticas e sem votos de cabresto”) do que meramente técnico. Logo, vê em Tite o melhor nome possível no cenário nacional:

Tite é o mais bem preparado. Tite ou qualquer treinador terá enormes dificuldades (...). O Brasil precisa melhorar o talento individual e coletivo. Se Tite for confirmado, vai aceitar, constrangido, o convite, pelo que representa moralmente a CBF. Tite tem mais conhecimentos técnicos que Dunga. Além disso, sairá o mau humor e a *secura* de Dunga e entrará o *titês* professoral e pastoral. (TOSTÃO. É hora do *Titês* professoral. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 15/06/2016, p. B8).

Segundo o ex-jogador e colunista europeísta, características ranzinzas de Dunga como “mau humor” e “secura” – características que, num primeiro olhar, parecem não intervir no desempenho da equipe – afetavam negativamente a seleção brasileira, juntamente com sua inexperiência técnica; elementos que dialogam com um estereótipo gaúcho de homem “grosso”, “macho” que remete a um anti “futebol-frescura” ou “Seleção Sapatilha”. Ao contrário de Tite, também gaúcho, “professoral” e “pastoral”, classificações que o aproximam de um “ídolo”, a saber, aquele que “não se sustenta sem conduta pessoal” (TITE: 2013, p. 114) e que precisa, sobretudo, estar ciente de que “não é um ser diferente de qualquer outro membro da nossa sociedade” e que “o caráter separa tudo” (IDEM: IBIDEM, p. 110). Logo,

os respectivos adversários listados, o Brasil encerrou sua campanha em terceiro lugar no grupo, não garantindo passagem para a fase seguinte da competição.

ou Tite atingira a patente de “ídolo” e, com isso, ficara além das categorizações regionais, ou o cronista nos apresenta pelo menos dois tipos distintos de “ser” gaúcho.

Em outra reportagem, jornalistas paulistas recordam que Tite é o “11º gaúcho da história da seleção, o quarto desde 2002” (RANGEL, Sérgio; MATTOSO, Camila. Com CBF fragilizada, Tite assume seleção e leva colegas de comissão. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 16/06/2016, p. B10). Na mesma página, uma reportagem apresenta os rituais e as “armas de Tite” em uma série de cinco esquemas táticos desenhados pelo periódico. Na mesma página, uma reportagem apresenta os rituais e as “armas de Tite” em uma série de cinco esquemas táticos desenhados pelo periódico. O texto revela algumas superstições de Tite, tais como preces antes das partidas e treinamentos, “não deixa o juiz apitar enquanto as velas do vestiário não estiverem acesas”, entre outros fatores que exprimem sua religiosidade, assim como impressões sobre seu dia-a-dia, sua trajetória profissional e seus auxiliares técnicos:

Seu primeiro título importante foi o da Copa do Brasil de 2001, em cima justamente do Corinthians, que seria sua vitrine de glórias. Dorme e acorda pensando em futebol, sonha com 4-1-4-1, almoça pensando no 4-4-2 (...). Com perfil reservado e discreto, se inspira em Carlo Ancelotti e Fabio Capello, especialmente com suas linhas de quatro. Em 2010, rompeu com Felipão, que conhecia desde quando eram jogadores e que lhe deu involuntariamente o apelido de Tite, ao confundir-lo com outro jogador (...). Seu braço direito é Cleber Xavier, com quem trabalha há 16 anos, desde o Grêmio. São complementares. Enquanto Tite é sério, Cleber é brincalhão, dono das melhores piadas, dizem os jogadores. (MATTOSO, Camila. Momento pré-jogo tem preces, velas, terço e água benta. *IDEM*, *IBIDEM*).

A importância dada a Cleber Xavier, um dos membros da comissão técnica de Tite, é pautada em palavras que não remetam a uma semiótica técnica, mas sim a referências jocosas que o aproxima de um lugar mais familiar (“brincalhão, dono das melhores piadas”), fruto talvez da condição de liminaridade da jornalista²²², que não possui domínio dos vocábulos e saberes “profissionais” (ou saiba, mas não queria explicitar ali). Diferentemente de outros tempos e espaços, como as descrições técnicas acerca de Gilberto Tim e sua influência no Internacional da década de 1970, treinado por Rubens Minelli. O que indica que não somente os atletas e demais “profissionais” assumem novas “tendências”, como também os demais actantes desta *malha* futebolística, como os “especialistas”; ao mesmo tempo, mantêm-se características de outrora: o treinador corintiano de 1976 mantinha um perfil pouco técnico nas descrições jornalísticas de São Paulo. Termos como “retranca”, “titês”, “titebilidade” e,

²²² Autora de uma recém-publicada biografia do Tite, Camila foi a “campo” a fim de observar os autóctones atletas corintianos em seu cotidiano. Dessa maneira, acompanhou treinamentos e jogos com a comissão técnica, recolheu depoimentos e entrevistou alguns vivos daquele espaço.

finalmente, “futebol apoiado”²²³ são inventados e reinventados pelos mais diversos agentes desta cosmologia futebolística.

A consolidação do gaúcho num arcabouço imaginado pelos centros esportivos e midiáticos brasileiros concentrados no eixo Rio de Janeiro e São Paulo se dá a partir do momento em que agremiações, treinadores, atletas, torcedores, estádios, e os demais agentes deste “ser” gaúcho assumem protagonismo no cenário futebolístico nacional antes reservado aos clubes do centro, dando-se com maior ênfase entre os anos 1990 até os tempos hodiernos. Desde 2001, todos os outros treinadores da seleção nacional são gaúchos (excetuando Carlos Alberto Parreira). Ano em que um jogador chamado Ronaldinho Gaúcho saíra do Grêmio para atuar no Paris Saint-Germain após encantar com um talento “tipicamente” brasileiro, apesar de carregar uma localidade “pouco brasileira” (MEYER: 2014) no nome. Grêmio fora campeão em 2001 da Copa do Brasil, tornando-se o maior campeão do torneio iniciado em 1989, além de ser campeão da Copa Libertadores da América em 1995 e vice-campeão em 2007. O Internacional, que já fizera campanhas vitoriosas no cenário nacional durante os anos 1970, conquistou duas Copas Libertadores da América (2006 e 2010), uma Copa do Mundo de Clubes da FIFA em 2006 (quando superou o Barcelona na final) e uma Recopa Sul-americana em 2007, atingindo a tríplice coroa internacional naquele ano²²⁴. O único time do mundo detentor de uma tríplice coroa internacional de forma invicta é o Corinthians da temporada 2012, quando era treinado pelo gaúcho Tite. *Rankings* realizados por consultorias revelam as torcidas de Grêmio e Internacional como as mais fanáticas do Brasil²²⁵, assim como as que possuem o maior número de cadastrados nos programas de sócio-torcedor²²⁶.

²²³ Também nomeada como “jogo apoiado”, a expressão foi creditada ao próprio Tite e repetida pelo treinador brasileiro das Olimpíadas de 2016, Rogério Micalle. Ganhou grande destaque após a transmissão televisiva do jogo entre Equador e Brasil válido pelas Eliminatórias da Copa do Mundo. Na ocasião, Galvão Bueno (da maior emissora brasileira, localizada no Rio de Janeiro) proferiu o termo “futebol apoiado” como grande novidade trazida pelo novo treinador. Sobre a expressão, ver *link* disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2016/09/jogo-apoiado-entenda-expressao-que-vai-ditar-o-ritmo-da-selecao-de-tite.html> Consultado em: 19/09/2016.

²²⁴ Termo que simboliza a conquista de três títulos internacionais em uma única temporada – no caso dos clubes brasileiros, a Copa Libertadores da América, a Copa do Mundo de Clubes da FIFA e a Recopa Sul-americana. O Sport Club Internacional foi o primeiro clube brasileiro a conquistá-la nos moldes atuais da FIFA no que diz respeito ao campeonato mundial interclubes. O São Paulo Futebol Clube conquistou duas vezes consecutivas a tríplice coroa internacional (temporadas 1992 e 1993) num período em que o torneio internacional era definido somente entre os campeões continentais da América do Sul e Europa.

²²⁵ Não foi possível encontrar um levantamento mais recente acerca do tema. A notícia de 2013 encontra-se disponível em: <http://www.foxsports.com.br/news/125166-gremio-e-o-clube-de-torcida-mais-fanatica-do-brasil-diz-pesquisa> Consultado em: 19/09/2016.

²²⁶ Segundo tabela do *site* “Movimento por um Futebol Melhor”, Grêmio e Internacional estão em 5º e 3º lugar, respectivamente. Dados disponíveis em: <http://historicofutebolmelhor.com.br/torcedometro> Consultado em: 19/09/2016.

A condição periférica do Rio Grande do Sul no futebol percorreu *linhas* históricas construídas pelos agentes históricos desta e das demais localidades imbuídos numa cosmologia futebolística. Os humanos envolvidos nesta relação centro e periferia do esporte:

fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. (MARX, 2011, p. 25)

Portanto, por mais que o Tite desenhado nos papéis dos periódicos apareça como alternativa ao momento nacional, os meios de comunicação impressos recordam características interseccionadas a uma particularidade inventada do gaúcho, seja ao comparar os saberes do treinador a certo futebol europeu (inglês ou italiano), seja ao trazer a disciplina tática e fortaleza defensiva propostas pelo mesmo. A escolha dele, que teria tudo para ser rejeitada pela maioria dos viventes do futebol devido suas percepções gauchescas, atinge uma concordância geral juntamente com um sentimento de “merecimento”²²⁷. É a consagração de uma *malha viva* (INGOLD: 2012b) que variou sua trajetória ao longo do tempo e espaço, acumulando experiências e frustrações, trabalhos interrompidos e títulos. Não estamos falando somente de Tite. Estamos falando da “Porto Alegre do futebol”²²⁸ brasileiro; brasileiro não mais entre aspas, uma vez que ele sempre estará em *movimento*²²⁹. Assim como arte, não mais atrelada à ofensividade e individualidade, mas sim à organização e coletividade ou, nas palavras do próprio Tite, “um futebol de mais aproximações, de infiltrações, de triangulações, de “jogo apoiado”, de dar um espaço para a criatividade, mas saber que a criatividade ela vem em cima de uma organização”²³⁰. Mas também não é força, já que a velocidade e os improvisos de jogadores do ataque existem na seleção. Seleção esta sonhada por Rubens Minelli e os atletas do Internacional de 1976, que pediam ao treinador do escrete brasileiro, o gaúcho Osvaldo Brandão, para aplicar o estilo “holandiano”.

²²⁷ Termo bastante utilizado por Tite.

²²⁸ Referência ao título da coluna de Mário Marcos de Souza no jornal *Zero Hora* na edição do dia 09/06/2007, na página 49. No excerto, o autor afirma que o “estilo gaúcho” é resultado da “vizinhança com argentinos e uruguaios”, que “moldou o estilo, juntando a técnica do futebol do continente com a força e a competição platina”, além da “irresistível rivalidade” que sempre “move a Dupla [Grêmio e Internacional]”.

²²⁹ No período em que este trecho foi escrito, o Internacional encontrava-se na zona de rebaixamento do Campeonato Brasileiro, enquanto o Grêmio sofria uma aguda crise que o afastava da disputa do título.

²³⁰ Trecho referente à entrevista de Tite a uma emissora televisiva especializada em esportes concedida no dia 21/09/2016. O vídeo está disponível em: http://espn.uol.com.br/video/632728_tite-diz-como-pode-ajudar-a-reerguer-o-futebol-brasileiro-conhecimento-trabalhos-erros-aprendizado Consultado em: 21/09/2016.

O FUTEBOL E A MALHAÇÃO – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antigamente, existia o treinador, e ninguém dava muita atenção a ele. O treinador morreu, de boca fechada, quando o jogo deixou de ser jogo e o futebol profissional precisou de uma tecnocracia da ordem. Então nasceu o técnico, com a missão de evitar a improvisação, controlar a liberdade e elevar ao máximo o rendimento dos jogadores, obrigado a transformar-se em atletas disciplinados. O treinador dizia: – *Vamos jogar*. O técnico diz: – *Vamos trabalhar* (...). Ele acredita que o futebol é uma ciência e o campo um laboratório. (GALEANO: 2010, p. 18-20).

A definição de Eduardo Galeano ora se aproxima, ora se distancia daquela dada por Rubens Minelli que utilizamos ao longo do texto. Conceitos diretamente proporcionais à narrativa e à informação de Walter Benjamin (1985), o escritor uruguaio posiciona em pares de oposição o treinador e o técnico, respectivamente. Enquanto o primeiro remete a um período “tradicional” do futebol, onde o amadorismo prevalecia (GIULIANOTTI: 2002), o regime tecnocrata no esporte se dá com a ascensão do “futebol-espetáculo” (DAMO: 2007) intensificado a partir dos anos 1970, onde o técnico representa justamente a *morte* das *ações*, encaixando em sínteses lógicas devidamente “traduzidas” e “purificadas” (LATOURE: 1994) conceitos outrora entendidos de forma “romântica” e “mágica”. Sem embargo, alguns autores da antropologia relacional apontam como alternativa a esta condição colocada pela “modernidade tardia” (HALL: 2006) a reunião entre o ser (sensorial) e o saber (informação) nos discursos e leituras, numa palavra, é preciso “caminhar com os dragões” (INGOLD: 2012a).

Como nossa principal fonte de pesquisa foram os jornais e as entrevistas, o ler e o escrever estiveram decisivamente presentes em todos os agentes envolvidos neste texto, me incluindo. Consoante Alberto Dines,

O jornalista que escreve e o jornalista que lê e aprova um texto são parte de um processo, denominando-se, na teoria da comunicação, *emissor* e *receptor*; nas ciências sociais utiliza-se o termo *universo*. Cada emissor é simultaneamente um receptor e vice-versa, o que caracteriza o sistema como múltiplo, funcionando em todas as direções (2009, p. 74).

O que propomos aqui é a hipótese de que todos são comunicadores sociais em um “universo”. Exemplificando a partir das categorias toledianas, é como se todo “torcedor” e “profissional” fosse também “especialista”, assim como “especialistas” também são “profissionais” e “torcedores”; cada categoria, com seus arcabouços semânticos, se direcionam a um ponto específico no caso deste trabalho: o futebol. *Linhas* que ora se cruzam, ora se repelem em uma *malha fluída* de sentidos e saberes envolvidos em paralaxe. Neste “parlamento” (LATOURE: 1994) de coisas *híbridas*, são inventadas *histericamente* pelos

periódicos novas *convenções* que busquem o *controle* das inovações *neuróticas* de agentes como jogadores, treinadores, times, torcedores (WAGNER: 2012)²³¹. Neste processo de *obviação*, tanto “profissionais” podem agir *histericamente* para manter o *controle* acerca de outras categorias (quando Minelli, por exemplo, afirma que a imprensa gaúcha não o considera um bom treinador), como podem agir *neuroticamente* ao buscar novas invenções através de improvisos que se tornem “tendência” (SAHLINS: 2006) (como o time “holandiano” do Internacional, termo cunhado por um atleta da equipe)²³². Roy Wagner afirma:

Eu escrevi muito sobre a obviação como método e mostrei como ela é uma espécie de consumação da noção hegeliana de dialética que termina em síntese. A diferença é que com a obviação obtém-se uma síntese e então uma antissíntese, o que espelha a configuração original da dialética, a qual opunha uma antítese a uma tese. É esta a inovação que Hegel apresentou em relação à dialética grega clássica, tradicional, que era composta apenas de tese, antítese, tese, antítese... Ele acrescentou a síntese, o terceiro ponto (...). O que a obviação faz é acrescentar um quarto elemento que inverte o primeiro; um quinto que inverte o segundo; e um sexto que inverte o terceiro. (FERRARI et al: 2011, p. 974).

Isso possibilita diferentes percepções entre os “actantes” humanos desta cosmologia futebolística; assim, enquanto Eduardo Galeano baseia-se num arcabouço de saberes sensoriais para afirmar uma dicotomia, Rubens Minelli o faz de maneira análoga em diferente espaço e tempo²³³, variáveis influentes nas colocações, o que implica em narrativas ora convergentes, ora divergentes. Convergente porque o treinador de Galeano é colocado como um *inventor*, denominação dada pela imprensa gaúcha à Minelli, *segundo* Minelli²³⁴.

²³¹ Um exemplo recente é a relação entre o treinador Cuca e a “análise” do jornalista Mauro Cezar Pereira durante a campanha do Palmeiras no campeonato brasileiro, quando o clube era líder do torneio. Ao “improvisar” um treinamento de jogada a partir de lançamentos laterais à área adversária, o primeiro conseguiu “surpreender” seus adversários com um lance esteticamente tosco para alguns membros dos meios de comunicação, como o referido jornalista, que inventou como convenção controladora o termo “Cucabol”. Cuca, insatisfeito com este rótulo, argumentara através de termos “técnicos” a efetividade de sua autoria, julgando-a como principal trunfo da equipe líder do campeonato. Pereira, por sua vez, lera por meio dos saberes e sentimentos “especializados” sobre a mesma *coisa*. Simultaneamente, outros jornalistas inventam nomenclaturas próprias ao “estilo de jogo” do Palmeiras, como o “cascabol”, referência ao termo “cascudo” relacionado às equipes vitoriosas no futebol. Outros tantos “especialistas” trataram de analisar de diferentes formas o mesmo modelo adotado por Cuca. Novamente, é explícita a polissemia e o “choque de culturas” entre agentes de ontologias diversas. O vídeo encontra-se disponível em: http://espn.uol.com.br/video/633850_cuca-reclama-da-expressao-cucabol-e-mauro-responde-que-analise-e-tecnica-nao-pessoal Consultado em: 26/09/2016. Já o termo “cascabol” do jornalista Eduardo Tironi está disponível em: <http://blogs.lance.com.br/tironi/2016/09/26/cascabol/> Consultado em: 27/09/2016.

²³² O antropólogo Renzo Taddei escreveu de maneira análoga sobre a relação ambígua entre torcedores argentinos, polícia e jornalismo, onde cada uma dessas categorias se inventam reciprocamente e assumem locais invertidos – como os líderes de torcida que se responsabilizam pela segurança durante a partida, evitando confrontos entre torcedores e policiais (2016).

²³³ A primeira edição do livro *Futebol ao sol e à sombra* data do ano de 1995, no Uruguai, dezoito anos depois da declaração de Rubens Minelli, no Rio Grande do Sul.

²³⁴ Vale notar aqui o “caminho inverso” realizado por Rubens Minelli: nesse caso, a imprensa é desenhada pelo treinador, e não o “comumente” contrário. Logo, o processo de obviação é recíproco entre os agentes.

Divergente porque, consoante o uruguaio, o Internacional propunha através dos seus treinamentos físicos constantes uma disciplina tática aos atletas. Portanto, a pergunta que fica é: existe rótulo a Rubens Minelli nesta dicotomia onde só é possível ser um ou Outro? Narrador ou informador? Jogador ou trabalhador? Futebol-arte ou futebol-força? Gauchismo ou brasilidade? Levando em consideração o *hibridismo* da *malhação*²³⁵ correspondente à cosmologia futebolística, acreditamos que não seja possível “imobilizar” agentes em sínteses categóricas; enquanto alguns mencionam que o futebol gaúcho é contrário ao “futebol-frescura”, outros improvisam ao se autodenominarem “holandianos” em um momento de crise do chamado “futebol-arte” brasileiro; vanguarda esta oriunda de uma localidade historicamente atrelada ao estereótipo do bruto, tosco, dos pampas frios e chuvosos que “pouco adequados” à prática de *um* futebol e que, com um paulista, se torna o centro do país por praticar uma estética sofisticada, “mágica” (vide a narrativa do “gol iluminado”) e inovadora, “internacionalizando” uma equipe gaúcha ao patamar de “brasileiros do Rio Grande do Sul”²³⁶. A classificação destes elementos é *flexível* e está sujeita a mudanças dinâmicas. Em outros termos, entendemos o “futebol como uma caixinha de surpresas”, ou ainda consoante Simoni Lahud Guedes:

É característica inerente ao futebol a transformação dos inúmeros eventos que produz em eventos narrativos, cujo sentido nunca está dado. O processo semântico desencadeado pelo jogo constrói-se em um campo de debates, no qual diversas posições se confrontam. (2002, p. 3)

A passagem de Tite pelo Corinthians impactou diretamente nas decisões posteriores à sua saída do clube. Muitos “especialistas” esportivos relacionaram a chegada do baiano Cristovão Borges como substituto do treinador gaúcho devido à semelhança entre as maneiras como ambos trabalhavam. Assim como muitos “especialistas-torcedores” e “torcedores-especialistas”²³⁷, depois de confirmada demissão de Cristovão do clube alvinegro após derrota em um clássico contra o Palmeiras realizado no dia 17/09/2016, especularam a chegada de Roger Machado – que também fora desligado de seu antigo clube, o Grêmio – para a vaga de

²³⁵ Parece-nos oportuno a apropriação deste termo se relacioná-lo a um trocadilho da junção das palavras *malha* e *ação*, além de estar em acordo com o sentido do verbete, a saber, prática de exercícios físicos (no caso, futebol). Logo, é possível observar a movimentação dos polos narrativos de acordo com o ângulo de análise posicionado no tempo e espaço.

²³⁶ Referência a uma estrofe da música *Peleia*, da banda *Ultramen*.

²³⁷ Na semana que antecedia o jogo entre Corinthians e Palmeiras válido pelo Campeonato Brasileiro e que ocorrera no dia 18/09/2016, torcedores fizeram campanhas nas redes sociais clamando pela contratação de Roger Machado como treinador no lugar de Cristovão Borges, numa clara alusão como possível sucessor de Tite. Sobre tal situação, ver [link disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2016/09/torcedores-do-corinthians-pedem-contratacao-de-roger-nas-redes.html](http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2016/09/torcedores-do-corinthians-pedem-contratacao-de-roger-nas-redes.html) Consultado em: 19/09/2016.

treinador corintiano, tendo em vista que ele seria “a solução mais natural por causa do Tite”²³⁸ por ter se inspirado nele ainda quando foi seu atleta.

O legado gauchesco aparece bem afixado neste clube paulista, mas não somente devido ao sucesso dos títulos nas duas últimas passagens de Tite. Já em 1995, na decisão da Copa do Brasil contra o Grêmio, notamos um time violento, determinado (ou, nos termos nativos, “raçudo” ou com “garra”) e que muitas vezes tinha como arma ofensiva a bola parada de Marcelinho Carioca, exímio cobrador de faltas e escanteios; características muito próximas àquelas descritas pelos jornais paulistas sobre os times gaúchos naquele mesmo período. Empenho e dedicação também exaltados no “corintianismo” em 1976²³⁹, onde alguns atletas se destacavam mais pelas manifestações corporais defensivas, como carrinhos, desarmes e chutões para a lateral de campo para neutralizar o ataque adversário; elementos que dialogam com um futebol gaúcho daquele período, em que se cobrava o combate ao “futebol-frescura”. Gestos e palavras que correspondem a um ideal masculinizado inventado no esporte, onde ações como resistência à dor, jogadas corpo-a-corpo e carrinhos são valorizadas como sinal de macheza (GARRIGA-ZUCAL: 2005). Portanto, a ontologia corintiana já flertara anteriormente com *linhas* do “ser” gaúcho antes mesmo da presença massiva de treinadores daquela região. O Sport Club Corinthians Paulista aparenta valores gaúchos a partir da ação histórica dos viventes envolvidos na cosmologia futebolística, que compartilham sentidos por palavras distintas, como o torcedor que canta “vamos jogar com raça e com o coração, é o time do povo, é o coringão”, os dois treinadores de maior sucesso nos últimos dez anos (Mano Menezes e Tite), de jogadores que incorporam este “espírito” corintiano semelhante em alguns aspectos com um estereótipo sul-rio-grandense, de jornalistas que dizem que o time do Corinthians parece inglês ou italiano devido sua *resistência* em não sofrer gols, o vento frio que abraça as partidas noturnas na Arena Corinthians.

De forma análoga se dá ao Grêmio a pecha de clube que melhor representa o Rio Grande do Sul. Colocado por alguns como inventor do “futebol-força”, Oswaldo Rolla (ou

²³⁸ Frase colocada por Juca Kfourri, jornalista assumidamente corintiano, num programa televisivo de uma emissora esportiva no dia 19/09/2016 (nesta data o Corinthians ainda não decidira quem seria seu futuro treinador) justificando a especulação por Roger Machado devido ao Tite, uma vez que ele pode “continuar o trabalho dele [Tite]”. Sua fala está disponível em: http://espn.uol.com.br/video/632414_roger-ou-eduardo-baptista-no-corinthians-juca-ve-ex-gremio-como-solucao-mais-natural-por-cao-do-tite Consultado em: 20/09/2016.

²³⁹ Ver definição dada pelo jornalista Mino Carta na página 110 deste texto.

Foguinho)²⁴⁰ treinou o clube tricolor durante os anos 1950, década onde o Estádio Olímpico Monumental fora inaugurado e a agremiação conquistara sua primeira série de cinco títulos gaúchos consecutivos. Foguinho, antes ex-jogador do mesmo Grêmio, treinou (ou, segundo Eduardo Galeano, tecnicizou) para a prática de um “futebol mais duro, mais truculento”, em que a “pré-história do “futebol gaúcho”” deu-se com “os métodos novos dele” de treinamento²⁴¹.

De todos os fogos, o fogo de Rolla marcou com ferrete a invenção de *um* gaúcho que encontrou aconchego em romances, canções, gastronomia, clima, educação, entre outros modos locais. Por outro lado, o Grêmio de Foguinho fora multicampeão regional num período onde o “centro” nacional celebrava a assunção do “Rei” do futebol mundial; a aparição na seleção brasileira de Pelé demarcava “a vez do preto”²⁴² em um Brasil que se consolidara como a “pátria de chuteiras”²⁴³. Enquanto o Grêmio celebrava o tricampeonato em 1958, a canção entoada no país exaltava o título conquistado no campeonato mundial de seleções na Suécia:

A taça do mundo é nossa, com o *brasileiro* não há quem possa, êh eta esquadrão de ouro, é bom no *samba*, é bom no couro (...). O brasileiro lá no estrangeiro mostrou o futebol como é que é, ganhou a taça do mundo *sambando* com a bola no pé. (GRIFOS NOSSOS)²⁴⁴

Por conseguinte, enquanto uma série de saberes e sentimentos emergiam no futebol gaúcho e neste “ser”, outra se exuberava em plenitude; era a vitória do futebol que incorporou a “pelada”, o samba, a miscigenação dócil freyreana. Era a pré-história do “futebol-arte”, parafraseando Veríssimo.

Trinta e seis anos depois, o Grêmio mais uma vez desafiava o cenário nacional que havia conquistado mais uma Copa do Mundo, nos Estados Unidos. Luiz Felipe Scolari – que,

²⁴⁰ “Ainda hoje, quando alguém se refere ao estilo gaúcho de jogar futebol, está rendendo homenagem a Foguinho. Porque foi ele, como técnico, quem instituiu o chamado futebol-força no Estado. Com Foguinho, o Rio Grande do Sul aprendeu a marcar, a ocupar os espaços, a lutar pela bola, a valorizar a preparação física. E a vencer. O Rio Grande do Sul só se tornou um vencedor em âmbito nacional depois de Foguinho mostrar como se fazia.” (COIMBRA, David. O mestre vive: todos os Foguinhos. *ZERO HORA*, 09/09/2009, s/p). Texto disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC.blog.BlogDataServer.getBlog&uf=2&local=18&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=224490&blog=219&coldir=1&topo=3994> Consultado em: 20/09/2016.

²⁴¹ No período acima, todas as aspas correspondem a trechos da entrevista com Luís Fernando Veríssimo.

²⁴² Referência ao título do último capítulo do livro *O negro no futebol brasileiro* (2010), de Mário Filho.

²⁴³ Expressão de autoria de Nelson Rodrigues.

²⁴⁴ Música composta por Wanger Maugeri, Maugeri Sobrinho, Lauro Müller e Victor Dagô. Os dois primeiros compuseram também o hino do Santos Futebol Clube. A letra completa está disponível em: <https://www.letras.mus.br/temas-diversos/564467/> Consultado em: 01/10/2016.

anos depois, ultrapassaria Oswaldo Rolla e se tornaria o treinador com o maior número de partidas pelo Grêmio – estivera no tricolor porto-alegrense no título da Copa Libertadores da América de 1995. Após apresentações descritas por alguns como “violenta”, enquanto por outros como “intensa”, a imagem de Felipão reacendera uma vez mais a chama gaúcha do “futebol-força”, meses depois da derrota brasileira na final da Copa América de 1995, vencida pelo anfitrião Uruguai. A afirmação de um estereótipo (MACHILLOT: 2013) passa por um exemplo considerado “puro”, e as características de jogo do Grêmio demonstravam isso. Era a vitória do futebol que incorporou a “pegada”²⁴⁵.

Como em um jogo da amarelinha cortaziana, o caminho entre o céu e a terra podem ser percorridos de formas distintas, ao sabor das atitudes dos agentes envolvidos, sejam eles humanos ou não-humanos. Em 2001, Luiz Felipe Scolari assumiria a seleção brasileira para extinguir a “seleção sapatilha”, segundo alguns. No Grêmio, o vanguardista Tite inventava o “tendencioso”²⁴⁶ time armado em um esquema tático 3-5-2 que levou o clube a um título da Copa do Brasil de forma convicta sobre o Corinthians.

Conclui-se que os eventos comparados ao longo do nosso texto inspiram reações a todos os viventes da cosmologia futebolística. Mais do que a visão cética dos que afirmam que são vinte e duas pessoas correndo atrás de uma bola, a prática lúdica deste esporte espetacularizado transcende as quatro linhas, atingindo e sendo atingido por outros “actantes” (torcedores, vendedores ambulantes, policiais, estádio, gramado, sons, aparelhos, e uma miríade de outras *coisas*) e, assim, possibilitando um ludismo mesmo a algo delegado aos anseios capitalistas como é o futebol espetáculo. E isso se estende ao jornalismo esportivo, um dos temas estudados aqui. Longe de reproduzir um ventriloquismo das reportagens²⁴⁷, procuramos “individualizar” na maior parte das fontes os autores das crônicas, reportagens e textos escritos em geral e revelar como a criatividade e o improviso persistem no escrever do jornalista, no fotografar do fotógrafo, no desenhar do cartunista, enfim, a ação dos agentes ultrapassa também as limitações estabelecidas pelos regulamentos editoriais dos grandes periódicos, considerando as narrativas na informação “em vias de extinção”, e não “extinta” (BENJAMIN: 1985). A partir da nossa dissertação acerca dos dois treinadores protagonistas, é válido pensar em “seres” no plural no sentido ontológico do termo. *O gaúcho está em*

²⁴⁵ Ver página 92.

²⁴⁶ Referência ao sentido dado por Marshall Sahlins (2006) à palavra “tendência”.

²⁴⁷ “Se você é educado para saber demais sobre as coisas, há o perigo de ver seu próprio conhecimento ao invés das coisas em si.” (INGOLD: 2015, p. 21).

mudança ao longo do tempo e das diversas análises dos agentes localizados em diversos espaços, assim como os saberes e sentimentos “especializados”, “profissionalizados”, “torcenalizados”, este último representado pelo clubismo, sejam eles um “internacionalismo”, um “gremismo” ou um “corintianismo”. Essa essência é reinventada a todo o momento pela existência; logo, quando falamos do futebol como *malhação*, nos referimos às transfigurações destas *linhas* pelos mais diversos agentes em relação em movimento.

Certa vez, Eduardo Galeano narrara uma lenda sul-americana onde um homem de um povoado colombiano visitou o céu e, ao retornar, contou aos seus conterrâneos que tinha contemplado de lá um mar de foguinhos. Cada um com sua individualidade, fogos grandes e pequenos, fogos de todas as cores; alguns de pouco destaque, enquanto outros de chama tão intensa que seria capaz de incendiar os fogos ao seu redor²⁴⁸. Os “actantes” são capazes de obviar seus “seres” e saberes ao longo de eventos históricos dotados de invenções que podem desencadear “tendências” observadas de diversos ângulos, lentes e condições não-humanas. Assim o é o futebol em paralaxe.

²⁴⁸ Referência a uma história contada em um programa televisivo da televisão brasileira. O vídeo integral da entrevista encontra-se disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w8rOUoc_xKc Consultado em: 26/09/2016.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Gustavo; MARQUES, Renato. *Uma leitura do futebol em São Paulo: a ginga, os territórios e as identidades*. In: **Revista ALESDE**, v.3, n.1. Curitiba: ALESDE (Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturais del Deporte), abril 2013, p. 52-71.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. *O regionalismo como fenômeno global: relações entre o primeiro regionalismo na literatura erudita sul-rio-grandense e a “reação tradicional” as transformações econômico-sociais da época no extremo-sul do Brasil*. In: **Revista Travessia** v.5, n.12. Florianópolis: UFSC, 1986, p. 89-112. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17540/16115> Consultado em: 29/11/2015.

BARTHOLÓ, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro*. In: **HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Orgs.) Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. p. 53-76.

BAUER, Otto. *A Nação*. In.: **BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. p. 45-83.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. (Obras escolhidas; v.1).

BOOTH, Douglas. *História do Esporte: Abordagens em Mutação*. In: **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 4, n. 1. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, jun-2011, p. 1-40.

BOURDIEU, Pierre. *Programa para uma sociologia do esporte*. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011a.

_____. *¿Cómo se puede ser deportivo?* In: **Questiones de Sociología**. Madrid, 2011b.

BRUM, Ceres Karam. *Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul*. In: **Revista Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.138. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, set./dez. 2009, p. 775-794. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300005&script=sci_arttext Consultado em: 29/11/2015.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.

CASTELLANI, Rafael Moreno. *A liderança e coesão grupal no futebol profissional: o pesquisador fora do jogo*. In: **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 3.

São Paulo: USP, jul/set. 2012, p. 431-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n3/09.pdf>

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. *Heroísmo, mídia e o Sport Club Corinthians Paulista: um estudo de caso acerca da final da Libertadores de 2012 na Folha de S. Paulo*. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. Vol. 27, nº4. São Paulo: USP, Out-Dez 2013. p. 613-622. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/77915> Consultado em: 26/11/2015.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; SOUZA, Juliano de; CAPRARO, André Mendes; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. *Do céu ao inferno: narrativas sobre a performance da seleção brasileira de futebol no jornal FOLHA DE SÃO PAULO (2013-2014)*. In: **Revista Movimento – Revista da Escola de Educação Física da UFRGS**, v. 22, n. 2. Porto Alegre: UFRGS, abr/jun 2016. p. 365-377. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/56902/37370> Consultado em: 05/07/2016.

CLAUSSEN, Detlev. *Béla Guttmann: uma lenda do futebol do século XX*. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: **CLIFFORD, James; GONÇALVES, José Reginaldo Santos; FARIAS, Patrícia (ORGS.). A experiência etnográfica: antropologia e etnografia no século XX**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008, p. 17-58.

COSTA, Leda Maria da. *Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia*. In: **Revista LOGOS: Comunicação e esporte**, v. 17, n. 2. Rio de Janeiro: UERJ, segundo semestre 2010. p. 65-77. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/857/785> Consultado em: 05/07/2016.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; CURI, Martin; HOLLENSTEINER, Stephan. **Pequeno dicionário do futebol alemão e brasileiro: os 111 melhores verbetes**. Rio de Janeiro: Goethe Institut, Consulado-Geral da República Federal da Alemanha, DAAD, 2014.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do Óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. In: **Revista USP – Dossiê Futebol n.22**. São Paulo: Revista USP, 1994. p. 10-17. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf> Consultado em: 21/12/2015.

- DAMO, Arlei. *Ah! Eu sou gaúcho. O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro*. In: **Revista Estudos Históricos**, v.13, n.23. São Paulo: FGV, 1999, p. 87-119. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2085> Consultado em: 26/11/2015.

_____. *Futebol e Estética*. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*. Vol. 15. Nº 3. São Paulo: 2001. p. 82-91. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v15n03/v15n03_10.pdf Consultado em: 26/11/2015.

_____. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: e a profissão de jornalista*. São Paulo: Summus, 2009.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FERRARI, Florencia; DULLEY, Iracema; PINHEIRO, Jamille; VALENTINI, Luísa; SZTUTMAN, Renato; MARRAS, Stelio. “O Apache era o meu reverso”. *Entrevista com Roy Wagner*. In: **Revista de Antropologia**, v.54, n.2. São Paulo: USP, 2011, p. 955-978. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39652> Consultado em: 21/09/2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GARRIGA ZUCAL, José. *Lomo de macho. Cuerpo, masculinidad y violencia de un grupo de simpatizantes del fútbol*. In: **Cuadernos de Antropología Social**, n. 22. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras – UBA, 2005, p. 201-216. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180913913012> Consultado em: 26/11/2015.

GASKELL, George. *Entrevistas individuais e grupais*. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Ed Vozes, 2008. p. 64-89.

GASTALDO, Édison Luis. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.1, set. 2000, p. 105-24. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/757> Consultado em: 26/11/2015.

_____. *As relações jocosas futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil*. In: **Revista Mana**, v.16, n.2. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 311-325. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v16n2/03.pdf> Consultado em: 29/11/2015.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GILL, Rosalind. *Análise de discurso*. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Ed Vozes, 2008. p. 244-270.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOLDMAN, Márcio. *O fim da antropologia*. In: **Novos Estudos – CEBRAP**, n.89. São Paulo: CEBRAP, mar. 2011, p. 195-211. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100012 Consultado em: 26/11/2015.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da “provincia de chuteiras”*. In: **Revista Anos 90 Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, v. 8, n.13. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 21-50.

GUEDES, Simoni Lahud. *De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*. In: **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, XXVI, 2002, Caxambú. ANPOCS, p. 1-19. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/biblioteca/de-criollos-e-capoeiras-notas-sobre-futebol-e-identidade-nacional-na-argentina-e-no-brasil/> Consultado em: 26/11/2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *“Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencantamento*. In: **Revista Aletria – Revista de Estudos de Literatura**, v.15. Belo Horizonte: UFMG, jan.-jun. 2007, p. 11-19. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1380> Consultado em: 26/11/2015.

_____. *“Dança dionisíaca”? Estilos nacionais no futebol brasileiro*. In: **Projeto História**, n.49. São Paulo: PUC, abr. 2014, p. 157-164. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20210> Consultado em: 26/11/2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, Ronaldo. *Espírito para lá de esportivo*. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, Maio 2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/espírito-para-la-de-esportivo> Consultado em: 20/07/2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*. In: **HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.)**. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 80-106.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

INGOLD, Tim. *Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem*. In: **STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Orgs.)**. *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012a, p. 15-29.

_____. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. In: **Revista Horizontes Antropológicos**, ano 18, n. 37. Porto Alegre: UFRGS, jan/jun 2012b, p. 25-44.

_____. *O Dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção*. In: **Revista Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 44. Porto Alegre: UFRGS, jul/dez 2015, p. 21-36.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LOPES, José Sérgio Lopes. *A vitória do futebol que incorporou a “pelada”*. In: **Revista USP – Dossiê Futebol, n.22**. São Paulo: Revista USP, 1994. p. 64-83. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/22/08-josesergio.pdf> Consultado em: 29/11/2015.

LEMOS, André. *Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede*. In: **Revista Galáxia – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, n.25**. São Paulo: Galáxia, jun.2013, p.52-65. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/13635> Consultado em: 26/11/2015.

LOIZOS, Peter. *Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa*. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Ed Vozes, 2008. p. 137-155.

LORENZI, Bruno Rossi; ANDRADE, Thales Novaes de. *Latour e Bourdieu: discutindo as controvérsias*. In: **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política da UFSCar, v. 20, n.2**. São Carlos: UFSCar, 2011. p. 107-121. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/266/196> Consultado em: 23/12/2015.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MACHILLOT, Didier. *El estudio de los estereotipos masculinos mexicanos en las ciencias humanas y sociales: un recorrido crítico-histórico*. In: RODRÍGUEZ, Juan Carlos Ramírez; RÍOS, José Carlos Cervantes (Org.). **Los hombres en México: Veredas recorridas y por andar. Una mirada a los estudios de género de los hombres, las masculinidades**. México: Universidad de Guadalajara – CUCEA – AMEGH, A.C. 2013. p. 17-35.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Diversidade em Convergência*. In: **Revista MATRIZES, V.8 – n.º2**. São Paulo: USP, jul/dez 2014. p. 15-33.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica, no meio de produção*. In: **Revista Tempo Social; Revista de Sociologia da USP, v.5, n. 1/2**. São Paulo: USP, 1993 (editado em nov. 1994). p. 1-29. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84939/87668> Consultado em: 22/08/2016.

MASCARENHAS, Gilmar. *A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul*. In: **Revista Digital, Año 5, n.26**. Buenos Aires: Revista digital, oct. 2000. Disponível em: <http://www.ufv.br/des/futebol/artigos/A%20via%20platina%20de%20introdu%C3%A7%C3%A3o%20do.pdf> Consultado em: 26/11/2015.

_____. *O futebol da canela preta: O negro e a modernidade em Porto Alegre*. In: **Revista Anos 90 Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 7, n. 11**. Porto Alegre: UFRGS, oct. 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6546> Consultado em: 07/07/2016.

MAUSS, Marcel. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELO, Victor Andrade de. *Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX*. In: **HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 21-51.

MENASCHE, Renata. *Gauchismo: tradição inventada*. In: **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n.1. Rio de Janeiro: UFRJ, nov. 1993. p. 22-30. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/15> Consultado em: 29/11/2015.

MEYER, Diogo Corrêa. *As Identidades Nacionais na Copa Libertadores pelos Periódicos*. In: **LEME, I Fórum de Pesquisas em Comunicação, Esporte e Cultura e I Seminário Internacional do Laboratório de Mídia e Esporte**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. p. 1-15. Disponível em: http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/174328_Meyer_-_As_identidades_nacionais_na_copa_libertadores_pelos_peridicos.pdf Consultado em: 18/09/2016.

MONTANHA, Fausto Amaro Ribeiro Picoreli; HELAL, Ronaldo. *Corpo, performance e materialidade: por um olhar não-hermenêutico nos estudos sobre esporte*. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. v.15, n.3. São Leopoldo: UNISINOS, set.-dez. 2013. p. 211-219. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2013.153.07> Consultado em: 29/11/2015.

MORAIS FILHO, José Ermírio. *Seis anos na Federação Paulista de Futebol*. São Paulo: 1976.

NEGREIROS, Plínio Labriola. *A cidade excludente e o clube do povo*. In: **Revista de História**, n. 163. São Paulo: USP, jul/dez 2010, p. 207-242. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19177> Consultado em: 26/11/2015.

NETO, José Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

OLIVEN, Ruben George. *A Fabricação do Gaúcho*. In: **Cadernos CERU, Centro de Estudos Rurais e Urbanos**, n. 1. São Paulo: USP, 1985, p. 79-91. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cerusp/article/viewFile/83137/86173> Consultado em: 26/11/2015.

_____. *O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.3, n.9. Rio de Janeiro: ANPOCS. Fev, 1989. p. 1-9. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_09/rbcs09_01.htm Consultado em: 29/11/2015.

_____. *Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.6, n.15. Rio de Janeiro: ANPOCS. Fev, 1991. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm Consultado em: 29/11/2015.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: **Revista Estudos Históricos**, v.2, n.3. Rio de Janeiro: FGV, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> Consultado em: 26/11/2015.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. *O futebol ítalo-germânico no Rio Grande do Sul*. In: **Revista Digital**, Año 14, n.135. Buenos Aires: Revista Digital, ago. 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd135/o-futebol-italo-germanico-no-rio-grande-do-sul.htm> Consultado em: 26/11/2015.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese. Campinas: UNICAMP, 1998. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000183339> Consultado em: 01/10/2016.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROCHA, Max Filipe Nigro. *Em busca do feitiço perdido: a seleção de 1982 aos olhos da revista Placar*. In: GIGLIO, Sérgio Settani; SILVA, Diana Mendes Machado da (orgs.). **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014. p. 87-96.

SAHLINS, Marshall. *O beisebol é a sociedade representada como jogo*. In: **História e Cultura: apologias a Tucídides**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 123-33.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão de Jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, Metrôpoles e Desatinos*. In: **Revista USP – Dossiê Futebol**, n.22. São Paulo: Revista USP, 1994, p. 30-37. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf> Consultado em: 29/11/2015.

SIMMEL, Georg. *O Estrangeiro*. In: **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.4, n.12. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, dez. 2005, p. 265-271. Disponível em: <http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf> Consultado em: 26/11/2015.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. *Democracia corintiana: a utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo, 2012.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. *Futebol, imprensa e memória*. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. v.6, n.1. São Leopoldo: UNISINOS, jan-jun. 2004 p. 61-78. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6578> Consultado em: 26/11/2015.

STRATHERN, Marilyn. *Cortando a rede*. In: **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014a. p. 295-319.

_____. *As novas modernidades*. In: **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014b. p. 321-343.

- TADDEI, Renzo. *Devir torcedor*. In: FERREIRA, Arthur Arruda Leal; MARTINS, André; SEGAL, Robert (Orgs.), **Uma bola no pé e uma ideia na cabeça: o que o futebol nos faz pensar**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2014, p. 27-52.

_____. *La invención de la violencia (de las hinchadas de Buenos Aires)*. In: **Revista de Antropología y Arqueología**, n. 24. Bogotá: Universidad de los Andes, jan/abr 2016, p. 15-33. Disponível em: <https://antipod.uniandes.edu.co/index.php/es/revista-no-24> Consultado em: 21/09/2016.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TASCHNER, Gisela B. *A pós-modernidade e a sociologia*. In: **Revista USP**, n. 42. São Paulo: USP, jun.-ago. 1999. p. 6-19. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/42/01-gisela.pdf> Consultado em: 29/11/2015.

TITE, Adenor Leonardo Bachi. *Formação e gênese do ídolo*. In: **Revista USP**, n.99. São Paulo: USP, set-out-nov. 2013, p. 107-112. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76230> Consultado em: 26/11/2015.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no Futebol. Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional*. Tese. São Paulo: USP, 2000. Disponível em: http://www.usp.br/ludens/images/publicacoes/logicas_no_futebol.pdf Consultado em: 26/11/2015.

_____. *A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX*. In: **HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

WACQUANT, Loic. *Esclarecer o habitus*. In: **Revista Educação & Linguagem**, n.16, Ano 10. São Paulo: Metodista, jul.-dez. 2007, p. 63-71. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126> Consultado em: 26/11/2015.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

SporTV Jogos para sempre – Cruzeiro 5 x 4 Internacional pela Copa Libertadores de 1976.

Link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ebhQsDC-3w> Consultado em: 22/08/2016.

Re-inauguração do Beira-Rio – Os Protagonistas – Festa Gigante. *Link* disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bsI5zKVYsHM> Consultado em: 19/07/2016.

ENTREVISTAS

Colocamos neste espaço complementar a íntegra das entrevistas realizadas com os jornalistas Luis Fernando Veríssimo e Ruy Carlos Ostermann, e com o preparador físico da equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, Roberto Ribas, respectivamente. Optamos por aplicar métodos de transcrição das entrevistas embasados nas observações realizadas por Rosalind Gill, quando esta aponta para os cuidados que um analista de discurso deve ter, tais como a percepção do silêncio – em sintonia com o que Michael Pollak afirmará em sua obra referente ao esquecimento (1989) – e com a própria transcrição, que “não pode sintetizar a fala, nem deve ser “limpada”, ou corrigida; ela deve registrar a fala literalmente, com todas as características possíveis da fala” (GILL, 2008: p. 251), a fim de representar as ações *vivas* que os envolvidos presenciam²⁴⁹. Ao final das transcrições, incluímos as impressões pós-entrevista que eu tive do encontro. As conversações tiveram duração entre 40 e 50 minutos e buscaram como “tópico guia” (GASKELL: 2008) a relação entre os estilos de jogo de São Paulo e Rio Grande do Sul.

A escolha pelas entrevistas partiu de sugestões recolhidas após o exame de qualificação, realizado em março de 2016, quando os pareceristas do exame de qualificação (os professores José Paulo Florenzano e Arlei Sander Damo) concordaram que a pesquisa pudesse adquirir uma perspectiva inovadora ao escutar as vozes de dois personagens que soavam fundamentais nesta relação de futebóis do Rio Grande do Sul e São Paulo e que poderiam oferecer novas vozes à este caleidoscópio de narrativas criativas: o passado em Rubens Minelli (treinador paulista que, como vimos nos relatos jornalísticos, triunfou pelo Sport Club Internacional nos anos 1970 e “colocou” o Rio Grande do Sul no mapa do futebol brasileiro) e o presente em Tite, principalmente por ser um elemento nevrálgico no projeto. Assim, ao optar por mesclar a análise do discurso presente nos periódicos impressos destes períodos (os anos de Minelli no comando do Internacional, outra decisão acatada após as críticas e sugestões da qualificação, e os anos de Tite como treinador corintiano) a uma análise qualitativa, podemos desfrutar de um artifício típico desta chave metodológica:

A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Em um meio social específico (...) o que nós estamos interessados em descobrir é a variedade de pontos de vista no assunto em questão

²⁴⁹ Em virtude disto, optamos por manter nas citações retiradas dos periódicos a originalidade do texto encontrado, como os equívocos gramaticais e a repetição de termos encontrados em algumas situações.

(...) e especificamente o que fundamenta e justifica estes diferentes pontos de vista. (GASKELL, 2008: p. 68)

Inicialmente, entrei em contato diversas vezes com profissionais dos meios de comunicação e da assessoria de imprensa do clube no qual Tite treinava a fim de providenciar uma entrevista presencial ou por meios alternativos, por exemplo, conversas via *Skype*, e-mail, telefonemas, entre outros. Como pude notar, não foi a primeira vez (e temo não ter sido a última) em que um pesquisador é negligenciado e impedido de vivenciar este campo restrito daqueles que participam quotidianamente desta atividade profissional (CASTELLANI: 2012).

As alternativas que encontrei me apontaram para conversações com alguns membros da imprensa esportiva e com representantes secundários do futebol profissional e que raramente aparecem nas páginas dos periódicos impressos²⁵⁰, como os preparadores físicos ou auxiliares técnicos. Com este *insight*, procurei os contatos de dois célebres jornalistas do Rio Grande do Sul e de um dos auxiliares técnicos da equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre durante a minha estadia em Porto Alegre com fins de pesquisa nos arquivos do Museu da Comunicação Hipólito da Costa. A escolha do clube tricolor ao invés de seu rival deu-se de forma estratégica: além de ser um dos elementos que compõem minha narrativa, o time gremista era treinado no momento por Roger Machado, ex-jogador da agremiação e de Tite em 2001, considerando-se abertamente um “discípulo de Tite”. Após uma troca de e-mails e telefonemas com o assessor de imprensa do clube, agendei uma entrevista com o auxiliar técnico Roberto Ribas no Centro de Treinamentos (CT) do Grêmio, em Porto Alegre.

A seleção de Luis Fernando Veríssimo deu-se por este ser declaradamente torcedor do Sport Club Internacional, o que aumentaria a probabilidade de, através de suas memórias inventadas sobre o clube de coração, ceder informações valiosas sobre o período conhecido como “década dourada” da equipe colorada. Ao chegar ao local da entrevista, encontro-me com Ruy Carlos Ostermann, convidado por Veríssimo para também falar sobre as representações do futebol gaúcho e modificando para um “semi grupo focal” a conversação, que contou ainda com as cônjuges de ambos.

Em São Paulo, além da tentativa frustrada de contatar Tite ou algum membro de sua comissão técnica para participar deste trabalho, conversei com a jornalista Camila Mattoso. A

²⁵⁰ Salvo algumas exceções, como pudemos ver com o caso de Gilberto Tim no Internacional dos anos 1970, auxiliares técnicos, preparadores físicos e outros profissionais que compõem a comissão técnica pouco se destacam no setor das comunicações, a não ser que carregue um traço carismático peculiar que os associem à imagem de “fiel escudeiro” do treinador, como é o caso da relação entre Murtosa e Luiz Felipe Scolari.

escolha dela fora oportuna: autora de uma recente biografia deste treinador, a escolhi por entender que sua participação representaria a presença de uma *híbrida* nesta pesquisa, visto que ela convivera com atletas e o próprio Tite durante período considerável (e adquirindo um saber “profissional”) ao mesmo tempo em que frequentara as redações de grandes jornais de São Paulo (retendo um saber “especializado” acerca do futebol). No entanto, a entrevista somente foi concretizada no último dia de agosto, momento em que este texto estava em fase final de escrita; logo, a transcrição da conversa comprometeria os prazos estipulados. Dessa forma, pretendo analisar este material em um texto futuro.

Entrevista Luis Fernando Veríssimo e Ruy Carlos Ostermann

(18/05/2016, Casa do Luis Fernando Veríssimo, quente e aconchegante)

(Entrevista concedida na quarta-feira, às 18:45)

D: Diogo

LFV: Luís Fernando Veríssimo

RCO: Ruy Carlos Ostermann

Diogo – Queria saber de vocês dessa questão do quando e como começou essa questão do gostar do futebol, do interesse do futebol de ambos e... por quê o Inter? Eu inclusive estava lendo no arquivo hoje na década de 1970 alguns artigos do Veríssimo no Zero Hora e confrontando com o Paulo Santana. Como começou essa inspiração pelo Internacional e não pelo Grêmio, ou pelo Caxias, ou outra equipe?

Luís Fernando Veríssimo – Bom, vamos ter uma revelação aqui hoje, o Ruy vai dizer se é mesmo colorado (Risos do RCO). A grande questão da cidade é saber se o Ruy é colorado ou Grêmio, até hoje ninguém descobriu. Bem, no meu caso... eu comecei a ver futebol com 10 anos de idade. Nós tínhamos voltado dos Estados Unidos, e o futebol foi de certa maneira uma forma de reintegrar o Brasil, Porto Alegre. E depois que vim acompanhar futebol pelo rádio, eu com 10 anos de idade fui ver o primeiro jogo, que foi um Grenal. O engraçado é que na minha lembrança o Internacional tinha vencido o jogo, aí fui ver a estatística e foi o Grêmio que ganhou (risos de RCO)... Então foi isso; sempre gostei muito de futebol e do Internacional. Porque tinha naquela época, era 1946, uma divisão aqui no Rio Grande do Sul entre a torcida do Grêmio e do Internacional, porque o Grêmio era considerado um time de grã-fino e o Inter era o time do povão. O Grêmio não aceitava jogador negro; o Internacional no começo também não aceitava, mas eventualmente começou a aceitar. E o Internacional era um time mais simpático do que o Grêmio por essas razões. Agora o Ruy eu não sei como foi que começou...

Ruy Carlos Ostermann – Eu sempre pratiquei esportes, né. Eu estudei numa escola que tinha destaque em esportes, eu gostava. E aí eu fui ser jogador de futebol assim e simplesmente com toda simplicidade possível, e ruindade também né. Joguei basquete, joguei voleibol, então acabei técnico de basquete e de futebol, quando garoto. E depois muito cedo

eu assumi um cargo na imprensa esportiva de Porto Alegre, que naquela época estava fazendo uma remodelação e entre os meus amigos em São Leopoldo, porque eu sou de lá, eu sabia escrever, fazia umas crônicas, algumas coisas desses gêneros, e aí dois bons amigos meus e do meu pai me sugeriram que viesse aqui. E aí eu fui na redação (divagação sobre o chefe que o recém contratou) e me mandaram para o aeroporto onde tava chegando um jogador que eu não me lembro mais, e queria que eu fizesse uma matéria sobre a chegada. Eu não sabia escrever na máquina, eu nunca tinha feito uma entrevista desse gênero, eu nunca imaginei algo assim. Mas tive que ir, né, e era questão de orgulho. Naquela época nós tínhamos um jipe, fomos de jipe, e eu fui lá falar com o cara. Era um rapaz que veio para jogar ou no Grêmio ou no Internacional, isso eu não consigo lembrar mais... Conversei com ele, dizendo que eu era do jornal e que eu tava ali, ele falou algumas coisas e eu voltei pra redação. Ai quando eu cheguei na redação, o Seu Maneco disse: “Senta lá e escreve!”. E eu dizia: “Mas seu Maneco”. E ele: “Senta lá e escreve!”. Aí eu fui lá catar com os dedos as letrinhas e escrevi um texto, né. Ele olhou assim e: “Tá bom!”. E a partir daquilo, desse “tá bom” assim bem genérico e muito generoso, eu passei a ser jornalista. E aí a minha vida tomou essa direção, intensa e só em cima disso algumas coisas foram acontecendo.

D – Queria saber de vocês, sobre o Internacional da década de 1970...

RCO – O seu foco é o Internacional?

D – Não, eu pretendo passar pelo Grêmio também. Vocês acreditam que o futebol do Internacional fora influenciado por alguma escola europeia e se tal ocorrência deu-se à televisão, aos meios televisivos que adentravam os lares brasileiros naquele período à cores, com transmissão ao vivo dos jogos das seleções?

LFV – Olha, sempre se disse que existiu um estilo gaúcho de jogar futebol. Um futebol mais tosco, mais físico do que propriamente técnico, e isso remetia a uma figura, o Foguinho...

RCO – Sim, Oswaldo Rolla.

LFV – Que introduziu aqui métodos de treinamento que, de certa maneira, caracterizaram o futebol gaúcho, pelo menos o gaúcho ficou com essa fama de futebol mais duro, mais truculento, inclusive. Mas o Foguinho foi na década de 1950. Foi treinador do Grêmio, treinou o Internacional, se não me engano. A pré-história de “futebol gaúcho” é com o Foguinho [Oswaldo Rolla] e com os métodos novos dele.

(Interrupção na entrevista)

RCO – Há uma característica no futebol do Rio Grande do Sul, reconhecida inclusive pelos demais que não são daqui de que ele é rude, forte, enérgico, ele é um futebol “peleado”, como se diz aqui. Ao contrário do futebol carioca, que sempre foi maneiroso, cheio de requintes e tal. O de São Paulo um pouco menos, mas também nessa direção. O Brasil todo, de algum modo, discordava do Rio Grande do Sul nesse aspecto. Mas aí está exatamente o nascimento desta relação; é uma relação binária aqui no Sul, né: Grêmio e Internacional, por exemplo. Então esse conflito é um conflito que gera muita oposição, mas crescimento também, porque tanto Grêmio quanto Internacional, na comparação, tinham imediatamente que se desfazer de uma má situação e criar uma outra mais favorável. E isso levou exatamente os dois – Grêmio e Internacional – a um crescimento muito significativo, e a se colocarem entre os dez principais centros esportivos do Brasil no futebol, isso foi uma conquista muito boa.

E passaram pessoas muito importantes. Bem nos primórdios, acredito que o Foguinho seja a figura mais significativa, porque é o que impõe o futebol de energia, de combate como característica dominante. Era assim que ele queria jogar, era assim que ele jogava. Me lembro que nós éramos guris e aí apareceu lá o time do Foguinho pra jogar e a gente torcia contra ele porque era Porto Alegre – essa é uma velha diferença que a gente tem. E aí eu me lembro que o primeiro tempo foi empolgante, nós ficamos numa alegria porque o time tomava iniciativa, ia pra cima então; e o Grêmio só respondia, só respondia. Aí na medida em que o nosso time cansou, o Grêmio cresceu, e era o Foguinho. Esse era o Foguinho: aplicado, determinado. E essa é uma característica muito forte do futebol gaúcho que nunca perdeu; antes disso, houve outros treinadores que tiveram essa importância também, mas a marca de uma característica dominante é com o Foguinho, e daí pra frente. Daí vai chegar no Tite, que é talvez o mais recente, e antes dele o Minelli, que eram treinadores que tinham um olhar muito crítico em relação ao futebol. Eu até hoje acho que o Tite é o melhor técnico do Brasil, ele é um homem com uma visão de jogo maravilhosa, tem uma aplicação muito alta e uma exigência muito forte, o que faz o futebol ser bem interessante. E o futebol do Tite é assim. Agora mesmo no Corinthians, embora tenha perdido jogadores importantes, ele mantém um nível muito forte de competição no Corinthians e ele conseguiu impregnar isso.

E o Minelli já é um homem mais refinado, um homem com outra visão, mas também aplicado nesse tipo/sistema de jogo, que acabou dando certo – extraordinariamente certo – aqui no Rio Grande do Sul por conta dessa situação binária de conflito. Passou a ser um e outro a cada instante.

D – Essa reação que vocês citaram do Foguinho foi uma reação provocada pelo fato do Internacional naquele período, um período um pouco anterior ao Foguinho, a presença de Tesourinha e outros atletas que (Tesourinha é de certa forma um atleta mais “carioca”), então essa seria uma reação do Grêmio, uma reação gaúcha ao “carioquês”, se é que houve isso de “carioquês” para vocês?

RCO – Eu acho que não...

LFV – Eu também acho que não. O Foguinho foi na década de 50. O Minelli já era na década de 1970, em 75 foi campeão brasileiro. E o que mudou também foi que o futebol gaúcho começou a perder suas características com a vinda de jogadores de fora do Rio Grande do Sul. Um grande exemplo aqui foi Figueroa, que era um jogador truculento, também duro, mas que tinha uma certa...

RCO – Don Elías Figueroa...

Esposa RCO – Vou me meter na conversa. Aqui no Rio Grande do Sul, o futebol da Argentina e Uruguai não tem mais influencia do que do centro do país, de São Paulo? Porque em número de jogadores sempre tem mais jogadores que vem da Argentina...

RCO – A gente examina o futebol argentino, que tem muita técnica, e o uruguaio, que tem pouco menos técnica, mas ambos tecnicamente bons, eles são muito fortes, muito decididos, as competições são para valer. E isso é uma característica que nós [gaúchos] temos. De uma certa forma, é uma resposta a esse ambiente criado por uruguaio e Argentina...

Esposa do RCO – E aí entra o Figueroa, que era chileno...

LFV – São outros exemplos de jogadores que tivemos de fora. O próprio Falcão é de Santa Catarina, se criou aqui. E outros jogadores que chegaram para mudar o jeito gaúcho de jogar futebol.

D – E de certa forma eles “arredondaram” o estilo “tosco” desses atletas formados no Rio Grande do Sul...

LFV e RCO - (Afirmção)

D – Em referencia ainda a Argentina e Uruguai, então de certa forma compartilha-se uma identidade platina, digamos assim.

RCO – Sim.

D – E essa identidade platina se dá porque, por uma questão geopolítica, ou por uma questão de identidade...

RCO e LFV – Proximidade (Ambos). (Ostermann) Proximidade geográfica e um discurso que ultrapassou muito facilmente a fronteira pequena que sempre tivemos. Então, os feitos do futebol uruguaio, argentino repercutiam aqui como um prolongamento das coisas que a gente gostaria de fazer ou estava fazendo. Inegavelmente nós tivemos muito essa qualidade, né, de amostragem argentina e uruguaia.

LFV – E também jogadores argentinos e uruguaioes que vieram jogar aqui. Um exemplo de quando comecei a ir a futebol, um dos grandes jogadores do Internacional era o Villalba, um argentino. Era daquele time do Tesourinha, do Motorzinho. E o Villalba jogava nesse time. E tinha outros jogadores argentinos, uruguaioes, paraguaioes...

RCO – Em meio a isso havia assim, digamos, não diria exceção, mas algumas provas a mais que enrobustecem muito essa ideia que a gente tem do futebol do Rio Grande do Sul. Um exemplo de jogador é o Mengálvio, que jogou do lado do Pelé, Pelé tinha a maior admiração por ele. Não faz muito tempo que conversei com o Pelé, pouco antes de ele ficar doente... E ele tava dizendo que nunca teve ao lado dele um jogador tão qualificado tecnicamente quanto o Mengálvio, que começou no Aimoré de São Leopoldo e depois se transferiu pro Santos. Era um jogador extraordinário, e no entanto tinha espaço pra ele, e todo mundo reconhecia que era um jogador com técnica, com habilidade, com um certo regozijo com a bola e com o adversário e o companheiro, tinha lugar, tinha lugar. O problema é que tínhamos tantos com essa qualidade, mas essa é outra coisa.

D – Para concluirmos essa parte das três regiões que estamos comentando aqui, teria uma relação também “natural”, da natureza com essas regiões. Ou seja, são regiões pampenses (pampas), com alta propensão de chuva, são frias. Se nós compararmos com Rio de Janeiro, que é quente, que tem referências ao samba...

RCO – Isso é importante...

D – E mistura essa “Natureza e Cultura” com o samba, do calor... De outra geografia a não ser o pampa, a forte intensidade de chuvas que tem aqui no Rio Grande do Sul e região.

RCO – A geografia é importante, né. Tu vêz hoje um dia que estamos conversando contigo faz um frio de inverno. E nós temos finalmente inverno; coisa que de um modo ou de outro através das peripécias do tempo a gente chegou a perder um pouco de vista. Fazia um frio intenso, às vezes úmido, e que caracteriza exatamente um tipo de relação tanto com a cultura, quanto com o esporte.

D – Vamos entrar em outro ponto agora: a relação entre mística e ciência no futebol, ou seja, a questão... Vou dar um exemplo: quando alguns treinadores, alguns atletas falam que “Graças a deus nós conseguimos”, ou “Se deus quiser, nós iremos conseguir essa vitória” e... Isso seria um fator místico, enquanto que um fator científico seria mais ou menos “com base em estatísticas, contratamos”... Porque se observarmos, Minelli foi formado em matemática, ele tem uma peculiaridade muito grande, porque por mais que ele tenha grandes jogadores no elenco, e truculentos (maiores de 1,80m), são titulares que jogam muito bem tecnicamente. E além dessa mistura, onde entra a ciência neste mundo tão místico que é o futebol, de tantos deuses, os deuses do futebol?

LFV – Eu acho que essa parte mística diminuiu um pouco, né. Era predominante no futebol o pessoal fazendo gol e agradecendo a deus, rezar, fazer o sinal da cruz antes de entrar. Quer dizer, pedindo a participação de deus. Isso ainda existe, aqueles “Atletas de Cristo”, mas acho que isso diminuiu um pouco. Diminuindo a parte mística, sobe a parte científica.

D – E no período do Minelli essa questão científica já tomava rumos?

RCO – Minelli dizia que (conversa com o Veríssimo)... Ocorreu durante um tempo uma lenda de que ele, Minelli, tinha como exigência o vestiário, porque o vestiário tinha uma porta com uma altura determinada e quem tivesse que se abaixar para entrar, servia, porque era mais alto que a porta... Isso daí é um pouco de folclore, tem muito disso no futebol, né. Mesmo esse lastro místico, acho que tem importância e a gente tem que considerar e acho que em alguns aspectos é um fato importante e significativo. Mas ele é muito de imitação, muito de repetição, muito de mais ou menos como os nossos deputados votando (no impeachment). Ali, pais, mães, filhos, cachorros, netos foram ovacionados. Isso evidentemente é um exagero, é uma simplificação da relação, mas é uma tentativa de chegar perto das pessoas, nesse sentido que tem a sua justificativa. Agora o futebol, acho que o Luiz tem razão: diminuiu muito essa relação, digamos assim, sobrenatural. Hoje o pessoal sabe que se não fez, perde. E isso é o futebol.

LFV – E deus é imparcial.

RCO – É claro (risos).

D – Ainda nessa questão da década de 1970, vimos em 1974 uma seleção brasileira que, de certa forma, com o Coutinho decepcionou as expectativas criadas. E, muito do que alguns comentam, é de que o Internacional daquele mesmo período surgiu como uma reencarnação do futebol de 1970, do trimundial, numa tentativa de ressignificar o futebol de 70 com elementos a mais, que é a ciência, com treinamentos... Li uma reportagem de janeiro de 1975 do *Zero Hora* falando que o Minelli iria fazer dois turnos de treinamentos, descrito de uma forma impactante. Então, queria saber de vocês, sobre essa perspectiva de ressignificação do futebol brasileiro pós-74 com o Internacional.

LFV – É uma tese interessante, não tinha me dado conta disso. Coutinho foi um cara meio injustiçado. Muito identificado com a ditadura... (áudio incompreensível)

RCO – O Coutinho é o ingresso no espaço do futebol de um sujeito de alta technicalidade, de grande conhecimento, um cientista na função. Mas ele teve contra si o fato de que o identificaram com uma seleção que não perdia, mas não ganhava. E entenderam que ele anulou muito daquilo que era qualidade natural do futebol, quando na verdade não foi isso. Ele tava com um grupo mais restrito de qualidade e ele queria chegar a certos pontos, e tinha que fazer, mas não tinha muito o que fazer...

D – Falando agora em uma questão mais arquitetônica, da arquitetura, sabemos que os estádios das cidades influenciam na arquitetura da cidade, tanto o Olímpico, quanto o Beira-Rio, agora Arena do Grêmio, novo Beira-Rio. Queria saber de vocês o quanto, qual foi o papel da Coreia (setor popular do estádio do Beira-Rio, extinto no novo) naqueles títulos de 74, 75, 76 do Internacional e se houve realmente uma influência desta mística – porque de certa forma é mistificado na mídia sobre a Coreia do Beira-Rio – e hoje não existe mais.

LFV – Era um lugar barato do estádio e que enchia com o povão, né. Acho que essa nova arquitetura determinou o afastamento do povão. Inclusive você vê hoje na televisão um jogo de futebol e é raro você ver um negro na torcida, pessoa pobre mesmo que não tem condições.

RCO – É, a popularidade do futebol exigiu durante algum tempo e, arquitetonicamente, houve um aproveitamento dessa situação, de pessoas com pouco dinheiro (quase nenhum dinheiro) pudessem assistir aos jogos de uma posição popular, mais simples, mas dentro dos estádios. Isso nós perdemos agora com a mudança, dessa mudança dos estádios modernos, das arenas, que inegavelmente é um avanço tecnológico maravilhoso. Mas ateste que o grande público que é formado por pessoas de pouco recurso – e esse é o Brasil – ele tá sendo impedido de ingressar. Então essa observação que o Luis fez ela procede: se você presta atenção na televisão, o olhar da câmera, você já não identifica mais as pessoas simples, né. Não apenas de cor, mas simples mesmo; é visivelmente a classe média que está ali...

LFV – E as entradas ficaram caras, os ingressos ficaram caros...

D – Queria falar justamente sobre isso: a questão de deixar de existir os setores populares influencia, de certa forma, na qualidade técnica de determinada equipe? Por exemplo, o Beira-Rio está intrinsecamente relacionado ao Internacional. O novo Beira-Rio deu uma nova cara ao Internacional, deu um novo estilo que nós olhamos, batemos o olho e reconhecemos: esse estilo de jogo é do Internacional. E com o novo Beira-Rio isso se perdeu ou se modificou (não só falando do Beira-Rio, mas das outras arenas)?

LFV – Não sei se afeta tão diretamente assim no futebol. Não sei se arquitetura do estádio influencia no futebol, a não ser que seja na La Bombonera (estádio do Boca Juniors), na qual a plateia fica em cima do jogador e tem uma pressão de todo o estádio. Acho que não influencia tão diretamente sobre o jogo.

RCO – A organização das torcidas que se organizam e se disciplinam e formam agrupamentos, isso é mais importante no futebol. Porque ela estimula certas coisas, tem outras exigências e que o time dentro de campo tem que corresponder a isso. Vaias surgem. Nesse último jogo do Internacional o time foi vaiado. Isso para o jogador é o fim do mundo, foi vaiado em casa. Então, ele para corresponder a essa exigência do público, ele precisa ter

grande oferta pessoal, grande interesse no jogo para compreender a complacência do torcedor. Mas não é porque o torcedor seja classe média ou porque esteja nas posições mais privilegiadas do estádio que essa relação se altera. Essa relação é permanente, ela só toma formas mais nítidas com os estádios mais favoráveis à presença do público.

D – Queria saber de vocês também, entrando no assunto do jornalismo agora, até onde o jornalismo esportivo acaba moldando, acaba dando formas ao estilo de jogo? Por exemplo, essa questão do estilo de jogo gaúcho, brasileiro, carioca, argentino. Isso daí seria uma coisa que é construída ao lado dos atletas profissionais pelos jornalistas, e quanto o jornalismo tem de influência nisso, dessa modulação?

LFV – Sempre se disse que a imprensa esportiva gaúcha é muito exigente. Muito crítica e exigente. Ao contrário da imprensa carioca, por exemplo, que é um oba-oba. Aqui não, são mais exigentes, critérios... (trecho incompreensível da entrevista).

RCO – Essa exigência é interessante porque ela corresponde à formação binária da sociedade gaúcha, conflito permanente, confronto permanente, e isso exige força e energia, e isso se transfere muito para o futebol. A característica dominante do futebol gaúcho é essa relação que tem dentro da sociedade.

D – Então o jornalismo gaúcho, em comparação a este jornalismo carioca, nós podemos acreditar que o jornalismo carioca é mais flexível, mais maleável devido as suas formas sociais, às formas culturais criadas lá no Rio de Janeiro, enquanto que no Rio Grande do Sul, por ter formas mais rígidas – o frio, a forma mais recatada, mais dura, mais exigente – ou se não tem nada a ver essa relação.

LFV – Acho que é uma coisa cultural, mas não é explicitamente esta. Acho que, sei lá, o Rio Grande do Sul tem uma cultura própria, em alguns aspectos superior à cultura geral do Brasil.

(Interrupção na entrevista. Começamos a falar sobre a desativação do estádio Olímpico e seu desfecho. Logo em seguida, a conversa foi sobre a arquitetura e o desfecho do Estádio dos Eucaliptos, antigo estádio do Internacional).

D – Porque se construiu o Beira-Rio ao invés de reformar o estádio dos Eucaliptos?

RCO – Porque ele estava limitado dentro da área urbana e não poderia ser ampliado. E percebia-se na época que a ampliação era indispensável. Não só a ampliação dele mesmo, mas dos anexos, campos de treinamento, um ginásio. Eram exigências do prolongamento da atividade no clube do estádio. Isso ali não tinha a menor chance de acontecer, já tava cercado de edifícios...

LFV – Beira-Rio também foi uma resposta para o Olímpico. O Grêmio tinha construído o Olímpico e o Internacional não tinha um estádio igual.

D – Vocês estão falando aqui da dicotomia Grêmio/Internacional. Se a gente for ver nesse período da década de 1970 do Minelli, em 76 que ele sai do Inter, certo? (Veríssimo confirma). Em 1976, se não me engano, o Telê Santana está no Grêmio. E ai ele quebra o jejum do Grêmio no campeonato gaúcho...

LFV – O Inter chegou a octacampeão gaúcho.

D – E a questão que quero fazer é nisso daí. A vinda do Telê Santana ao Grêmio responde à essa questão do contraste entre um e outro e acaba crescendo o futebol gaúcho nessa dicotomia?

RCO – Acho que sim. A vinda de técnicos de prestígio já é uma exigência tipicamente nossa. O Telê, nesse sentido, encaixou perfeitamente bem dentro das ambições que fazia o Grêmio. E isso sempre foi uma característica daqui. Agora que estamos com dificuldade, promovendo dois treinadores relativamente jovens, com pouco mais de 40 anos, e que estão assim na primeira ou segunda experiência propriamente dita, isso é uma novidade. Mas isso já corresponde ao problema financeiro, que é muito grave, em relação à manutenção de quadros e tudo mais. Essa é uma dificuldade. Mas o futebol brasileiro todo, de algum modo, ainda mais com o surgimento da China com o mercado, isso é surpreendente, o futebol brasileiro todo ele está se desmerecendo, está perdendo a qualidade e não tem condições de repor com facilidade. O caso do Corinthians é flagrante. O Corinthians do ano passado era muito mais time do que o de hoje. E isto decorre da existência de jogadores que agora ele já não tem, embora vá buscá-lo. Mas não é esta a relação. Hoje nós estamos redescobrimo o Peru, a Venezuela. Já passamos pelo Uruguai e a Argentina, um mercado mais difícil. Os outros mercados todos, de algum modo, estão a servir jogadores na tentativa de repor esses jogadores.

D – E uma coisa que eu também tenho de dúvida é o seguinte: como é que o Rio Grande do Sul consegue formar jogadores como [Paulo César] Carpegiani, Ronaldinho Gaúcho, jogadores extremamente técnicos e de uma grande qualidade nesse sentido, mais brasileiros... E, ao mesmo tempo, formar Dunga, jogadores mais grossos, mais toscos, que correspondam a uma identidade rio-grandense mais forte.

RCO – Aí tem duas coisas, acho. A primeira é que os jogadores naturalmente se desenvolvem dentro de nossos clubes, Grêmio e Internacional. Eles estão lá, cujo formato tem a característica dominante... Ou então são formados nas imediações com as características de energia, de força e de decisão. Por outro lado, os jogadores com bem maior técnica eles acabam se destacando em meio a esses e acabam servindo de modelo. Quase todos esses jogadores que foram inegavelmente incontestáveis como jogadores são também modelos. Figueroa é um modelo de zagueiro até hoje. O Falcão igualmente. E esses jogadores a mais – digo a mais porque procedentes de uma característica mais desenvolvida – eles acabaram dando uma contribuição muito boa ao futebol gaúcho, que cresceu de nível, e tem se mantido, por sorte, num nível bem razoável. Não chega mais a ser o candidato ao título, não é isso, mas é certamente um dos que vai chegar perto da cogitação de alguma coisa importante no futebol.

D – E agora falo do treinador na atualidade. O próprio Tite se a gente for ver – eu estou estudando mais a passagem dele pelo Corinthians, mas ele aqui no Rio Grande do Sul tem uma passagem desde o Veranópolis, até o Inter, até o Grêmio – e é interessante a gente ver como se desenvolveu o esquema tático dele nesse período. Lembro que na primeira passagem dele pelo Corinthians, ele atuava com três zagueiros. Hoje ele atua com um esquema móvel, mas que estabelece um 4-1-4-1. Porque existe esse desenvolvimento, essa evolução num treinador?

LFV – Isso é típico de um treinador que estuda, né. Se informa e estuda. Tem cultura, tem interesse pelo futebol. O que estou dizendo aqui é... (áudio incompreensível) uma iniciativa individual do Tite.

RCO – E a evolução do futebol, no mundo todo, segue uma mesma direção né. O encolhimento do espaço, velocidade da execução e compactação, o tempo todo. Então, se tu olhar uma equipe de qualquer natureza ela reproduz esse modelo, pode não ser eficiente, mas reproduz esse modelo. Que é um modelo formado por ao menos três zagueiros, ao menos três homens no meio campo, e daí articula mais um entre os zagueiros e o meio de campo, mais um no ataque ou dois assim; são as modelagens. Então, hoje, por exemplo, você dificilmente vai encontrar um time que dê espaço ao adversário, e espere o que o adversário vai fazer para dar como resposta. Isso não existe. É exatamente o contrário. A ideia sempre é tomar a iniciativa no espaço do adversário, encurtar o campo. Hoje tem uma expressão no jornalismo, “marcação alta”, né (Veríssimo confirma); que é uma boa expressão, que dá a entender o que é importante. É uma marcação na frente, que encolhe o campo do adversário, que essa é a grande qualidade. E não se expõe a riscos, tem articulações defensivas, tem modelagens e execuções.

O futebol evoluiu muito nessa direção da compactação. Da velocidade e de uma execução sistemática. Hoje um time que pare, perdeu. Não pode parar. Ou seja, parar de quê? De marcar, de voltar, de se projetar a frente, e assim por diante. Então, todos os times, de um modo geral no mundo todo, estão repetindo esse modelo. É um modelo que exige muita inteligência, muita perspicácia dentro do campo e uma aplicação continuada. Já não tem mais lugar para brilhos individuais, no sentido de fazer uma pirueta ou uma coisa parecida. Ao contrário, a exigência é que você seja eficiente, e isso é uma característica.

D – E de certa forma o Minelli antecipou essa característica, para vocês, no Internacional? Porque depois ele passou por São Paulo, por outros clubes, mas não com o mesmo sucesso do que no Internacional. O que deu tão certo no Internacional, será que é por causa dessa antecipação que o Ostermann falou?

LFV – A época do Minelli foi a época também da seleção holandesa, do futebol holandês que aparecia como novidade. E ali tinha um jogador do Internacional, o Valdomiro, quando falavam para ele do “estilo holandês” de jogar, ele dizia que o “Minelli jogava nesse estilo holandiano”. Então acho que o Minelli foi influenciado diretamente pelo futebol holandês; marcação em cima, dois ou três marcando, ninguém guardava posição. Aliás, foi um estilo que desapareceu...

RCO – O Cruyff e os holandeses tiveram um momento deslumbrante. Mas o problema é que você precisa ter continuidade acrescentando jogadores de qualidade sempre. E isso não é muito fácil. Realmente não é muito fácil. Porque, enfim, o futebol tem as suas leis, a sua exigência...

LFV – Ninguém pode marcar sobre pressão o tempo todo, né...

RCO – Não.

D – Caminhando para a reta final aqui, porque deu tão certo o Tite, que tem essa característica de disciplina, é gaúcho – tem essa característica – e o Dunga não deu certo, que também é um ex-jogador assim como o Tite? A diferença talvez seja porque um tem uma formação técnica científica maior, enquanto o outro foi só um operário da bola?

RCO – É isso também, né. Porque se tu compara o futebol que os dois propõem como técnico... O Dunga é o técnico da seleção brasileira, ele tem uma tarefa verdadeiramente

difícil. O futebol brasileiro não tem mais os jogadores que tinha tempos atrás. Tem os jogadores assim até comuns, aplicados e interessados, mas é complicado porque tem que formar um time de qualidade em meio a eles. Mas, inegavelmente o Dunga é um pouco mais a resposta do jogador, enquanto que o Minelli sempre foi a tentativa de pensar um pouco mais as coisas, acrescentar um elemento novo, fazer com que as coisas tivessem uma formatação diferente a cada circunstância. Como se tivesse que enfrentar os problemas com respostas próprias. Isso sempre foi o Minelli.

D – O Minelli tem alguma relação com o Tite? Por exemplo, essa questão (não acompanhei muito o Minelli), o Tite tem muito dessa relação de dar uma autonomia ao atleta, de revezamento de capitães, por exemplo, é uma marca que o Tite estabelece que é praticamente do Tite, e não existe um capitão fixo no Corinthians, e o símbolo do capitão é muito importante dentro do grupo...

RCO – A ideia do Tite de transferir, digamos, a cidadania a um e outro é também um modo de trazer todos para um conjunto. Quando você favorece o surgimento de uma nova liderança, ela se afirma como tal sem prejuízo das demais, que também estão se afirmando, também aparecendo. O time do Tite, visivelmente, é de cabeças bem feitas, que pensam o jogo, porque quase todos eles passam por essa experiência da liderança.

D – E o senhor, Veríssimo? Tem alguma opinião sobre Minelli e o Tite. Se eles são semelhantes...

LFV – Eu tenho sobre o Dunga. Sempre fui um “dungista”. Acho que ele foi importantíssimo na Copa dos Estados Unidos, em 1994. Foi um grande jogador. Como treinador, não sei opinar. Defendo o Dunga.

(Pausa).

D – Então o técnico, nesse aspecto, seria comparado a o que na sociedade? Muita gente gosta de comparar a capitão, a comandante, a patentes militares.

RCO – Eu acho que ele é um gerente. Eu acho que ele é um gerente.

LFV – Teve um técnico interessante por aqui que é o Ênio Andrade.

(Fim da entrevista).

Impressões pós-entrevista (18/05)

Ruy Ostermann e Luis Fernando Veríssimo, dois jornalistas renomados, fugiram de uma questão na qual toca no assunto da relação natureza e futebol, dando a entender que eu os inseri nesse tema, e não eles. Quando coloquei o problema da mística e ciência, eles divagaram levemente sobre a questão do Minelli.

Mas um dos pontos que me chamou a atenção foi a dicotomia gauchesca entre Grêmio e Inter e em como todo momento eles retornavam a este tema. A crença na lógica dos estilos de jogo prevalece, apesar de acusarem uma globalização do futebol a partir da compactação dos espaços.

Entrevista Roberto Ribas, auxiliar técnico do Roger Machado.

(Sexta-feira, 20/05/2016, Campo de futebol do Centro de Treinamento do Grêmio, 14 horas, nublado, chuvoso e frio)

(Entrevista concedida antes do treinamento da tarde – iniciado às 15:30)

D: Diogo

RR: Roberto Ribas

Diogo – Queria que você se apresentasse: qual a sua função dentro do clube, qual é a sua formação?

Roberto Ribas – Eu sou auxiliar do Roger. Minha formação é... Morei fora muito tempo, meu pai é militar. Voltei. Fiz faculdade aqui de Educação Física, e prontamente me formei... Fiz estágios aqui, claro. Durante a faculdade, toda a minha faculdade eu trabalhei, desde academia... Tudo, tudo o que um estudante normal faz. Fiz estágio no Inter aqui também. Fui árbitro de futebol também.

E aí quando eu me formei descobri lendo uns livros aí que tinha uma faculdade em Portugal que tinha o mestrado em treino de alto rendimento esportivo, que era o que eu queria. Aí, fui descobrindo como fazer para entrar, lá é diferente daqui... Tu é da USP, né?

D – Sou da Federal de São Paulo.

RR – Não sei como é que é ali. A Federal aqui é uma máfia assim para entrar, ou tu tá no grupo de pesquisa dos caras ou tu não tá no mestrado...

D – Uma panelinha, não é...

RR – Ou tu tá ali ou não entra; não existe uma pessoa de fora que vá concorrer a vaga para ganhar. Aqui tem a vaguinha do professor, e em Portugal não é. E aí eu descobri que tinha 30 vagas, me inscrevi e fui aceito lá. Fui pra lá e fiquei três anos lá – dois anos e meio em Portugal, seis meses na Espanha. E um colega de faculdade em 2010 disse que teve uma vaga aqui para ser analista de jogo – analista é o cara analisa os adversários, revê os jogos, faz estatística, mas muito mais observação de adversário pra comissão técnica, mostrar como os caras jogam. Aí voltei, em 2011 comecei aqui, fiquei 2011, 2012, 2013 como analista, e aqui conheci o Roger. Roger era o auxiliar da casa. Quando ele foi para o Juventude, eu fui com ele. Aí fomos para o Juventude, ficamos lá um tempo. Depois para o Novo Hamburgo, que é aqui do lado, disputa Campeonato Gaúcho. E quando o Felipão saiu, a gente foi convidado e viemos para o Grêmio. Agora tá fechando um ano de Grêmio semana que vem.

D – Legal! Parabéns!

RR – Valeu!

(Interrupção na entrevista. O assessor de imprensa entra na sala)

RR – E é isso cara, a gente voltou e a minha função é... Faço tudo o que o treinador manda, né. Auxiliar em tudo, desde observação de adversário, rever nossos jogos, preparar treino, montar campo, ajudar em treino, tudo.

D – E me descreve a sua relação com o futebol, como começou, se você...

RR – Ah, cara. Começou como toda criança, né. Jogando bola na rua assim e... Tenho uma história curiosa assim... Eu sou viciado em outros esportes, não só em futebol, vejo tudo, futebol americano, beisebol, tudo, tudo, tudo. Fico viajando lá em casa assim... E eu acho que isso começou, cara, começou quando o meu pai, a gente morou um ano em Salvador, e depois voltamos para Brasília. Quando a gente chegou em Brasília isso foi em 95 ou 96. Era um prédio novo para militares, e eu nunca tinha visto aquilo, a gente chegou e tinha uns negocinhos assim pra ligar a TV na... Não tinha mais antena lá né, mas tinha um cabo que saía. Quando a gente ligou o cabo pegava todos os canais da NET, mas não era NET, era TVA. E aí tinha os canais de esporte e eu com dez anos comecei a ver tudo qualquer liga, aí comecei a ver todos os esportes, hóquei no gelo, tudo. E aí comecei a ficar viciado nisso, e eu jogava basquete, tentei ser jogador, não consegui. Aí começou, não só futebol, veio de todos os esportes a paixão. E durante o colégio já sabia, eu ia trabalhar com esporte. Aí quando terminei o colégio, fiz prova (meu pai é militar), fiz prova pra ser militar (nem queria muito), mas não passei, e como eu tinha estudado, fiz o vestibular e passei em educação física (não é muito difícil), aí eu passei tranquilo e eu segui. Resumindo, é isso.

D – E o que você pensa sobre futebol no dia de hoje? Acredita que o futebol brasileiro, de uns tempos pra cá, mudou a sua essência, o seu estilo, se é que existe isso?

RR – Você tá gravando tudo aí?

D – Já comecei... Mas fica tranquilo que vai ser anonimato.

RR – Não, só pra saber! Não vi tu anotando, pô, será que o cara vai lembrar tudo?

D – (Risos) Não, tá aqui tudo gravado!

RR – Aí depois tem a metodologia para transcrever, aquelas coisas... Bem, vamos lá! Você quer saber se a essência mudou?

D – Não, se você acredita que existe uma essência de futebol brasileiro e se mudou de uns tempos pra cá...

RR – É pessoal, né. Não é uma opinião assim baseada em estudos ou alguma coisa. O que eu acho? Todos esportes eles evoluem, em função de novos estudos, questão de preparação física, que teve um *boom* na década de 60, 70 e 80, tudo evoluiu, tecnologias, tudo. E o futebol brasileiro sempre foi diferente pelo fato, por exemplo... Do mesmo motivo que o basquete americano é diferente. Porque eles fazem aquilo lá o tempo todo. Eles só fazem aquilo ali da vida. Uma criança que treina 6 horas... Não treina, joga bola na rua 6 horas todos os dias, ela vai ser boa naquilo. E o Brasil sempre teve esse diferencial: a técnica individual. Acho que o grande diferencial foi esse. Durante aqueles tempos, 58 e 62, tinha grandes jogadores tecnicamente acima dos outros. Então a nossa essência foi questões individuais. Só

que com a evolução tática, física, em tudo do esporte, as outras seleções, os outros países, igualaram isso na organização coletiva. E a organização coletiva superou o talento individual do brasileiro. Por isso que, enquanto seleção, eu acho que a gente não consegue ainda competir... Paramos de competir de igual para igual. Mas o talento brasileiro continua. A gente só deixou de ganhar. Mas a gente continua tendo jogadores bons. Pega a Champions League [Liga dos Campeões da UEFA], o maior campeonato de clubes do mundo, tem mais de 70 brasileiros jogando. Se a gente tivesse perdido esse talento não teria mais brasileiro sendo vendido. Toda janela [de transferências] a gente vê 15, 20 jogadores sendo vendidos. Então acredito que a gente parou de ter resultado, mas a essência continua, a gente tem jogador talentoso, a gente tem jogador em todos clubes europeus, jogando como titulares, então acredito nisso.

Só que a questão é que quando eles vêm jogar a gente não consegue organizar eles para competir coletivamente com as outras seleções.

D – Para você, existe diferença entre o futebol praticado aqui no Rio Grande do Sul e em outra região do Brasil e, se sim, qual seria essa diferença ou semelhança?

RR – Olha, cara. Existir, existe, eu acho que existe sim. Mas existe também a cobrança, ela é diferente não só por parte dos clubes, como da torcida e da imprensa. O jogador aqui tem que demonstrar uma vontade maior, a torcida aqui cobra muito isso. Não sei se o povo é assim, não sei se é questão climática, geográfica, o que é que é, não vou saber te responder isso. Mas é diferente a cobrança, a cobrança é diferente e a forma de jogar é diferente. O jogador tem que mostrar dentro de campo – não só no futebol, nos outros esportes também, basquete, tudo – que tem que... Não pode desistir nunca, resumindo é isso.

E eu vejo uma diferença daqui do Rio Grande do Sul para os outros Estados a mesma diferença que eu vejo com relação aos uruguaios e argentinos em relação ao Brasil. A gente sente que tem uma coisa diferente quando a gente vai jogar lá. Não sei o que é, se eles passaram dificuldade na vida, tem mais vontade de vencer, não se entregam nunca, se eles levam isso para dentro do campo, além da técnica e da tática, se eles levam essa questão de não se entregar nunca. Não sei. Mas tem. É diferente. A cobrança é diferente. Então, para comissão técnica, para jogadores, para tudo...

D – Vocês viram isso contra o Rosário [Club Atlético Rosário Central, equipe argentina que enfrentou o Grêmio na Libertadores], ultimamente...

RR – Exatamente! É diferente; vai lá, a torcida não para de cantar um minuto – não que a torcida não cante aqui, mas lá tu vê que tem um ambiente, um clima assim de que as coisas... Não sei. Não sei explicar. Uma mística assim...

D – Algo sobrenatural...

RR – É, algo intrínseco aparece ali que eles sentem que a gente não sente. E essa diferença do Brasil pra lá [Argentina] eu sinto do Rio Grande do Sul dos outros lugares. Faça essa comparação.

D – Outra pergunta aqui: você acredita que existem fatores naturais adversos e, assim como os regulamentos... Tanto os fatores naturais quanto os regulamentos eles podem alterar o estilo de jogo de uma equipe, ou se o estilo de jogo é algo mais ou menos homogêneo?

(Interrupção de entrevista. Marelo Grohe, goleiro do Grêmio, daria uma entrevista na sala que ocupamos. Inicialmente, a entrevista se daria no refeitório, no entanto, lá também estava ocupado. Por fim, Roberto Ribas sugeriu de continuarmos a entrevista no banco de reservas de um dos campos de treinamento da equipe do Grêmio).

D – Voltando, como eu tava falando, existe para você uma interferência dos fatores naturais adversos e, em outra ocasião, dos regulamentos das competições? Esses dois fatores eles acabam por intervir diretamente no estilo de jogo de um treinador e do que ele tenta aplicar na filosofia de treino e de tática, ou se isso é homogêneo?

RR – Por fatores naturais, você diz o que? Distância entre cidades é um fator natural, por exemplo.

D – Sim, eu diria em linhas gerais: distância entre cidades, chuva, frio...

RR – Cara, eu acho que sim. Isso diferencia bastante, acho que até na cultura do povo, né? Isso diferencia, a questão climática. Às vezes, não sei, não posso te afirmar isso, mas mais frio, o pessoal é um pouco mais fechado, mais reservado, fica mais em casa. O inverno aqui é muito frio, chove bastante; as pessoas são mais introspectivas, e isso acaba mudando bastante, né?

De regulamento...

D – Gol fora de casa...

RR – Ah, isso sim, nas competições sim, né? De acordo com o primeiro resultado, o segundo tu começa a pensar já alguma coisa diferente. É que agora com o Campeonato Brasileiro é turno e retorno, mas na Copa do Brasil sim, tu joga em função do regulamento. Conseguir gol fora, dar uma segurada a mais em casa, deixa o adversário se expor para tentar jogar no contra-ataque, num erro deles. Isso sim tem. Numa Libertadores que a gente jogou, às vezes sabe que um empate fora de casa, então não se expõe tanto, não deixa tantas brechas para o oponente, né, para podermos utilizar... Acho mais isso.

D – E isso daí acabaria mudando inclusive o esqueleto, a estrutura do time? Por exemplo, o time joga num 4-3-3... Ele jogaria num 4-1-4-1...

RR – Isso, na nossa comissão, não. O que muda é o comportamento do jogador. O esquema tático a gente não acredita muito assim, a gente acredita muito mais em comportamento. Porque o esquema tático é só um número, né; é só uma posição que às vezes o jogador nem tá ali. O que a gente tenta treinar são comportamentos... Quando tem a bola, o que cada um faz. Quando perde a bola, qual comportamento: é parar, esperar, voltar, é pressionar o adversário. Enfim, coberturas defensivas, o que a gente faz.

O sistema tático não, mas o comportamento da equipe sim. Então, vamos esperar um pouquinho mais. Por exemplo, tem estatísticas do que as equipes fazem nos primeiros cinco segundos depois de perderem a bola. Elas recuam? Esperam o adversário? Elas param? Elas tentam recuperar a bola instantaneamente? Isso sim. Agora o esquema tático não. Pelo menos com a gente aqui, não. Seria mais mudança comportamental.

D – Inclusive eu fui no jogo de Itaquera que vocês estavam, fui na torcida do Grêmio de penetra – sou corintiano. Lá eu vi duas coisas que me chamaram a atenção, nisso que a gente tá falando: no jogo, não havia quase nenhum espaço. Então, os dois times estavam muito compactos, estavam fechando a retaguarda e muito aplicados taticamente, apesar dos esquemas serem diferentes: 4-3-3 [4-2-3-1, corrigido pelo Rogério Ribas] do Grêmio e o outro era 4-1-4-1 do Tite. Isso é uma tendência que começou com o técnico, com o futebol gaúcho, ou é uma inspiração do futebol no mundo? Essa questão de compactar os espaços...

RR – Na verdade, isso é um conceito histórico que foi evoluindo, né? Isso foi evoluindo. Se você pegar a seleção brasileira de 1970 era uma coisa, e a Holanda de 1974 foi outra já. Ali tem uma mudança radical mesmo. O treinador era o Rinus Michells, se não me engano. Jogava o... Que morreu agora...

D – Cruyff.

RR – Cruyff. Ali teve uma mudança muito grande de comportamento, não de posição. Só que a gente não jogou 4-3-3, a gente jogou 4-2-3-1... (risos)

D – Desculpe, eu tava vendo da torcida, deixa até eu corrigir aqui (anotação no caderno)...

RR – Mas a compactação ela é um conceito que vem crescendo muito. E porque que se fala compactação? Tu até colocou bem. Porque quanto mais espaço tu tirar do adversário, mais fácil para defender, mais fácil para marcar.

As pessoas falam em “linha de impedimento”. Isso não existe mais. “Linha de impedimento” é outra coisa que as pessoas confundiram com jogar “em linha alta”. Por exemplo, tem o meio do campo. Do meio do campo para trás não tem impedimento. Então, quando a linha tá próxima do meio-campo, se tu começa a defender próximo do meio-campo – a linha defensiva, né, a linha dos laterais e zagueiros – quer dizer que tu quase tirou metade do campo do adversário pra jogar. Ele só tem esse campo aqui pra construir. Enquanto a tua defesa tiver lá (referência à posição padrão), ele vai ter o campo todo para criar uma jogada. Então, essa compactação vem disso: os europeus começaram a fazer isso, compactando e tirando espaço, mas não adianta nem a minha linha tá lá e o atacante tá lá (em outra posição). Então, o compacto é o que: é a ocupação de espaço, tentando tirar espaço do adversário, não deixando ele se organizar para atacar. Isso é a compactação. Porque se a linha tá lá [apontando para o campo numa posição distante da que estamos trazendo] imagina, eu tenho nove jogadores aqui (meio de campo) e um atrás. Eu tenho todo esse espaço para jogar. Quanto mais próximo – e o Corinthians faz muito isso –, quanto mais próximo do meio, o que é mais fácil construir? Em oitenta metros ou em vinte? Em oitenta. Então, a gente tenta deixar vinte, trinta para o adversário construir. Essa é a nossa lógica de marcação e compactação.

Quanto menos espaço se tem para fazer uma coisa, mais difícil. Então, a gente tenta deixar o mínimo espaço possível para o adversário.

D – E você acha que isso daí é alguma influência gaúcha...

RR – Não...

D – Porque o Luiz Felipe [Scolari] já fazia...

RR – Não, mas eu não acho que é gaúcha. Eu acho que é europeia. Eu acho que a organização e marcação “zonal” vêm dos europeus. O Brasil basicamente ainda marca individual: cada um corre atrás do seu. Tá posicionado, mas quando o cara passa tu vai atrás dele e fica nele. Poucas equipes no Brasil defendem em zona, enquanto que na Europa todo mundo defende em zona. Pegar um campeonato sub-15, eles vão tá defendendo em zona lá em Portugal, na Espanha. Então acho que é uma evolução que veio da Europa, e a gente tá começando a entender esse conceito. Uns entendem melhor que outros, uns fazem, outros não fazem. A gente tá começando a entender esse conceito de marcação zona e compactação, que eu acho europeia.

D – O Roger, como sabemos, ele foi jogador do Tite em 2001. E eu queria saber o quanto... Essa pergunta era mais pro Roger, né (risos)... Você acha que essa relação acabou influenciando ele na carreira de treinador e, além de inspiração moral, inspiração nos trabalhos técnicos, táticos. E qual a diferença e semelhança entre os dois?

RR – Eu não conheço pessoalmente o Tite. Conversei com ele já duas ou três vezes, nem deve lembrar de mim. Converso mais com o auxiliar dele lá, o Cléber. Mas não vou poder fazer essa comparação entre os dois se os dois são parecidos ou não. Mas o Roger comenta muito que o Tite foi sempre uma inspiração pra ele. O Tite deu o primeiro disquete pra ele de um programa lá de mexer... Não lembro o nome do programa, tipo um Tática 3D ou um TacticalPedia, de mexer os bonequinhos e de organizar taticamente as equipes.

Mas o Roger comentou comigo que o Tite sempre foi muito avançado para a época dele. Quando ele jogou com o Tite em 2001, ele fez um 3-5-2 que depois todo mundo copiou. O Tite fez no Inter um 4-2-3-1 que depois todo mundo copiou. Tá fazendo (fez) no Corinthians um 4-1-4-1 que todo mundo copiou.

Então, a imagem que eu tenho do Tite é essa: é um cara que tá sempre à frente da tendência. Como as equipes dele ele organiza muito bem, e em um modelo muito coeso assim de forma de jogar, as pessoas acabam copiando ele. Mas ele é, digamos, se não o primeiro, um dos primeiros a identificar algumas coisas e transformar isso em conceitos depois que as pessoas vão copiar porque deram certo. E ele ganhou muita coisa, né? Ganhou no 3-5-2 jogando aqui... Isso que eu te falei, 4-2-3-1, 4-1-4-1, ele foi evoluindo, e tem o mérito de ganhar, né? E quando se ganha, acaba virando tendência.

D – Como é concebida essa – pelos profissionais do esporte, e quando digo isso, digo vocês, preparador físico, preparador de goleiro – ideia de um “futebol gaúcho”? Ou isso é um folclore para vocês, profissionais?

RR – Olha cara, folclore não é. Mas a ideia do futebol gaúcho... Não sei, aí que tá. Eu sou gaúcho, mas eu cresci fora daqui. Cresci em Salvador, em Brasília, então não estudei muito dessas coisas de Revolução Farroupilha, Dia do Gaúcho, Semana do não sei do quê; eu nem sei muito bem o que essas coisas significam. Mas eu sinto que a torcida, tanto do Grêmio, como do Inter, como do Juventude, do Caxias, o mínimo que ela admite é que a equipe seja aguerrida. Se não ganhar na técnica, na qualidade, tem que ganhar na força, tem que ganhar na superação. Eu não sei como é nos outros Estados, mas o São Paulo a gente sabe que não é assim, Flamengo... São equipes de toque de bola tradicionais... Fluminense, são equipes que tiveram grandes equipes no passado e que a forma de jogar é essa, do toque de bola, de muita movimentação. Mas aqui, não tendo a técnica e a qualidade, tem que ganhar na força. A torcida cobra isso muito. Exige isso, que a entrega seja total. Não dá no jeito, vai na força;

resumindo, é isso das quatro equipes. Brasil de Pelotas também a gente vê, subiu agora para a Série B [segunda divisão do campeonato brasileiro] uma equipe que joga muito na força... E ganha. E a torcida adora isso. Então eu sinto que é diferente, é muito diferente.

D – Agora vou incluir outro membro aqui: a imprensa. A relação com a imprensa e os profissionais, você acredita que a mídia influencia diretamente numa determinada forma, maneira de jogar de um time? Ou seja, a imprensa inventa esse “estilo gaúcho” ou essa é uma tradição profissional do esporte aqui?

RR – Eu acho que a imprensa não inventa, esse estilo já existe. Ele passou a existir em determinadas equipes, porque a equipe do Grêmio na década de 1990 era uma equipe que jogava, mas que tinha muita força também. Tinha aquele volantão que roubava muita bola...

D – Dinho.

RR – Dinho, é! O Goiano...

D – O Jardel...

RR – Isso! Então isso foi criando uma forma assim. Mas sabe, acho que a mídia influencia sim; não só no futebol, influencia em todos os aspectos da nossa vida. A gente vê agora a crise política no Brasil, a gente é completamente influenciado por um lado ou por outro. Eles conseguiram dividir o país. Então, ou é uma coisa ou outra. Tá, mas eu não quero ser nada, talvez. Eu não concordo com ninguém. Pode tá todo mundo errado. E penso isso no futebol também. A mídia acaba influenciando porque eu sinto que, no Brasil, as pessoas tem cada vez menos filtro pras coisas. Então, o que todo mundo lê é verdade e não questiona aquilo ali, ou que tu escuta, ou que tu vê, poucas vezes a gente para pra refletir: “será que é isso mesmo o que eu penso?”.

Tem um colega nosso aqui do Grêmio que fala, cita alguém que não sei quem é que ele cita, não lembro o trabalho de análise, ele fala: “para ver o jogo eu tenho que tá escutando, né?”. Aqui se tem muito dessa tradição de ver o jogo e escutar na rádio – não sei nos outros Estados. Aqui tá todo mundo vendo o jogo e escutando um radinho. E aí tem o deboche disso, né, que é: “como é que eu vou saber o que estou achando do jogo se ninguém me falar?”. Por isso que as pessoas escutam; elas querem saber o que elas estão achando.

Então, é completamente manipulada a informação, e muitas vezes manipulada por pessoas que não tem a formação adequada para comentar aquilo, mas estão ali e comentam. Isso é uma questão bem complicada. Às vezes estamos fazendo uma coisa e eles estão falando que a gente tá fazendo outra. E manipula isso aí. Mas, como eles tem 24 horas de microfone, se tu for brigar com eles, você tem 15 minutos, então não adianta ir lá. Resumindo é isso. Mas a manipulação é muito grande. E a forma de jogar essa cobrança, eles querem que: “ah, eu quero que jogue assim!”. Aí ele fala tudo ali, cita um exemplo de que deu certo e todo mundo acha que tem que jogar daquele jeito.

D – Então essa relação entre imprensa e profissionais do esporte, você acredita que elas falam idiomas diferentes pra tratar de um mesmo assunto?

RR – Eu acredito que sim. Na opinião pessoal minha, eu acredito que sim. Porque eu acho que o jornalista tem que simplesmente dar a notícia, e não emitir opinião. E muitas vezes a

gente vê pessoas emitindo opinião sem a mínima qualificação para isso. Tá ali para fazer uma coisa e faz outra. E acaba gerando isso, uma opinião completamente errada. Por exemplo, a gente estuda tanto de futebol por tantos anos – parece que não, mas se estuda, e muito, futebol – e aí uma pessoa que estudou jornalismo, que é para fazer jornalismo, tá dando opinião daquilo ali. Não, tem que dar notícia daquilo ali. Essa é a minha opinião, né. Eu tenho uma questão grave com a imprensa, nunca falaram mal de mim e tudo, mas eu vejo isso desse jeito, dessa forma. Como é que uma pessoa que estudou outra coisa tá falando daquilo ali. Não tem lógica. É a mesma coisa que um jornalista tá falando da economia. “Porque a economia brasileira não tá certa”, quem tem que falar isso é um economista. Não tem lógica. Só que no futebol, como não morre ninguém, no jogo, isso passa. Agora a gente nunca vai ver na TV um jornalista falando como vai tratar o câncer agora. Não, quem vai falar isso é um médico. Mas no futebol, como tem espaço para isso, muita gente fala.

Eu morei em Portugal, e um treinador lá, o Domingos Paciência, foi treinador do Braga [Sporting Clube de Braga], e uma vez ele falou isso, quando ele estava no Sporting [Sporting Clube de Portugal]. Ele falou: “Em Portugal, todo mundo entende futebol: o carpinteiro, o músico, o jornalista, o banqueiro, enfim, o médico”. Todo mundo dá uma opinião de futebol e parece que tem razão. E as pessoas escutam essa opinião. Não, tem que escutar a opinião de quem é especialista naquilo. Acho isso.

D – Deixa eu retornar ao jogo que vocês fizeram no Campeonato Brasileiro. Percebi na torcida do Grêmio o pessoal cantando o hino rio-grandense durante o hino nacional. Isso, de certa forma, influencia os atletas? No vestiário, eles viram e falam: “Nossa!”.

RR – Não, cara, não influencia porque já virou rotina. Mas aqui no nosso estádio também a torcida durante o hino nacional canta isso. Não sei se é forma de protesto ou se é querer falar que as nossas tradições são superiores às tradições nacionais. Não sei... Principalmente a torcida do Grêmio faz muito isso; a torcida do Grêmio sempre faz isso em todos os jogos. Inclusive tem uma faixa, se tu observar na torcida do Grêmio, é “República Rio-Grandense”. Mas aí que tá, não conheço o contexto histórico, o que foi isso, mas não influencia hoje para o atleta, não. Nunca ouvi falarem disso assim. Eles não conhecem o contexto histórico também, né?

D – Talvez um atleta como o Marcelo [Grohe] tenha uma ligação com a torcida, é daqui...

RR – Olha cara, acho que ele entende a cobrança, mas... Que a cobrança é diferente, mas não sei se na hora do jogo influencia. Na hora do jogo não, mas ele sabe que aqui no Grêmio é diferente, por isso tem que ter esse entendimento do que é jogar pelo Grêmio.

D – O futebol então, de certa forma, ele deixou de ser predominado pelo misticismo, pelo sobrenatural para se tornar cada vez mais científico, racional? E como você enxerga essa divisão entre racionalidade e sobrenatural, deixaram os deuses do futebol de lado para aplicar a matemática, a estatística?

RR – Eu tenho os dois lados nisso daí. É uma questão muito complexa, difícil resposta. Lendo muito, que eu gosto, comprei recentemente livros de vários treinadores, um deles é o Bielsa [Marcelo Bielsa], e ele no livro fala: “No futebol se ganha e se perde de todas as formas.” Você pode fazer tudo certinho, treinar bem, utilizar os métodos mais modernos e perder o jogo. Que tem variáveis que a gente não controla no jogo, e a gente pode fazer tudo errado e ser campeão. O futebol é um jogo que tem interações de 22 pessoas no jogo. E são 90

minutos ali. E tem questões climáticas que não são controláveis: terreno de jogo, vento, chuva, calor, umidade...

D – Altitude.

RR – Altitude. Então, muitas variáveis não são controláveis. O jogo de tênis é um cara contra o outro. Claro, também tem o saibro, a grama, tudo. O basquete não, o basquete é controlado o tempo todo – tirando a torcida, o fato de estar jogando. E são menos interações. Agora quando tu tem 22 pessoas interagindo, a imprevisibilidade do jogo é gigante. Às vezes uma bola que tu dá um chutão, a bola bate na ponta do pé de alguém, passa por cima de outro, pica de uma forma diferente e entra no gol. Então isso tu não controla. Você pode ter feito tudo para controlar isso, mas não controla. É um cara que veio, botou o pezinho lá, a bola desviou e entrou no gol. Por exemplo, o gol do Real Madrid contra o Manchester City. O brasileiro [Fernandinho] deu o carrinho, o Bale [Gareth Bale] chutou, a bola não ia entrar no gol, a bola bateu na ponta do pé, tentando tirar a bola e a bola entra no ângulo e o goleiro não tem o que fazer. E é gol. Isso é imprevisível. Então, antigamente isso se classificou como “deuses do futebol”, como tu falou. Não, isso é imprevisibilidade. Só que, às vezes, as pessoas fazem tudo certo e acabam não ganhando. Ou fazem tudo da forma mais moderna. O certo e o errado não existem. O certo e o errado é questão de ponto de vista. “Estamos fazendo tudo, usando técnicas modernas”. Tudo bem, mas talvez isso daqui a 20 anos se comprove que estava errado. Então hoje, para a gente, algumas coisas são certas e outras erradas. Mas a gente nunca vai ter a certeza disso. A ciência tá sempre evoluindo. Então o que hoje é certo, amanhã é errado, ou o contrário. Um exemplo, comer ovo há 20 anos era ruim, hoje é bom, hoje não sei o quê. Isso vai mudando, e no futebol é a mesma coisa. Por questões de métodos de treino e metodologia.

Eu acredito na ciência. Tenho a minha religião, tudo, acredito em outras coisas, leio muito sobre isso, mas eu acredito na comprovação de metodologia. O que é comprovação de metodologia? É a gente fazer algo aqui, anotar, contabilizar, publicar isso, fazer uma estatística, publicar e outra pessoa no Japão fazer a mesma coisa e o resultado for similar. Isso é ciência. Isso é uma pesquisa científica. Se eles fizeram lá e deu “tal” resultado, questão tática, técnica, física, a gente tem que fazer aqui e dar similar. Isso é o que a gente procura. A gente busca estudos onde fizeram outra coisa para a gente reproduzir e obter ganhos semelhantes.

Agora, que existe alguma coisa também por trás, não sei te falar se são os “deuses do futebol” ou se é alguém mais predestinado que outro. Por exemplo, Zagallo. Zagallo foi um cara predestinado, tudo o que ele fez na vida deu certo. Não sei se na época que ele tava fazendo era moderno ou antigo, mas tudo o que ele fez ele ganhou. Começou em 50 e ganhou tudo na vida, como jogador e como treinador. Será que era um cara que só fez o que era moderno na época dele ou ele é um cara predestinado e que tudo o que ele fez, independente da forma que ele fez, deu certo? Não sei. Eu acredito na ciência, no estudar e utilizar aquilo no treino, métodos que melhorem a equipe para que a equipe chegar no dia do jogo, como tu falou, com conceitos, fazer o que a gente imagina. Mas vai sempre ter o imprevisível, não tem como. E o imprevisível acho que a gente é muito pouco avançado ainda enquanto sociedade para entender que o imprevisível ele não tem explicação, e a gente acaba colocando “ah, a gente rezou mais forte”. Claro, não assim nesse... Mas fora do futebol as pessoas podem pensar isso, entendeu? Não sei... É muito complexo isso. Mas a gente acredita na metodologia de treino. Avançada e moderna, comprovada cientificamente. É o que a gente tenta usar diariamente aqui. Se não fica muito fácil. Pega 12 homens de fé, põe para jogar, um treinador e 11 em

campo, e a fé deles vai superar? Não pode ser assim. Se existe algo maior, deus, por exemplo, ou qualquer outra coisa, ele taria, ou teria, na minha opinião, tá preocupado com outras questões além do futebol, por exemplo o frio e a fome. E não quem vai ganhar o jogo. Espero que ele esteja preocupado com isso, se existe.

D – Outra questão: porque uma região como o Rio Grande do Sul ela é capaz de formar atletas como Dunga, Felipe Melo, Dinho, mesmo que não sejam formadores aqui da casa, só que realizam sucesso aqui, e ao mesmo tempo surgem Ronaldinho Gaúcho ou um Paulo César Carpegiani na mesma condição?

RR – É cara, isso é a ambiguidade da coisa, né? Claro que sempre vai chamar a atenção aqui, pela história do Grêmio, zagueiros ríspidos e volantes marcadores brucutus, que a torcida ama isso. Porque quando as equipes foram vencedoras aqui, quando elas obtiveram êxito, sempre tinha jogadores com essas características e isso acaba ficando marcado para a torcida. Como tu falou do Jardel, então hoje o Grêmio tem essa história de ter um volante que roube a bola, que seja até um pouco violento às vezes, o zagueiro que também entra firme e um atacante grande dentro da área, joga a bola dentro da área e alguém vai resolver. Então isso é a cultura. O Grêmio ganhou assim no passado, e a torcida espera que esse modelo se repita, então isso acaba ficando enraizado na tradição do clube, né? Quando a gente ganhou era assim. Por exemplo, o Barcelona nunca vai ser uma equipe assim, porque todas as vezes que eles ganharam eles ganharam jogando bola, tocando a bola. Então o dia que eles não fizerem isso, a torcida não vai entender. Enquanto aqui, se não acontecer isso, a torcida também cobra. “Porque a gente não jogou assim se há 10 anos atrás, a gente tinha um jogador assim, assim, assim, com essas características e a gente ganhou?”. Hoje talvez se a gente repetir esse modelo, a gente vai obter sucesso de novo.

Então por isso essa questão assim de saírem jogadores com essas características, de muita marcação, mas ao mesmo tempo abre espaço para a qualidade. Quando tem a qualidade, o torcedor óbvio... O Ronaldinho, quem não acha o Ronaldinho um craque? Todo mundo acha. E isso encanta, em qualquer lugar, ainda mais aqui. Então, quando surgiram eles... “Ô, além de um time pegador, a gente tem um cara que tem muita habilidade também”. Tem espaço, eu acho que tem espaço para os dois. Desde que esteja ganhando. Quando está ganhando, a torcida entende tudo. Quando começa a perder... Complica.

D – Até porque o Dunga jogou no Inter, então tem uma relação...

RR – Sim, sim! Claro!

D – E aproveitando essa dicotomia Inter e Grêmio, você acredita... Porque muita gente aqui fala que o futebol no Rio Grande do Sul é formado pela dicotomia Grêmio & Inter e seus confrontos. Você acredita nessa dicotomia, que fortalece o futebol...

RR – Acredito. Acredito bastante. Fato de uma equipe estar muito bem, a torcida não permite que a outra esteja mal. A cobrança é muito grande quando uma equipe ganha o título e a outra não, quando uma equipe tá disputando competições e a outra não. Isso muda o dia-a-dia do torcedor, né? Entendo isso: a questão de mudar o humor de uma pessoa quando seu time perde. O brasileiro é muito pobre em eventos que vença na vida. O brasileiro trabalha muito, paga muito imposto, tem poucos exemplos de vitória, tem pouca questão de ascensão social, e o futebol acaba sendo uma válvula de escape, né? Muitas vezes as maiores vitórias que vai ter na vida é o teu time, não é tu. Porque tu nunca vai poder viajar, nunca vai conseguir colocar

teus filhos numa escola particular, nunca vai fazer uma faculdade. Então, são poucas vitórias na vida, enquanto sociedade. E o futebol acaba virando isso. “Tudo bem, a minha escola de samba ganhou, meu time ganhou, eu continuo morando no mesmo lugar há 30 anos, nada muda na minha vida, mas eu tenho dois times, duas coisas aí que me alegria”.

Então isso muda bastante a vida das pessoas. E como aqui o Inter e o Grêmio são muito grandes, quando um tá muito bem, o outro tem que tá muito bem também. Influencia. “Contrataram não sei quem”, a gente tem que contratar também um reforço de peso. “Ah, fizeram isso, ah, fizeram não sei o quê”. Então isso ajuda, na minha opinião, ajuda muito ter um grande rival. Pra ambos, né? Porque um tá sempre querendo superar o outro, não pode ficar para trás. Quando tiver só um, a tua comparação é com outros. Daqui a pouco tá longe. Como é um do lado do outro aqui, e a torcida é muito grande e ela cobra isso: que enquanto um faz uma coisa, o outro tenha que fazer para não ficar para trás, superado, ser sempre melhor que ele. E o futebol acaba sendo isso para as pessoas. Elas cobram isso, como se fosse algo pertencente a elas. Na verdade, o clube pertence a elas, o clube é a torcida.

D – Tá acabando já. Essa questão da estatística, abrindo aquela porta que a gente entrou [da primeira sala da entrevista] vi um papel escrito alguns números em estatística. E eu sugiro uma hipótese de que talvez esse seja um universo compartilhado entre vocês e a imprensa. Você acredita que haja uma apropriação indevida ou incorreta da imprensa na estatística?

RR – Incorreta não. Acho que os números, não só no futebol como em qualquer lugar, servem para tu expressar qualquer coisa. Você vai fazer um teste de estatística para provar que um remédio serve, se ele não tá servindo, tu tira duas pessoas ali que tiveram problemas e ele passa a servir. “Ah, dois casos que tiveram efeitos colaterais”. Tudo bem, tira da mostra e então vamos fazer estatística de novo e ela passa a dar certo. E no futebol também, cruza os números da forma que quer.

A gente costuma brincar, um grande exemplo aqui. Ano passado, ano retrasado tinha uma equipe aqui no Rio Grande do Sul que ficou seis jogos sem ganhar, ficou uma derrota e cinco empates. E aí tavam falando que “cinco jogos, seis jogos sem ganhar”, e o próximo jogo ganhou. Aí os caras falaram: “bom, agora faz seis jogos que não perde, né, porque empatou cinco e ganhou uma, então tá invicto!”. Então os números servem para isso, para direcionar a crítica para onde tu quer. E eu acho que imprensa é muito isso. A imprensa, hoje, tem o papel de vender, eles querem vender. A imprensa ganha o que, uma propaganda que tá no jornal, no site, então tem que ter mais acessos. E para ter acessos, tem que ter a... Me fugiu a palavra... Que vai incitar a curiosidade. Então cria uma manchete espalhafatosa e a pessoa clica ali para olhar, e na verdade não é nada daquilo. Mas usa esses números, tipo assim: “equipe finaliza 20 vezes e não faz gol”. Pô, tudo bem, mas tá criando 20 chances, quer dizer que tá bem. Se não fez gol, pode ser por outros motivos. Analisa os motivos que tu não fez o gol. Entendeu? E eu acho que isso tá sendo usado pra vender. E normalmente o vender é falando mal. Criticando negativamente que tu chama a atenção. E acho que a imprensa, muitas vezes de forma maldosa, utiliza os números pra fazer isso, para provar a teoria de que tá tudo errado, quando na verdade mal foram analisados. Estatística mesmo ninguém faz, né? Usar um programa estatístico e ver se tem diferença significativa ninguém faz isso. E eles usam números brutos pra tentar comprovar teoria de que tá certo ou de que tá errado, isso eu não concordo muito. A gente tem os números ali, jogo a jogo, a gente olha, utiliza muito, se estuda muito, para ver o que mudou e o que não. E eu acho que, hoje, poucas pessoas utilizam os números para realmente analisar de forma completa um jogo.

D – Só mais duas questões e eu termino aqui. Primeira questão é a seguinte (vou falar brevemente e depois explico): você acredita que os meios não justificam os fins? Por exemplo, entendamos os meios como o treinamento, o corte de grama, o clima, toda essa questão, e mesmo no jogo, o clima, o gramado ruim, o gramado bom, a altitude, a performance do atleta, como ele tá, 100%, 80%, se isso daí se sobrepõe ao fim, ou seja, ao placar final? Ou seja, se os meios são maiores do que os fins? Se a ação dos meios elas são mais relevantes do que os número morto de 0 a 0 ou de 1 a 0?

RR – Eu acredito que são. De novo, o Bielsa falou isso no livro. Eu li vários livros recentemente de treinadores: Simeone [Diego Simeone], Bielsa, Sampaoli [Jorge Sampaoli], vários. Li muito dos treinadores americanos também, né? E isso foi uma coisa que eu fui formando a minha opinião. Eu acho que a forma como tu faz as coisas ela tem que ser correta. Tu tem que justificar o que tá fazendo. O mais importante (até mandei mensagem pra alguém outro dia) é tu saber que o caminho que tu trilhou foi correto. Porque daqui a pouco a gente vir aqui, fazer as coisas que tem que fazer, vim aqui dar qualquer treino para não se preocupar, para não se incomodar, porque isso aqui é difícil, é um trabalho que as pessoas “ah, é fácil”, não é fácil, a gente fica o dia todo aqui planejando, pensando, olhando, reavaliando, pra ver o que fazer aqui para que depois seja transferido para o jogo. E seria muito mais fácil fazer o contrário. Vim aqui fazer qualquer coisa pra não se preocupar, ir pra casa, ir embora; só que eu tenho certeza de que se fosse assim, viesse aqui, fizesse qualquer coisa e ganhasse, seria muito menos prazeroso do que fazer tudo direitinho e perder.

E eu acho que o importante é trilhar o caminho da forma correta. Se o resultado no fim vai ser positivo ou negativo, paciência. Mas o meio que tu tá utilizando tem que ser o mais transparente e correto possível. Acho isso. Não sei se te respondi a tua pergunta...

D – Então, pra você, os meios se sobrepõem aos fins...

RR – Eu acho que sim.

D – O fim é um mero resultado...

RR – Eu acho que sim, que às vezes tu não controla. Como a gente falou ali, a bola bate no pé do cara e entra. Não só nisso, em todos os esportes. Eu acho que o meio ele é fundamental. Fazer as coisas do jeito que tu acredita. Porque tu estudou, tu refletiu e definiu que aquilo ali é o correto, mesmo que no fim o resultado seja negativo. Mas o caminho que a gente trilhou durante esse ano a gente tem certeza de que foi de dedicação, de trabalho, de entrega 100%. Se no fim não deu certo, tudo bem, paciência. Vamos ver o porquê não deu certo. Mas a forma como a gente fez foi correta. Talvez os outros tenham feito diferente, por isso não existe o certo ou o errado. Se não só vai ter sempre um certo no Brasil, que é o campeão brasileiro. Então tem 19 equipes erradas e não é assim. Não pode ser considerado isso, acredito.

D – Então o meio seria *vivo*, e o fim seria um negócio *morto*, uma natureza *morta*. Porque o *vivo* seria o trabalho aqui, a dedicação, o esforço...

RR – Que gera o fim. Mas que tu tem controle até uma parte. Porque nem tudo é controlado... Tem coisas que são imprevisíveis, em tudo na vida. Quer dizer, tu pode ter uma vida perfeita, correr, comer frutas, se exercitar, ser vegetariano, ir na igreja que tu acredita e morrer atropelado ali. Não quer dizer que a vida foi uma porcaria. Você fez as coisas da forma certa,

que tu acreditava. Mas, infelizmente, no fim aconteceu algo que era imprevisível. O cara bêbado e atropela alguém ali na rua, como acontece, ou vem um assaltante e mata. É o fim. Ou, no resultado do jogo, se eu pego uma equipe que tem um supertime e ganha. Paciência. O fim foi de uma forma. Mas o meio que tu trilhou foi o que tu acreditava ser o correto. Acredito que sobreponha o meio aos fins.

D – A gente pode pensar o jornalismo como uma inversão dessa lógica? Que olha somente os fins, e estampa na capa só o campeão, só o campeão.

RR – Não só o jornalismo, a gente faz isso também...

D – A gente você diz, os profissionais?

RR – Não, todo mundo. Eu acho que todas as pessoas, no fundo, olham muito o resultado das coisas. Porque quem ganha no fim tem razão, ninguém é questionado. Quem ganha não é questionado. A nossa sociedade é assim, né? Pessoa que atinge um *status* ela parece ser a mais feliz em tudo, e muitas vezes a gente não sabe os problemas dela. Por exemplo, jogador de futebol. “Ah, são ricos e milionários”. Tudo bem, mas ninguém sabe pelo o que eles passaram para chegar ali, se tem problemas na vida ou se não tem. Não é porque ele chegou num estágio, num *status*, que tudo é certo o que ele faz. Pelo contrário.

Enfim, a imprensa é claro que vai aplaudir quem foi o melhor e não vai questionar o que eles fizeram. O que eles fazem no momento ali é dar os méritos a quem ganhou. Outro dia tava aqui, falando do melhor treinador do mundo ali no prêmio da FIFA, tava na sala aqui e o assessor de imprensa falou pra mim: “Quem é o melhor treinador?”. Aí eu falei, “ah acho que o não sei quem”. Ele: “Porque?”. “Porque ganhou a não sei o que”. Ele: “Tá analisando só o resultado!”. E, realmente, o que ele falou ele tinha razão. E eu: “É, agora eu estou analisando o resultado”. Mas eu não analisei tudo o que ele fez. Por exemplo, um cara que eu gosto muito é o Simeone [Diego Simeone, treinador do Atlético de Madrid]. Ele não ganhou o Campeonato Espanhol, mas o que ele faz, para mim, é sensacional. Com um orçamento de 100 milhões a menos, por exemplo, ele compete até a última rodada. Aí quer dizer que o outro tá certo e ele tá errado? O fim foi o outro campeão, o Barcelona, mas se a gente analisar tudo, todo o contexto, talvez ele seja o correto. Ou talvez ele não tenha como vencer os outros, porque os outros tem muito mais talento. E, independentemente do que os outros façam, eles vão ganhar. Que eles tem as peças que vão resolver ali na hora. Acredito isso.

E o papel da imprensa é esse, não adianta tentar ir contra a imprensa, a imprensa vai ser sempre assim. Claro que eles vão exaltar o vencedor, isso faz parte da vida. Nossa sociedade é assim: quem vence parece que deu, resolveu tudo, e quem perdeu é esquecido. Infelizmente é isso.

D – Você queria falar mais alguma coisa ou alguma pergunta que eu não fiz...

RR – Não, assim não. Não sei se consegui te responder tudo... Mas são coisas complexas, a forma de viver de cada um, de entender como fazer as coisas. São raros exemplos de superação que marcam, né? Normalmente o vencedor fica. Um exemplo que eu dou – às vezes eu dava umas aulas numa pós-graduação – e falava, o grande exemplo é a Gabriele Anderson, aquela de 1974, que terminou a primeira maratona toda torta lá. Ela é um exemplo que a gente lembra o nome dela. E ninguém lembra a vencedora. Aquela foi a primeira maratona, se perguntar para 99% das pessoas do mundo não sabem nem que existiu uma

vencedora, mas vão lembrar dela. Pela imagem, aquilo ali foi superação. E talvez a nossa sociedade devesse aprender com isso. Entender que muitas vezes uma equipe que chega em 10º tem mais méritos que quem ganhou. Pelas dificuldades que passou, pelas peças que tinham. Mas isso não sei se vai mudar. Acho que não.

D – Muito obrigado, Roberto.

(Fim da entrevista).

Impressões pós entrevista (20/05)

A entrevista deu-se inicialmente na sala de palestras. Fomos transferidos para outro estabelecimento, devido uma entrevista marcada com Marcelo Grohe, goleiro do Grêmio. No refeitório não ficamos pois haviam televisões, o que poderia atrapalhar a gravação. Por fim, a entrevista ocorreu no banco de reservas do CT.

Roberto foi muito receptivo e em momento algum demonstrou cansaço ou enfado com a entrevista. Pelo contrário: ofereceu respostas de grande enunciado e mostrou-se atento às questões. Me advertiu sobre o prazo de entrega desta minha pesquisa ao dizer que tenho pouco tempo. E eu sei disso...

No final, perguntei se poderia pegar uma foto e um autógrafo com o goleiro do Grêmio.

Fui muito bem recebido e com a atenção que eu sequer sonhava. Duvido que seja assim no Corinthians.

ANEXOS

Anexo I – Reportagem do dia 13/04/2015, quando o jornalista da *Folha de São Paulo*, Rafael Valente, disserta acerca da “importação” do futebol para o Brasil trazido pelo descendente de ingleses Charles Miller, que retornava de estudos do país bretão. Imagem coletada no arquivo digital da *FOLHA DE SÃO PAULO*. Acesso em: 24/11/2015.

PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL NO BRASIL

Há 120 anos, na várzea do Carmo, foi disputado o 1º jogo no país

LOCAL DO JOGO EM 1895



O local escolhido para o 1º jogo era um terreno com chácaras, entre as ruas do Gasômetro e Benjamin Oliveira

COMO É A REGIÃO HOJE



Passados 120 anos, a área é hoje ocupada por lojas de material de construção, armazéns, bares, estacionamentos e também residências

- 1 Área aproximada onde foi o 1º jogo no Brasil
 - 2 Aterro do Gasômetro (área da cheia do rio Tamanduateí)
 - 3 Aterro do Gasômetro (área da cheia do rio Tamanduateí)
 - 4 Aterro do Gasômetro (área da cheia do rio Tamanduateí)
- Prédios, lojas, estacionamentos
Museu Catavento
Terminal Dom Pedro 2º
Parque Dom Pedro 2º e campos de várzea

RAFAEL VALENTE DE SÃO PAULO

Tudo começou em um domingo de outono, na várzea do Carmo, uma área com chácaras na região central da cidade de São Paulo.

Homens, alguns vestindo calças, enxotaram os animais que estavam num pasto perto da rua do Gasômetro e deram início ao que ficou conhecido como o primeiro jogo de futebol no Brasil.

A partida aconteceu em 14 de abril de 1895, ou seja, nesta terça (14), terão passados exatamente 120 anos daquela disputa que parecia desprezível, mas que ganhou importância histórica.

O responsável pela partida foi o brasileiro Charles Miller (1874-1953), filho de imigrante escocês e mãe paulistana.

Aos 21 anos, ele reuniu funcionários da São Paulo Railway, responsável pela estrada de ferro Santos-Jundiaí, e da Gas Company, que cuidava da iluminação da cidade.

Não se conhece o local exato onde ocorreu a partida, mas historiadores asseguraram que foi na região da várzea do Carmo, onde hoje está o largo do Gasômetro.

A área hoje é tomada por prédios, bares e lojas de material de construção. Não guarda, portanto, mais nenhuma ligação com o futebol.

Há 120 anos, porém, a várzea do Carmo era formada por chácaras, do lado direito da margem do rio Tamanduateí.

Por essa razão, Miller escolheu essa área para reunir amigos e ensiná-los aquele esporte que havia aprendido durante temporada de estudos na Inglaterra.

'QUE JOGUINHO BOM'

Ao voltar da Europa em novembro de 1894, Miller trouxe consigo duas bolas e um livro de regras do futebol.

Nos dez anos em que viveu na Inglaterra, ele foi atacante do time da escola de Banister, do St. Mary (hoje Southampton) e da seleção de Hampshire.

De volta ao Brasil, tornou-se funcionário da São Paulo Railway e sócio do São Paulo Athletic Clube (SPAC), hoje Clube Atlético São Paulo, cuja sede fica no bairro da Consolação, no centro da cidade.

Miller passou, então, a divulgar a modalidade da qual era entusiasta entre os colegas de trabalho e de clube.

"Quando Miller chegou ao Brasil, só havia o críquete, tradicional jogo inglês. Não tinha futebol. Como o SPAC interrompia as atividades no verão, Miller teve de esperar até março de 1895 para reunir os colegas e disseminar o futebol. Primeiro começou a organizá-los e a treiná-los. Não havia campos e, por is-

so, as chácaras eram as áreas escolhidas para o jogo", conta o historiador John Mills, autor de "Charles Miller, o Pai do Futebol Brasileiro".

No início de abril daquele ano, a ideia do primeiro jogo amadureceu.

O time da ferrovia venceu por 4 a 2 a equipe da companhia de gás. Miller fez dois gols. No entanto, não há registro de quem tenha marcado os outros gols do jogo.

"Nada sobreviveu daquele jogo. A única informação que restou foi um depoimento dado por Miller ao jornalista Thomaz Mazzoni, de 'A Gazeta Esportiva'", explica Mills.

O depoimento foi publicado em edição em 1942.

"Ao chegar ao campo, a primeira tarefa que realizamos foi enxotar os animais que ali pastavam. Logo depois iniciávamos nosso jogo, que transcorreu interessante, sendo que alguns jogaram mesmo de calças, por falta de uniforme adequado", disse Miller a Mazzoni à época.

"Quando deixamos o campo lá estava assumindo o compromisso de promovermos um segundo jogo, sendo que

120 ANOS DEPOIS

Foi em um **pasto** na região central de São Paulo em 14 de abril de 1895 que **Charles Miller** conduziu o **primeiro jogo** de futebol no Brasil



Atual rua do Gasômetro, na região central de São Paulo

a exclamação geral foi esta: "Que ótimo esporte, que joguinho bom!", relatou.

RAÍZES PAULISTANAS

Após o primeiro jogo, outros passaram a acontecer, sempre envolvendo a comunidade britânica e seus descendentes. O fato de o grupo ser muito restrito, porém, fez com que outras equipes surgissem.

Casos do time do Mackenzie, formado em 1898; do Germânia (atual Pinheiros), fundado em 1899; do Internacional, também em 1899; e do Paulistano, já em 1900.

Com cinco equipes na cidade, ocorreram mais jogos e surgiram mais campos, como o Velódromo (hoje praça Roosevelt) e o Parque Antarctica (hoje estádio do Palmeiras).

Até dezembro de 1901, todos os jogos eram amistosos. Foi quando surgiu a primeira Liga Paulista, que no ano seguinte organizou o primeiro torneio oficial.

Miller abandonou os gramados em 1910. Sua despedida se deu em 11 de setembro, após ter vencido quatro Estaduais, feito 66 jogos e 34 gols, segundo John Mills.

Ainda virou árbitro de futebol e continuou acompanhando o esporte até 30 de junho de 1951, quando morreu de insuficiência renal em São Paulo, aos 79 anos.

A memória dele foi preservada pelo SPAC e também por John Mills. Hoje, o historiador trabalha em parceria com o clube na reconstrução de um memorial dedicado a Charles Miller, que ficará na sede do SPAC.

Lá estarão as taças que ganhou como esportista (também jogou rúgbi, tênis, críquete, entre outros), fotos, entre outros itens.

A inauguração do espaço deve acontecer no próximo mês de maio.

COMO FOI O JOGO

Domingo, 14.abr.1895
São Paulo Railway 4
Gas Company 2

• Apenas britânicos participaram da partida

• É provável que todos fossem sócios do Clube Atlético São Paulo (SPAC)



Introdutor do futebol no país, o paulistano Charles Miller foi quem promoveu a partida. Ele atuou pelo time da SPR

Jesuítas também reivindicam o pioneirismo

DE SÃO PAULO

A história da várzea do Carmo em 1895 é a mais aceita sobre o pioneirismo do futebol no Brasil, mas não é a única.

Há relatos de que o primeiro jogo teria sido em 1878, quando marinheiros britânicos disputaram uma partida na praia, no Rio, perto de onde hoje é a Marina da Glória.

É o historiador José Moraes dos Santos Neto afirma no livro "Visão do Jogo - Primórdios do Futebol no Brasil" (2002) que o iniciou foi na década de 1880, em Itu.

Para ele, jesuítas que tiveram contato com o futebol ao viajar à Europa disseminaram aos alunos do Colégio São Luís, fundado em 1867 em Itu e em 1918 na av. Paulista, na capital.

No Rio, há quem atribua o pioneirismo ao imigrante escocês Thomas Donohue, que difundiu a prática entre funcionários da fábrica em que trabalhava em Banqu. O primeiro jogo teria sido em abril de 1894.

Em Paranaguacaba, distrito de Santo André, existem relatos sobre o provável primeiro jogo, em 1894, entre funcionários ingleses que moravam na vila.

"Essas versões têm méritos, mas tratam de atividades recreativas enquanto o jogo organizado por Charles Miller em 1895 seguiu as regras originais do futebol. Portanto, foi a primeira partida no país", diz Mills. (RAFAEL VALENTE)



ANEXO II – Capa do jornal Zero Hora do dia 15/12/1975, um dia depois da final entre Sport Club Internacional e Cruzeiro Esporte Clube válida pelo Campeonato Brasileiro de 1975. Vê-se na imagem do “gol iluminado” o feixe de luz que alumia o zagueiro Figueroa em sua cabeçada em direção ao gol de Raul. Imagem coletada do arquivo pessoal do autor.



(ZERO HORA, 15/12/1975, s/p).

Anexo III – Charge “Presépio ao vivo...” de autoria de Marco Aurélio realizada três dias após a conquista da I Copa Brasil pelo Sport Club Internacional. Na imagem, o Estádio Beira-Rio representa o berço da mascote colorado, um garoto negro, em alusão ao “Clube do Povo”. O Conselho Nacional de Desportos, acompanhado da Confederação Brasileira de Desportos representam, respectivamente, as figuras bíblicas de José e Maria. Imagem coletada do

arquivo

pessoal

do

autor.



(AURÉLIO, Marco. PRESÉPIO AO VIVO... *ZERO HORA*, 17/12/1975, s/p).

ANEXO IV – Capa do jornal *Zero Hora* do dia 23/08/1995 no dia do primeiro jogo da final da Copa Libertadores da América entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Club Atlético Nacional, da Colômbia. Jardel, um dos principais jogadores daquele elenco, veste uma camisa dividida com as cores do Grêmio e da seleção brasileira de futebol, o que indica que o Brasil está representado pela equipe do Rio Grande do Sul. Mais uma vez, assim como nos anos

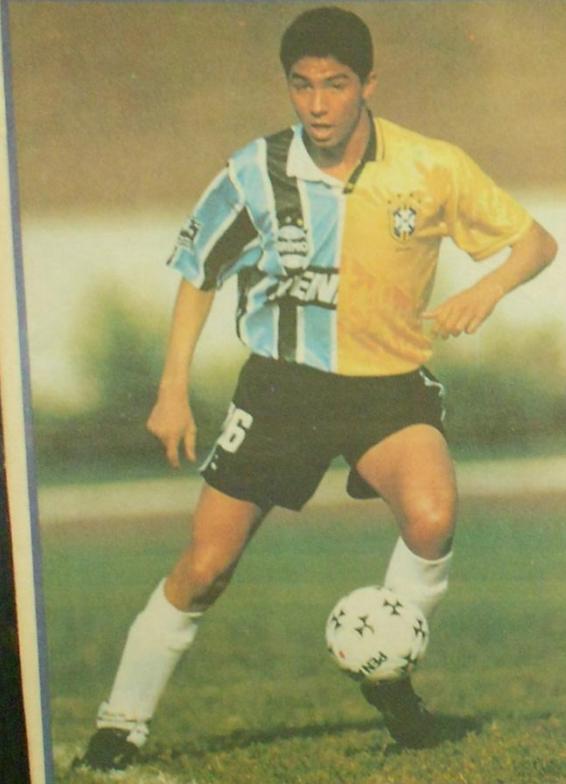
1970 com Minelli, o Rio Grande do Sul está no centro das atenções do país do futebol, segundo a imprensa gaúcha. Coletado do arquivo pessoal do autor.

WORLD DE COMUNICAÇÃO EDITORA
"SINCEROS SEM A DORÇA"

ZERO HORA

Ano 32 - Nº 10.962 - 2ª EDIÇÃO PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 1995 R\$ 1,00

O GRÊMIO TEM AS CORES DO BRASIL
VALDIR FREITAS, 21



Jardel: esperança brasileira de gols, no primeiro jogo final da Libertadores



Um pôster com a bandeira tricolor

O serviço completo para assistir ao jogo

Páginas 4, 5, 70 e 73 e contracapa

Seguro garante saque de até R\$ 20 mil nos bancos sob intervenção

O Banco Central acertou ontem à noite com bancos privados a criação de um seguro garantindo retiradas de até R\$ 20 mil nos estabelecimentos sob intervenção. As agências dos bancos Econômico, Mercantil de Pernambuco e Comercial devem ser reabertas hoje, mas os clientes só poderão sacar até R\$ 5 mil. A liberação dos R\$ 20 mil depende de autorização do Conselho Monetário Nacional em reunião marcada para o dia 30. Os funcionários do Banco Econômico entram em greve hoje, como forma de tentar garantir o pagamento dos salários de agosto e possíveis rescisões de contratos. No Congresso, ação de aliados do governo adiou pedido do PT de abertura da CPI dos Bancos. **Págs. 6 e 26 e 28**

ATLAS



Circula hoje, encartado nos exemplares de bancas, o 15º e penúltimo fascículo de *Plantas e a Terra*.

A NOVA ERA WINDOWS



Win 95: o lançamento mais esperado do ano. **Informática**

CUIABÁ
6:45h - 18:30h
Vale para embarcar em São Paulo
RESERVA: (0800) 100.100
TRM

POLICIA
Denunciado assalto contra gerente de esportes do Nacional
Página 64

(ZERO HORA, 23/08/1995, s/p).

ANEXO V – Desenho tático encontrado no jornal *Correio do Povo* em sua edição do dia 17/06/2001, dia do jogo de volta das finais da Copa do Brasil entre Grêmio e Corinthians.



Anexo VI – Propaganda do banco Caixa Econômica do Estado de São Paulo do dia 05/12/1976, dia do jogo entre Fluminense e Corinthians no Maracanã, válido pelas semifinais do Campeonato Brasileiro de 1976. Coletado no arquivo digital da *FOLHA*. Acesso em: 22/08/2016.



**Brasileiros de São Paulo:
todos unidos
torcendo por um só time.**



**CAIXA ECONÔMICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO.
A nossa Caixa.**

Anexo VII – Propaganda da empresa de caminhões Iveco do dia 21/06/2012, um dia após o jogo de volta das semifinais da Copa Libertadores da América de 2012 entre Sport Club Corinthians Paulista e Santos Futebol Clube, quando o time da cidade de São Paulo conquistara a vaga às finais da competição. Coletado do arquivo pessoal do autor.



(O ESTADO DE SÃO PAULO, 21/06/2012, s/p)

TABELAS

Tabela I – Retrospecto das melhores campanhas do Sport Club Corinthians Paulista na Copa Libertadores da América (2000 e 2012)

